



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA, SP

FATIMA APARECIDA COELHO GONINI

**A PRODUÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO E
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ANPED: estudo
analítico-descritivo a partir do estado da arte como
opção metodológica**

Araraquara - SP

2014

FATIMA APARECIDA COELHO GONINI

**A PRODUÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO E
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ANPED: estudo
analítico-descritivo a partir do estado da arte como
opção metodológica**

Trabalho de Tese de Doutorado, apresentando ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

ARARAQUARA - SP

2014

GONINI, Fatima Aparecida Coelho.

A produção em sexualidade, gênero e educação sexual na ANPED: estudo analítico-descritivo a partir do estado da arte como opção metodológica/Fátima Aparecida Coelho Gonini – 2014.

222 f. ; ilustr.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Estado da Arte. 4. Produção Acadêmica.

FATIMA APARECIDA COELHO GONINI

**A PRODUÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO E
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ANPED: estudo
analítico-descritivo a partir do estado da arte como
opção metodológica**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal.

Data da defesa: 27/08/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro – Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Prof.^a Dra. Maria Isabel Chagas - Universidade de Lisboa.

Membro Titular: Marcia C. Argenti Peres - Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Maria Madalena Gracioli - Fundação Educacional de Ituverava.

Membro Titular: Fabio Tadeu Reina - Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho
À Rosa Maria;
Ao Rafael;
Ao José Adolfo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela vida e pela oportunidade de evolução.

Aos meus pais, responsáveis pelos primeiros passos da minha caminhada.

Ao meu orientador, Paulo Rennes que me concedeu seu tempo, sabedoria e experiência nos caminhos de minha trajetória profissional. Obrigada por compor as marcas de meu aprendizado e partilhar o desafio da produção dessa tese.

Ao José Adolfo, meu marido, pelo estímulo, apoio e espera.

Aos meus queridos filhos, Rosa Maria e Rafael, que irradiam alegria em minha vida, pelo apoio, compreensão e incentivo na realização das minhas buscas.

Às Professoras da Banca de Exame de Qualificação, Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Dra. Andreza Marques de Castro Leão, pelas imprescindíveis orientações naquele momento do trabalho e pela amizade que muito prezo.

À professora Dra. Marcia Cristina Argenti Perez, por compartilhar seus saberes e sensibilidades para a conclusão deste trabalho.

Dra. Maria Isabel Chagas, pela disponibilidade e sensibilidades em compartilhar seus conhecimentos para a conclusão deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Madalena Gracioli por sua competência e por suas contribuições no aprimoramento deste estudo e, principalmente pela amizade que muito prezo.

Ao Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina por sua competência e por aceitar participar na avaliação deste trabalho.

À Rita Petrenas amiga e companheira, pelo convívio fraterno, pelas incertezas e conquistas que juntas partilhamos.

À Valéria Mokwa pelos bons momentos que convivemos e pelo companheirismo, nesta jornada.

Ao Hamilton, pela amizade e pelo carinho.

À minha irmã, meus irmãos e demais familiares, pelo incentivo.

À Profa. Ana pelo apoio e carinho.

Aos amigos Zoraide e Marcos, que torceram pelo sucesso desta trajetória.

À Lívia, pela disponibilidade e ajuda.

As amigas conquistadas nessa trajetória acadêmica, minhas queridas companheiras Carla, Érica, Carina Dantas, Regina, Selma e demais amigas do NUSEX, que contribuíram nas discussões do grupo enriquecendo o meu trabalho, entre outras e outros que partilharam deste percurso e contribuíram para sua realização.

À Lidiane, da Seção de Pós-Graduação em Educação Escolar, pela bondade, atenção e prontidão que dispensou a mim durante o curso.

As professoras e professores do Programa de Pós-Graduação que contribuíram com minha formação em suas aulas e orientações.

A todos aqueles que, de alguma maneira, colaboraram na realização deste trabalho, com manifestações de afetividade e palavras de incentivo.

Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Meu muito obrigado a todos!

Não haveria Educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz de toda educação.

Paulo Freire (1979, p. 27).

RESUMO

A sexualidade é um dispositivo construído historicamente pela sociedade e que se manifesta em cada indivíduo de maneira peculiar, sendo constituída por características biológicas e por valores histórico-culturais que são passados pelas diferentes instituições sociais como família, religião, entre outros e que influenciam o indivíduo em todo o seu perpassar de vida. Contudo, a temática da sexualidade e seus desdobramentos, enfatizando a educação sexual, vêm se destacando com cientificidade e intensidade no contexto educacional nas últimas décadas. Diante do exposto, o presente trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo elaborar o que denomina Estado da Arte ou do Conhecimento em relação à temática sexualidade e educação sexual em todas as pesquisas apresentadas no Grupo de Trabalho (GT) 23 “Gênero, Sexualidade e Educação” nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação (ANPEd), desde a sua criação no ano de 2004 até o ano de 2013. Consideramos esse evento um marco para a institucionalização da educação sexual, pois possibilita entender como pesquisadores/as trabalham e discutem a sexualidade, sendo um espaço em que se apresentam recortes de pesquisas desenvolvidas na área educacional e que discutem a temática. Para tanto, analisamos todos os trabalhos apresentados em cada uma das reuniões no período proposto, identificando suas análises e considerações, buscando contribuir para com os estudos da sexualidade no Brasil. Os resultados da análise possibilitaram encontrar as categorias que nortearam a compreensão das pesquisas realizadas na área da educação, contemplando a temática. As categorias de análise que mais emergiram dos trabalhos foram “Educação sexual; Gênero; Formação profissional e Sexualidade”. Dentre os apontamentos encontrados através da análise dos dados, a questão de gênero se sobressai de maneira enfática. Outro aspecto que foi possível perceber é que as pesquisas não apontam viés de intervenção e dão indícios de que não retornam aos espaços escolares para proporcionarem discussões e reflexões sobre estes temas tanto com educandos/as, quanto com educadores/as de maneira a suscitar mudanças significativas na prática educacional em relação a estes assuntos. Em suma, sugerimos que o GT 23 da ANPEd se amplie e oportunize a comunicação e publicação de outras pesquisas que possam ir além da questão de gênero, dando espaço para as diversas abordagens teóricas, possibilitando a efetivação da educação sexual nos diferentes níveis de ensino, ou seja, educação básica, ensino superior e nos cursos de Pós-Graduação.

Palavras-chave: 1. Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Estado da Arte. 4. Produções acadêmico-científicas.

ABSTRACT

Sexuality is a device that was historically constructed centuries ago by society, and each individual manifests it in a peculiar way. It is composed of biological characteristics and values that are passed through various social institutions like family, religion, among others, that influence the individual throughout their life. However the theme of sexuality and its consequences, while emphasizing sex education, has gained prominence with scientific intensity in the educational context in recent decades. Thus, this work of bibliographical genre, aims to develop what is called State of the Art or Knowledge regarding the sexuality theme and sex education in all the research presented at the Grupo de Trabalho (GT) 23 (Working Group (WG) 23) entitled “Gênero, Sexualidade e Educação (“Gender, Sexuality and Education”) at the Annual Meetings of the National Association for Postgraduate Research - Anped, since its inception in 2004 until the year 2013. This is considered to be a milestone event for the institutionalization of sex education because it enables researchers to understand how they could work and discuss sexuality; it is a space that has cutouts of research developed in the educational field, while allowing discussions of the theme. To this end, we analyzed all the papers presented at each meeting of the proposed period, identifying their analysis and considerations, while seeking to contribute to studies of sexuality in Brazil. The results of the analysis have enabled us to find categories that have guided the understanding of the research conducted in the area of education considering the theme. Among the notes found by analyzing the data, the gender issue stands in emphatic fashion. Another aspect of the study is that the research that have been conducted do not suggest options of intervention, and also do not return to school premises to provide discussion and reflection on these issues, both with students and with teachers, in order to elicit significant changes in educational practice regarding these matters. In summary, we suggest the GT 23's Anped to be widened so that it can create opportunities for new research that can go beyond the issue of gender, giving room for different theoretical approaches, while enabling the effectiveness of sex education in different levels of education, like for example basic education, higher education, and Postgraduate courses.

Keywords: 1. Sexuality. 2. Sexual Education. 3. State of the Art. 4. Academic-scientific productions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por GT- 23 ^a à 26 ^a Reunião da ANPEd (2000-2003).....	57
Quadro 2 - Quantidade de trabalho apresentado no GT 23“Gênero, sexualidade e educação”	58
Quadro 3 - Produções do Ano de 2004.....	63
Quadro 4 - Produções do Ano de 2005.....	75
Quadro 5 - Produções do Ano de 2006.....	89
Quadro 6 - Produções do Ano de 2007.....	97
Quadro 7 - Produções do Ano de 2008.....	110
Quadro 8 - Produções do Ano de 2009.....	123
Quadro 9 - Produções do Ano de 2010.....	134
Quadro 10 - Produções do Ano de 2011.....	146
Quadro 11 - Produções do Ano de 2012.....	157
Quadro 12 - Produções do Ano de 2013.....	171

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Relação de grupos de Trabalho e Estudo da Anped.....	39
Tabela 2 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2004 (N - frequência=ocorrências).....	73
Tabela 3 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados no GE 23 da ANPEd de 2005 (N=ocorrências).....	87
Tabela 4 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2006 (N=ocorrências).....	96
Tabela 5 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2007 (N=ocorrências).....	108
Tabela 6 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2008 (N=ocorrências).....	120
Tabela 7 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nos trabalhos apresentados no GT 23 da ANPEd de 2009 (N=ocorrências).....	132
Tabela 8 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2010 (N=ocorrências).....	143
Tabela 9 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2011 (N=ocorrências).....	154
Tabela 10 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2012 (N=ocorrências).....	168
Tabela 11 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2013 (N=ocorrências).....	183

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anped-Caxambu 2005	49
Figura 2 - Anped-Caxambu 2005	49

LISTA DE ABREVIATURAS

- AIDS - Síndrome da imunodeficiência adquirida
- ANPEC - Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia
- CAESOS - Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência,
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CAPES - Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDROM - Compact Disc Read-Only Memory
- CENP - Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas
- CGC - Cadastro Geral de Contribuintes
- CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
- CPERS/SINDICATO - Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação
- DCEB/EF - Diretrizes Curriculares da Educação Básica, educação Física
- DSTs- doenças sexualmente transmissíveis
- EFBA - Universidade Federal da Bahia (Salvador-BA)
- EFPE - Universidade Federal de Pernambuco (Recife-PE)
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- ESEF/UFPel - Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas
- FCC - Fundação Carlos Chagas
- FGV/IESAE - Fundação Getúlio Vargas / Instituto de Estudos Avançados em Educação
- FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos
- FURG - Universidade Federal do Rio Grande (Rio Grande-RS)
- GDE - Gênero e Diversidade na escola
- GE - Grupo de Estudo
- GEERGE - Grupo de Estudos e Relações de Gênero: modos de “ver” e de “fazer”
- GEISH - Grupo de estudo interdisciplinar em Sexualidade Humana (UNICAMP/Campinas)
- GPESEC - Grupo de Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura (UNESP/Bauru)
- GSEXs - Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades (UNESP/Rio Claro)
- GT - Grupo de Trabalho
- GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (São Paulo-SP)

HIV - Human Immunodeficiency Vírus

IES - Instituições de Ensino Superior

IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LBHM - Liga Brasileira de Hygiene Mental

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação e Cultura

NUDISEX - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual (UEM-Maringá-PR)

NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade (UNESP-Araraquara-SP)

ONGs - Organizações Não Governamentais

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PG/ECO - Pós-graduação em economia

PG-EDU - Programas de Pós-Graduação em Educação

PIM - Primeira Infância Melhor

PNPG/EDU - Plano Nacional de Pós-graduação em Educação

PRONASCI - Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania

PUC/Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RA - Reuniões Anuais

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UEPA - Universidade do Estado do Pará (Belém-PA)

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro-RJ)

UFC - Universidade Federal do Ceará (Fortaleza-CE)

UFF - Universidade Federal Fluminense (Niteroi-RJ)

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora-MG)

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte-MG)

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande-MS)

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá-MT)

UFPB - Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa-PB)

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS)

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro-RJ)

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis-SC)

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos (São Carlos-SP)

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria-SC)

UFU - Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia-MG)

UFV - Universidade Federal de Viçosa (Viçosa-MG)

UnB - Universidade de Brasília (Brasília-DF)

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara-SP)

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro-SP)

UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste (Guarapuava-PR)

UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí-RS)

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro-RJ)

UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce (Governador Valadares-MG)

UNESA - Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro-RJ)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
1 A EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	24
1.1 O Processo de repressão da sexualidade.....	24
1.2 A sexualidade e formação profissional: reflexões necessárias	28
2 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO	33
2.1 O cenário da pesquisa	33
2.2 Anped – um pouco da história	34
2.3 A criação do Grupo de Trabalho, Gênero, Sexualidade e Educação	47
3 JUSTIFICATIVA.....	51
4 OBJETIVOS	53
4.1 Objetivo geral.....	53
4.2 Objetivos específicos	53
5 METODOLOGIA	54
5.1 O Estado da Arte como opção metodológica.....	54
5.2 Percurso metodológico	56
5.3 Análise de dados.....	60
6 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS REUNIÕES DO GT 23 ..	63
6.1 Análise dos trabalhos da Anped	63
7 RESULTADOS	188
7.1 Resultados encontrados.....	188
CONSIDERAÇÕES.....	191
REFERÊNCIAS.....	195
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	222

APRESENTAÇÃO

“Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Inveja é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas importantes. E eu estou contando, não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente”.

Guimarães Rosa

O interesse pelo campo de estudo da Sexualidade e Educação Sexual iniciou-se na convivência com as crianças do ensino fundamental, bem antes, da inserção no curso de Serviço Social. Posteriormente, na elaboração do trabalho de conclusão do citado curso, propus pesquisar sobre a sexualidade e violência sexual infantil, porém nos idos da década de 1990, estes assuntos eram ainda incipientes e a proposta não se concretizou. Nesse período, salvo raras tentativas de trabalho, a sexualidade era ignorada pela educação (SAYÃO, 2006).

Contudo, pesquisei o tema violência, o que de certa forma me fez descobrir que os sujeitos participantes do estudo ocultavam os reais motivos da violência, mas percebiam um traço da sexualidade como pano de fundo do fenômeno da violência em suas vidas. Não me aprofundi neste assunto no trabalho, pois nesse momento não consegui literatura pertinente, assim como, orientador que aceitasse tratar dessa temática.

Como professora, tive a oportunidade de conviver com crianças que sofriam assédios sexuais, compartilhava de seus sofrimentos e da preocupação da escola em não se envolver com esse tipo de ocorrência. Isso me fez interessar cada vez mais pelo assunto, o que possibilitava refletir com meus alunos e minhas alunas as questões que envolviam a sexualidade. A notícia, que eu discutia o assunto, despertava a curiosidade deles e dos alunos de outras salas, assim como dos colegas professores, que desconheciam a temática e mostravam um certo desconforto em relação às questões em pauta.

Diante da realidade de que os professores tinham dificuldades para abordar a sexualidade em sala de aula, e posteriormente com o apoio da diretora da escola, passei a desenvolver vários trabalhos junto ao corpo docente.

A minha experiência na educação indicava cada vez mais, a necessidade de compreender os meandros das relações de poder produtoras das diversas formas de violência, especialmente na sua articulação com as questões de sexualidade, e a oportunidade de interferir de alguma forma nessas estruturas, sempre motivada por minhas vivências enquanto educadora. Estes fatores impulsionaram meus estudos culminando com o mestrado.

No mestrado, minha proposta de pesquisa foi o tema violência na escola, que me instigava conhecer o fato gerador desse fenômeno entre os adolescentes, fonte de inquietação de professores e demais envolvidos na educação. A convivência com professores do Ciclo II, diretores e supervisores no decorrer do estudo, ficou claro o destaque da sexualidade como fato primário da violência. Essa realidade reforçou a curiosidade de desvendar as causas que contribuíam para essa situação. Os resultados mostraram que a sexualidade e seus desdobramentos, a falta de conhecimento de alunos e de professores neste universo pesquisado, contribuíam sobremaneira para o desencadeamento da violência. Cabe lembrar, que durante algum tempo, continuei frequentando a escola pesquisada e trabalhando com os alunos questões pertinentes da sexualidade.

Desde a descoberta desse resultado senti necessidade de aprofundar-me ainda mais sobre a temática e iniciei, ainda no mestrado, a participação em vários eventos que tratavam da sexualidade, entre eles as Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped).

Ao término do mestrado novos questionamentos surgiram em relação à sexualidade, pois, apesar de no campo da educação, especificamente, nos meados da década de 1990 do século passado, tenha ocorrido uma maior definição para a educação no Brasil e a questão da cidadania passou a ser preocupação das políticas públicas com a Resolução CEB 2, de 7 de abril de 1998, que instituiu as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental (BRASIL, 1998), o qual apresentou um campo de estudo voltado para que o que seja e como se realiza a transversalidade nos currículos escolares, abarcando inclusive os conteúdos que tratam de sexualidade e orientação sexual. Porém, os trabalhos relativos à sexualidade e a educação sexual, quando existiam, eram revestidos de uma concepção reducionista relacionada à prevenção de doenças e da gravidez, desvinculado do prazer.

Neste sentido, Dalarosa (2003) critica a proposta de transversalidade curricular, e assegura que ela não foi vinculada a uma reforma curricular que promovesse mudanças sociais, e isso contribuiu para o fracasso desta proposta.

Ao que parece, a escola conduz as atividades ligadas à sexualidade, para atender ao cumprimento de projetos propostos pela secretaria da educação e tudo é proposto e feito com muita cautela e receio, evitando inclusive a contextualização social e cultural das questões.

Em meio as minhas inquietações conheci o professor Paulo Rennes, pesquisador do tema da sexualidade. Ele gentilmente apresentou-me o Núcleo de Estudos da Sexualidade ligado ao Departamento de Psicologia da UNESP-Araraquara, sob sua coordenação, grupo

este que passei a compor a partir do convite dele e que contribuiu para alargar meu contato com a temática da sexualidade.

A partir de então intensifiquei a participação em congressos, cursos, palestras, debates sobre sexualidade. Realizei várias leituras abarcando este assunto e comecei a encontrar interlocutores que ampliaram meu conhecimento e inquietações sobre este tema.

Concomitantemente, fiz contato com grupo Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência (CAESOS) da USP de Ribeirão Preto, com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual (NUDISEX) da Universidade Estadual de Maringá, alguns da própria UNESP como o Grupo de Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) de Bauru e o Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades (GSEXs) de Rio Claro e também, com estudos desenvolvidos no intercâmbio com universidades de Aveiro, Lisboa, do Minho, entre outras.

No decorrer dos estudos, ficou claro que temas ligados à sexualidade contribuíram para a constituição de um conhecimento sexual no Brasil, e que a temática tem sido objeto de estudo e pesquisa das ciências humanas em geral, particularmente, da educação, da antropologia, da psicologia e seus afins, da sociologia, da história e das ciências médicas.

Contudo, o âmbito da institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu somente a partir dos meados do século XIX e início do século XX, quando médicos e, posteriormente educadores, elaboraram, desenvolveram ou se apropriaram de teorias e ideias que foram consideradas científicas e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso oficial para atingir seus objetivos de fazer ciência, propor ações educacionais ou práticas pedagógicas e resolver problemas de saúde pública, em alguns casos para justificar ideologias e exercer o poder. É a partir deste período, que questões ligadas à sexualidade começaram a ter lugar importante no discurso médico-educacional.

Alguns estudos foram realizados, como os de Vidal (1998), os trabalhos de Reis e Ribeiro (2002, 2004, 2005, 2011) e Ribeiro e Reis (2003), mas não há uma historiografia da educação sexual no Brasil, abrangente e aprofundada.

Considerando esses aspectos, pode ser citado um marco importante em relação ao estudo da temática sexualidade e seus desdobramentos, que foi a criação, primeiramente do Grupo de Estudo (GE) (2003) e depois Grupo de Trabalho (GT) (2005) “Gênero, sexualidade e educação” na Anped, que abarcam pesquisas de diferentes programas de Pós-Graduação do país, principalmente, do sudeste. Quando da criação do GT, tive o privilégio de ter participado

do rol das quinhentas assinaturas para que o GE 23 “Gênero, sexualidade e educação”, se tornasse um GT.

A institucionalização do conhecimento sexual é uma questão de atenção do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), criado no ano de 2000 na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, no *campus* de Araraquara. É um grupo interdisciplinar de pesquisa no campo da sexualidade humana e da educação sexual que reúne pesquisadores da UNESP e de outras instituições de ensino superior. Os objetivos do Nusex são a integração de pesquisas e estudos desenvolvidos por seus membros, visando à construção de uma historiografia da educação sexual no Brasil e sua consolidação enquanto tema essencial de pesquisa e ensino na área da Educação.

Dessa forma, buscando contribuir com a historiografia da temática sexualidade e seus desdobramentos, este estudo tem como objetivo organizar e sistematizar as produções apresentadas no Grupo de Trabalho GT 23 “Gênero, sexualidade e educação” da Anped, desde a sua criação em 2003 até o ano de 2013.

Esta tese é vinculada ao NUSEX e faz parte do projeto integrado de pesquisa “Uma Contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil: Localização, Descrição e Análise de Documentos desde a Colônia até as primeiras décadas do Século XX”, tendo como responsável o Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

O estudo fundamenta-se em teóricos que discutem e trabalham a temática sexualidade e seus desdobramentos, considerando este tema um dos fatores de grande relevância para formação integral do ser humano.

A necessidade de conhecimento do que se produz em sexualidade e educação sexual foi a principal motivação ao fazer a opção por essa metodologia do Estado da Arte, pois é uma metodologia que possibilita o conhecimento, o levantamento de dados e as análises das pesquisas realizadas em determinado contexto.

Motivada pelo desafio de conhecer o que já foi produzido, creio que seus resultados possam contribuir com a divulgação do conhecimento, bem como, fornecer dados que fomentem o estabelecimento de políticas de intervenção, elaboração de diretrizes e propostas para a inserção de disciplinas que tratem da sexualidade e da educação sexual, com caráter obrigatório nos cursos de graduação e Pós-Graduação, articulando-se com ações para elevar a qualidade da formação de pesquisadores/as em relação à temática, buscando devolver, para sociedade, através de uma educação básica de qualidade.

Assim, a Sexualidade como parte integrante da educação, deve ser compreendida e discutida na sua concepção integral e emancipatória, que promova reflexões e questionamentos abarcando todos os processos que envolvem a educação sexual do indivíduo, objetivando a formação de profissionais reflexivos e que contribuam com o desenvolvimento de cidadãos mais livres e conscientes acerca dessa dimensão do ser humano.

Considerando que o presente estudo objetiva contribuir com uma historiografia da sexualidade, em específico, através dos trabalhos apresentados no GT 23 da Anped, pautamos nas seguintes questões:

1) Como o tema da sexualidade tem sido apresentado nas Reuniões Anuais (RA) da Anped entre o período de 2004 a 2013? Como os dados da pesquisa apresentados por Ferreira e Nunes (2010) mostram aumento no número de pesquisas na área, qual a incidência de tal demanda?

2) Quais são os temas mais abordados diante da temática sexualidade no perpassar dos anos do Congresso?

3) Quais as contribuições desses estudos e publicações produzidos no GT 23 da Anped para área de historiografia da sexualidade?

A fim de facilitar a leitura e apresentação dos distintos assuntos tratados, optamos por apresentá-los em sete seções, sendo elas:

A primeira seção desta Tese apresenta uma revisão da literatura e reflete sobre a educação sexual na formação profissional. A seguir, discute a formação dos professores em relação à temática.

A segunda seção da revisão da literatura, discorre sobre o cenário da pesquisa, uma breve apresentação da criação e trajetória da Anped, bem como o surgimento do GT 23 “Gênero, sexualidade e educação”. Assim sendo, apresenta o histórico da criação da associação e sua organização. Discute a sua constituição e relevância para o conhecimento e divulgação da pesquisa acadêmica no país, bem como, a participação institucional nessa associação.

A terceira seção apresenta a justificativa; enquanto que na seguinte, isto é, a quarta seção, apresenta os objetivos geral e específico. A quinta seção expõe a metodologia utilizada que se baseia no levantamento bibliográfico denominado Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, que objetiva mapear e analisar a produção acadêmica em determinado campo do conhecimento (FERREIRA, 2002).

A sexta seção apresenta as produções e análises dos dados obtidos, busca compreender e discutir estes dados à luz da teoria aqui apresentada. A última seção expõe os resultados encontrados.

1 A EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A sexualidade é uma construção histórica e seu estudo deve contemplar o processo de repressão que ela sofreu.

A partir dessa análise a presente seção pretende discorrer sobre a necessidade de conhecer alguns apontamentos em torno do processo de repressão sexual, bem como sobre a necessidade da formação do professor, condição primordial para que ocorra a educação sexual intencional na escola e se reconheça a sexualidade como aspecto constitutivo do ser humano.

1.1 O Processo de repressão da sexualidade nas sociedades

“A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dá “virgem do conflito” entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção.”
Freire (1996, p.47)

No decorrer da construção da história da sexualidade já apresentada por outros autores, observamos que ela perpassa a sociedade e se molda de acordo com os valores constituídos em cada época. De fato, há diferentes concepções que a compõem e que devem ser estudadas na sua totalidade, compreendendo os aspectos biopsicossociais que influenciam todo o seu existir.

De acordo com Ribeiro (2002), as questões da sexualidade surgiram indiscutivelmente com a humanidade e vêm sendo discutidas desde a Antiguidade até nossos dias. Porém, do ponto de vista histórico, até o século XIX, não havia repressão sexual, mas regras e normas sociais a serem seguidas em relação à sexualidade.

As ações médicas do século XIX que levaram este tema a uma aparente repressão sexual e incitamento pelos discursos sobre o tema. Essa repressão influenciou o modo de viver a sexualidade do indivíduo ao longo do tempo e, ainda, na atualidade, mesmo após a abertura de espaços para se discuti-la, presenciamos resquício repressor na forma do indivíduo expressá-la.

Para Meirelles (1997) o conceito de repressão sexual deve ser re-enquadrado, não significando somente a anulação do desejo, do prazer, como também um poder punitivo sobre o corpo ou a alma.

A repressão sexual pode ser considerada como o conjunto de permissões e interdições, normas estabelecidas histórica e culturalmente, a fim de legitimar o controle da sexualidade.

Essa repressão sexual foi também amplamente discutida por Foucault (2005), e para ele, isso ocorre muito mais pelo problema das relações entre o poder e o sexo. Poder entendido por nós como aquele que domina e comanda as relações sociais vigentes, e isso vem acontecendo desde os primórdios da humanidade.

No Brasil, especificamente, a repressão sexual que ainda presenciamos, é consequência da educação sexual instituída desde a Colônia, e como alega Ribeiro (2005), esta repressão foi pregada inicialmente pelos jesuítas, e em seguida, pelo Santo Ofício, com o objetivo de condenar, normalizar, ordenar e controlar as práticas sexuais, fundamentando-se na doutrina da Igreja por meio de bulas papais e regimentos do Santo Ofício.

Destarte, abordar a sexualidade humana requer reconhecer que o seu conceito é amplo e difuso, inicia-se na concepção e acompanha o indivíduo por toda sua vida. Abrange os aspectos biológicos, sociais, psicológicos, emocionais, religiosos e culturais que permeiam toda a vida do indivíduo e, se expressa de diversos modos: nas práticas sexuais, nos desejos, nos sentimentos, nos pensamentos, nas emoções, nas atitudes e nas representações (MAIA, 2010; RIBEIRO, 2005).

Partindo dessa premissa, é fundamental pensar a implantação da educação sexual nos espaços educativos de forma a possibilitar a reflexão e a reconstrução de valores ancorados no senso comum propiciando a mudança de comportamento e nesse sentido, Bozon (2004, p. 14) explicita que a “[...] sexualidade humana implica, de maneira inevitável a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas através da cultura.”

Com uma educação emancipatória¹ o sujeito poderá expressar sua sexualidade de forma consciente e responsável, sem medo, culpa ou tabu, pois as experiências sexuais e as aprendizagens advindas do meio social repercutem no desenvolvimento e no comportamento do sujeito e na expressão da mesma.

Louro (2000) afirma que a sexualidade precisa ser compreendida como produção cultural e social e que as formas de viver nossos prazeres e desejos não são proporcionadas pela natureza, visto que há uma complexa combinação de sentidos, de representações, de atribuições que efetivamente vão constituí-la. Esclarece ainda, que esses sentidos “[...] nunca são fixos e estáveis [...] é um arranjo circunstancial e passível de ser alterado.” (LOURO, 2000, p. 40).

¹ Termo este, cunhado por César Nunes.

A expressão da sexualidade é mutável, pois a sua expressão depende do momento cultural e histórico que uma determinada sociedade vivencia, e esclarece Foucault (2005, p. 15) que

A sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, é uma invenção social, uma vez que, se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, normatizam que instauram saberes, que produzem “verdades”. Sua definição e dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar.

Sendo assim, é necessário que o indivíduo tenha uma educação que desconstrua esses aspectos culturais da sexualidade para se desmistificar a ação repressora sobre sua vivência, pois, o indivíduo, produto de diferentes influências ao longo de sua vida, reflete na sua expressão sexual os tabus, mitos, preconceitos, contradições, que contribuíram com a formação da sua identidade e do seu comportamento sexual.

Costa (2005) conceitua a sexualidade como um conjunto de todos os caracteres morfológicos, internos e externos que os indivíduos apresentam, conforme o sexo que pertence, assim, a sexualidade tem grande relevância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.

Para Foucault (2005) a sexualidade se constrói não apenas no biológico, mas principalmente no imaginário. A sexualidade se coloca no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de normalidade que se impõem na vida social.

A sexualidade se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual, “[...] é o aspecto central de nossa personalidade e é por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos.” (COSTA, 2005, p. 7).

Entendemos que o ser humano é um todo indivisível e como tal deve ser tratado numa perspectiva ampla, envolvendo todas as dimensões que contemplam a vida. Nossa sociedade lida, incoerentemente com a sexualidade que ainda é um ponto conflituoso e controverso e para agravar, cria modelos estanques baseados apenas em preconceitos e na falta de conhecimento, não permitindo, como reforça Costa (2005, p. 8), “[...] ser exatamente aquilo que somos ou o que poderíamos ser.”

O autor afirma que o ser humano não necessita apenas satisfazer suas necessidades físicas e psicológicas, mas também, ter assegurado seus direitos e sua cidadania no exercício de seus papéis, entre eles, o direito de exercer sua sexualidade independente da forma como ela se exterioriza.

Podemos verificar que mesmo com as transformações sociais que ocorreram, principalmente, a partir dos meados do século passado, que a compreensão desses valores e a forma como estão relacionados com a nossa estrutura política e cultural ainda são perpetuados.

Neste sentido, Ribeiro (2005) ressalta que as concepções sobre sexualidade são construídas socialmente e passíveis de mudanças. As regras sociais em relação à sexualidade estiveram sempre presente na educação sexual das pessoas, orientando-as quanto às práticas sexuais e definindo o que é normal e o que é desviante em uma determinada sociedade.

Para reprimir uma prática indesejada, cria-se um sistema de normas, regras, leis e valores explícitos na sociedade, definidos pela religião, pela moral, pelo direito, pela medicina e ciências correlatas que contribuíram, sobremaneira, para a identificação e classificação das patologias sexuais.

A repressão do sexo e da sexualidade, na maioria das vezes, é permeada por ameaças impostas em determinado tempo, por uma determinada sociedade, como revela Chauí (1991, p. 22) ao afirmar que “Nenhuma cultura lida com o sexo como um fato natural bruto, mas já o vive e compreende simbolicamente, dando-lhe sentidos, valores, criando normas, interditos e permissões.”

Diante disso, é importante que as diversas áreas do conhecimento investiguem sobre a sexualidade, desconstruindo o conhecimento do senso comum e promovendo informações a respeito do próprio corpo, dos próprios sentimentos, assim como dos outros, para poder se desenvolver de maneira salutar e assumir os papéis através dos quais se relaciona com seus pares.

A sociedade disseminando um discurso normalizador promove valores sobre a sexualidade calcado na heteronormatividade, na castidade/virindade, entre outros. O legado social em relação à sexualidade/educação sexual que o indivíduo recebe contribui para a formação de sua identidade sexual e vai permear sua formação profissional.

Nesta perspectiva, trabalhar a educação emancipatória, é necessário, porque irá colaborar com a desconstrução de tabus e preconceitos que foram incorporados na educação dos sujeitos, reconstruindo novos conceitos e valores livres das amarras do senso comum.

Dessa forma, para o docente, o conhecimento sobre a sexualidade pode contribuir com a tomada de consciência de sua própria sexualidade, para que este profissional exerça sua prática sem expressar qualquer tipo de constrangimento a outrem.

Porquanto, a autoconsciência das mútuas implicações da temática por meio de compromisso-competência-envolvimento do profissional no processo de formação, representa, nessa perspectiva a possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional.

Para tanto, se faz necessário que se invista na formação do profissional, em diferentes espaços acadêmicos, no que se refere ao tema sexualidade e assuntos correlatos na busca de conhecimentos inerentes sobre a temática.

1.2 A sexualidade e formação profissional: reflexões necessárias

O senhor... mire e veja : o mais importante e bonito do mundo é isto: Que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam verdade maior. É o que a vida me ensinou.

Guimarães Rosa

A sexualidade passou a ser considerada como ciência a partir do momento em que a medicina e a Igreja buscaram o conhecimento científico para explicar as questões relativas a esta temática, para através disso, normalizar os comportamentos.

O estudo passa a ser fragmentado e cada área de conhecimento responsável por uma competência, o que levou cada uma trabalhar isoladamente resultando na separação do indivíduo em partes isoladas e desarticuladas, principalmente no que tange a sexualidade que era considerada, apenas um ato sexual.

Foucault (2000) aponta que essa nova mentalidade surgida na modernidade, devido à fragmentação de diferentes áreas e conseqüentemente da especialização de cada profissional, gerou que cada um cuidasse de determinada parte do ser humano, sem contemplar a sua totalidade.

Neste contexto, a abordagem da sexualidade não era discutida em várias áreas de conhecimento, delegando a discussão somente à psicologia e, sobretudo à psicanálise. Essa visão desconsiderava que a sexualidade era inerente ao ser humano, e importante de ser abordada com diferentes profissionais como enfermeiro, advogado, médico, professor, psicólogo, dentre outros, que se deparam com situações de natureza sexual ao atuarem em sua prática.

Esse cenário passou a ocorrer a partir do século XIX, quando a sexualidade se tornou um problema; ou seja, ganhou uma conotação pejorativa, sendo vista como um ócio, um ato imoral quando praticado sem fins reprodutivos.

Nesse sentido, Foucault (2005) aponta que justamente nesse período, a sexualidade, por constituir-se um “problema”, começa a exigir de diferentes profissionais uma nova postura frente a esta temática. Não obstante, foi uma época, como mostra o autor, que mais se proibiu qualquer análise que conduzisse à denúncia da relação existente entre a repressão sexual e as relações de poder, sendo que, a repressão sexual passava a ser necessária para viabilizar o exercício do poder conforme as condições da nascente ordem social burguesa.

Diante disso, percebemos como uma das consequências da repressão sexual foi justamente a falta da abordagem da sexualidade humana nos cursos de formação profissional (faculdades, centros educacionais e universidades). É um assunto ainda tolhido e quando discutido é de forma fragmentada e pouco debatido, enfatizando apenas os aspectos higienistas e biologizante, herança de uma cultura que viabilizava o sexo como forma de controle.

Mokwa (2010, p. 237) em seus estudos, mostra que a utilização de subsídios diversificados para trabalhar a sexualidade com docentes e discentes, permite “[...] a discussão das representações entre os sujeitos envolvidos, possibilitando mudanças na concepção e práticas relacionadas à sexualidade e a saúde biopsicossocial do indivíduo.”

Na maioria das vezes, quando há espaços de debate do assunto nas instituições de formação profissional, é devido à iniciativa individual de algum grupo e não proporcionado pela instituição. Contudo, observamos que é crescente a preocupação de profissionais de diferentes áreas em estudar a temática. Podemos verificar essa peculiaridade na ascensão da produção de trabalhos científicos tanto em eventos quanto na produção acadêmico-científica.

Discutir a sexualidade humana até algum tempo atrás era difícil, pois não dispúnhamos de muitos trabalhos científicos acerca deste tema. De fato, a sexualidade ganhou reconhecimento enquanto assunto que referencia ser focado em termos científicos a partir da década de 60 do século XX com os pressupostos teóricos da psicanálise o que possibilitou a abertura de espaços para novas discussões e estudos.

Esse período foi um marco para o estudo da sexologia, pois instigou vários pesquisadores estudarem a temática em diferentes áreas, e teve imenso valor acadêmico para a historiografia da sexualidade, principalmente, na discussão de temas correlatos ao assunto, como gênero, homossexualidade, condição da mulher, sexualidade infantil, entre outros.

Essas discussões ganharam espaços nos cursos superiores e de pós-graduação, favorecendo o avanço científico do estudo dessa temática nas últimas décadas, mas não ocorreram de maneira homogênea, uma vez que o pesquisador que se propõe investigar o assunto traz em suas raízes sociais representações sobre a sexualidade impregnadas de mitos,

preconceitos, tabus e desconhecimentos, reproduzindo verdades, mesmo que inconscientemente em seus trabalhos científicos baseando-se na sua educação sexual construída com base de uma sociedade repressora.

A história ou as histórias da sexualidade podem ser consideradas como o retrato de um povo, e é marcada por características que vão determinar, não apenas padrões, incutir conceitos e valores a respeito da temática, que se não discutidos de maneira a descortinar os mitos existentes nessas verdades, propagarão ainda mais preconceitos para futuras gerações, acentuando o conhecimento do senso comum.

O pesquisador, produto de uma sociedade, um ser social, traz imbricado na sua formação e na sua identidade sexual, concepções e valores dessa educação histórica e social, construída no âmbito cultural que vai influenciar o seu pensamento individual e possivelmente sua individualidade profissional.

Pode aparecer o discurso como “[...] programa de uma instituição [...], como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade.” (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Sendo assim, Ribeiro (1999, p. 363) adverte

O profissional precisa refletir sobre os mecanismos que geram valores e atitudes em relação à sexualidade para, ao invés de basear-se cegamente no padrão vigente, construir uma "verdade" pautada em seus próprios sentimentos e, dessa forma, caminhar para uma prática coerente com suas necessidades e não conforme os interesses decorrentes das relações de poder.

Nesse viés os cursos de formação profissional, bem como os de Pós-Graduação, necessitam discutir a sexualidade numa visão totalizadora, desconstruindo “verdades” impostas às quais geram compreensões que favorecem o preconceito, o tabu e a discriminação.

Partindo desse princípio se faz necessário a inserção da temática em questão nos cursos de formação profissional, com o intuito de reformular conceitos e propor discussões que contribuam para a formação de uma identidade sexual livre das amarras do preconceito, possibilitando que o profissional na sua prática, possa lidar com a temática de forma emancipatória.

Mesmo com toda a repressão vivenciada em torno do assunto, observamos que há um considerável aumento no interesse de diferentes profissionais de diversas áreas de atuação, preocupados em pesquisar a sexualidade. No entanto, é preciso considerar todos os aspectos que contemplam a temática, inclusive a vertente histórica.

Portanto, é importante conhecer as produções acadêmico-científicas produzidas nas diversas áreas de conhecimento, incluindo a área de educação, e que são apresentadas em eventos científicos de notoriedade, visto que são estudos realizados por profissionais formados em uma vertente educacional tradicionalista em se tratando de assuntos da sexualidade. Assim, necessitam abarcar conhecimentos sobre a temática, para reconstruir os seus paradigmas, principalmente na área da ciência sexual.

Conforme observa Chauí (1991, p. 184), a ciência sexual surgiu nos meados do século XVII e continua a se desenvolver nos séculos subsequentes, e “[...] é na verdade, um conjunto de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual: pedagogia, medicina, [...] seriam suas principais componentes.”

Nesse cenário, é necessário destacar a formação do docente que atuará no ambiente escolar e reproduzirá “verdades” consideradas importantes por uma sociedade, já que é um profissional que propaga ideias e conhecimentos.

Assim sendo, o professor é peça chave no desenvolvimento da educação sexual na escola, contudo, é preciso ser devidamente instrumentalizado de maneira a se oportunizar uma formação adequada e com conteúdos científicos que subsidiem sua prática na educação sexual.

Todavia, para se atingir esse objetivo é necessário reformular os cursos de formação do professor, que geralmente são oferecidos pelos cursos de Licenciatura em Pedagogia, sendo que a maioria dos educadores não sabe trabalhar a temática da sexualidade com seus educando, e quando abordam-na há uma ênfase nos seus aspectos biologizante, higienistas e nos valores morais. É preciso antes de tudo, oferecer educação sexual emancipatória para o formador, pois como afirma Melo (2004, p.75) ao dizer “[...] que educação sexual é também uma questão básica de cidadania [...]”, devendo os currículos oferecer, nas suas grades como disciplina desde a educação infantil até o ensino universitário e na Pós-Graduação.

Completando essa narrativa, Figueiró (2004, p. 119) salienta que os professores têm que conceber a

[...] educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade.

Assim, para que tanto o professor, quanto os demais profissionais das diferentes áreas de conhecimento, atuem de forma emancipatória em relação à sexualidade, é preciso formá-

los oferecendo formação que contribua para o desenvolvimento profissional e individual do indivíduo de modo que esse possa contribuir para a implementação da educação sexual.

Neste aspecto, é importante ressaltar que o curso de Pedagogia é responsável pela formação de professores que atuam na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental (LEÃO, 2009). Contudo a Resolução n.1 de 15 de maio de 2006 prevê a atividade deste profissional no ensino médio, na modalidade normal, de educação profissional, bem como, na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais se exija conhecimentos pedagógicos.

Neste sentido, Leão e Ribeiro (2013) comentam sobre o artigo 5º parágrafo X, desta Resolução que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a respeitar as diferenças de gênero e de escolhas sexuais. A inserção destes assuntos nestes documentos educacionais de acordo com os autores reforça importância e da abrangência da sexualidade com futuros professores. [...] No entanto, após seis anos desta resolução pouco tem sido feito e a educação sexual continua fora da sua grade curricular (LEÃO; RIBEIRO, 2013, p. 614).

Destarte, considerando que o docente terá que desenvolver a educação sexual com os alunos, é fundamental a sua preparação no curso de Pedagogia, conforme afirma Nunes e Silva a respeito dos conhecimentos científicos acerca da formação docente “tratar da sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social” (NUNES; SILVA, 2000, p.74).

Neste aspecto, Leão e Ribeiro (2013, p. 635) completam afirmando que a formação acadêmica é à base da formação profissional e, portanto tem que ser uma base “bem solidificada de maneira que o profissional tenha acesso ao conhecimento que necessita para uma prática pedagógica eficaz e diferenciada”, neste contexto, a educação sexual.

Ribeiro (1990, p. 17) corrobora ao dizer que a escola é o local ideal para desenvolver a educação sexual e, que os alunos além de adquirirem conhecimentos científicos “pudessem pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízo de valor. Distorções trazidas desde a infância poderiam ser esclarecidas ou corrigidas”

Para tanto, é fundamental ressaltar a importância da formação do professor na área da educação sexual, e que esta formação não se restringe apenas em disciplinas optativas nas graduações, sendo preciso fazer parte do rol das disciplinas obrigatórias nas graduações e também nas Pós-Graduações, principalmente nas áreas que lidam com o desenvolvimento humano.

2 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O presente item vai traçar o percurso histórico da criação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), considerando que as Reuniões Anuais desta Associação é o congresso mais importantes de pesquisa Pós-Graduação em educação no Brasil, o qual apresenta trabalhos nacionais e internacionais que contribuem com a divulgação do conhecimento produzido acerca de diferentes temáticas. O histórico de sua constituição é imprescindível para este trabalho, pois esta pesquisa identificou e sistematizou todo conhecimento sexual desenvolvido em diferentes universidades e que foram apresentados nas Reuniões Anuais da Anped, especificamente no período que compreende os anos de 2004 a 2013.

2.1 O cenário da pesquisa

“A semente germina: um grão que, ao encontrar condições adequadas de solo e clima, desenvolve-se e dá frutos”

Luiz A. Cunha

A pesquisa em educação, como um movimento em construção, tem a sua sistematização quantitativa e qualitativa mais presente a partir da década de 1990 no Brasil. A ideia de formar o professor pela pesquisa vem se constituindo por um debate que articula a discussão sobre a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, pesquisa esta educacional e mais precisamente sobre formação do professor, começaram a partir de meados de 1970.

Desde então, estas pesquisas apresentaram contribuições importantes para a configuração de um quadro teórico acerca de diferentes assuntos da área da educacional.

Esta pesquisa tem como cenário a Anped, principal instituição de referência de pós-graduação em educação do nosso país. Anualmente, ela promove o mais importante encontro de pesquisadores e pesquisadoras em educação. Desde a sua fundação a Associação tem se firmado como o maior e melhor centro de referência de pesquisa.

2.2 Anped – um pouco da história

As origens da ANPEd remontam a uma proposta de institucionalização de um sistema autorregulador na política de pós-graduação em Educação, formulada pela Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1976. A partir dessa proposta da CAPES, foram realizadas reuniões de coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PG-EDU) e elaborados subsídios de estatuto por um grupo de trabalho das então Faculdades Unidas Grande Rio.

No entanto, a proposta hiberna até 1978, quando o processo de institucionalização da ANPEd é retomado e passa a ser criticado por uma corrente instituinte, questionadora dos vínculos de uma associação nacional dos cursos de pós-graduação em Educação com a política oficial de pós-graduação (CARVALHO, 2001).

Para descrever a trajetória de criação institucionalizada *versus* instituinte, apresentaremos quatro momentos nas origens da ANPEd: 1.º a proposta inicial da CAPES; 2.º a reunião dos coordenadores de programas da pós-graduação em Educação, em agosto de 1976; 3.º a proposta de estatutos da ANPEd, em 1977; 4.º o encontro nacional de representantes dos Programas, em março de 1978 (CARVALHO, 2001).

De acordo com o autor, no contexto do Plano Nacional de Pós-graduação em Educação (PNPG/EDU), desenvolvido pela CAPES em 1976-1977, surgem às ideias iniciais sobre a Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Educação. Entre as diversas linhas operacionais do PNPG/EDU, duas eram bem explícitas em relação à ANPEd:

[...] manter entre os diferentes cursos uma relação de reciprocidade que facilite uma interfertilização e uma coparticipação responsável; reconhecer a importância de princípios auto reguladores e auto modificadores [sic] e seu poder para uma progressão integradora dos desempenhos dos cursos (CARVALHO, 2001, p.134).

Neste raciocínio, reconhecia-se a importância da integração de esforços e da comunicação e inter-relação entre programas de profissionais da área, instrumentalizados através de uma associação nacional.

O delineamento oferecido pela assessoria do PNPG/EDU da CAPES modelava-se pela Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia (ANPEC), que tinha as características a seguir:

1.º era uma sociedade civil sem fins lucrativos;

2.º eram sócios: a) programas, cursos e outros órgãos de universidades e entidades autônomas, que desenvolvessem pesquisas e formação de pessoal especializado; b) especialistas e profissionais; em caráter individual;

3.º a admissão era feita por propostas de 1/5 dos membros associados, através de parecer de Comissão Especial e de decisão do Conselho Deliberativo;

4.º eram seus objetivos: a) promover o intercâmbio entre as instituições associadas (cadastros de professores e pesquisadores; realização de encontros, celebração de acordos e projetos comuns; obtenção de cooperação nacional e internacional; intercâmbio de profissionais); b) incentivar a pesquisa, pela concessão de auxílios a programas e projetos institucionais e individuais; c) assegurar o debate de temas relevantes, através de encontros anuais, promoção de simpósios, seminários e reuniões; d) divulgar estudos, pela publicação de revista especializada e associação a programas editoriais de universidades e outras editoras (CARVALHO, 2001, p.135).

Devido ao sucesso e prestígio da ANPEC, sua proposta era um modelo a ser seguido pela educação.

Assim, através da coordenação do programa de pós-graduação da área da educação, a CAPES convocou os coordenadores de cursos então integrados ao PPG/EDU para uma reunião na PUC-Rio, nos dias 19 e 20 de agosto de 1976.

A essa reunião compareceram coordenadores do mestrado da Universidade federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Fundação Getúlio Vargas / Instituto de Estudos Avançados em Educação (FGV/IESAE). Participaram também o então diretor da CAPES, professor Darcy Closs, a assessora da CAPES e coordenadora do PPG/EDU, Marilú F. Medeiros, o assessor da CAPES, Edward Kapinus e alguns professores convidados, segundo Souza e Bianchetti (2007).

Na discussão, o então diretor da CAPES ressaltou diversos fatores considerados relevantes, como ficar a cargo dos coordenadores da Pós-Graduação em economia (PG/ECO) examinarem, em suas reuniões, a alocação e divisão de bolsas pelos programas; a indicação de candidatos para bolsas de estudo no exterior; bem como desenvolverem a análise de cada Programa. Lembrou ainda, que via como vantagens, a fixação de cotas de bolsas segundo a demanda de cada curso, o autofinanciamento das reuniões da ANPEC, via recursos

institucionais. Por fim, o professor Darcy Closs instou que cada programa da PG/EDU passasse a assumir linhas definidas de pesquisa.

Em relação às pesquisas, duas ressalvas foram apresentadas por coordenadores da PG/EDU: a natureza mais acadêmica da PG/EDU, enquanto a PG/ECO se revestia de uma natureza mais profissional externa; e o caráter pretensamente mais homogêneo das pesquisas econômicas e das pesquisas educacionais.

Os coordenadores consideraram ainda as linhas de pesquisa desenvolvidas em cada programa; a consolidação de seus recursos humanos de ensino e pesquisa, através de uma política prospectiva de contratação; a vinda de professores visitantes estrangeiros; a integração do programa de bibliotecas e recursos bibliográficos; e, de forma mais ampla, o desenvolvimento de alternativas de pós-graduação *lato sensu*, a partir dos programas já existentes.

Decorrente dessa primeira reunião foi criado um grupo de trabalho constituído pelos coordenadores da PG/EDU do Grande Rio: Lyra Paixão (UFRJ), Célia Frazão Soares Linhares (UFF), Sérgio Fernandes (FGV/IESAE) e José Carmelo Carvalho (PUC-Rio), com o objetivo específico de elaborar uma minuta para os estatutos da futura Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Educação. Esse grupo contou ainda com a colaboração de Vera Candau.

Os coordenadores dos cursos de mestrado em educação do Grande Rio reuniram-se, várias vezes, entre os meados do ano de 1976 e início do ano de 1977, com o intuito da elaboração de um anteprojeto de estatuto para a ANPEd, baseando-se no estatuto da ANPEC e na ficha de inscrição do Cadastro Geral de Contribuintes (CGC) da mesma, considerando a especificidade dos programas da PG/EDU, os temas e artigos do estatuto da ANPEC.

Em apenas quatro pontos esse anteprojeto diferenciou-se do estatuto da ANPEC,

- 1.º na sugestão de estabelecer a sede oficial da Anped no Distrito Federal;
- 2.º na eliminação da bem discriminada seção sobre as formas de atuação da ANPEC, estatuto, preferindo-se não propor esta seção na minuta preparada para a ANPEd e deixar, assim, a programação da futura associação em aberto;
- 3.º para admissão de sócio, o estatuto da ANPEd rezava apenas que a admissão de sócio efetivo far-se-á por proposta de associado à Diretoria e submetida ao Conselho Deliberativo;
- 4.º na fixação das categorias de sócios, no esboço do grupo de trabalho, uma ampliação sistemática em relação à associação institucional (centros, institutos, programas e entidades autônomas de pesquisa e formação de pessoal pós-graduado) e da associação

individual (especialistas e profissionais de reconhecidos méritos), determinada pelo estatuto da ANPEC.

É neste ponto das categorias de sócios que o anteprojeto preparado para a ANPEd se liberaliza de uma institucionalização mais rígida e concomitantemente se formaliza na estratificação de níveis de *status* de poder e prestígio. Com efeito, ao propor toda uma tipologia de sócios: do honorífico título de sócio fundador àqueles que, por força de poder burocrático, implantariam a ANPEd, aos sócios efetivos (sejam as instituições filiadas, sejam os indivíduos portadores de diplomas e vinculados a instituições da PG/EDU), aos sócios beneméritos, homenageados, o grupo de trabalho optou por um formalismo, sem colocar em questão a natureza institucionalizada da futura associação.

O esboço de estatuto da ANPEd foi enviado a CAPES, no primeiro trimestre de 1977, através do coordenador de contatos com o grupo de trabalho dos mestrados do Grande Rio, Edward Kapinus. Entretanto, não ocorreu qualquer providência efetiva da CAPES para a criação da ANPEd.

Somente em março de 1978 devido a um convênio específico entre a FGV/IESAE e a CAPES, para criação da ANPEd, foi convocada uma reunião, da qual participaram efetivamente 34 representantes dos diversos programas então em funcionamento, dois representantes da UnB, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), PUC/SP, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), UFRS, UFPB, UFMG; um representante da UFC, UFPE, UFSC, UFPR, UFBA, PUC/RS; da área do Rio de Janeiro dois representantes da UFF, três da UFRJ e da PUC-Rio, mais 6 representantes do FGV/IESAE, em cuja sede estava sendo realizado o encontro nacional.

A programação da reunião incluiu exposições gerais sobre a política de pós-graduação (pelo professor Newton Sucupira) e a política de pesquisa na pós-graduação em educação (pelo professor Tarcísio Della Senta), houve relatos temáticos e metade da programação foi destinada à análise do anteprojeto de estatuto da ANPEd, inicialmente em cinco grupos de discussão e, no último dia, em sessão plenária a qual culminou a criação geral da ANPEd, definindo entre outros assuntos que a sede da associação seria onde residir seu presidente. Durante a sessão plenária também surgiram questionamentos sobre o grau de institucionalização da ANPEd como órgão atuante junto a CAPES, no desenvolvimento do Plano Nacional de Pós-Graduação em Educação.

Propugnou-se, então, que a ANPEd exercesse função instituinte, como representante da sociedade civil, ecoando mais as necessidades e interesses dos corpos docentes, discentes e de pesquisadores.

Nessa reunião foi eleita a primeira diretoria, para o período de um ano, em eleição na qual concorreram duas chapas; a eleição foi disputada voto a voto, com decisão apertada (FERRARO, 2005). Também foi elaborada a versão preliminar do estatuto da associação, cujo destaque principal foi a decisão de romper com a proposta de organização estimulada pela CAPES, congregando apenas os programas de pós-graduação.

O grupo de sócios fundadores reuniu-se novamente na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em 1978, durante o Seminário sobre a Produção Científica nos Programas de Pós-Graduação Científica em Educação: linhas de pesquisa, teses e integração docente, convocada e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quando foram discutidos e aprovados os estatutos da associação.

Seguiram-se a 1ª Reunião Anual (Fortaleza) na qual se discutiu sobre a concepção de mestrado em educação no Brasil, com a participação dos coordenadores dos mestrados e doutorados existentes, e a 2ª Reunião Anual (São Paulo, 1979), na qual foi feita uma primeira abordagem sobre o doutorado em educação (SOUSA; BIANCHETTI, 2007).

Após três anos, em 1979, já consolidada como sociedade civil independente, e entidade representativa, a Anped passa a admitir duas categorias de sócios: os institucionais, integrados pelo programas de Pós-Graduação em Educação e os sócios individuais, integrados pelos professores, pesquisadores, e estudantes de pós-graduação em educação.

A ANPEd tem um papel importante no estímulo à pesquisa. A partir dos anos de 1980 a pesquisa começou a dar referência interna à ANPEd. Na 4ª Reunião Anual (Belo Horizonte, 1981) foi decidida a organização de grupos de trabalho. Os primeiros grupos foram instituídos na 5ª Reunião Anual (Rio de Janeiro, 1982). No decorrer das reuniões subsequentes, esses grupos passaram a caracterizar-se como um dos braços fortes e produtivos da ANPEd.

Tem-se 23 Grupos de Trabalho instituídos que congregam pesquisadoras e pesquisadores em áreas específicas da educação. Na Tabela 1 estão apresentados estes grupos de trabalho.

Tabela 1: Relação de grupos de Trabalho e Estudo da Anped²

	Grupos de Trabalho	Coordenação
02	História da Educação	Marcus Levy Bencostta – UFPR
03	Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos	Geraldo Magela Pereira Leão – UFMG
04	Didática	Maria Isabel da Cunha – UNIVALI
05	Estado e Política Educacional	Maria Dilnéia Espíndola Fernandes - UFMS
06	Educação Popular	Flavio Henrique Albert Brayner – UFPE
07	GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos	Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento - USP
08	GT08 – Formação de Professores	Joana Paulin Romanowski - PUCPR/UNINTER
09	Trabalho e Educação	Sonia Maria Rummert – UFF
10	Alfabetização, Leitura e Escrita	Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo – UFSF
11	GT11 - Política da Educação Superior	Afrânio Mendes Catani – USP
12	GT12 – Currículo	Alvaro Luiz Moreira Hypolito – UFPEL
13	Educação Fundamental	Guilherme do Val Toledo Prado - UNICAMP
14	Sociologia da Educação	Maria da Graça Jacintho Setton – USP
15	Educação Especial	Maria Helena Michels – UFSC
16	Educação e Comunicação	Fabiana de Amorim Marcello – UFRGS
17	Filosofia da Educação	Pedro Angelo Pagni - UNESP/Marília
18	Educação de Pessoas Jovens e Adultas	Rosa Aparecida Pinheiro – UFRN
19	Educação Matemática	Regina Célia Grandó – USF
20	Psicologia da Educação	Marilda Goncalves Dias Facci – UEM
21	Educação e Relações Étnico-Raciais	Nilma Lino Gomes – UFMG
22	Educação ambiental	Mauro Guimarães – UFRRJ
23	Gênero, Sexualidade e Educação	Constantina Xavier Filha – UFMS
24	Educação e Arte	Márcia Maria Strazzacappa Hernández – UNICAMP

Fonte: Elaboração própria.

² Os Grupos de Trabalho da Anped foram numerados a partir do número 02 daí ter 23 grupos e não 24 conforme a numeração (ANPED, 2013).

A partir da criação dos grupos de trabalho determinou-se como objetivo:

[...] promover debates, discussões e encontros de pessoas que estejam pesquisando temas comuns ou tenham interesse nos temas do grupo. Esses Grupos de Trabalho se encontrariam por ocasião das reuniões da ANPED e em outras oportunidades que se tornarem possíveis. Para organização dos grupos serão promovidas consultas a todos os sócios da instituição. (ANPED, 1981, p. 3).

Ficou acordado que a criação destes grupos manterem-se, a princípio, como grupos de estudo por dois anos, para que posteriormente, em assembleia geral, nas reuniões anuais, sejam aprovados como grupos de trabalho e, a partir de então, ganharem assento no comitê científico, órgão que analisa os trabalhos inscritos e delibera sobre a apresentação destes nas reuniões anuais da Anped.

Um ponto que merece registro foi a tomada de consciência pelo Grupo, já na 6ª Reunião Anual da ANPED (Vitória, 1983), da existência de duas linhas de trabalho no seu interior: uma voltada para a problemática do ensino superior e outra para questões de métodos e técnicas de ensino. A partir dessa ocasião, tentou-se direcionar as discussões para questões de política de educação superior.

Na 7ª Reunião da Anped, em Brasília, no mês maio de 1984, fomentou-se uma discussão sobre a indefinição dos grupos de trabalho. Em decorrência, na Assembleia Geral dessa Reunião algumas propostas foram debatidas e aprovadas, destacando-se: “a) redefinição dos grupos de trabalho segundo uma diretriz política, que privilegiava a qualidade social e técnica e b) formalização desses grupos como um fórum de debate, tendo um mínimo de pessoas como base de sustentação” (ANPED, 1986, p. 3).

A partir da 8ª Reunião Anual, realizada na PUC-SP em 1985, a ANPED e os programas ampliaram o tempo de reuniões e o leque da pauta de trabalho. Foi sugerido pela Diretoria da ANPED aos coordenadores que elaborassem, junto aos respectivos programas, documentos que viessem a subsidiar o debate sobre o tema central da reunião. Os trabalhos apresentados nesse momento ressaltaram questões vinculadas ao cotidiano dos cursos de pós-graduação, como: impasses metodológicos da pesquisa, representatividade da produção de conhecimento na área, falta de recursos financeiros, falta de incentivo à pesquisa educacional, deficiências estruturais dos programas e falta de participação da comunidade educacional na definição da política de pesquisa (CALAZANS, 1995).

Em 1986, segundo Fávero (apud FISCHER, 2007), quando da 9ª Reunião Anual da ANPED, realizada no Rio de Janeiro, aflora o debate entre o político e o acadêmico. Outro

momento importante da atuação dos coordenadores de Pós-Graduação neste ano foi quando os coordenadores, sob o impacto da avaliação da CAPES, realizada nesse mesmo ano, discutiram seus resultados e criaram um GT composto por Menga Lüdke (PUC-Rio), Ana Maria Saul (PUC-SP) e Nicanor Palhares de Sá da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), para estudar a sistemática de avaliação e elaborar documento a ser analisado pelos coordenadores na reunião seguinte. Esse documento, intitulado Proposta e sistemática de avaliação dos cursos de pós-graduação em educação, foi discutido e aprovado pelos coordenadores presentes na 10ª Reunião Anual.

Durante a 10ª Reunião Anual, realizada em Salvador/Bahia, em 1987 esse evento procurou direcionar os trabalhos para questões referentes à Educação e à Constituinte, iniciando-se a discussão de propostas relacionadas ao capítulo da Educação na nova Carta, no que se referia à Educação Superior e a Universidade.

Os trabalhos dessa reunião centraram-se, em especial, nas questões: a Reforma Universitária; universidade e conhecimento; autonomia universitária; o público e o privado e a educação superior; avaliação da universidade; indissociação entre ensino e pesquisa.

Uma leitura dos boletins da ANPED possibilita deduzir que depois da 10ª Reunião de Salvador, alguns temas passaram a ser recorrentes nas discussões, como: funções da universidade; indissociação entre ensino e pesquisa; avaliação; autonomia universitária; governo e gestão da universidade; história das instituições universitárias; magistério e qualificação docente; produção e apropriação do conhecimento na universidade; política de educação superior.

Devido a essas preocupações, percebemos que são organizadas mesas redondas e sessões especiais por ocasião das reuniões anuais subsequentes. É o que vai ocorrer já na 11ª Reunião (Porto Alegre, 1988), onde é promovida uma mesa com a participação de GTs sobre Questões Atuais da Universidade.

Nessa reunião, a partir dos textos discutidos e como desdobramento de questões já sinalizadas em encontros anteriores, são analisados aspectos relativos à problemática, objeto de estudo do Grupo de Trabalho: concepções de instituições de ensino superior e de universidade; finalidades e funções da universidade; indissociabilidade entre ensino e pesquisa e as Instituições de Ensino Superior (IES) privadas; autonomia universitária.

O documento conclusivo da 11ª Reunião Anual (Porto Alegre, 1988) traz em sua redação: "Consolidou-se, assim, a estrutura das Reuniões Anuais, totalmente alicerçadas nos Grupos de Trabalho e nas reuniões de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação." (ANPED, 1988, p. 1).

No ano seguinte, durante a 12ª Reunião (São Paulo, 1989), foram retomados pontos levantados em outras ocasiões, procurando avançar nas discussões com vistas à elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Entre esses pontos, merecem destaque: funções e objetivos das IES e das universidades; condições e/ou exigências para uma instituição gozar do *status* de universidade; autonomia universitária e gestão democrática; avaliação das instituições de ensino superior (ANPED, 1989).

Nesta reunião, Osmar Fávero, como presidente da ANPEd, na sessão de abertura destaca como um dos pontos fortes da gestão do biênio 1985-1989 "[...] a constituição do Fórum dos Coordenadores de Programas de Pós-Graduação, que tem se reunido sistematicamente no primeiro dia dos encontros anuais." (ANPED, 1989, p. 85).

Quanto ao GTs foi discutida a sua fragilidade desencadeada pela grande rotatividade dos participantes, a tendência à dispersão, o fato de nem todos os GTs enfatizarem o caráter científico das sessões de trabalho, a dispersão e o caráter de imediatismo resultante das pressões locais. Essa análise resultou em alguns encaminhamentos como, retomar:

[...] a perspectiva científica, de análise, nos GTs; Reunião Anual teria o caráter de avaliação da produção dos pesquisadores da área. [...] Os GTs devem contemplar a apresentação de trabalhos acadêmicos de fôlego, pesquisas concluídas e enviadas com antecedência por escrito. As sessões devem evidenciar o caráter científico das atividades desenvolvidas (ANPED, 1990, p. 90-91).

O processo de avaliação dos GTs nesse encontro teve seguimento, com ampla participação de seus coordenadores, na busca da construção científica das produções e na solidificação dos grupos.

Na 13ª Reunião (Belo Horizonte, 1990), além de uma sessão especial sobre “A Pós-Graduação em Educação uma rediscussão”, da qual participaram os professores Osmar Fávero (IESAE/FGV), Luiz Antônio Cunha (UFF) e Bernadete Gatti da Fundação Carlos Chagas (FCC), foram realizadas duas sessões de comunicações de pesquisas, envolvendo oito apresentações de trabalhos (PAOLI, 1990, p. 68).

Nesse encontro foram discutidos vários pontos sobre a Reunião que culminaram em mudanças. Podemos ressaltar que além de busca da padronização e qualidade dos trabalhos apresentados nos GTs, a escolha adequada do local para realização dos encontros anuais. O local escolhido acabou sendo Caxambu, cidade que passou a sediar quase todas as reuniões anuais a contar de 1992.

A escolha pela cidade de Caxambu foi por ela apresentar as seguintes vantagens: 1- como local retirado, favoreceria o almejado caráter científico da reunião e evitaria que esta se transformasse num evento de massa; 2- favoreceria o contato e a convivência entre os participantes; 3- permitiria enorme economia de passagens aéreas, porquanto pelo menos os deslocamentos a partir de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais poderiam ser feitos por rodovia, o que possibilitaria o financiamento para participantes provindos do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

Esta reunião tornou-se também um momento fundamental para a criação do Fórum dos Coordenadores. A reunião dos coordenadores de Pós-Graduação, dirigida pelo vice-presidente Ozir Tesser, contou com a presença de representantes das agências de fomento (Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)).

O tempo foi julgado insuficiente para avançar no debate e o grupo de coordenadores considerou que essas questões deveriam ser encaminhadas pela ANPED aos programas, devendo ser agendado um encontro específico para debatê-las, com preparação prévia e presença dos coordenadores de todos os programas. A Diretoria da ANPED, ao encaminhar a proposta às agências de fomento para solicitar apoio, assim se manifestou:

O evento se justifica em vista do fato de que estamos vivendo um momento de significativas e, até certos aspectos, abruptas mudanças nos rumos da política científica e tecnológica, com reflexos diretos na política de Pós-graduação e Pesquisa. Os Coordenadores de Pós-Graduação em Educação em virtude da responsabilidade de que são acometidos, por estarem à testa dos cursos de formação de pesquisadores na área, não podiam se omitir diante da necessidade de efetuar um exame detido e sistemático do problema em pauta. Daí uma proposta dessa reunião técnica nacional, onde um assunto de tal magnitude poderá ser debatido coletivamente, somando-se com isso, as contribuições dos diferentes Programas de Pós-Graduação em Educação no País. (ANPED, 1990, p. 34).

Assim, primeira Reunião Técnica Nacional de Coordenadores de Programas foi realizada na UNICAMP, em abril de 1991, e os participantes aprovaram, ao final da reunião, o documento Política de pós-graduação e pesquisa em educação, que apresenta "conclusões, recomendações e propostas de encaminhamentos". Esse é o primeiro documento coletivo dos coordenadores de programas, a partir desse encontro que foi solicitado e preparado por eles mesmos, com o apoio da Diretoria da ANPED.

O texto, no item "Política de Pós-Graduação e pesquisa", recomenda:

A ANPED, em sua função dirigente, assumirá a formulação de uma proposta de política de pós-graduação e pesquisa em educação, articulando os programas/cursos de pós-graduação e outros associados, bem como mediará essa proposta junto aos órgãos governamentais e suas agências. Essa proposta será formulada a partir da avaliação e sistematização da experiência e da produção científica constituídas pela pós-graduação e pesquisa em educação, ao longo do processo histórico da área, levando em consideração a análise e a crítica às políticas governamentais. (ANPED, 1991, p. 49).

A inserção da pesquisa como um dos fundamentos da Pós-Graduação representou uma mudança profunda dentro do pouco de pesquisa que havia nas instituições e a partir da década de 1990, a ANPED tem procurado induzir a melhoria da qualidade da pesquisa por meio de iniciativas que possibilitem a disseminação de critérios de qualidade. Os participantes do debate destacaram frentes protagonizadas pela Associação que vêm contribuindo para a qualificação da área:

- a) Criação do Comitê Científico, decidida no Encontro de Avaliação e Planejamento realizado na PUC-SP, em novembro de 1989, passando a funcionar na preparação das reuniões anuais a partir da 13ª Reunião Anual;
- b) Promoção de sessões especiais e mesas-redondas, com a integração de vários grupos de trabalho, assim como a realização de minicursos nas reuniões anuais;
- c) Assunção e promoção de concursos de pesquisa sobre determinadas questões se constituísse em um desafio, possibilitando à ANPED ganhar experiência na explicitação de referências para julgamento de projetos de pesquisa e funcionar como agência de apoio para sua realização;
- d) Estímulo à realização dos seminários de pesquisa regionais (as anpedinhas) causou impacto positivo, criando outros espaços de formação, possibilitando que alunos de pós-graduação pudessem se deslocar mais proximamente e propiciando que fossem atendidas e respeitadas especificidades regionais;
- e) Publicação da Revista Brasileira de Educação, que, apontando para um padrão de qualidade internacional, tornou-se uma referência em todos os programas.

As decisões tomadas na reunião de 1990 surtiu efeito na 14ª Reunião Anual (São Paulo, 1991), os participantes apresentaram treze trabalhos em cinco sessões, abordando os temas: funções da universidade; políticas de avaliação da universidade; avaliação institucional; avaliação e qualidade do ensino; autonomia e gestão da universidade;

qualificação do corpo docente; a construção de uma nova universidade a partir de um projeto pedagógico (PAOLI, 1991).

A partir da 15ª, as reuniões anuais passaram a ser realizadas em Caxambu/MG, quase sempre durante o mês de setembro. Nesse ano houve um aumento expressivo de participantes da ANPEd.

Na 16ª Reunião (1993), o GT privilegiou como temática central “A Reforma Universitária 25 anos depois: a questão do poder, do saber, da produção científica”. Nessa ocasião, houve uma sessão especial, na qual foi apresentado e debatido o texto “Vinte e cinco anos de Reforma Universitária”.

De acordo com a, então, coordenadora Glaura Vasquez de Miranda (1993), o objetivo de fazer-se um balanço da Reforma Universitária, com base em um texto encomendado e com debatedores escolhidos para as sessões de exposição de trabalhos, mostrou-se bastante proveitoso e contribuiu para um aprofundamento maior das questões abordadas.

Os trabalhos e comunicações apresentados na 18ª Reunião (1995) contemplaram, entre outras, as seguintes temáticas: universidade, pesquisa e produção do conhecimento; políticas e tendências da educação superior, análise de duas realidades (Brasil e Argentina); universidade, estrutura de poder e avaliação; instituições universitárias, suas histórias e propostas.

E na 19ª Reunião Anual (1996) foram abordadas: a reforma do Estado e a educação superior; políticas do governo, criação e organização de universidades e extensão universitária.

Na 20ª Reunião Anual (1997), além dos trabalhos selecionados, houve dois encomendados: “A dimensão histórico-política da nova LDB e a educação superior”; e “A produção de conhecimento sobre educação superior no Brasil: desafios da construção/consolidação de uma rede acadêmica”.

Realizou-se também uma sessão especial sobre “Ensino Superior na América Latina: as reformas e a questão da autonomia,” organizada em conjunto com o GT Estado e Política Educacional. Dos estudos apresentados, dois (2) priorizaram a questão da autonomia universitária; um terceiro abordou os desafios da extensão e a autonomia; dois (2) trataram da universidade em outros países (Argentina e Itália) e outros três (3) discutiram as políticas de pós-graduação no Brasil e as desigualdades regionais; avaliação da e na universidade e pesquisa nas universidades emergentes (SGUISSARDI, 1997).

Durante a 21ª Reunião Anual (1998), os trabalhos do GT desdobraram-se: a) apresentação da produção, discussões e reflexões sobre questões levantadas nas sessões

especiais, trabalhos e pôsteres; b) discussão em torno do projeto integrado e financiado pelo CNPq, “A produção científica sobre educação superior no Brasil, 1968-1995: avaliação e perspectiva”; e c) avaliação e planejamento das atividades.

Durante essa reunião, os pesquisadores que integravam o projeto de pesquisa fizeram um balanço do que vinha sendo realizado e discutiram a forma e prazos para a elaboração do “estado do conhecimento” sobre o ensino, pesquisa e extensão na universidade, parte do convênio a ser firmado entre a ANPEd e o INEP, cujo produto principal deveria ser a elaboração de CDROM contendo o banco de dados do projeto de pesquisa em andamento (SGUISSARDI, 1998).

Como na reunião anterior, as atividades na 22ª Reunião Anual (1999) dividiram-se em: a) apresentação da produção e reflexões dos participantes, em sessão especial, minicurso sobre financiamento da educação superior, apresentação de trabalhos e pôsteres; b) discussão do projeto integrado; e c) avaliação e planejamento das atividades. No que tange à discussão do projeto integrado, o debate voltou-se, principalmente, para a publicação do “estado do conhecimento”.

Nessa reunião, observou-se um avanço maior em relação à anterior quanto às discussões relativas às questões da educação superior no Brasil, tanto nos aspectos de caráter geral como nos específicos.

Na 23ª Reunião (2000), a ANPEd prestou homenagem especial a Anísio Teixeira, em comemoração ao seu centenário de nascimento. Com essa homenagem, a associação mais uma vez posicionou-se na defesa da escola pública de qualidade para todos os brasileiros e contra as definições das políticas oficiais que tentam liquidar as ricas experiências que, pela sua criatividade e procura de alternativas múltiplas e variadas, buscaram e buscam superar a maneira como as elites brasileiras sempre trataram a coisa pública e contra a qual o educador homenageado se colocava em seu ensaio “Educação não é privilégio” (ANPED, 2000). Cabe lembrar que neste ano a Anped conta com 20 Grupos de Trabalho.

Na 24ª Reunião Anual (2001) as sessões de trabalho do GT focalizaram os seguintes temas: as reformas educacionais na América Latina; políticas de avaliação na educação superior no país, contradições e perspectivas; política científica no Brasil; pós-graduação e produção do conhecimento.

Na 25ª Reunião Anual, dedicada à comemoração dos 25 anos de funcionamento da ANPEd, teve como tema central “Intelectuais, conhecimento e espaço público”. Nas sessões específicas de trabalho do GT foram focalizados temas importantes e atuais, como: as reformas educacionais na América Latina; as políticas de avaliação na educação superior no

país, contradições e perspectivas; política científica no Brasil; pós-graduação e produção do conhecimento, entre outros. Vale observar que durante essa reunião os participantes do projeto integrado da pesquisa “A produção científica sobre educação superior no Brasil.”

Na 35ª Reunião Anual, ficou acordado que a 36ª Na 35ª Reunião Anual, será um marco na história da Associação, pois encerrará uma tradição de reuniões nacionais realizadas anualmente. Conforme mudança estatutária ocorrida em assembleia específica em outubro/2012, a ANPEd passará, a partir da 36ª Reunião Nacional, a realizar suas reuniões nacionais a cada dois anos, intercalada pela realização das Reuniões Regionais (Anpedinhas e EPENN).

Outro fato marcante na realização da 36ª Reunião Nacional é que ela foi realizada após 20 anos no campus de uma universidade. Nessa Reunião Nacional da ANPEd, acatando a inúmeras sugestões foi realizada no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás (UFG). A 36ª Reunião Nacional da ANPEd, portanto foi realizada em Goiânia, no Campus II da UFG, no período de 29/09 a 02/10 de 2013. Esta realização respeita a decisão em assembleia de 2010, de garantir o caráter itinerante às Reuniões Nacionais da Associação, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da pós-graduação em todas as regiões do país, possibilitando o duplo processo de interiorização e internacionalização da pesquisa em educação.

A ANPEd, como fórum de debates e divulgação do que se realiza na pós-graduação, além de promover a interlocução entre pesquisadores, é reconhecida como espaço de qualificação das produções acadêmicas, por meio do Comitê Científico, dos grupos de trabalho, do Fórum de Coordenadores, das reuniões anuais, espaços estes de exposição e diálogo sobre as pesquisas e a formação realizadas em todo o Brasil.

2.3 A criação do Grupo de Trabalho, Gênero, Sexualidade e Educação

Um marco histórico ocorreu no ano de 2003, durante a 26ª Reunião Anual da Anped no qual um grupo de pesquisadores/as, docentes e estudantes considerando a crescente demanda articulou uma proposta de criação de um Grupo de Estudos que se voltasse para as temáticas de gênero e sexualidade em articulação com o campo da educação, na Anped. Assim, o Grupo de Estudo número 23º, “Gênero, Sexualidade e Educação” começou a existir enquanto grupo oficial na 26ª Reunião da Anped em Poços de Calda/MG. (GARCIA; CALDAS; GRAZIOLI, 2004).

Com o apoio conseguido entre os participantes do encontro, a proposta foi aceita e criou-se o GE 23 “Gênero, sexualidade e educação”, constituindo-se um espaço legitimado, na mais importante associação brasileira de educação. Desse modo, a temática compôs este novo grupo e ganha vulto no cenário nacional.

Este GE é o resultado da articulação de três grupos de estudos, o Grupo de estudo interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH), vinculado a Faculdade de Educação da Unicamp, o Grupo de Estudos e Relações de Gênero: modos de “ver” e de “fazer” (GEERGE), filiado a Faculdade de Educação da UFRGS e o Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) filiado na UNESP/Araraquara.

Na 27ª Reunião Anual da Anped, no ano de 2004, Dagmar Estermann Meyer, Claudia Ribeiro e Paulo Rennes Marçal Ribeiro, integrantes do GE 23, apresentaram o trabalho encomendado: “Olhares” sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas que instituem o novo GE.

Os autores destacaram que a criação deste Grupo de Estudo, surgiu devido nos estudos de relações de gênero e sexualidade continuar a existir “[...] uma lacuna curricular no que diz respeito a essas temáticas e que elas ainda não aparecem, com muito destaque, na pauta de grandes eventos ou na agenda de revistas importantes da área de educação” (MEYER; RIBEIRO; RIBEIRO, 2004, p. 1). Reiteraram ainda que, o grupo possui uma marca determinante: uma pluralidade teórica e temática e esclarecem que as perspectivas assumidas pelos grupos de pesquisa reiteram a importância de,

[...] se questionar o quanto, e como, conhecimentos e prática educativas estão implicadas com a produção de masculinidades, feminilidades, adolescências, infâncias, sexualidades; e perguntam-se de que forma estes conhecimentos descrevem e hierarquizam sujeitos produzindo ou reforçando exclusões e desigualdades de gênero e sexualidade (MEYER; RIBEIRO; RIBEIRO, 2004, p. 12).

A intensa participação dos diferentes grupos de pesquisa sobre as temáticas, realizações de eventos com participação de instituições filiadas a Anped em diferentes estados, filiações de membros internacionais, proporcionou ao grupo, após dois anos da criação do GE 23, este apresentou na 28ª Reunião Anual da Anped, a proposta de transformar-se em Grupo de Trabalho, com aprovação nesta reunião.

Para a coordenação do novo GT 23 a Profª Drª Guacira Lopes Louro (UFRGS) e vice a Profª Drª Cláudia Maria Ribeiro, no comitê científico a Profª Drª Dagmar E. Meyer

Figura 1 - Anped-Caxambu 2005



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2 - Anped-Caxambu 2005



Fonte: Acervo da autora. Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, vice-coordenador que deixou o cargo naquele ano de 2005. Profª Drª Guacira Lopes Louro, coordenadora e Claudia Ribeiro como coordenadora do GE 23 em 2005.

A cada ano constata-se o aumento da produção acadêmica de teses, dissertações, publicações e cursos que ressaltam a sexualidade, o gênero, a educação e seus desdobramentos como foco central dessas pesquisas (GARCIA; CALDAS; GRAZIOLI, 2004).

Desse modo, as atuações dos grupos de estudos têm trazido contribuições importantes para o ensino, à pesquisa e a extensão universitária, possibilitando a consolidação e

fortalecimento de várias áreas do conhecimento, neste caso, a área da Sexualidade e da Educação Sexual, os quais se apresentam como ferramenta para esclarecer as dúvidas que surgem no cotidiano a respeito da temática, procuram disseminar essas discussões, bem como os conhecimentos e suas produções, nas universidades e no GT 23, afirmando assim a relevância da constituição desses grupos.

3 JUSTIFICATIVA

“Todo grande progresso da ciência resultou de uma nova audácia da imaginação”

John Dewey

Dentro de um projeto maior, que resgata a historicidade da sexualidade, fazemos recortes com pontos específicos que sejam referenciais na área da educação, sistematizando a produção do conhecimento em Sexualidade e Educação Sexual.

Assim, mediante as teorias citadas, entendemos que a Sexualidade é um dos fatores de grande relevância para a formação integral do ser humano. Por isso, é necessário analisar as pesquisas que contemplem a temática e que se destacam nessa área, pois são produções que se tornam ferramentas importantes para se apreender quais concepções o conhecimento científico-acadêmico possui no que se diz respeito à sexualidade humana, bem como conhecer a abrangência das produções realizadas nesse campo de conhecimento, e, ainda evidenciar as possíveis lacunas existentes.

Entendemos que as questões da sexualidade, na atualidade, são um dos assuntos que ganham espaço e, conseqüentemente, faz-se necessário analisar quais concepções são utilizadas no desenvolvimento desses trabalhos. Para isso, analisamos a historiografia dessas produções no intuito de contribuir para a evolução dos estudos da sexualidade humana.

O estudo a respeito do Estado da Arte em Sexualidade é de extrema relevância, pois é uma pesquisa cujos resultados podem contribuir no estabelecimento de políticas de intervenção e na elaboração de diretrizes e propostas para a inserção de disciplinas com caráter obrigatório nos cursos de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências, articulando-se a ações que visem propor melhoria de qualidade da formação de pesquisadores/as no que tange à temática.

Para Ferreira (2002, p. 258) o estudo Estado da Arte, tenta

[...] responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 7) afirmam que:

[...] trabalhos científicos, principalmente aqueles produzidos na academia, apresentam compreensões diversas do estado da questão. Explicitar essas compreensões e seus significados constitui preocupação [...] oriunda de debates e discussões em disciplinas e seminários de metodologia de pesquisa, bem como em sessões de orientação de monografias, dissertações ou teses. Assim, justifica-se nossa pretensão não de estabelecermos definições, mas passos para o seu entendimento e consequentemente para instrumentalizar com mais clareza o estudante/pesquisador quando da construção do seu tema.

Reforçando a ideia de fazermos um mapeamento na área da sexualidade e educação sexual, verificamos que outros autores consideram relevante este tipo de pesquisa [...] avaliar a produção científica em qualquer área do conhecimento possibilita identificar seu desenvolvimento, evolução e impacto perante a comunidade científica (SACARDO, 2008, p.24).

Diante dessas considerações, a pesquisa que contempla o Estado da Arte, sobre sexualidade e educação sexual, nos trabalhos apresentados desde a criação do GT 23 “Gênero, Sexualidade e Educação” em 2004 até o ano de 2013. Este estudo, de relevância já que é um marco teórico da historiografia da produção acadêmica sobre sexualidade e a educação sexual, podendo identificar os avanços e as lacunas da produção. Acreditamos que este gênero de trabalho possa impulsionar as pesquisas nas áreas.

4 OBJETIVOS

“O que prevemos raramente ocorre; o que menos esperamos geralmente acontece.”

Benjamin Disraeli

4.1 Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo geral descrever, organizar e sistematizar o Estado da Arte sobre Sexualidade e Educação Sexual, analisar o papel na institucionalização do conhecimento sexual e na consolidação da Educação Sexual enquanto área da ciência, pesquisa e ensino, a partir da análise da produção do Grupo de Trabalho 23 da Anped desde a sua criação (2004) até o ano de 2013.

4.2 Objetivos específicos

- ✓ Avaliar a participação da Anped na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos;
- ✓ Descrever e analisar a trajetória percorrida pelo GT 23 “Gênero, sexualidade e educação” para seu desenvolvimento e consolidação;
- ✓ Investigar o que os pesquisadores que apresentam trabalhos no GT 23 “Gênero, sexualidade e educação”, compreendem pelo trabalho de educação sexual.

Acreditamos que a pesquisa possibilite reflexões sobre as produções do Grupo de Trabalho 23 da Anped, de modo a proporcionar uma avaliação sobre a temática sexualidade e educação sexual e como têm sido abordadas nos diferentes estudos científicos em educação. A partir de um primeiro contato com esse estudo, esperamos também que os educadores e demais profissionais que lidam com a temática possam recorrer à pesquisa de acordo com o interesse de cada um.

5 METODOLOGIA

“São os passos que fazem os caminhos”.
Mário Quintana

Metodologia é entendida como o percurso utilizado para se realizar uma pesquisa por meio dos caminhos do processo científico, indagando, questionando e propondo métodos e possibilidades para obter as respostas do objeto estudado.

Podemos definir método como a maneira ou o conjunto de caminhos e normas que serão utilizadas na pesquisa ou ainda na investigação científica. Geralmente, ele é utilizado para coletar dados e obter resultados confiáveis.

De acordo com Rampazzo (2005, p. 13) “[...] método é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim. E metodologia (do grego *methodos* + *logia*) significa o ‘estudo do método’”.

Minayo (1994) esclarece que metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade e que ocupa um lugar central no interior das teorias.

A metodologia descreve os métodos e é a forma como se deve proceder em uma pesquisa científica. São vários tipos de metodologias que podem ser empregados em um trabalho científico, como a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, experimental, pesquisa de campo, entre outras. Cada uma delas contém métodos específicos para se utilizar no desenvolvimento de uma pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Desta forma, todo trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com as normas que acompanham cada método.

5.1 O Estado da Arte como opção metodológica

Este estudo trabalhou com um estilo exploratório qualitativo, mediatizado por uma pesquisa de caráter bibliográfico, por meio da elaboração do Estado da Arte que é um estudo bibliográfico, entendido como o ato de investigar e de buscar informações sobre determinado assunto por meio de um levantamento realizado em base de dados, com o objetivo de detectar o que existe de produção em uma determinada área de conhecimento.

Para Figueiró (1996, p. 51), “Elaborar o Estado da Arte de alguma área do conhecimento significa fazer o levantamento, a sistematização e avaliação do conhecimento produzido nessa área, podendo constituir-se numa contribuição ao avanço da ciência.”

O referencial da pesquisa bibliográfica entendida como Estado da Arte é um trabalho de caráter detalhado e descritivo, visto que se trata de uma pesquisa de levantamento e avaliação do conhecimento sobre tema específico, o qual, no caso desse projeto, trata-se da temática da sexualidade e educação sexual.

Luna (2002, p. 82-83) alude que o Estado da Arte possui como objetivo a descrição

[...] do estado atual de uma determinada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos. Entre as razões que tomam importantes estudos com esse objetivo, deve-se lembrar que eles constituem uma excelente fonte de atualização para pesquisadores fora da área na qual se realiza o estudo na medida em que condensam os pontos importantes do problema em questão.

Soares e Maciel (2000, p. 6) destacam a relevância de estudos dessa natureza ao permitir o resgate da construção científica de determinada área

[...] da mesma forma que a ciência se vai construindo ao longo do tempo, privilegiando ora um aspecto ora outro, ora uma metodologia ora outra, ora um referencial teórico ora outro, também a análise, em pesquisas de ou “estado do conhecimento” produzidas ao longo do tempo, deve ir sendo paralelamente construída, identificando e explicitando os caminhos da ciência, para que se revele o processo de construção do conhecimento sobre determinado tema, para que se possa tentar a integração de resultados e também, identificar duplicações, contradições e, sobretudo, lacunas, isto é, aspectos não estudados ou ainda precariamente estudados, [e] metodologias de pesquisa pouco exploradas.

Assim, o estudo do Estado da Arte foi realizado a partir de uma revisão das pesquisas apresentadas no GT23 da Anped.

Lüdke (1984, p. 80) afirma que esse tipo de metodologia permite constituir “[...] um marco histórico [...]” de uma área de conhecimento, possibilitando verificar sua evolução.

Megid Neto (1999, p. 24), esclarece que esse tipo de trabalho possibilita a

Identificação, [...] a seleção e classificação dos documentos segundo critérios e categorias estabelecidas em conformidade com os interesses e objetivos do pesquisador, na descrição e análise das características e tendências do material e na avaliação dos seus principais resultados, contribuições e lacunas.

Soares (1989) afirma que as pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento, denominada de Estado da Arte, são recentes no Brasil e de grande importância, porquanto pesquisas desse tipo podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema. Salienta, ainda, a autora que estudos desta natureza são necessários no processo de evolução da ciência, na busca de ordenar periodicamente as informações e resultados já conhecidos. Este processo favorece a organização de diferentes perspectivas investigadas, os estudos realizados, as lacunas e as contradições existentes em uma determinada área do conhecimento.

Para Messina (1998, p. 1),

[...] um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática.

Segundo Ferreira (2002, p. 258), as pesquisas denominadas “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, nos últimos anos, no Brasil, apresentam em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrados e teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.

Portanto, o “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento” resulta da realização de levantamentos ou de um mapeamento do que se produz sobre um determinado assunto a partir de pesquisas realizadas em uma determinada área e em um tempo determinado.

5.2 Percorso metodológico

Para contextualizar esta pesquisa, nos anos que antecederam a criação do GT 23, recorreremos ao trabalho de Ferreira e Nunes (2010) que analisa os trabalhos apresentados no GT 23 em cada reunião anual da Anped ocorridas desde o ano de 2000 até o ano de 2006, o qual utilizamos os dados apenas até o ano de 2003, posteriormente, fizemos o nosso levantamento ano a ano de 2004 a 2013. Portanto, essa pesquisa envolve a análise de 190

trabalhos apresentados pelo GT 23 da Anped no período de 2004 a 2013, referentes às reuniões anuais 27^a a 36^a desta associação. Os trabalhos foram coletados no *site* do GT 23 da Anped que disponibiliza os trabalhos em arquivos *word* e *pdf*, classificados em cada reunião anual em que foram apresentados.

Ferreira e Nunes (2010), fizeram um levantamento na internet no *site* da Anped, buscando todas as produções apresentadas a partir do ano de 2000 a 2006. A partir dessa data foi possível inventariar a quantidade de trabalhos que tratavam da temática sexualidade e gênero em vários GT. Buscamos apenas quantificar essas produções, exemplificar que esses trabalhos eram apresentados de forma aleatória nesse evento em diferentes GT.

De acordo com Ferreira e Nunes (2010) as pesquisas concernentes a temática gênero e sexualidade, os estudos de alguns grupos vêm se sobressaindo, especialmente no GT 2 (História da Educação). Nas Reuniões correspondentes ao período 2000-2003, 25,8% da produção sobre gênero deu-se no interior deste grupo (16 textos, num total de 62).

Nesse mesmo período citados os GT 6 (Educação Popular), 7 (Educação da Criança de 0 a 6 anos) e 16 (Educação e Comunicação) tiveram todos 6 trabalhos, seguidos pelo GT 13 (Educação Fundamental), com 5 trabalhos, e pelos GT 3 (Movimentos Sociais e Educação) e 21 (Afro-brasileiros e Educação), com 4 textos cada. Destes, podemos destacar o GT 6, por contar com trabalhos em cada um dos 4 anos examinados, e o GT 21, com 4 trabalhos em apenas 2 anos de existência, conforme demonstrado no quadro 1 a seguir.

Quadro 1- Trabalhos com temáticas relacionadas a gênero e/ou sexualidades por GT- 23^a à 26^a Reunião da ANPEd (2000-2003)

GT	23 ^a (2000)	24 ^a (2001)	25 ^a (2002)	26 ^a (2003)	Total
2	6	4	1	5	16
3	2	0	1	1	4
4	0	0	0	0	0
5	0	0	0	0	0
6	1	1	3	1	6
7	1	3	2	0	6
8	0	2	0	0	2
9	0	0	0	0	0
10	0	0	1	0	1
11	0	0	0	0	0
12	0	0	0	2	2
13	1	3	1	0	5
14	1	1	0	1	3
15	0	1	0	0	1
16	0	3	2	1	6
17	0	0	0	0	0

18	2	0	1	0	3
19	0	0	0	0	0
20	0	0	0	1	1
21	-	-	3	1	4
22	-	-	-	0	0
Total	14	18	15	13	57

Fonte: Elaborado pela autora baseado nos dados de Ferreira e Nunes (2010).

Sendo: GT 2 - História da Educação; GT 3 - Movimentos Sociais e Educação; GT 4 - Didática; GT 5 - Estado e Política Educacional; GT 6 - Educação Popular; GT 7 - Educação da Criança de 0 a 6 anos; GT 8 - Formação de Professores; GT 9 - Trabalho e Educação; GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita; GT 11 - Política de Educação Superior; GT 12 - Currículo; GT 13 - Educação Fundamental; GT 14 - Sociologia da Educação; GT 15 - Educação Especial; GT 16 - Educação e Comunicação; GT 17 - Filosofia da Educação; GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas; GT 19 - Educação Matemática; GT 20 - Psicologia da Educação; GT 21 - Afro-brasileiros e Educação; GT 22 - Educação Ambiental.

Para o mapeamento das produções do ano de 2000 a 2004, Ferreira e Nunes (2010) examinaram todos os textos publicados na página da internet em cada Reunião, isto é, procuraram, dentre as categorias de trabalhos encomendados, minicursos, sessões especiais, sessões conversas, colóquios ANPEd / Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), trabalhos e *pôsteres* apresentados nos GTs e GEs, aqueles que fizeram alguma referência a sexualidade e ao gênero. Os trabalhos apresentados nos GEs e GTs referente a essas temáticas tratavam mais sobre a feminilização do magistério e sobre a situação da mulher. Um dado importante trazido por Ferreira e Nunes (2010) é que a Anped passou a valorizar mais as temáticas gênero e sexualidades a partir da criação do GE 23.

A partir do ano de 2004, contamos com a criação do GE 23 (posteriormente GT), e desde este momento passamos a analisar as produções dos trabalhos relativos às temáticas “Gênero, sexualidade e educação”. De forma mais ampla, esta pesquisa busca formas de facilitar aos docentes, Pós-Graduandos e demais profissionais o acesso sistematizado às pesquisas realizadas e conhecimentos que possibilitem a formação para atuação nesta área, recriando novas possibilidades para uma formação eficaz.

A seguir apresentamos a quantidade de trabalhos apresentados no GT 23 a cada ano.

Quadro 2 - Quantidade de trabalho apresentado no GT 23 “Gênero, sexualidade e educação”

GE/GT	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
23	19	23	21	18	16	16	18	15	22	21	189

Fonte: Elaborado pela autora.

A leitura, de todas as produções acadêmicas coletadas, iniciou-se na íntegra dos 189 trabalhos apresentados em cada reunião anual e os pontos considerados relevantes anotados, bem como a realização de um fichamento evidenciando os seguintes achados de cada trabalho:

- a) Identificação do trabalho: título do trabalho;
- b) Identificação da autoria: nome/s da/s pessoa/s que realizaram a pesquisa;
- c) Identificação da metodologia: qual a metodologia utilizada em cada pesquisa;
- d) Identificação da instituição a que pertence o/a autor/a: universidades;
- e) Identificação do tipo de apresentação: comunicação ou *pôster*;
- f) Identificação das palavras-chave de cada trabalho.

Posteriormente, por meio da análise de conteúdo e modalidade temática (BARDIN, 1977), criamos categorias e subcategorias nos baseando nos resultados encontrados nas produções apresentadas no GT 23 da Anped.

Realizamos um levantamento bibliográfico sobre a literatura pertinente ao tema, principalmente por meio de livros, artigos científicos, dissertações e teses, bem como nas produções pesquisadas.

Segundo esclarecimentos de Gil (2002, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Corroborando, Lakatos e Marconi (2003, p.183) ressaltam que “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito [...]”.

Desta forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema com um enfoque ou abordagem que possibilitam considerações inovadoras. A pesquisa bibliográfica consiste, portanto, no exame desse material já elaborado para levantamento e posterior análise do que já fora produzido sobre o tema, contribuindo para evidenciar possíveis lacunas existentes em uma determinada área de conhecimento. Nesse sentido, a metodologia Estado da Arte possibilitará analisar o material pesquisado na busca de responder aos objetivos traçados.

Em uma pesquisa, o levantamento é uma revisão do conhecimento produzido sobre o tema, e é um passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos trabalhos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento.

5.3 Análise de dados

Empregamos a análise da abordagem qualitativa aos dados, mediante a leitura dos resumos e dos resultados das produções acadêmicas apresentadas no GT 23 da ANPEd e Ano Base de 2004 a 2013. Assim foi possível Identificar o tema principal de cada produção acadêmica, a abordagem teórica e metodológica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, e posteriormente analisarmos o material encontrado.

A análise dos dados obtidos no material pesquisado se efetivou por categorização, cuja fundamentação teórica será a Análise de Conteúdo Temática, conforme explica Bardin (1977, p. 42)

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição dos conteúdos das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens [...].

Dentre as várias técnicas desenvolvidas na análise de conteúdo, a análise temática, utilizada no presente estudo, é a técnica de categorias, segundo reagrupamentos analógicos. A análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977) permitiu identificar os núcleos de sentido que integram a comunicação e a inferência de categorias e subcategorias possibilitando uma análise dos “significados”.

Para Vilelas (2009, p. 340) “As categorias devem surgir quer do documento que é objeto de análise, quer de um certo conhecimento geral da área ou atividade na qual ele se insere.”

Laville e Dione (1999, p. 222) apresentam três maneiras de definir categorias em função de suas intenções, de seus objetivos e também de seu conhecimento da área em estudo pode na verdade abordar a análise de maneira aberta, fechada ou mista.

Seguindo o *modelo aberto*, as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise.

No *modelo fechado*, em contrapartida, o pesquisador decide a priori categorias, apoiando-se em um ponto de vista teórico que se propõe o mais frequentemente submeter a prova da realidade.

O *modelo misto* situa-se entre os dois, servindo-se dos dois modelos precedentes: categorias são selecionadas no início, mas o pesquisador se permite modifica-las em função do que a análise aportara.

Nesta pesquisa optamos por utilizar o modelo aberto que permite identificar categorias no universo pesquisado.

Para uma análise mais aprofundada, foram feitas várias leituras flutuantes com o intuito de deixar emergir as impressões e orientações contidas nos achados das produções acadêmico-científicas. Dessa maneira, a análise de conteúdo desenvolve-se em torno do corpo teórico e se utiliza de técnica, superando o caráter do senso comum, como também o subjetivismo na interpretação dos dados (GONINI, 2006). Portanto, a análise temática verifica as palavras e imagens das mensagens obtidas nos instrumentos de coleta de dados.

No material analisado, identificamos elementos significativos que apareceram nas análises das modalidades de apresentação oral e *pôsteres*.

Ludke e André (1986, p. 48, grifo do autor) lembram que “é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”.

Realizamos uma análise dos resultados obtidos nas produções, pois, como explica Bardin (1977), o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados.

A análise temática, é uma das características da análise de conteúdo, foi utilizada e consiste em identificar temas que apareceram com frequência ou não no material analisado, podendo significar algo importante a ser discutido.

O tema é

Uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) para diversos temas [...]. (BARDIN, 1977, p. 105).

A autora pontua que a análise de conteúdo é um processo dedutivo ou inferencial que parte de índices ou indicadores, em busca do sentido que se encontra em segundo plano.

A partir da análise surgem vários recortes que propiciam a caracterização do material. Posteriormente realizem-se as análises temáticas, ou seja, a construção e significações atribuídas para cada termo com base nos temas geradores extraídos do material analisado e que será relacionado com os referenciais teórico-práticos pertinentes às temáticas sexualidade, educação sexual.

Pretendemos entrar a singularidade do *corpus* documental, habitá-lo e compreendê-lo, ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade, com vistas a captar, elencar, descrever, e interpretar indicadores teórico-práticos das temáticas que cada trabalho apresenta a partir da criação do GE/GT específico sobre “Gênero, sexualidade e educação”.

6 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS REUNIÕES DO GT 23

"No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra gente. Não se queira."

Guimarães Rosa

6.1 Análise dos trabalhos da Anped

Neste momento passamos a realizar uma análise descritiva dos trabalhos da Anped na 27ª RA, no ano de 2004, um marco na história da sistematização das discussões das temáticas gênero, sexualidade e educação e na sequência as demais RA até a 36ª no ano de 2012.

Neste ano de 2004 GE 23 contou com um trabalho encomendado, 13 trabalhos apresentados, 5 pôsteres e um minicurso. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GE 23, nas reuniões anuais da Anped, no período supracitado.

RA 27ª - Sociedade, Democracia e Educação: qual universidade?

Quadro 3 - Produções do Ano de 2004

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
“Olhares” sobre algumas perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G.E.	Dagmar E. E. Meyer; Claudia Ribeiro e Paulo R. M. Ribeiro Trabalho encomendado	Qualitativa/ Documental	UFRGS UNICAMP UNESP	Comunicação oral (Trabalho encomendado)	Não Consta
A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional	Helena Altimann	Pesquisa qualitativa/ quantitativa utilizando questionário	PUC-Rio	Comunicação oral	Educação sexual, adolescência, gravidez.
Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação	Daniela Audd	Qualitativa Etnográfica	Feusp	Comunicação oral	Relações de gênero, práticas escolares, sociologia da educação

Masculinidades e feminilidades: implicações para fracasso/sucesso de meninos e meninas nas séries iniciais	Rosemeire dos Santos Brito	Qualitativa Entrevista com alunos, professoras e pais	USP-Fundação Ford	Comunicação oral	Fracasso escolar, masculinidades feminilidades.
Sexualidade, gênero e saúde reprodutiva- elementos para uma nova proposta em orientação sexual	Tania Ribeiro Catharino	Qualitativa/ História oral	UERJ	Comunicação oral	Orientação Sexual, Saúde reprodutiva, oficinas de educação e saúde.
O saber autorizado-voz e voto para ensinar sobre o corpo	Mirian Dolores Baldo Dazzi	Qualitativa/ Entrevista	Unisinos	Comunicação oral	Corpo, educação e identidade do professor.
Representações sobre relações de gênero entre sindicalistas do CPRS/Sindicato	Márcia Ondina VieiraFerreira	Qualitativa/ Entrevista	FaE/UFPel	Comunicação oral	Docência e relações de gênero, trabalho docente, sindicalismo docente.
Gênero e futebol feminino: preconceitos mitos sexismo na prática discursiva de docentes da educação física.	Lígia Luis de Freitas	Qualitativa/ Análise de programas de TV	PMJP	Comunicação oral	Futebol feminino, gênero, discurso.
Historia do magistério: experiências masculinas na carreira administrativa no estado de São Paulo (1959-1980)	Daiane Antunes Vieira	Qualitativa/ Questionários, entrevistas, análises documentais e da legislação vigente à época.	FEUSP	Comunicação oral	Representações sociais, relações de gênero, masculinidades.
Um silêncio desconcertante: a homossexualidade	Luiz Ramires Neto	Qualitativa/ Bibliográfico	USP	Comunicação oral	Não consta

permanece invisível na escola					
Educar para a sexualidade normal.	Ruth Saba	Qualitativa/ Análise de filmes infantis	Centro Universitário Feevale	Pôster	
A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.	Cláudia Amaral dos Santos	Qualitativa/ Análise de revistas (Pais e filhos, Crescer em família, Meu nenê e família)	PPGEDU/UFRGS	Pôster	Normalização, sexualidade, currículo cultural.
Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades.	Vera Helena Ferraz de Siqueira	Qualitativa/ Observação e análise de textos	UFRJ	Pôster	Gênero e sexualidade, estudos culturais, subjetividade.
A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente.	Fábio Vasconcelos; Maria Celeste de Moura Andrade	Qualitativa/ Análise bibliográfica e documental	UNIARAXÁ / UNIUBE	Pôster	Gênero, identidade, discurso.
A busca do espaço com bordado.	Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das Chagas	Qualitativa/ Observação	UERJ	Pôster	Gênero, educação, tática.
Gênero e sexualidade no espaço escolar.	Marília Gabriela de Souza Ferreira e Érica Cordeiro de Araújo	Qualitativa/ Bibliográfica	UERJ	Pôster	Orientação sexual, parâmetros curriculares, juventude.
Orientação sexual no limiar do século XXI: propostas para o 1º ciclo de ensino fundamental	Camila José Galindo	Qualitativa/ Entrevistas e perguntas-dúvidas	Unesp/Nusex	Pôster	Escola, orientação sexual, capacitação
Sexualidade e cotidiano escolar	Nilton Poletto Pimentel	Qualitativa/ Observações de campo e entrevistas semi-estruturadas	PPGE/UFF	Pôster	Não consta

Significados de gênero no cotidiano escolar de uma escola pública municipal de São Paulo	Edna de Oliveira Telles	Qualitativa/ Etnografia escolar	USP	Pôster	Educação, gênero, diversidade.
--	-------------------------	------------------------------------	-----	--------	--------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste citado ano houve a apresentação de doze (12) trabalhos de comunicação, um (1) trabalho encomendado e cinco (5) *pôsteres*, todas as pesquisas foram de cunho qualitativo e apenas uma mesclava a pesquisa qualitativa com a quantitativa. Um dado que chamou atenção é que a maioria das pesquisas foram desenvolvidas por mulheres.

Notamos que a partir dessa data, as investigações das produções mudaram um pouco seu foco em relação aos temas pesquisados nos anos que antecederam a criação do GE (2000-2003), pois a maioria dos trabalhos tratava da feminilização do magistério e sobre a história das mulheres, agora passa a pesquisar também outros temas como sexualidade adolescente e infantil, gênero, o posicionamento da escola e dos professores em relação à orientação sexual, entre outros.

Em nossa análise, através da leitura dos trabalhos apresentados no GE 23 no ano de 2004, foi possível identificar que as pesquisas estão mais relacionadas a temática gênero e seus desdobramentos, aparecendo também estudos que discutem sobre a sexualidade/gravidez na adolescência, orientação sexual e Aids.

A metodologia das pesquisas é diversificada, utilizam os estudos bibliográficos/documental e pesquisa empírica.

“Olhares” sobre algumas perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G.E. discorreu sobre a criação de um espaço legítimo e formal para a discussão das temáticas gênero e sexualidade no contexto da Anped, o trabalho citou os grupos GEISH, GEERGE e o NUSEX que pesquisam, desenvolvem projetos, estudam a temática e os questionamentos pertinentes aos assuntos.

O texto conclui essas discussões, reconhece que há uma amplitude de divisões sociais, que provoca lutas e solidariedades bastante distintas, muito instáveis e provisórias. O que os referenciais teóricos metodológicos apontam é que, quando se dispõe a discutir a produção de diferenças e desigualdades de gênero e sexualidade, também se está, de alguma forma, fazendo uma analítica de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos

como diferentes, tanto em função do corpo e de seu sexo, quanto em função de articulações de gênero e sexualidade com raça, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, entre outros. Isso demanda intervenções políticas e sociais que devem ser feitas e que podem ser apoiadas e alimentadas por redes como o G.E.

O trabalho intitulado **A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional** analisa como a conduta sexual dos indivíduos e da população tornou-se objeto de análise e de diferentes intervenções para evitar que ocorra a gravidez entre adolescentes. Como método para coleta de dados a autora baseou-se na pesquisa etnográfica e entrevistas com estudantes e professores (as) da 7ª série do ensino fundamental.

O estudo objetivou refletir sobre a sexualidade adolescente, em especial, a gravidez. Os resultados obtidos identificaram que existe uma preocupação muito grande com a criança e a questão da gravidez na adolescência. Período este de transformações e riscos. O trabalho concluiu assegurando que a escola é um dispositivo social que atinge um grande contingente de jovens, torna-se local privilegiado para expansão da educação sexual.

O trabalho intitulado **Sexualidade, gênero e saúde reprodutiva-elementos para uma nova proposta em orientação sexual**, investiga a gravidez na adolescência e suas possíveis causas. A pesquisa além do levantamento bibliográfico e documental, coletou dados através da técnica história oral com adolescentes que engravidaram na faixa etária de 10 a 14 anos, das 2ª, 3ª e 4ª série do ensino fundamental. Os resultados apontaram que são vários os indicadores que levam a adolescente engravidar e que merecem ser investigados, como por exemplo, os ganhos secundários que a gravidez proporciona, a gravidez como chance de mudar o seu futuro e a própria situação cultural em relação ao gênero. Neste estudo a imagem do adolescente aparece como transgressor e da adolescente aparece associada a sexualidade/maternidade. O estudo apontou também a escola como local ideal para trabalhar a orientação sexual.

O trabalho **Gênero e sexualidade no espaço escolar-considerações sobre a Orientação sexual**, primeiramente propôs trabalhar com ação socioeducativa no espaço escolar. Para isso, utilizou oficinas para apreender como se desenvolve o trabalho de orientação sexual na escola e, a partir daí tecer algumas considerações sobre a sexualidade e saúde reprodutiva de adolescentes do segundo ano do ensino médio.

As conclusões mostraram que os adolescentes carecem de disciplina específica sobre a sexualidade, que as características sociais do gênero são muito fortes no grupo, e que mesmo sabendo como se prevenirem, nesse grupo, o risco ainda é estimulado e parece estar relacionado à sexualidade e a saúde reprodutiva. Constatou-se também que os adolescentes

elegem a escola como espaço privilegiado de liberdade. A autora culmina dizendo que pelo fato dos alunos (nas) elegerem a escola como espaço privilegiado de vivências e experiências, também é o local adequado para a implantação de projetos que contemplem o trabalho de sexualidade com os adolescentes.

Outro trabalho **Orientação sexual no limiar do século XXI: proposta para o 1º ciclo do Ensino fundamental** discute a questão da inserção e implementação da orientação sexual na escola. A coleta de dados se deu com a técnica de entrevistas com os agentes educativos e perguntas dúbidas com os alunos(as) de 4ª série. Os resultados demonstraram que a escola tem muita dificuldade em lidar com o projeto de orientação sexual na escola e se negou a desenvolver projetos que abordavam essas questões.

O saber autorizado-voz e voto para ensinar sobre o corpo, trata da análise de programas de televisão que abordam a questão da sexualidade no sentido da “prevenção” de doenças, em particular a Aids. A autora faz uma reflexão em relação às chamadas pontuais para esse tipo de trabalho e o lugar que a escola ocupa nesse cenário, pois os programas convidam pessoas de diferentes profissões para falar da Aids buscando conquistar o público jovem e “educá-los” na questão da prevenção. Porém, o que se percebe nessa pesquisa é que os professores e a escola não tem “voz”, quando deveriam ter, pois uma educação sexual nessa instituição seria o caminho mais certo para haver discussão e espaço de reflexão para os jovens aprenderem a lidar com a Aids de forma efetiva.

Nesses trabalhos, percebemos que as investigações apontam para a questão da gravidez na adolescência, a prevenção das DSTs e Aids e a posição da escola em relação a essas questões, mostrando que é exatamente a escola o local apropriado para se debater e refletir sobre essas questões, principalmente por ela ter o subsídio dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Já no trabalho **Educar para a sexualidade normal**, a autora considerou a importância que os discursos da normalidade ocupam no campo da Educação e problematizou a afirmação recorrente de que a heterossexualidade é uma condição natural. Comenta ainda, que apenas instituições políticas e sociais tornam-se importantes na configuração da heteronormatividade; os meios de comunicação de massa, os artefatos culturais também fazem altos investimentos nessa direção.

A autora utilizou os filmes infantis por serem estes, a pequena parte desses artefatos, mas eficientes o bastante para reafirmar a heterossexualidade como a sexualidade normativa. A autora buscou olhar para as formas como a sexualidade é normalizada nos filmes infantis, para a forma como se opera a normalização nas narrativas, sem esquecer que o processo de

normalização é inseparável do processo de abjeção, ou seja, do sujo, pecaminoso, vulgar, entre outros.

A pesquisa demonstra que ao representar reiteradamente um tipo de sexualidade e de gênero como normativo, os filmes infantis estão excluindo, simultaneamente, outras sexualidades e outras formas de viver os gêneros.

Os trabalhos que comentaremos a seguir trataram das discussões acerca do gênero e seus desdobramentos, assim o texto **Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de coeducação**, buscou conhecer as relações de gênero nas práticas escolares, a autora comenta que a maioria das pesquisas educacionais ignora que a escola se constrói determinando e sendo determinada pelas relações de gênero. Comenta ainda que os estudos referente ao gênero, parece não considerar o sexo dos participantes do cotidiano escolar e os significados de gênero em seu cotidiano.

Essa pesquisa comprovou que embora as escolas brasileiras sejam mistas, adotam práticas e que e isso seja uma das premissas da existência da coeducação, a mistura dos sexos não enseja “naturalmente” práticas e políticas públicas coeducativas. A comprovação dessa ideia pode tanto ser parte da análise das desigualdades de gênero nas práticas escolares quanto pode motivar práticas, ações e diretrizes de políticas públicas promotoras da transformação da realidade escolar.

O trabalho **Masculinidades e feminilidades: implicações para o fracasso/sucesso escolar de meninos e meninas nas séries iniciais**, trabalhou com alunos(as) de quatro famílias dos alunos (as) e professora. O estudo constatou que a professora da turma pesquisada, sem saber reproduz modelos de feminino e masculino, pois as meninas apresentam menos dificuldades no processo de escolarização por serem socializadas para a passividade e a obediência. Os meninos por sua vez, são educados para serem assertivos e com isso se tornam resistentes à disciplina escolar.

Porém, com a análise, a autora constata que existem modelos plurais de feminidade e masculinidade no espaço escolar, e que estes ocasionam diferentes implicações para o sucesso na escola e não são determinantes para o fracasso ou sucesso dos alunos e alunas.

A pesquisa **Um silêncio desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola**, tentou compreender como a homossexualidade, enquanto prática associada a sujeitos sociais definíveis se produz e reproduz no ambiente escolar.

A pesquisa discutiu sobre a dominação masculina e a escassez de estudos referente à posição ocupada pelo homossexual na sociedade e como a identidade deste vem sendo tratada e construída na escola, pois essa instituição preserva em suas práticas modelos masculinos e

femininos dominantes, e contribuem para que se desenvolva a estigmatização do homossexual.

A pesquisa **Sexualidade e cotidiano escolar** buscou analisar as estratégias que jovens *gays* do ensino médio, recorrem para fugir as normas morais instituídas e vivenciadas no espaço escolar. O estudo mostrou que a escola em seu cotidiano se mostra como um campo de jogos por poder, que utilizam o discurso sobre ética, moral e bons costumes.

Os jovens *gays* sofrem constrangimento/humilhação por fugirem do considerado “normal”. O autor adverte que a escola se posiciona de maneira a não querer que os jovens *gays* ganhem notoriedade através de suas expressões e que ainda há muito que discutir para superar os preconceitos e tratar a todos com respeito, pois a escola não está excluída da sociedade, mas faz parte dela. Portanto convive, produz e reproduz valores, tabus e preconceitos que podem acarretar danos emocionais e psicológicos em seus alunos (as).

Significados no cotidiano escolar de uma escola pública municipal de São Paulo buscou desvendar os diversos significados de gênero em uma escola municipal da cidade de São Paulo através de pesquisa etnográfica. A autora percebeu que o gênero nesse universo é muito complexo, mas com predominância da masculinidade que é expressa através da violência e opostamente está à feminilidade hegemônica em que a mulher é vista como sensível, delicada, frágil entre outras. A escola adota a coeducação, mas na prática separam as meninas dos meninos. A professora da sala em sua fala com os alunos (as) reforça as características descritas anteriormente, que são modelos em nossa sociedade. A autora propõe que a discussão sobre a temática adentre o espaço escolar partindo da desconstrução do gênero pelos professores e que todos se libertem das amarras criadas no cotidiano escolar.

Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física, destaca que o futebol feminino vem sendo deixado às margens da história desse esporte. O estudo se deu com professoras (es) alunas, pai, mãe, alunos e juiz, pessoas que organizaram e participaram da VI Copa de Futebol Infantil das escolas municipais de João Pessoa.

O cânone, no registro do futebol brasileiro, aparece desde os primeiros escritos e, mesmo tendo participação e influência na história do esporte, a presença das mulheres não foi devidamente registrada, ou melhor, elas aparecem apenas como complemento da paisagem, como objeto, acessório do futebol, situação preliminar.

O pensamento médico-higienista difundido e reproduzido pela educação física, durante muito tempo, parece ainda influenciar na atuação de alguns profissionais que ainda acreditam em práticas apropriadas para meninos e meninas, homens e mulheres. O estudo

revelou que os professores estão calcados na ideia de fragilidade da mulher e na coragem dos homens, daí eles mesmo não acreditam no bom êxito das meninas no futebol. Alegam o problema da violência em quadra, coisa inaceitável para as meninas e natural para os meninos. Assim, devido aos valores e mitos, os professores de educação física consideram o futebol uma atividade exclusiva aos meninos.

Representações sobre relações de gênero entre sindicalistas do CPERS/Sindicato, essa pesquisa principal propósito foi investigar a participação de homens e mulheres num sindicato que congrega docentes, especialistas e servidores/as técnico-administrativos/as, no âmbito do ensino básico público do Rio Grande do Sul: o Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CPERS/SINDICATO). O estudo feito com 6 docentes e 1 funcionária, demonstrou que todas as mulheres afirmaram que sua militância começa no CPERS, sendo sua ligação partidária mais “frouxa”, enquanto os homens apresentam uma experiência – e/ou uma narrativa – mais enfática, relacionando partidos e demais atividades de participação político-social de maneira global, com justificativas mais causais do que casuais.

A pesquisa demonstrou que os homens quando solicitados a falarem de suas trajetórias no sindicato, demonstram que suas carreiras são consideradas como algo natural. As mulheres, em suas narrativas, demonstram que a família que as estimularam e apoiaram para o cargo. Quanto ao gênero, ambos negaram que haja alguma diferença, o que a pesquisadora percebeu é que os participantes evitaram falar do assunto, demonstrando que deve haver uma discriminação velada no ambiente de trabalho.

História do magistério: experiências masculinas na carreira administrativa no estado de São Paulo (1950-1980), a proposta desse trabalho foi a de desenvolver uma investigação voltada às experiências de homens que fizeram suas carreiras no magistério público do estado de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1980, exercendo, sobretudo as funções administrativas. Ao trabalhar com seus testemunhos orais, 158 participantes, a autora buscou conhecer suas experiências de vida profissional e, explicitar suas percepções sobre o magistério e sobre si mesmos, enquanto profissionais, de modo que se pudesse identificar suas representações a propósito das relações de gênero na profissão.

O que a autora pretendeu buscar com isso foi uma melhor compreensão das mudanças ocorridas na carreira do magistério ao longo dos anos, com base na análise das percepções que esses professores manifestaram sobre suas trajetórias profissionais e, de uma maneira mais ampla, oferecer novos dados para um melhor entendimento do processo de feminização da profissão docente no estado de São Paulo.

O estudo possibilitou conhecer que praticamente todos os participantes tiveram a percepção positiva sobre si mesmos como profissionais da educação. Alguns afirmando que se fosse necessário escolheriam a mesma profissão e outros demonstrando que se sentiram satisfeitos com o magistério, mas que não voltariam a exercê-lo.

Ao atentar para a percepção que tiveram, ao assumir cargos administrativos, constatou-se que nem todos apreciaram ocupar os postos mais altos da carreira, principalmente em razão das interferências políticas que os impediam de tomar iniciativas próprias e decisões sobre o seu trabalho. Porém, o mais importante é que todos eles mostraram a convicção de terem exercido uma profissão socialmente relevante e que nela se sentiram valorizados, realizados e reconhecidos. Um dado interessante que chama a atenção é que na criação dos cargos administrativos, estes foram ocupados pelos homens, caracterizando serem estes mais competentes para administrar, conforme a construção social, histórica e cultural que se faz em relação ao sexo feminino.

A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero buscou conhecer a análise dos discursos que, atualmente, vêm constituindo, desde a mais tenra infância, as identidades de Gênero, especialmente nas revistas brasileiras que tratam da temática.

A autora descreve que através da leitura das revistas foi possível perceber o quanto essa mídia (assim como as demais) desempenha uma função pedagógica, a partir do momento em que ensina mães e pais como agir com suas/seus filhas/filhos, como as crianças devem vestir-se, quais os brinquedos adequados a cada faixa etária, dentre outros ensinamentos, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes que envolvem a construção social dos gêneros.

Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades investiga as relações de sexualidade e gênero estabelecidas em interações de mulheres educadoras com a imagem cinematográfica, a partir de suas narrativas e comentários sobre filmes.

Os dados foram coletados no contexto de duas disciplinas (com alunas que frequentam o programa) oferecidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação na área da Saúde. Foucault (2005) situa o século XVIII como aquele em que se deu início a uma proliferação de discursos sobre o sexo, através da incitação promovida pelas instituições escolar, familiar, pela medicina, e, sobretudo pela pastoral cristã.

Os dados mostraram que as imagens dos filmes são consideradas âncoras facilitadoras do conhecimento de si, a presença de processos de identificação e subjetivação oferecem uma

amplitude do campo visual, para as pesquisadoras, pois questões antes invisíveis, para elas aparecem entre os aspectos observados nas interações com as imagens cinematográficas.

Os filmes mostraram-se importantes ferramentas para que se ampliassem as visões das participantes do estudo. A leitura das imagens de filmes não é “natural”, conforme compreendida pelo senso comum, mas vem recheada de significações que fazem parte da cultura e esta está relacionada com a educação. Portanto, as produções cinematográficas não são neutras e possibilitam reflexões acerca de suas mensagens sobre o gênero e a sexualidade.

O estudo **A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente** privilegiou inferir os cruzamentos entre as linguagens cristãs e as formas como a mulher professora se relaciona consigo e com os outros e, nesse amplo e complexo panorama, inserir a produção das subjetividades das mulheres professoras, para entender como e porque a mulher se inseriu, gradativamente, no papel de educadora.

A autora usou como *corpus* de análise, a Bíblia, partindo do pressuposto de que a forma como os papéis femininos, as identidades femininas e a construção histórica das diferenças de sexo e gênero também se deram também através do discurso religioso. O estudo possibilitou uma reflexão acerca dos mecanismos de poder, que marcaram os processos discursivos que foram constituindo homens e mulheres, como sujeitos e construtores de uma realidade.

Nas questões da sexualidade, o que se privilegia é a conduta considerada “normal” em detrimento da pluralidade de masculinidades de feminilidades existentes na escola. Faltam conhecimentos científicos e formação aos professores e professoras para trabalharem essas questões de maneira emancipatória no espaço escolar, considerando a pluralidade de identidades existentes neste contexto.

Tabela 2 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPed de 2004 (N - frequência=ocorrências³)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação/Orientação Sexual ⁴	Ausência das temáticas na escola, necessidade de implantá-la no ambiente escolar.	44
	Escola/mídia Crítica a uma abordagem Biologizante/moralista//Higienista/preventiva	17

³ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

⁴ Nesse trabalho utilizaremos nos resultados a expressão educação sexual, apesar dos PCN utilizarem o termo Orientação Sexual, pois acreditamos que na educação sexual o indivíduo participa do processo de construção do seu conhecimento, Assim, a expressão educação sexual parece ser a mais indicada para designar a prática educativa intencional em matéria de sexualidade. Além do mais, a expressão já é consagrada e usada em praticamente todos os países (RIBEIRO e MAIA, 2011).

Gênero	Determinante cultural	26
	Escola reforça estereótipos/ exclui	71
Formação Profissional	Dificuldade de abordagem das temáticas sexualidade e gênero na formação.	19
	Necessidade de Educação Sexual na formação	14

Fonte: Elaborada pela autora.

Consideramos que a análise realizada nos trabalhos apresentados no GE 23 na 27ª RA da Anped, possibilitou a identificação de três categorias e de subcategorias de acordo com os assuntos que mais emergiram das análises nas considerações dos trabalhos apresentados. As categorias encontradas se articulam entre si, pois todas se encontram entrelaçadas com o gênero e a sexualidade, e com a forma que a temática é abordada ou não, na escola.

As categorias e subcategorias encontradas mostram a necessidade das temáticas serem abordadas na escola, pois os trabalhos analisados revelam o papel desta instância e do professor, permeados pela ausência e dificuldade em trabalhar as temáticas, reforçando os estereótipos de gênero que foram construídos socialmente, reforçados por diferentes mídias e que assola o universo escolar produzindo desigualdades.

Dessa maneira, as intervenções constantes desses trabalhos anunciam que ainda falta o devido preparo dos professores, isto é, o desconhecimento das temáticas gênero e sexualidade. Nesse sentido, como é possível depreender (LOURO, 2012), a escola é produtora de diferenças, distinções e desigualdades. Ela tem servido de veículo comunicador e transmissor de modelos discriminatórios pelo currículo, no qual a imagem da mulher e do homem está sendo passada para os alunos por meio dos conteúdos do ensino. Os conteúdos contribuem para que o aluno forme seu eu social, seus padrões diferenciais de comportamento, e assimile o modelo com o qual se deve identificar para ser mais mulher ou mais homem. A escola que a sociedade ocidental moderna herdou separa adultos de crianças, ricos de pobres e meninos de meninas. Daí a necessidade de toda comunidade escolar compreender as diferenças como construções sociais.

A desconstrução das dicotomias passa pela reflexão e discussão das práticas cotidianas, desconstruindo, redescobrimo significados e reconhecendo que a escola não é neutra e participa da construção da identidade de gênero e da sexualidade, isto é, realiza a educação sexual por meio das relações sociais. Para tanto, é importante que os professores entendam que a educação sexual ocorre de maneira não intencional e pode ser realizada de

forma intencional⁵. Daí urge a necessidade da formação científica dos professores sobre os assuntos para tratá-los de maneira assertiva no ambiente escolar.

RA 28ª - 40 anos de Pós-Graduação em Educação no Brasil: produção de conhecimentos, poderes e práticas.

Neste ano de 2005 o GE 23 contou com um trabalho encomendado, 13 trabalhos apresentados, 8 pôsteres e um minicurso. Os trabalhos abordaram uma diversidade de temas e mostrou as diferentes facetas que a investigação de temas correlatos à sexualidade reforçando a importância da inserção do GE da Anped. Neste ano de 2005 a maioria das pesquisas apresentadas foram desenvolvidas por mulheres. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GE 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 4 - Produções do Ano de 2005

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
A escola na produção da identidade sexual do adolescente.	Cláudio Adolph e Maria R. Prata	Qualitativa/ Questionário	UNESA	Comunicação oral	Prática escolares, produção da Identidade, adolescência.
Relações dialógicas e interculturais: brinquedos e gênero.	Flavia de O. Barreto e Mônica L. Silvestri	Qualitativa/ Observação, depoimentos e registros iconográficos	UFRJ UFF	Comunicação Oral	Educação, gênero, brinquedo
Alguns tensionamentos acerca dos corpos e sexualidades das pessoas deficientes	Mirian Piber Campos	Qualitativa/ Entrevistas	ULBRA	Comunicação oral	Corpo e sexualidade, deficientes, representação.
Desempenho escolar e gênero: um estudo com	Maria Cláudia Dal Igna	Qualitativa/ Grupo de discussão	UFRGS	Comunicação oral	Educação escolar, estudos de gênero, desempenho

⁵ Consideramos como educação sexual intencional aquela que se desenvolve por meio de projetos de intervenção intencional no contexto escolar.

professoras de série iniciais.					escolar
Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual	Jimena Furlani	Qualitativa/ Bibliográfico	UDESC- UFRGS	Comunicação oral	Educação sexual, gênero e sexualidade, currículo e formação de educadoras (es)
.Abordagem da Aids na escola: possibilidades e dificuldades com base nas representações sociais de professores da 6ª série do ensino fundamental	Rita de Cássia Pereira Lima e Flávia Chaves Ramos	Qualitativa/ Etnográfica em educação	CUML	Comunicação oral	Aids, representações sociais, escola
Quem pode resistir a Lara Croft? Você?	Cláudio Lúcio Mendes	Qualitativa/ Observação	FAME/BH- UFMG	Comunicação oral	Gênero, modo de endereçamento, relações de poder
Reflexões sobre a gravidez na adolescência: caminhos, diálogos e trajetórias numa pesquisa em educação	Eduardo Quintana	Qualitativa/ Etnografia	UERJ	Comunicação oral	Gravidez na adolescência, sexualidade, etnografia e educação
Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas	Claudia Regina Santos Ribeiro e Vera Helena Ferraz de Siqueira		UFRN UFRJ	Comunicação oral	

populares					
Por minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII	Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Qualitativa/ Documental	Unesp	Comunicação oral	Não consta
Apropriação de novas tecnologias por docente: questão de gênero	Adla Betsaida Martins Teixeira	Qualitativa/ Entrevista, observação e questionário	UFMG	Comunicação oral	Gênero, novas tecnologias e identidade profissional
O verso e o reverso das relações escolares: um olhar de gênero sobre o uso dos tempos em uma escola municipal da cidade de São Paulo	Edna de Oliveira Telles	Qualitativa/ Entrevista, observação, questionário e análise documental	USP	Comunicação oral	Tempos escolares, masculinidades, feminilidades.
Juventude sexualidade em movimento	Rosângela Steffen Vieira	Qualitativa/ Entrevista	UFSC- UNICAMP	Comunicação oral	Juventude, sexualidade, MST
Desempenho das mulheres no indicador nacional de alfabetismo nacional 2001: explorando as diferenças em comparação com os homens.	Amélia Cristina Abreu Artes	Qualitativa/ Questionário (amostra)	USP	Pôster	Alfabetismo, gênero, desempenho em teste.
Bordar no espaço/tempo feminino	Claudia Regina Ribeiro	Qualitativa/ Observação e pesquisa a referenciais	UERJ	Pôster	Mulheres, táticas, bordado.

	Pinheiro das Chagas				
Pesquisa diagnóstica sobre violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões sobre a ação do educador	Renata Maria Coimbra Libório	Qualitativa/ Ficha diagnóstica	UNESP	Pôster	Crianças e adolescentes, , violência sexual, educadores
Práticas de gênero e sexualidade nas concepções de aluno(a) do ensino médio: entre o vivido e o possível	Maria de Fátima Salum Moreira	Qualitativa/ Questionário e diário de campo	FCT/Unesp	Pôster	Gênero, sexualidade, adolescente
O peso de ético na infância- reflexões sobre Aids na infância	Maria Antonia Pinto Pizarro	Qualitativa/ Entrevistas	UNIFUI	Pôster	Aids, sujeito, escola, verdade, discurso.
Currículo e pedagogia cultural: gênero, raça e etnia na formação docente	Ruth Sabat	Qualitativa/ Grupos de discussão	FEEVALE	Pôster	Formação docente, gênero, raça, etnia.
Diferenças de gênero na escola: interiorização do masculino e do feminino	Fabiana Cristina de Souza	Qualitativa/ Etnográfico	UNESP	Pôster	Relações de gênero, prática docente, infância.
Sexualidade humana: contextualização histórica e suas interfaces entre a infância e a adolescência.	Maria Cristina Zampieri e Eliane Rose Maio Braga	Qualitativa/ Bibliográfica	UNESP UEM	Pôster	Sexualidade, infância, adolescência.

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa **Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero** buscou refletir sobre os diferentes modos de percepção do brinquedo, enquanto imagens ou símbolos que atuam na formação de uma cultura de gênero. O estudo realizou-se com 177 crianças através de diálogos. Os brinquedos vêm sendo apropriados pelas crianças no cotidiano como ícones, por meio do quais são acionados, dentre outros valores, os referenciais de gênero que vão sendo introjetados e construídos, no imaginário infantil, de acordo com as formas de acesso e os usos dos brinquedos.

Já o trabalho **Desempenho escolar e gênero: um estudo com professoras de série iniciais**, essa pesquisa, analisou alguns dos modos como o gênero atravessa (é incorporado e mobilizado) e constitui o discurso pedagógico que, articulado com outros discursos, define e regula o que se entende por desempenho escolar nos anos iniciais de escolarização. O estudo realizou-se com professoras do ensino fundamental das séries iniciais da rede municipal e estadual de São Leopoldo.

As falas indicam que as professoras justificam sua dificuldade em referir as diferenças de desempenho entre meninos e meninas de muitas formas. Uma delas está relacionada com noções de neutralidade e imparcialidade mobilizadas para definir suas práticas. Porém, na medida em que as normas não são problematizadas, elas funcionam para produzir e reiterar noções de masculinidade e feminilidade. Talvez essa seja mais uma pista importante quanto à invisibilidade das discussões sobre relações de gênero no âmbito da escola, principalmente no que se refere às séries iniciais do ensino fundamental.

Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares, trabalha com adolescentes alunos(as) da 8ª série com idades entre 14 e 20 anos, de classes populares. Analisaram-se as práticas discursivas na construção das identidades masculinas em eventos de grupo, com a mediação das telenovelas e seus personagens. Mostrando os processos de acomodação e resistência na construção dessas identidades e sua relação com o poder.

A pesquisa mostrou que tanto as meninas quanto os meninos são espectadores assíduos de telenovelas e, nesse grupo, essa porcentagem sobe para mais de 90%, o que confirma que novela é também programa de homem. Evidenciou também a construção de identidades masculinas como uma construção social que tem lugar nas interações sociais com novelas.

A autora recorreu aos discursos de dois meninos das classes populares que se apropriaram de personagens masculinas e femininas para discutir suas próprias experiências sexuais e de gênero, seja para ratificar a norma androcêntrica, seja para introduzir revisões à

mesma. Foi perceptível que os meninos tomaram a mídia de forma bastante contundente para respaldar suas posições e que os discursos, de modo geral, mantiveram coerência através dos diversos eventos discursivos.

O trabalho evidenciou os investimentos simbólicos feitos pela mídia, nos corpos das personagens femininas e masculinas, articulando intimamente poder e sexualidade, e a forma pouco crítica de apropriação desse discurso midiático pelos sujeitos.

Conclui-se pela grande relevância da educação para o exercício de uma leitura crítica do meio televisivo de maneira desconstruir os olhares instituídos sobre sexualidade e gênero.

A pesquisa *O verso e o reverso das relações escolares: um olhar de gênero sobre o uso dos tempos em uma escola municipal da cidade de São Paulo* buscou investigar sobre os significados de gênero presentes no uso social dos tempos escolares, ou seja, nas relações entre as crianças e destas com distintos padrões e formas de controle impostos pelos adultos que são chamados a se responsabilizar pela instituição escolar. Participou do estudo uma classe de 4º ano do ensino fundamental.

O estudo relata que as crianças aprendem desde muito cedo a conviver com as regras escolares e com a autoridade adulta, porém, buscam caminhos alternativos para burlá-las e, interagindo entre si, construir um mundo de relações muitas vezes alheio a mais planejada aula.

Com o objetivo de trazer à tona os significados de gênero presentes nessas relações e de que forma estavam ou não relacionados com o controle escolar, a autora observou como meninas e meninos se comunicavam nos tempos escolares e verificou que muitas atitudes eram tomadas tanto por alunos quanto por alunas. Assim, o gênero é uma forma de ordenamento da prática social e é perpassado por relações de poder. Acreditar que todas as meninas agirão de uma forma determinada, e diversa do modo de agir dos meninos em geral, é acreditar em uma visão polar, determinista e hierarquizada e levou a concluir que, o esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social que perpassa as relações de gênero.

Pode-se perceber também que a reprodução de estereótipos de gênero apareceu de forma mais evidente nas relações entre as pessoas adultas e as crianças, mesmo que de forma não consciente, as professoras confirmavam o pressuposto advindo de teorias deterministas biológicas, que tendem a definir significados rígidos e polares para gênero, construindo uma hierarquia baseada na percepção dessas diferenças e, conseqüentemente, gerando desigualdades.

O estudo recomenda maior investimento em pesquisas que venham a refletir sobre a questão do trabalho com a diversidade e a diferença na escola e, em última instância, ajude a refletir sobre a construção de uma forma alternativa de educação tendo como objetivo último, uma sociedade mais democrática.

A pesquisa-ação, **Práticas de gênero e sexualidade nas concepções de aluno(a) do ensino médio: entre o vivido e o possível**, realiza um trabalho de orientação sobre sexualidade junto aos seus / suas aluno(a)s, de duas escolas, com uma equipe formada por professoras e alunas, do Curso de Pedagogia. Essa proposta de pesquisa permitiu compreender melhor quais eram as concepções, dúvidas, preconceitos e necessidades que o(a)s adolescentes apresentavam em função de suas experiências de gênero e sexualidade.

Trabalhou-se com encontros que aconteciam uma vez por semana, onde eram discutidos vários temas como: gravidez na adolescência, namoro, primeira relação sexual, métodos contraceptivos, homossexualidade, aborto, DST/AIDS, sempre procurando permear e relacionar tais debates com os significados atribuídos para as diferenças de gênero e para a sexualidade.

A autora observou nas respostas do(a)s adolescentes que a demarcação dos papéis sociais decorrentes da constituição das diferenças de gênero, ainda ocorre de forma bastante dicotômica e estereotipada, contudo tais fronteiras também estão sendo questionadas, levando a uma desestabilização nas referências que cada um tem de seu lugar social, de suas responsabilidades e projetos de vida. Tanto alunos, quanto alunas questionaram as arbitrariedades e injustiças presentes nos privilégios, responsabilizações e preconceitos que conseguem perceber no campo das relações de gênero e sexuais.

Após se inteirar de quais eram as dúvidas, valores e preconceitos do(a)s aluno(a)s, foram propostas atividades que permitissem um olhar mais reflexivo e teórico sobre como são construídas e vividas as identidades sexuais e de gênero. Os esforços de entender os processos de construção e desconstrução da linguagem das artes, especialmente, do cinema, da literatura e da música, foram os caminhos para se pensar sobre o vivido e o desejado, considerando os propósitos de uma vida social mais justa e menos desigual e excludente.

Já o estudo **Diferenças de gênero na escola: interiorização do masculino e do feminino** privilegiou a pesquisa de caráter etnográfico, para integrar como o gênero se manifesta e se afirma na prática pedagógica de uma professora de educação infantil.

A análise das observações permitiu entrever que a professora compartilha de um olhar estereotipado sobre os papéis socialmente aceitos e recomendados para meninos e meninas. Essa visão é reforçada em atitudes e ações que acaba várias vezes reforçando os estereótipos

sexistas. A autora explica que não se está culpabilizando a professora, mas entendendo que sua prática não é imune a crenças que estão arraigadas na sociedade e que de forma geral, é possível dizer que o trabalho da professora está embasado na concepção de um “modelo pedagógico” no qual estas questões não emergem, pois fazem parte de um currículo oculto.

Conclui-se que as professoras, durante o seu período de formação, não foram preparadas para refletir sobre como os estereótipos de papéis sexuais agem no contexto escolar. Portanto, são vítimas desse processo, pois desconhecem a força dos estereótipos sexistas.

Em **Sexos, sexualidades e gêneros – monstrosidades no currículo da educação sexual**, a autora apresenta um exercício de análise cultural, a partir da expressão “**Que bicho é esse?**”, usada em um livro paradidático infantil intitulado “Sexo e sexualidade” em que busca problematizar as potencialidades reflexivas da Educação Sexual tendo como referência a “Pedagogia dos Monstros⁶”. Os “monstros”, segundo a autora do trabalho, quer sejam tomados como identidades culturais (constituidoras dos sujeitos) ou como temáticas (à Educação Sexual), acredita que “sexo”, “sexualidade” e “gênero” podem ser pensados como monstros curriculares – assim como todo e qualquer assunto marcado pela polêmica, pela provisoriade, pela normatização, pelo olhar moral, pela regulação social. Para Cohen (2000, p. 27) “[...] os monstros devem ser analisados no interior da intrincada matriz de relações (sociais, culturais e litero-históricas) que os geram.”

O estudo concluiu que é possível que "os sexos", "as sexualidades" e "os gêneros", se tiverem que ser abordados no contexto escolar, para muitos professores(as) direção escolar, pais e mães, não se se constitua em verdadeiros bicho-de-sete-cabeças.

Em **A escola na produção da identidade sexual do adolescente**, o autor discute a participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente, visto que, na atualidade, a “transformação das intimidades” (GIDDENS, 1993) fez com que a questão da sexualidade, antes considerada essencialmente ligada à vida privada, passasse a ser algo de domínio público, produzindo assim, uma transformação no que tange as questões de gênero e comportamento sexual.

A realização desta pesquisa com 84 alunos(as) com idades entre 13 e 17 anos da 7ª série do ensino fundamental de duas escolas de Niterói, apontou que a sala de aula não pode ser considerada como um único lugar na produção da identidade sexual dos adolescentes, uma

⁶ Pedagogia dos Monstros: Os monstros, assim como figuras folclóricas, originam-se de um entendimento metafórico de algum momento social, de alguma passagem cultural, sendo, portanto, específicos de contextos históricos e locais, considerados difíceis de serem explicados.

vez que os meios de comunicação e a família também são importantes veículos de produção desta identidade. Todavia, os participantes da pesquisa valorizam e reconhecem as informações obtidas com seus professores, pois estas lhes ajudam a esclarecer suas dúvidas. Consideram naturais e normais os debates acerca desta temática, percebendo que as diferenças entre sua geração, de seus pais e de seus avós são regidas pela ausência de informação, em função da repressão da sexualidade a que estes foram submetidos.

A naturalidade como a temática da sexualidade é vivida pelos adolescentes, parece refletir as transformações na cultura, a passagem de um modelo disciplinar rígido através da vigilância dos corpos, para a ausência de modelos rígidos e da importância dos riscos que envolvem os cuidados de si. A importância destes cuidados fez com esta temática adentrasse nas escolas, tornando-se parte das políticas que envolvem a prevenção e a saúde sexual para os adolescentes, a fim de torná-los responsáveis pelos seus atos e por sua sexualidade. As políticas disseminadas pelos meios de comunicação nos fazem pensar que a sexualidade, antes restrita ao casal parental, tornou-se objeto de consumo para obtenção de prazer e felicidade.

No trabalho **Alguns tensionamentos acerca dos corpos e sexualidade das pessoas deficientes** apresentou as diferentes representações de corpo e sexualidade que são veiculadas pela internet, por dez pessoas com algum tipo de deficiência em que elas próprias falam por si. O trabalho mostrou que gradativamente os corpos e a sexualidade das pessoas com deficiência que antes eram invisíveis, começaram a aparecer em diversos meios de comunicação e a reivindicar seus direitos em relação ao corpo e a sexualidade.

Já em *Abordagem da Aids na escola: possibilidades e dificuldades com base nas representações sociais de professores da 6ª série do ensino fundamental*, analisou as representações sociais da Aids. O estudo se encontrava em andamento e pretendeu possibilitar debates e ações educativas no universo escolar, contextualizando a Aids no âmbito psicossociais que permeia a sociedade contemporânea.

Quem pode resistir a Lara Croft? Você? O estudo discute sobre o jogo eletrônico *Tomb Raider*, partindo do princípio que esse artefato constrói subjetividades em relação a gênero e sexualidade. A pesquisa buscou mostrar como marcas de gênero e sexualidade, culturalmente construída, foram utilizadas na construção da personagem e que demonstram como deve ser um jogador (a).

A pesquisa conclui que a indústria dos *games* absorve algumas das críticas sobre como vem empregando as imagens femininas e, a definição de proveniências e marcas de gênero e sexuais, propondo, assim, novas personagens que podem gerar novos questionamentos.

Na pesquisa **Apropriação de novas tecnologias por docente: questões de gênero**, neste artigo buscou-se compreender o processo de apropriação das novas tecnologias por professores e professoras de duas escolas de Belo Horizonte. As questões de gênero definem fortemente as formas como os/as docentes veem e realizam seus trabalhos, influenciando na mesma forma como abraçam ou rejeitam inovações. Neste sentido, o “desinteresse” das professoras pelos recursos computacionais revela-se como resultado de uma socialização que distância mulheres do mundo das máquinas.

Dentre os resultados há atitudes de medo e de estranhamento. Estranha-se a linguagem, as estruturas dos cursos de informática. De acordo com a pesquisa a “obrigatoriedade” anula o diálogo, as trocas, mas que também se torna uma eficiente receita para intensificar resistências explícitas e veladas. A autora completa dizendo que a resistência silenciosa é uma tradição feminina, e, por consequência uma característica da docência. Assim, a apropriação de novas tecnologias por docentes (professoras e professores) demanda uma melhor compreensão dos mitos, concepções, estórias, histórias, símbolos, crenças divididas, enfim um entendimento das negociações entre as (os) profissionais que fortemente norteiam ou desnorteiam a organização escolar.

Em o Desempenho das mulheres no indicador nacional de alfabetismo funcional-2001: explorando as diferenças na comparação com os homens, este estudo baseia-se na análise tanto do desempenho em testes de averiguação de habilidades, quanto do estudo de dados sobre escolaridade e trajetórias escolares originados de censos populacionais com 2000 pessoas com idade entre 15 a 64 anos. De maneira, geral seus resultados indicam que há diferenças no desempenho por sexo, com índices mais favoráveis as mulheres.

Utilizando o conceito de gênero e afastando-se da díade homem-mulher, o estudo trabalhou com três grupos ocupacionais: homens que trabalham, mulheres que trabalham e donas de casa. Os resultados revelaram que entre homens e mulheres que trabalham o desempenho no desenvolvimento da alfabetização melhor foi das mulheres.

Já no **Currículo e pedagogia cultural: gênero, raça e etnia na formação docente**, esta pesquisa estava em andamento e apoiava-se na perspectiva teórica dos Estudos Culturais. Nesse referencial teórico considera-se a linguagem como constituidora de realidades, afastando qualquer explicação essencialista para os eventos sociais, culturais e políticos. O trabalho investigava as representações de gênero, raça e etnia presentes nos filmes infantis de animação.

Ao identificar como tais representações são construídas, pretendia-se problematizar o pressuposto das identidades hegemônicas como normais e dar visibilidade a outras

identidades presentes em espaços escolares e não escolares; pretendia-se, ainda, identificar possibilidades outras de trabalhar com as diferenças de gênero e raça/etnia na sala de aula.

Em **Reflexões sobre a gravidez na adolescência: caminhos, diálogos e trajetórias numa pesquisa em educação**, buscou conhecer os dados sobre a gravidez na adolescência, bem como, a postura da escola em relação a essa situação. A pesquisa foi realizada com professores(as), 10 alunas e dois gestores, e pontua em suas considerações que a escola passou a acolher as adolescentes grávidas e que as conversas sobre sexualidade/sexo são mais abertas.

Os resultados indicaram que existem diferentes vivências da maternidade na adolescência e o material coletado possibilitou entender o fenômeno a partir do seu interior, da complexidade de suas relações. Percebeu-se que na escola em que a pesquisa se desenvolveu havia manifestações de resistências, mas também vínculos de sociabilidade e de integração das alunas adolescentes grávidas. O que demonstrou que embora não seja sua função específica, a escola pode se constituir um espaço privilegiado para o seu enfrentamento.

O trabalho *Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...* a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII, refletiu sobre as concepções acerca da sexualidade, no período anterior ao século XII. O estudo apontou que na Colônia havia duas posições antagônicas em relação às práticas sexuais, uma relacionada à posição dos primeiros povoadores e outra a que os jesuítas queriam impor. Para a elite dominante da sociedade colonial, que ocupava o topo de uma hierarquia em que somente os homens tinham voz e razão, as mulheres, brancas ou negras, eram submissas e a elas era negado qualquer direito.

O estudo demonstrou que, o primeiro momento histórico da educação sexual no Brasil ocorreu nesse período em que aconteceram as visitas do Santo Ofício e da Inquisição.

Os documentos da Inquisição remetem a uma vida sexual livre também da mulher branca que não pertencia à elite econômica e ocupava um espaço intermediário entre as camadas mais altas e os escravos, e as brancas sem ocupação recém-chegadas de Portugal e mestiças.

Contrapondo-se a esta liberdade, primeiramente pregaram os jesuítas, e em seguida, o Santo Ofício. Eram pregações que objetivavam condenar, ordenar e controlar as práticas sexuais e fundamentavam-se na doutrina da Igreja por meio de bulas papais e regimentos do Santo Ofício.

Ao habitante da Colônia cabiam duas posições: acatar a normatização ou transgredi-la. Foi exatamente essa transgressão, fruto da rebeldia e da não aceitação do controle sexual, que possibilitou que chegasse até nossos dias o conhecimento da vida sexual e de relação vigente nos primeiros tempos de Brasil.

Juventude e sexualidade em movimento, este trabalho pesquisou sobre juventude e sexualidade no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A pesquisa mostra que juventude e sexualidade são construções sociais que não podem ser analisadas separadamente do contexto em que os sujeitos estão inseridos, bem como suas representações de gênero. O estudo realizado com educandos (47 jovens mulheres e 53 jovens homens) e selecionados para entrevista 8 jovens, com idades entre 15 e 18 anos, evidenciou a persistência de gênero que produzem distinções na forma como jovens homens e mulheres vivenciam sua condição juvenil e sua sexualidade.

Em **O peso de ser ético na infância-reflexões sobre Aids na infância**, este estudo privilegiou a análise de crianças e pais portadores de HIV, por transmissão placentária e discute que mecanismos discursivos criam o sujeito-criança-aidético e buscou compreender como elas entendem a realidade de sua doença, e, como lidam com o segredo e a importância que a escola tem em suas vidas. O estudo com 16 crianças infectadas por transmissão vertical (transplacentária), com idade de 02 a 12 anos; 8 mães que participaram de entrevista semiestruturada, e as crianças, 2 meninos e 6 meninas, participaram através do desenho, revelou que essas pessoas procuram se resguardar, reinventando identidades.

Sexualidade humana: contextualização histórica e suas interfaces entre a infância e a adolescência, esta pesquisa retrata que em relação à sexualidade até o século XVII, havia uma franqueza sexual, já que essas práticas eram escondidas e as crianças participam em parcimônia. Em contrapartida, na atualidade, as crianças e adolescente buscam informações e se deparam com fatos distorcidos e recheados de conteúdos moralistas que encaminha para conflitos na fase adulta. O estudo aponta a escola como espaço ideal para trabalhar a sexualidade humana, desde a educação infantil à universidade.

Bordar no espaço/tempo feminino discute como as mulheres através do bordado articulam as práticas cotidianas com as práticas do bordado, e, como elas subvertem a ordem com seus bordados, tentando burlar a hegemonia de uma postura epistemológica que hierarquiza e valoriza o saber científico sobre os outros.

Tabela 3 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados no GE 23 da ANPED de 2005 (N=ocorrências ⁷)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual/sexualidade	Necessidade de implantá-la na escola/universidade/família/mídia.	60
	Difícil abordagem na família e escola e quando realizada é castradora/discriminatória e moralista	40
Gênero	Biologizante/ ignora diversidade sexual	34
	Cultural	13
Formação Profissional	Escola e mídia reforça os estereótipos	67
	Dificuldade de abordagem das temáticas sexualidade e de gênero.	29
	Necessidade de Educação Sexual na formação	26

Fonte: Elaborada pela autora

Na análise dos trabalhos apresentados na 28ª RA identificamos que as categorias Educação Sexual/Sexualidade, Gênero e Formação Profissional, apontam que mesmo com as significativas transformações socioculturais e históricas da sexualidade e relações de gênero, a presença e a abordagem dessas temáticas nas múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, continua reproduzindo antigos conceitos, isto é, o conceito de gênero se referindo as características sexuais e na maioria das vezes sem trabalhar com esta questão.

A sexualidade, por sua vez, ainda não é bem compreendida e raramente se discute na família e na escola. Quando isto acontece é de maneira moralista e castradora. Daí a necessidade de abordar o assunto e temas correlatos cientificamente na sala de aula, na escola, na universidade e na comunidade.

Cabe observar que ainda a maioria das escolas considera a família responsável pela educação sexual de seus filhos. Larue (2000) esclarece que a sexualidade era, há décadas, reservada ao espaço da família, porém a partir dos anos 1960/1970, com a difusão da pílula anticoncepcional, o desenvolvimento do feminismo, os movimentos para o controle da procriação e a liberação dos costumes, a escola é solicitada a propor referências educativas para gerar, discutir e debater novas condutas sexuais. Contudo, por meio das análises percebemos que os temas gênero e sexualidade são evitados na escola pelos professores, visto que consideram sua formação insuficiente para trabalhar as temáticas de forma transversal, de acordo com os princípios propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁷ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Neste sentido, Silva (2002, p. 245), explica que “[...] a escola pode oferecer algo a mais que a família: a discussão em grupo com os colegas de mesma idade e que vivem situações semelhantes.” No entanto, os dados ressaltam que falta formação dos professores em relação às temáticas.

Quanto a abordagem das temáticas pela mídia, apesar dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão (amplamente assistida por crianças e adolescentes), trazerem esse tema de forma aberta, mesmo que pontual, ainda havia grande barreira separando o aluno dessa temática no interior do espaço escolar.

De acordo com Louro (2000, p. 87-88), a escola é fundamental na sociedade, constituindo-se num espaço onde as questões sexuais estão presentes, desta forma,

[...] é indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado. Na instituição escolar, estão presentes as concepções de gênero e sexuais que, histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. A instituição, por outro lado, é uma ativa constituidora de identidades de gênero e sexuais. Em outras palavras, a escola (em seu espaço físico, em seus regulamentos, currículos, normas, programas, em suas práticas, nas falas, atitudes e gestos das pessoas que ali convivem) é atravessada pelas concepções de masculinidade e feminilidade, pelas formas de sexualidade de uma dada sociedade.

Certamente, a escola e seus docentes têm a responsabilidade moral e social de intervir e garantir, através de propostas pedagógicas, uma educação sexual que aborde as questões da sexualidade e do gênero através de discussões e reflexões mais densas sobre essas temáticas, visando uma educação emancipatória quanto a sexualidade e seus desdobramentos.

29ª RA Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos.

No ano de 2006 como Grupo de Trabalho “GT 23” contou com um (1) trabalho encomendado, onze (11) trabalhos apresentados, quatro (4) *pôsteres* e um minicurso. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 5 - Produções do Ano de 2006

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Gênero, sexualidade e educação-das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas	Guacira L. Louro Trabalho encomendado	Qualitativa/ Produção dos discursos dos grupos	UFRGS	Comunicação oral	Não consta
A “bicha banheirão” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual	Anderson Ferrari	Qualitativa/ Produção dos discursos dos grupos	UFJF	Comunicação oral	Discurso, homossexualidades, educação.
A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de Presidente Prudente	Renata M. Coimbra; Luciene dos S. Camargo	Qualitativa/ Entrevistas	UNESP	Comunicação oral	Violência sexual, crianças e adolescentes, profissionais da educação
Identities “anormais”. A (des)construção dos corpos “deficientes”	Mirian Piber Campos	Qualitativa/ Análise de reportagens na internet	ULBRA/RS	Comunicação oral	Pessoas com deficiência, corpo e sexualidade, Estudos culturais
“Qual dessas moças é você?” o autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina-décadas de 50 a 70 do século XX	Constantina Xavier Filha	Qualitativa/ Análise de revistas (Capricho e Cláudia)	UFMS	Comunicação oral	Imprensa feminina, sexualidade e gênero
O bordado no currículo como espaço-	Cáudia R. Ribeiro P. das Chagas	Qualitativa/ Análise de bordados escritos	UERJ	Comunicação oral	Cultura escrita, bordado, gênero

tempo/fazer educativo					
Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de Matemática	Lindamir S. Casagrande; Marília G. de Carvalho	Qualitativa/ Análise de livro didático	CEFET/PR	Comunicação oral	Representações de gênero, livro didático, matemática
Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia	Luis H. Sacchi dos Santos; Dora L. L. C. de Oliveira	Qualitativa/ Análise de campanhas de TV	ULBRA	Comunicação oral	Não consta
Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas	Wania R. Fernandes; Vera H. F. de Siqueira	Qualitativa/ Entrevistas	Universo UFRJ	Comunicação oral	Cinema, identidade de gênero, subjetividade
“Fica comigo”- Juventude e pedagogias amorosas? sexuais na MTV	Rosângela de F. R. Soares	Qualitativa/ Análise do programa	UFRGS	Comunicação oral	Juventude, sexualidade, mídia.
Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar	Meire R. dos Anjos Oliveira; Maria A. Morgado	Qualitativa/ Observações em sala de aula	UFMT	Comunicação oral	Educação, juventude e homossexualidade
Gênero, Educação e Educação Física: um olhar sobre a produção teórica brasileira	Renata Duarte Simões	Qualitativa/ Recenciamento Bibliográfico	USP	Comunicação oral	Gênero, educação e educação física, produção teórica brasileira
Infância, adolescência e AIDS	Elizabete F. Cruz	Qualitativa/ Problematizações dos discursos em jornais e	UNICAMP	Comunicação oral	Infância, adolescência, AIDS

		revistas e experiência própria			
As mulheres e o futebol no cotidiano escolar	Ronaldo C. de Macedo	Qualitativa/ Revisão bibliográfica e vivência empírica	UNISO	Pôster	Não consta
A (des)construção da maternidade	Maria das G. C. da S. M. Gonçalves Pinto	Qualitativa/ Entrevista e História de vida	UNIPLAC	Pôster	Maternidade, representação, desnaturalização
Alfabetização no Brasil e questões de gênero: a ideologia presente nas orientações e usos de materiais didáticos – décadas de 20 a 50	Adla Betsaida M. Teixeira, Solange M. da Silva	Qualitativa/ Análise de fontes documentais	UFMG	Pôster	Gênero, história da alfabetização.
Representações sociais de educadores do ensino fundamental sobre sexualidade	Valéria M. Nonato F. Mokwa	Qualitativa/ Pesquisa etnográfica em educação	CUML	Pôster	Sexualidade, representações sociais, professores.

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste citado ano todas as pesquisas apresentadas foram de cunho qualitativo e houve a participação de três pesquisadores do gênero masculino.

Gênero, sexualidade e educação-das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas discute a relevância da reflexão sobre as possibilidades e as impossibilidades que a cultura coloca para a sexualidade. Isto é, sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classe nas suas formas de experimentar prazeres e desejos. Refletir sobre essas práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. Discute ainda, a emergência da mulher como um sujeito histórico coletivo, bem como, um novo campo teórico e político, o feminismo.

A autora discorre também sobre a construção social dos sujeitos em detrimento a vertente biológica. Em relação ao gênero e a sexualidade devemos compreendê-los implicados no exercício de poder e que este é pleno de sutilezas, exercido com discrição. O texto busca provocar reflexões acerca dessas construções sociais que muitas vezes se determinam como “normais ou anormais” gerando diferenças e desigualdades.

A pesquisa **Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática**, buscou analisar 18 livros didáticos de 5ª e 6ª série, pois este acompanha toda vida escolar do educando (a), a reflexão sobre as representações de gênero presentes neles, torna-se relevante para compreender como esta ferramenta de ensino apresenta as relações de lazer, escolares e familiares, importantes para a formação e para a educação da criança.

As autoras observaram nesse estudo que as representações de meninas e meninos ocorre de forma diferenciada, reproduzindo os padrões de ativo, esperto para os meninos e frágil, quieta e passiva, para as meninas. Elas observaram também que o espaço privado do lar, o cuidado com o lar e a família é direcionado a mulher. O espaço público, o lazer e os proventos para sustento da família é direcionado ao homem.

Os livros analisados mantêm os estereótipos de homem e mulher, reproduzindo as desigualdades.

O trabalho **Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas**, analisa a contribuição do cinema na constituição de identidades de gênero de mulheres idosas com idades entre 67 e 84 anos de um grupo participante do Programa Interdisciplinar do Instituto de Gerontologia e Geriatria da UFF/Niterói, considerando que o cinema é um dos meios expressivos de maior importância, não só na reprodução de cenas cotidianas, mas de comunicar e atribuir sentidos e significados a ela. Portanto, o cinema é um elemento capaz de participar, sutilmente, da construção das identidades sociais.

As autoras concluíram que, através da construção de signos e sentidos, o cinema pode criar e disseminar algum tipo de verdade sobre a identidade dos sujeitos e de sua sexualidade. Nesse estudo, as narrativas das participantes revelaram que receberam essa influência na construção de suas identidades de gênero, que o cinema exerce um certo fascínio ao imaginário, e que a relação estabelecida com o cinema proporcionou novas aprendizagens e contribuiu para perpetuação de estereótipos sociais quanto aos comportamentos masculinos e femininos.

Em **Gênero, educação e educação Física: um olhar sobre a produção teórica brasileira**, trata de um recenciamento bibliográfico para reconstruir os caminhos da História,

História Cultural, História da educação e Educação física acerca da construção do gênero como categoria. Foram analisados teses, dissertações, livros, periódicos da Educação e da Educação Física.

A autora esclarece que foi no século XX que, com a reviravolta na história, começaram os estudos sobre as temáticas e grupos sociais, contribuindo para os estudos feministas. Mas, foi somente a partir da década de 1960, e gradativamente que os estudos começaram a esmiuçar as explicações acerca do lugar e das relações na sociedade.

Os resultados evidenciaram que ao longo das produções sempre houve disputa entre professores e professoras, alunos e alunas que chegam a escola com suas experiências e vivências e que vão se reproduzir no espaço escolar. A autora revela que os autores e autoras se apropriam de conceitos preexistentes. Os pontos comuns dos trabalhos mostram que: a) as lutas femininas por igualdade de direitos provocaram mudanças de paradigmas construídos às custas de opressão e discriminação; b) diferentes tipos de relação estabelecida no espaço escolar pela facilidade do espaço físico; c) processo histórico de construção de identidades femininas e masculinas no espaço social e escolar.

Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia, discute as campanhas pontuais do governo, em épocas específicas, que inclui o risco e coloca o indivíduo como responsável por sua saúde. Quanto a iniciativa feminina de sexo seguro é problemática e resulta em danos que extrapolam o campo moral.

O estudo revela que as campanhas buscam promover a competência feminina para autoproteção contra o HIV/AIDS nas relações sexuais sendo que, as campanhas oficiais de prevenção precisam, antes de tudo, promover a redução da vulnerabilidade sociais, investindo em ações que extrapolam o campo específico da saúde.

Qual dessas moças é você? O autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina-décadas de 50 na 70 do século XX, este estudo discutiu acerca dos discursos produzidos pelos testes expressos nas revistas Cláudia e Capricho sobre a temática feminina nos meados do século XX. A análise demonstrou que os testes, mediante enunciados prescritos e normatizadores, revelaram ser um instrumento de dispositivo pedagógico com o objetivo de induzir a condutas, já que provocam a confissão, indicam conceitos de verdade apoiados em códigos morais.

Fica comigo-juventude e pedagogia amorosas/sexuais na MTV, analisa as pedagogias amorosas/sexuais produzidas pela cultura da mídia que é direcionando a jovens, público alvo da emissora e busca conhecer a linguagem, os ritos, comportamentos e práticas que são usados nos encontros. O trabalho observou que o ponto central desse programa é o

corpo. O quadro da MTV carrega as marcas do amor romântico, mas ao mesmo tempo institui novas linguagens para os encontros e troca entre os sujeitos.

Identidades “anormais” a (des)construção dos corpos “deficientes”, esse artigo discute, a partir de Estudos Culturais em Educação e Gênero, como o corpo dos deficientes vem sendo inventado ao longo do tempo, através de um pluralidade de identidades que são construídas a partir dos modelos vigentes. A pesquisa demonstrou que as pessoas com deficiência, diante da propaganda das promessas de um corpo bonito e saudável, não querem mais carregar o peso da deficiência, mas construir um corpo atraente, tal qual as novas tecnologias tem prometido.

Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar buscou responder, nesse estudo, se a escola é realmente espaço de socialização para jovens homossexuais, se ela está preparada para discutir e desenvolver meios para promover a aprendizagem e a convivência de jovens homossexuais em seu espaço e quais consequências poderá existir na vida dos jovens a partir do que vivenciou no espaço escolar. Para este estudo foram pesquisados dois jovens *gays*.

A pesquisa relatou que na escola pesquisada, os sujeitos sofreram constrangimentos ao assumir publicamente sua orientação sexual. Deixaram de ser considerados bons alunos, amigos fiéis para se tornarem quase que exclusivamente homossexuais. Entre outras ações, a escola os teriam de certa forma ameaçado de expulsão. Os jovens homossexuais pesquisados, não encontrando lugar no espaço escolar, acabam aderindo a territórios criados por grupos que apresentam a mesma orientação sexual. Esses territórios podem ser criados para a discussão da sexualidade, mas a escola é de fato espaço central da expressão da sexualidade juvenil e nesse contexto de certa forma está falhando.

A “bicha banheirão” e o “homossexual militante”: grupos *gays*, educação e a construção do sujeito homossexual, tem como intenção verificar como os grupos estão trabalhando na problematização das práticas e discursos que estão construindo as imagens e identidades dos homossexuais presentes na cultura.

A pesquisa mostra que “Bicha-banheirão” e militante, masculino e feminino são os aspectos analisados quando se coloca em foco os discursos produzidos pelos grupos na tentativa de buscar entender e construir “verdades” a respeito do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual.

Os grupos assumem as mesmas práticas discursivas que servem para associar a homossexualidade em meio à construção das diferenças entre o masculino e o feminino, o que pode ser observado no uso constante da palavra “bicha” e “veado” no tratamento interpessoal.

A “bicha” se refere àqueles que não somente se sentem atraídos por homens, mas principalmente, aqueles que mantêm relações sexuais como passivos. São aqueles que tendem a desempenhar as funções sexuais comumente associadas às mulheres e que acabam preferindo os “homens de verdade”.

Quando os próprios homossexuais incorporam essas definições, se autotransclassificando e tratando o outro como “bicha”, estão constantemente vinculando e confirmando essa associação entre a homossexualidade e o feminino. A “bicha” também desempenha papel importante, revela que o ato sexual é percebido em termos hierárquicos, visto que a ideia de quem é penetrado, desempenha o papel feminino, é de certa forma desvalorizado. A “bicha” é a expressão da superioridade social do “ativo” sobre o “passivo”. Chamar o outro de “bicha” é mais do que apenas revelar o papel sexual, mas é de certa forma, desqualificar o outro.

A forma como o grupo estabelece suas relações, revela a incorporação do modelo socialmente construído pelo senso comum a respeito da homossexualidade, que é e muitas vezes reforçado pelos próprios homossexuais, sugerindo que mesmo entre eles há a preocupação em manter a dicotomia entre o feminino e o masculino.

Em **As mulheres e o futebol no cotidiano escolar**, a pesquisa investigou a relação entre o futebol e a participação das mulheres no cotidiano escolar, bem como buscou mostrar o papel da mulher na quebra do paradigma de que o futebol é um esporte jogado pelos homens. Para tanto, pesquisou 5 alunas que praticam futebol.

A pesquisa mostra que os argumentos usados para indicar que o futebol é inadequado para mulher se justifica que ele é um esporte violento que requer um nível de preparação física e técnica. Em suma, um jogo para “macho”. Outro argumento contra prática de futebol é o fato de as masculinizarem as mulheres que as praticam. O estudo comenta que o preconceito da prática do futebol pelas mulheres existe, mas que deve ser quebrado, pois há muito tempo as mulheres estão presente nesse esporte, elas vão aos estádios, assistem campeonatos, treinam em times, arbitram jogos, entre outros.

A **(des) construção da maternidade** procurou conhecer as representações que 2 homens e 3 mulheres tem sobre a maternidade. A pesquisa revelou que a educação esteve expressa nas condições estruturais nas quais são representadas nas experiências com relação à maternidade. A concepção naturalizada que perpassa a maternidade, assim como, a compreensão predominante responsabilidade das mulheres pelo cuidado com os filhos ou filhas, retrata um modelo estereotipado de ser mãe, revelando que as peculiaridades sexistas construídas ao longo do tempo ainda não estão totalmente superadas.

Alfabetização no Brasil e questões de gênero: a ideologia presente nas orientações e usos de materiais didáticos – década de 20 a 50, este trabalho procurou identificar e compreender as relações de gênero que influenciaram os projetos de alfabetização, no período que abrange a décadas de 20 a 50 do século passado. Os resultados preliminares, pois se trata de um estudo em andamento, mostraram que existe uma contribuição expressiva dos recursos didáticos na construção e legitimação de uma versão masculina totalmente ligada ao espaço público (trabalho, aventuras, provedor) e uma versão feminina afeita ao espaço privado (casa, família, cuidados, filhos).

Representações sociais de educadores do ensino fundamental sobre sexualidade, o trabalho pesquisou as representações sociais de nove participantes, acerca da sexualidade em um grupo de professores do ensino fundamental. Os resultados demonstram que os professores tem interesse em conhecer e trabalhar a temática, porém relatam que a instituição não os apoia oferecendo formação em relação à temática. Quanto à família, esta, muitas vezes não concorda com a abordagem do tema. O estudo também aponta que o professor ainda traz tabus e preconceitos acerca da sexualidade e que isso interfere e reforça estereótipos e posturas que não contribuem para a reflexão emancipatória da temática.

Podemos perceber que as pesquisas apresentadas na Reunião do ano de 2006, versão sobre os estudos de gênero e sexualidade, contou com de trabalhos que abordaram entre outros assuntos, a homossexualidade demonstrando que ainda há muitos tabus e preconceitos acerca do tema, apesar das discussões e reflexões que gradativamente vem sendo tratadas na escola e na sociedade em relação as temáticas citadas anteriormente.

Tabela 4 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2006 (N=ocorrências ⁸)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Necessidade na escola e na formação profissional	31
	Moralista/discriminatória/biologizante e pontual	29
Gênero	Escola/mídia reforça padrões de comportamento/discriminação/estereótipos/não considera a diversidade	73

Fonte: Elaborada pela autora.

No ano de 2006 a análise das produções da 29ª RA proporcionou eleger duas categorias: Educação sexual e Gênero. Ressaltamos que os dispositivos tecnológicos,

⁸ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

produtores de uma rede de símbolos, reforçam certa ideia de identidade indissociável de imagens modelares que produzem o que Foucault (2000) chama “estética de si”, estilo a ser adotado pelos sujeitos como se fossem identidades individuais.

Os resultados encontrados reforçam a ideia da necessidade de refletir sobre as questões de gênero, mídia, sexualidade, diversidade, homossexualidade, dentre outros, no ambiente escolar, visto que, na escola encontramos uma variedade de pessoas com experiência de vida, sonhos e realidade específica e, compreender, aceitar e saber lidar com esta diversidade é relevante para a construção de uma educação mais justa e democrática.

Porém, em relação ao papel da escola, Louro (2001) argumenta que ela é formadora de diferenças e desigualdades. Isso remete a ideia de Carvalho (2003, p. 57) ao afirmar que “[...] a desigualdade sexual e a iniquidade de gênero se manifestam em muitos aspectos das relações escolares”.

Compreendemos que essas manifestações abrangem as expectativas dos professores/as, as representações de ser homem e ser mulher, os materiais didáticos e as relações de poder estabelecidas no espaço escolar. Portanto, as análises apontam para a carência de uma Educação Sexual de forma contínua, intencional e interdisciplinar, que privilegie os aspectos biopsicossociais e culturais, possibilitando a formação do indivíduo sobre sexualidade, despida de valores calcados no senso comum e nos discursos que se apresentam nas mais diversas mídias.

30ª RA ANPED: 30 Anos de Pesquisa e Compromisso Social

Neste ano de 2007 no GT 23, foram dezesseis (16) trabalhos apresentados, um *pôster* e um minicurso, (não houve apresentação de trabalho encomendado). A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 6 - Produções do Ano de 2007

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
“O que é loba??? É um jogo sinistro, só para quem for homem...” – Gênero e sexualidade no contexto escolar	Anderson Ferrari	Qualitativa/ Produções dos alunos	UFJF	Comunicação oral	Não consta

Gênero e sexualidade nos PCNs: uma proposta desconhecida	Dayse de P. Marques	Qualitativa/ Observação (público que assiste a vídeos em diferentes contextos)	UERJ	Comunicação oral	Não consta
O que pensam professoras da educação infantil sobre a feminilização da profissão docente?	Marli L. Tonatto Zibetti	Qualitativa/ Entrevista	GEPPEA/UNIR	Comunicação oral	Não consta
A produção da mãe leve, flexível, forte nas páginas da Pais & filhos	Maria S. V. Schwengber	Qualitativa/ Análise de revistas	UFRGS	Comunicação oral	Não consta
A sexualidade num curso normal “seus tempos e contra tempos”	Patrícia A. Palestrin	Qualitativa/ Observação, análise documental, entrevistas	UFRGS	Comunicação oral	Representações de sexualidade, Estudos feministas, formação de professoras
A boneca Barbie e a educação das meninas-um mundo de disfarces	Fernanda T. Roveri	Qualitativa/ Pesquisa Bibliográfica	UNICAMP	Comunicação oral	Barbie, corpo, infância.
Saúde é coisa de mulher em qualquer idade: educação, gênero e envelhecimento	Luiz F. C. Alvarenga	Qualitativa/ Entrevistas e imagens fotográficas	UFRGS	Comunicação oral	Educação, saúde, gênero, envelhecimento
A sexualidade feminina entre práticas divisórias da “mulher bela adormecida sexualmente a multiorgástica-imprensa feminina e discursos de professoras	Constantina Xavier Filha	Qualitativa/ Historia de vida e análise de revistas	UFMT	Comunicação oral	Gênero, sexualidade feminina, imprensa feminina

Bordado expressão de vida: gênero, sexualidade	Claudia R. Ribeiro P. das Chagas	Qualitativa/ Análise de imagens escritas/bordadas	UERJ	Comunicação oral	Gênero, bordado, memória, cidadania.
Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas	Maria Cláudia Dal'Igna	Qualitativa/ Análise de normas de comportamento nas escolas	UFRGS	Comunicação oral	Desempenho escolar, normas de comportamento, gênero
Banheiros escolares: promotores de diferença de gênero	Adla B. M. Teixeira; Ana Elvira S. S. Raposo	Qualitativa/ Observação e entrevistas	UFMG	Comunicação oral	Gênero, sexualidade, educação infantil, banheiros públicos.
Formação de pedagogas-memórias e trajetórias	Marisa Barletto	Qualitativa/ Entrevistas e história oral	UFV	Comunicação oral	Não consta
As obrigações no trabalho doméstico familiar de jovens estudantes: uma questão de gênero	José Damico	Qualitativa/ Análise de dados do Mapa do Lazer Juvenil da cidade de Canoas	ULBRA	Comunicação oral	Lazer, juventude, trabalho doméstico.
Homens fora do lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças	Frederico Assis Cardoso	Qualitativa/ Entrevista, observação e registro	CUNA	Comunicação oral	Gênero, identidade, professores.
Quando o estranho é o professor: narrativas e o currículo de formação de professores	Mirian Pacheco Silva	Qualitativa/ Entrevista	UNICAMP	Comunicação oral	Sexualidade, currículo, formação de professor.

“Ela sabe roubar... de um jeito escondido mas ela rouba” o jogo e as estratégias de gênero numa classe de alfabetização	Jonê Carla Baião	Qualitativa/ Análise do comportamento de alunos (as) durante jogos	UERJ	Comunicação oral	Não consta.
Abordagem do HPV na escola: caminhos e questionamentos no terceiro ano do Ensino Médio	João C. de S. Caetano; Carmem L. P.Silveira	Qualitativa/ Estudo descritivo transversal de campo por observação direta extensiva	UNIPL	Pôster	Educação de jovens, DST-HPV, prevenção, ensino formal
Lendo as relações de gênero e intervindo nas práticas culturais e educativas para construir a equidade de gênero	Maria E. Pessoa Carvalho		UFPB	Minicurso	Não consta

Fonte: Elaboração da autora.

Neste ano, todas as pesquisas apresentadas foram de cunho qualitativo e houve a participação de cinco pesquisadores do gênero masculino. A maioria desses trabalhos é de autoria de pesquisadores de universidades da região sudeste.

A pesquisa intitulada **O que é a Loba??? É um jogo sinistro, só para quem for homem... Gênero e sexualidade no contexto escolar** busca problematizar o discurso e a prática de construção dos gêneros e das sexualidades a partir das masculinidades, mas através do diálogo com as feminilidades, as homossexualidades, as identidades e as sexualidades. A pesquisa se desenvolveu em uma escola com 400 alunos entre 5ª e 8ª série, em que a brincadeira aparece.

Visa também perceber o *bullying*, pois ele expõe a violência que está presente não somente nas escolas, mas que está servindo para organizar as relações de gênero entre os adolescentes e um certo entendimento das sexualidades. As relações humanas são marcadas pelo conflito e a escola é um desses campos, visto que é um dos locais de negociação das identidades.

O estudo revela que os mais variados discursos presentes na escola demonstram como a sexualidade passou a ser uma questão central na nossa sociedade, construindo poderosos efeitos de verdade. No entanto, as identidades devem ser percebidas como plurais, intermináveis, negociadas permanentemente. Não entendendo e não trabalhando com as identidades como esses mecanismos de construção dos “regimes de verdade” que são postos em prática no que se refere aos gêneros e identidades sexuais, as escolas acabam por aprisionar alunos e alunas no repertório sexual que domina nossa cultura, fazendo com que cada um se reconheça como detentor de uma identidade de gênero e sexual, dando origem aos homossexuais e aos “homens”, numa mistura problemática entre gênero e orientação sexual.

Quanto ao *bullying*, participar de jogos e “brincadeiras agressivas” na escola, é visto como coisas naturais da masculinidade, e quem a recusa passa a ser entendida como algum tipo de desvio da masculinidade hegemônica

Apesar da escola, se preocupar com a vigilância em relação à sexualidade, vão sendo constituídos grupos em oposição: o masculino e o feminino, os “homens” e os “homossexuais”

Banheiros escolares - promotores de diferenças de gênero, esta pesquisa descreve e discute práticas de uso de banheiro entre crianças de 2 a 6 anos de idade, tais como o banho e o uso do vaso sanitário coletivo *versus* privados pelas crianças, e as reações de adultos, educadoras e familiares, com relação a tais usos e como essas práticas estão conduzindo a formação do gênero.

O estudo percebeu que diante da visibilidade social e anatômica de várias possibilidades de sexualidade, a desigualdade se mantém a partir do binarismo dominante de gênero, feminino ou masculino, em relação àqueles que não se encaixam em nenhum desses dois padrões de generificação.

A organização dos banheiros públicos, portanto, é uma questão de política pública e de política educacional, e a escola é um local em que tais questões podem e devem ser problematizadas em suas implicações ambientais, culturais e de gênero. Assim, o uso conjunto do banheiro na educação infantil chama a atenção para uma prática que deveria ser estimulada nos vários contextos e níveis escolares, pois o uso comum dos espaços públicos requer o aprendizado do cuidado e conservação do ambiente e do respeito pelo outro, sem distinções de sexo ou gênero.

A boneca Barbie e a educação das meninas-um mundo de disfarces, traz em seu texto a discussão da construção do gênero feminino através da publicidade dos brinquedos, no

caso específico desse estudo, a boneca Barbie. A publicidade entorno da boneca Barbie se concentra em seduzir e encaminhar a menina ao mundo imaginário da boneca, ensinando como as meninas devem se portar e se apresentar corporalmente. Em filme, a boneca é mencionada como uma atriz que vive papéis de princesa e mostra a todas as crianças que se você for generosa, inteligente e corajosa, tudo é possível. Acentua que corpo, com o qual a publicidade dialoga, é convidado a tudo querer e em abundância comprar: exibir o máximo de mercadorias em si e ao mesmo tempo mostrar o mínimo de si: nenhuma gordura, nenhum vício, pouca fome, nada de rugas, celulite ou estria. O que vale é ser um esqueleto frágil para servir de suporte às etiquetas e aos mais variados acessórios da moda.

O estudo conclui que a publicidade da boneca Barbie ensina para as crianças como elas devem se apresentar corporalmente, vendendo não só seus produtos, mas o estilo de vida que está em alta no mercado. A boneca, diferentemente de outras que são feitas para brincar e ninar tem seu visual constantemente reconfigurado a fim de servir como estampa de novos espaços publicitários, direcionados ao público infantil. Barbie é sempre atualizada para não ficar com uma imagem de simples boneca, mas de uma pessoa real.

Em A sexualidade feminina entre práticas divisorias da mulher “bela adormecida” sexualmente a multiorgástica-imprensa feminina e discursos de professoras, fundamentou-se em estudos de gênero e propôs refletir sobre o discurso produzido e seus efeitos na constituição de subjetividade de 4 mulheres-professoras brasileiras e 3 portuguesas, veiculada e produzida por discursos hegemônicos em revistas femininas (Capricho e Cláudia, no Brasil; e Modas e Bordados, em Portugal) nas décadas entre 1950 e 1980, do século passado, o que constituiu-se por práticas divisoras, no limite entre os modelos da “mulher frígida” e o da hiper-sexualizada. Os resultados mostraram que apesar de algumas distâncias nos enunciados produzidos pelas mulheres portuguesas e brasileiras, elas são unânimes relativamente à vivência da docência, todas admitem que, pelo exercício e pelo aprendizado da docência, reinterpretaram a própria intimidade e ressignificaram a vivência como mulheres e como sexuadas.

As duas formas de vivência da sexualidade (entre a “bela adormecida” e a hiper-sexualizada) são encontradas nos discursos das mulheres e indicam modelos que estão constantemente acionados nos processos de subjetivação. Na maioria dos casos, as práticas divisoras provocam conflitos: de um lado, a mulher que pretende se tornar “dona de sua sexualidade”; de outro, a que fica à espera de alguém que a desvende. Um dos aspectos que as diferenciam diz respeito à construção da noção de intimidade.

As portuguesas dão para intimidade sentidos diferentes das brasileiras; para elas, esse conceito carrega a ideia dos limites impostos ao relato de aspectos considerados privados, o que não ocorreu com as brasileiras, e isso interfere nas práticas realizadas, e que realizam consigo mesmas em suas histórias de vida e, conseqüentemente, elas educam sexualmente reforçando ideários de recato e contenção para as meninas. Portanto, essas informações, podem se constituir como instrumento fértil de discussão e reflexão em momentos de formação inicial e continuada de educadoras e educadores.

A pesquisa **Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninas e meninos** analisa algumas normas de comportamento colocadas em funcionamento no processo de avaliação dos desempenhos de meninos e meninas e os pressupostos de gênero e de sexualidade que atravessam e constituem tais normas. O estudo, com um grupo de professoras das séries iniciais do ensino fundamental, buscou questionar os pressupostos de neutralidade e universalidade das normas de comportamento, discutir as conflitualidades que se encontram presentes no processo de normalização dos desempenhos de meninas e meninos, argumentar que gênero e sexualidade constroem significados diferenciados que permitem classificar comportamentos masculinos e femininos, hierarquizando-os e atribuindo-lhes diferentes valores. O estudo revelou que representações precisam ser discutidas e examinadas para que possam responder a complexidade das dimensões individuais, sociais, culturais e políticas presente na sociedade atual, no que se refere ao gênero e a sexualidade.

Já em **Bordado expressão de vida: gênero, sexualidade**, analisou os bordados considerando-os como forma de expressão das memórias das mulheres bordadeiras e que envolve a questão do gênero. O estudo é inconclusivo, mas oferece caminhos para reflexão tal como: bordar refere-se à necessidade fundamental, individual e coletiva, de manter viva uma identidade construída com bordado, cumplicidade, trabalho e lembrança.

Gênero e sexualidade nos PCN: uma proposta desconhecida teve como objetivo desenvolver uma reflexão sobre uma experiência com material audiovisual em um projeto de pesquisa que aborda a constituição da identidade feminina e masculina no espaço da socialização infantil e o papel da família e da escola nesse processo.

As narrativas produzidas após a exibição do material evidenciaram que tanto o tema sexualidade como o gênero são difíceis para o próprio professor discutir devido a falta de conhecimento, ele apresenta limites no universo pessoal para abordá-lo. Os PCN inovou ao propor temas que dificilmente são tratados no espaço escolar, ampliando a intervenção para os professores que atuam em sala de aula, entretanto, esta proposta foi compreendida por muitos

professores como uma transferência de responsabilidade, se não da família, de outros profissionais como psicólogos, pedagogos, assistentes sociais.

Considerando as dificuldades, as exigências colocadas para os professores para operacionalizarem os PCN, implicariam, no mínimo, em um investimento muito mais agressivo na sensibilização e preparo destes profissionais diretamente envolvidos nesse processo, pois, a ausência de uma preparação específica sobre as relações de gênero na formação dos professores, agrava a situação, já que a abordagem do tema não conseguiria escapar do senso comum ou dos valores pessoais dos professores, sendo que muitos deles, não querendo se expor ou ignoram este tema.

A pesquisa conclui ser necessário explorar mais e divulgar com trabalhos mais sistemáticos junto às escolas a respeito das temáticas, o que implica efetivamente, o gênero como uma categoria analítica, favorecendo a identificação de situações onde as relações de gênero, estabelecidas assimetricamente estão operando e, a partir daí, colaborar para desconstruir os mecanismos que estabelecem a hierarquia e o desrespeito ao outro.

Na pesquisa **A produção da mãe leve, flexível, forte nas páginas de Pais & filhos**, discute alguns modelos pelos quais diferentes discursos, da medicina à educação física, investem sobre o corpo grávido no contexto de um artefato específico da mídia impressa brasileira, a revista Pais & Filhos. O estudo revelou que a quantidade de material informativo disponível sobre as formas de cuidar dos corpos grávidos por meio das práticas corporais e esportivas sugere, cada vez mais, que a biologia não equipa as mulheres para a função social de cuidar de si e dos/as filhos/as. Quanto à sexualidade, esta também pode ser associada à maternidade, embora tida como inata e natural em nossa existência, é alvo da mais meticulosa e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento. Desmistificar a essência biológica da corporalidade feminina é descortinar a construção sociocultural do processo de gravidez como “ato regulável pela sociedade” e pelas diferentes áreas do saber. As diferentes práticas corporais nas revistas ensinam a gestante (mãe) a ser flexível, leve, preparada, resistente, atlética, forte, corajosa, participativa, constituindo um importante discurso que produz diferentes identidades.

Saúde é coisa de mulher em qualquer idade: educação, gênero e envelhecimento, pesquisa que se desenvolveu dentro de um contexto formado pelos campos da educação e da saúde, tomando como um dos entendimentos centrais a ampliação do conceito de educação. Na contemporaneidade, a saúde passou a funcionar como um mandamento e que as práticas de lazer, além de serem ressignificadas como práticas de saúde, constituem representações positivas de sujeitos associadas com vitalidade, energia, força, beleza e juventude,

objetivando a forma, entendida nesse contexto como a forma do corpo. O corpo que envelhece muda de forma, perde a forma, se deforma. Os discursos de manutenção dessa forma fazem-se presentes nos grupos de terceira idade.

O estudo analisou três aspectos de um grupo de convivência na terceira idade: a grande maioria é de mulheres que participa do grupo, enquanto os homens participam somente de algumas práticas, a resignificação de práticas de lazer com a prática de saúde; e a organização de grupos de convivência.

A autora elenca propostas que ficam a partir das reflexões em torno destas questões: uma a de se investir em estudos que articulem gênero e envelhecimento e outra, a importância de processos investigativos que se proponham a fazer ver os efeitos de práticas de educação e saúde sobre os diferentes sujeitos no que diz respeito a representações, identidades saudáveis e não saudáveis, direitos, deveres e responsabilidades nos cuidados individuais e coletivos em saúde.

Já **A sexualidade num curso normal “seus tempos e contra tempos”** analisou representações de sexualidade presentes num curso Normal noturno, de uma escola particular católica de Porto Alegre. A pesquisa revelou que a orientação encaminhada as estagiárias era de se controlar os tempos e espaços na sala de aula. Em relação aos alunos (as), a recomendação era de mantê-los o tempo todo ocupados com atividades. Portanto, o estudo mostra que as tendências pedagógicas podem até se modificar e ganhar outras nuances, mas esta recomendação para manter as crianças e adolescentes o tempo todo ocupados/as parece atravessar gerações e gerações de educadores/as e estudantes e demonstra estar diretamente associada ao controle da sexualidade, ao disciplinamento dos corpos nos espaços escolares. É preciso que este corpo escolarizado compreenda que definitivamente a escola não é o espaço apropriado para que manifestações da sexualidade ocorram. A autora finaliza indagando até quando a sexualidade terá que habitar brechas de tempo e pequenos espaços na formação de professoras e quando haverá discussões sobre sexualidade reconhecidas e colocadas na pauta do currículo escolar.

Em **Formação de pedagogas-memórias e trajetórias**, a pesquisa analisou o processo de formação de pedagogas a partir da memória de alunas egressas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV) da década de 1980, que nesse estudo abordará apenas a narrativa de uma participante. A análise visou apreender, no contexto das pequenas cidades, os elementos significativos da reconstrução da escolha do curso e a experiência da vida universitária através de narrativas das suas trajetórias, do “antes” e do “depois” de entrar na universidade. O estudo revelou que a experiência da vida universitária foi construída entre

diferentes lugares de gênero, de geração, de espaço e de classe, nas suas relações intersubjetivas e institucionais. A análise aponta três aspectos que sobressaíram por movimentarem sentidos e significações na construção de identidade, as famílias de gerações de mulheres, a condição de filha, e as dimensões sócio geográficas em que a pesquisada se encontra inserida.

As obrigações no trabalho doméstico familiar de jovens estudantes: uma questão de gênero analisa os dados que demonstrem implicações no tempo livre de 831 dos/das jovens do ensino fundamental e médio e, em suas opções de lazer em função das obrigações com os trabalhos domésticos familiares na constituição das identidades/diferenças de gênero como atributo importante na configuração do lazer de jovens que participaram do Mapa do Lazer Juvenil da cidade de Canoas/Rs.

O estudo revelou que há dois projetos, os com organização do trabalho doméstico e outro sem. Um que procura garantir às meninas as competências necessárias para dar conta das tarefas domésticas que, no futuro, a sociedade espera que ela cumpra perante a sua família. Outro que aponta para as meninas, principalmente as de baixa renda, com a oportunidade de aprendizagem para, num futuro próximo, ocuparem postos menos qualificados do mercado de trabalho. Nesse caso, seja do ponto de vista do trabalho doméstico propriamente dito, seja do ponto de vista do contexto de produção desse trabalho doméstico, o não regramento do tempo garante a reprodução das aprendizagens fundamentais para a produção de comportamentos generificados que envolve a formação da identidade de gênero, que no caso conta com maior participação das meninas.

A pesquisa **O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente?** buscou problematizar as concepções de um grupo de professoras de educação infantil sobre a feminização da carreira docente.

O estudo revelou que as professoras valorizam a proximidade com as crianças, a necessidade de cuidado, paciência e afeto no trabalho com os pequenos. Algumas, entretanto, defendem que estas habilidades são aprendidas socialmente e, portanto, os homens também podem aprendê-las. Outras, por sua vez, consideram ser da natureza feminina as capacidades exigidas das profissionais que trabalham com crianças pequenas, desconsiderando que estas concepções são também ensinadas por elas às crianças que se tornarão adultos e adultas que reproduzirão estereótipos e preconceitos de que hoje as mulheres são vítimas. Dessa maneira, a pesquisa evidencia como o discurso de “natureza feminina” está presente entre as próprias educadoras, embora não seja um discurso hegemônico, enquanto algumas delas questionam a discriminação e os estereótipos que desvalorizam o trabalho em creches e pré-escolas.

Homens fora do lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças, este texto expressa o resultado de uma pesquisa sobre as marcas da identidade de nove professores homens no trabalho docente, com crianças de seis a oito anos de idade, e revelam que, embora construam sua identidade de professores homens em processos contínuos de resistência e acomodação às normas culturalmente construídas sobre homens e mulheres, os professores homens não identificam o magistério como uma profissão feminina. Os professores homens fogem da alfabetização. Há uma preferência dos homens em assumir as aulas de educação física ou de gestão da educação, espaços notadamente ainda demarcados para as vivências de suas masculinidades. Eles parecem acessar os cargos disponíveis nas escolas com mais facilidade que as mulheres, contando, inclusive, com elas para que isso seja possível. Ocorre, assim, a reprodução das relações sociais de gênero em que os homens continuam gozando de mais privilégios na hierarquia de cargos com mais prestígio, em funções administrativas de atribuição de controle e poder.

Em **Quando o estranho é o professor: narrativas e o currículo de formação de professores**, este trabalho buscou discutir e analisar como a sexualidade marca as relações pessoais e como ela interfere no currículo de formação de professores e apresenta resultados parciais a pesquisa. As narrativas revelaram que os professores(as) estudados ao falarem de suas experiências nas escolas, não remetem ao individual mas sempre ao coletivo, isto é, ao conjunto de professores(as). Mesmo sendo diferentes, aprendem a agir igual e demonstram estarem constituídos de certezas sobre o que é ser professor(a). No que tange a sexualidade, aparece no centro o/a professor/a heterossexual, pois sendo igual é considerado normal. Na margem, o homossexual, o bissexual, o esquisito, o diferente, o anormal, alvo de piadas e curiosidades. Ser professor-pessoa normal, igual, pode. Ser professor-pessoa em sua integralidade, para alguns, não pode. Como são os próprios professores que fazem e falam de currículo, cabe a eles romper com essa construção e conceber o currículo como uma amálgama de saberes, permeado por experiências e subjetividades que não podem ser descoladas da constituição do professor.

Na pesquisa **“Ela sabe roubar... de um jeito escondido mas ela rouba” o jogo e as estratégias de gênero numa classe de alfabetização**, analisou diferentes modos de ser meninas e ser menino em atividade de jogo de memória, com foco na linguagem, buscou-se através de enquadres e alinhamentos, numa sala de alfabetização, entender os papéis de gênero que cada um reclamava para si. O estudo mostrou que as identidades modificam-se quando tratadas com foco no grupo ou no indivíduo. A atividade de jogo mostrou-se o espaço ideal para os meninos. Eles gostaram de jogar e mostraram habilidade no jogo. Desse modo,

eles iam vencendo as jogadas e ganhando a liderança. O grupo de meninos apresentou uma identidade masculina competitiva, com forte apelo corporal, gestual e o uso de palavrões. O grupo das meninas mantinha um certo recato na comemoração dos acertos.

A autora conclui que a dicotomia de mundo dos meninos e das meninas, parece se repetir na sala de aula. Porém, que nessa experiência diferentes modos de ser menina e ser menino se desenharam, o que leva a concluir que as identidades são sempre negociadas, pois são flexíveis e variáveis, dependentes dos contextos.

Abordagem do HPV na escola: caminhos e questionamentos no terceiro ano do ensino médio, procurou determinar e avaliar o nível de conhecimento entre adolescentes sobre fatores relacionados à DST-HPV. A pesquisa, mostrou a falta de conhecimento aliada a grande dificuldade em mudar os equívocos. O estudo aponta a escola como melhor lugar para que essas mudanças comecem e possam acontecer. Nesse sentido, todos os esforços devem estar voltados para que campanhas educativas supram a falta de informação, tornando os jovens menos suscetíveis à infecção pelo HPV e outras DST.

Em **Lendo as relações de gênero e intervindo nas práticas culturais e educativas para construir a equidade de gênero**, objetivou analisar as construções e desconstruções de gênero em diversos contextos educativos, na escola, na vida cotidiana, em narrativas veiculadas por várias mídias (publicidade, TV, cinema). O estudo com base em aportes da teoria feminista crítica e pós-estruturalista, da sociologia de Pierre Bourdieu, e da pedagogia feminista e Freireana, buscando discutir também limites e possibilidades de intervenção pedagógica nos contextos citados.

Tabela 5 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2007 (N=ocorrências)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Necessidade reflexão na mídia/escola/universidade desde a educação infantil.	84
	Castradora/disciplinadora/Biologizante e pontual	50
Gênero	Escola reforça os estereótipos/ignora diversidade	119
Sexualidade	Construção Histórica Social originando tabus/preconceitos	90

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa análise, os resultados indicam três categorias que se entrelaçam, indicando a importância atribuída a escola enquanto responsável pelo reforço de estereótipos de gênero. Denota-se que a escola como lugar de aprendizagem formal e linear continua sendo a fundamentação dos docentes.

A escola se institui, para apresentar o que já está instituído, isto é, o conhecimento, as normas, enfim, o que foi acumulado historicamente sob a alegação de tradição cultural e apresenta determinada organização hierárquica de funções e saberes que são repassados as gerações.

Nossas raízes culturais são impregnadas de representações distorcidas da sexualidade e, ainda hoje são reforçadas pelo currículo oculto nas escolas. Sabemos que a maioria dos professores não tiveram informações adequadas e muitas vezes apresentam dificuldades de lidar com o processo de educação sexual dos seus alunos, e nessa situação eles também são aprendizes. Assim, esta instituição torna-se reprodutora de conceitos sexistas, que ainda produzem e reproduzem diferenças.

Segundo Louro (2000, p. 40)

Preocupada em disciplinar e normalizar os indivíduos, a escola, ao longo da história, ao mesmo tempo que negou seu interesse na sexualidade, dela se ocupou. As instituições escolares constituíram-se, nas sociedades urbanas, em instâncias privilegiadas de formação das identidades de gênero e sexuais, com padrões claramente estabelecidos, regulamentos e legislação capazes de separar, ordenar e normalizar cada um/a e todos/as.

Cabe destacar, que a escola, através do currículo cumpre o papel de continuar a normalizar os indivíduos em detrimento a discussões pertinentes ao gênero e a sexualidade que continuam construindo significados diferenciados que permitem classificar comportamentos masculinos e femininos, hierarquizando-os e atribuindo-lhes diferentes valores. Os dados revelaram ainda, a importância da educação sexual para diferentes níveis de escolarização. Nesse sentido, depreende-se a necessidade de formação e estudos específicos sobre a sexualidade como destaca Figueiró (2001, p. 62)

[...] cada área científica deve abrir-se para autocrítica e reflexões, buscando repensar constantemente seu verdadeiro papel social, suas possibilidades de contribuição efetiva para uma vivência sadia da sexualidade, na tentativa de compreender seus próprios limites e de superá-los na interdisciplinaridade.

A Educação Sexual é uma prática que deve se iniciar na família e perpassar as práticas pedagógicas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, se estendendo para os cursos de formação de diferentes áreas.

Não obstante, ao pensarmos que a tradição interfere na organização das disciplinas, verificamos que algumas tradições principais assumem uma visibilidade maior no interior das fronteiras disciplinares. A esse respeito Goodson (2001, p. 178) ressalta que algumas

tradições disciplinares podem ser “[...] relacionadas com as origens da classe social e com os destinos ocupacionais dos alunos”. Portanto, o autor alerta que os cursos de Formação de Professores poderiam aprofundar as discussões sobre os papéis dos futuros professores e as opções com as quais eles irão se confrontar ao longo de sua vida profissional.

Diante disso, urge a necessidade da construção de um espaço de reflexão e problematização na formação de professores, sobre a diversidade sexual e de gênero na escola, que deve ser introduzido nas universidades para que além da formação, se promova um trabalho marcado pela disposição em questionar os próprios preconceitos, em fazer circular os “não ditos” presentes na escola, visto que as pesquisas colocam que o espaço escolar se encontra permeado pela reprodução de comportamentos que reforçam as relações de poder que envolvem o gênero e a sexualidade, suscitando preconceitos que em alguns contextos podem gerar violência não só na escola, mas em outros espaços, para organizar as relações de gênero e questões de sexualidade entre os jovens.

31ª RA – Anped Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação

No ano de 2008 o GT 23, contou com um trabalho encomendado, doze trabalhos apresentados, três *pôsteres* e um minicurso. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado. Nesta reunião, os trabalhos apresentados diversificaram em relação aos assuntos abordados e houve uma atenção a abordagem referente à sexualidade infantil e a formação de professores do ensino básico em relação à temática gênero.

Quadro 7 - Produções do Ano de 2008

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa	Maria E. Pessoa de Carvalho	Qualitativa/ Estudo de caso	UFPB	Comunicação oral	Não consta
Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada	Maria E. Pessoa de Carvalho; Eliana C. I. da Costa; Rosemary A.	Qualitativa/ Análise das rotinas da E. I.	UFPB UFPE UFPB	Comunicação Oral	Educação infantil: princípios de visão e divisão, habitus: pedagogia

no cotidiano da educação infantil	de Melo				visual: roteiros de gênero
Narrativas de vivências juvenis: as jovens mulheres no centro da cena	Sueli Silva	Qualitativa/ Análise de autobiografia e entrevista	UFRG ULBRA	Comunicação oral	Narrativas autobiográficas, jovens mulheres, periferia urbana
Ensina-se a mais antigas das artes às mulheres: a de ter filhos e torna-se mãe carinhosa	Maria S. Vione Schwengber	Qualitativa/ Análise de revistas “pais e filhos”	UNIJUÍ	Comunicação oral	Corpo, gênero, prática corporais, maternidade, mídia.
Sexualidade na escola mediada pela literatura: apropriações docentes	Andreia C. da Silva; Vera H. Ferraz de Siqueira	Qualitativa/ Análise da apropriação do livro didático por professores	Colégio Brig. Newton Braga e UFRJ	Comunicação oral	Apropriações docentes, literatura para jovens, gravidez na adolescência, educação sexual.
Livros didáticos das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais: construções de gênero	Fernanda de Araújo Rocha; Abdla B. M. Teixeira	Qualitativa/ Análise documental	UFMG	Comunicação oral	Questões de gênero, cartilhas e pré-livros, alfabetização, imagem e texto, Escola Nova.
Quatro intervenções para uma pedagogia <i>Queer</i>	Maria R. de A. Cesar	Qualitativa/ Análise de filmes	UFPR	Comunicação oral	Sexualidade, diversidade sexual, gênero, currículo <i>Queer</i> , escola.
Professores (as) sexualidade, educação sexual: produzindo sujeitos nos contextos dos programas de educação afeto-sexual (PEAS)	Roney P. de Castro	Qualitativa/ Análise do programa PEAS	UFJF	Comunicação oral	Não consta
“Quem é da tua família?” gênero, relações	Letíci P. Fernandes	Qualitativa/ Observação de educadoras e	UFRGS	Comunicação oral	Educação da família, meninos/nas em

familiares e situação de rua		assistentes sociais			situação de rua, políticas de inclusão social, gênero.
Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que revelam as narrativas?	Bernardina S. A. de Souza	Qualitativa/ Análise de manuais	UFPE	Comunicação oral	Pedagogia da sexualidade, narrativas femininas, zonas de silêncio.
Palavras “Palavrões”, um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira	Eliane Rose Maio Braga; Paulo Rennes M. Ribeiro	Qualitativa/ Coleta de palavras	UEM UNESP	Comunicação oral	Sexualidade, sexo, palavras, sinônimos, repressão sexual, orientação sexual escolar.
Profissionais da educação infantil e ensino fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da literatura infantil	Cintia de S. Batista Tortato	Qualitativa/ Análise de livros de literatura acerca do g	UERJ	Comunicação oral	Não consta
Procurei e encontrei: os possíveis álbuns de mulheres negras	Claúdia R. R. Pinheiro Chagas	Qualitativa/ Análise de fotografias	UERJ	Pôster	Conhecimentos em rede, mulheres negras, fotos.
Nas tendas da sexualidade e gênero	Lívia M.de C. Faria	Qualitativa/ Observação de pessoas acerca de imagens e fotos sobre a	UFLA	Pôster	Sexualidade, gênero, abuso e exploração sexual de crianças e

		sexualidade			adolescentes, artefatos culturais.
Meninas (mal) comportadas: postura e estranhamentos em uma escola de periferia	Juliana R. de Vargas	Qualitativa/ Etnografia	UFRGS	Pôster	Estudos culturais, gênero, infância, feminismo, periferia urbana.
Gênero, ciência e tecnologia desconstruindo desigualdades na escola	Marília G. de Carvalho; Lindamir S. Casagrande; Nanci S. Silva	Qualitativa/ Debates	CEFET	Minicurso	Não consta

Fonte: Elaborado pela autora.

Este ano todas as pesquisas apresentadas foram de cunho qualitativo e teve somente a participação de um pesquisador do gênero masculino.

Em **Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa**, este trabalho busca descrever as construções e desconstruções das relações de gênero no cotidiano da educação infantil na organização escolar, curricular e pedagógica, a partir da prática docente. O estudo relata que as educadoras, adultas, já estão formadas como sujeitos de gênero na ordem sexista, heterossexista e androcêntrica, e continuam reproduzindo os mesmos comportamentos com as(os) alunas(os). As consequências dessa educação continua afetando não só o desempenho acadêmico como as chances no mercado de trabalho, aspectos da vida individual e social de homens e mulheres.

Para desconstruir esses conceitos introjetados nas educadoras(res), requer um intenso e contínuo investimento na educação infantil, pois as crianças, ao adentrarem na educação infantil, já começam a aprender com a família sobre a organização da vida social, as atribuições de identidade, e na instituição compartilham com profissionais um longo tempo semanal, em que as ações pedagógicas, expectativas e normas disciplinares, no contexto do currículo oculto e em ação, permeando o desenvolvimento e autoconceito das crianças, carregado de significados relativos ao gênero e a educação sexual. Portanto, essa modalidade de ensino exige mais conhecimento e preparação dos profissionais no que tange a educação sexual.

A pesquisa objetivou descrever e analisar as construções das relações de gênero no cotidiano infantil através de estudos de caso da prática docente em diferentes contextos: João Pessoa, Campina Grande, Caruaru e Belo Horizonte.

Os resultados mostram que as educadoras, formadas como sujeitos de gênero, reproduzem estes padrões de comportamento com as crianças. O estudo revelou também, a necessidade de investir na formação de professoras e educadoras em relação às temáticas, considerando que a desconstrução e reconstrução dos conceitos naturalizados nesse grupo, requer atenção.

No estudo **Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil** analisa a organização e repartição dos espaços, objetos e atividades no contexto da Educação Infantil, a partir de cenários e roteiros gendrados, considerando que uma pedagogia organizacional e visual, sutil ou explícita, constituída por espaços e objetos dispostos e signos e símbolos expostos às crianças nas atividades escolares, determina os cenários e disciplina as interações entre meninas e meninos, configurando o desenvolvimento de roteiros mais ou menos prescritivos.

O estudo revelou que a partir de fotos e descrições de cenas, nas quatro escolas de educação infantil pesquisadas, que há mais separações do que misturas de sexo e gênero, indicando possibilidades de reprodução e possibilidades de transformação de papéis, identidades, *habitus* (BOURDIEU, 1999) e relações de gênero. Constatou-se também, ausência de intervenção pedagógica na formação de sujeitos de gênero, caso de duas das instituições pesquisadas, identificou-se a predominância da reprodução das relações de gênero, configurada nos silêncios e omissões docentes, expressa marcadamente nessa pedagogia organizacional e visual, a qual limita as possibilidades de intervenção pedagógica.

Já Narrativas de vivências juvenis: as jovens mulheres no centro da cena, esse estudo priorizou as vivências de jovens a partir de narrativas construídas em diários autobiográficos, e buscou conhecer como seis jovens com idades entre 14 e 20 anos narram o seu cotidiano, de maneira a compreender como se constituem do ponto de vista da linguagem, e, como atuam no processo de construção de si.

O estudo revelou que os diários abrigam a possibilidade de invenção, um jogo lúdico onde imagens, sinais, palavras e artifícios próprios da linguagem juvenil se revelam, assim como, os lapsos, as incertezas, o silêncio, as reticências, as palavras perdidas, os símbolos desenhados, as artimanhas para criar uma linguagem que traduza a cultura juvenil. Mostrou ainda possuir conotações que transitam em três dimensões: política, cultural e subjetiva. A dimensão política se efetiva à medida em as jovens se conectam a experiência de narrar e, ao

narrar-se, se posicionam no mundo. A dimensão cultural aparece mediante a construção de uma releitura do universo já existente em que as diferenças culturais se tornam compatíveis. A dimensão da subjetividade se revela mediante as práticas discursivas, que traçam a trama de suas vidas, trafegam pelos tempos da memória, criam sentidos para suas vivências cotidianas, buscam novos sentidos para sua história.

As narrativas mostram que essas mulheres buscam seus próprios sonhos tendo a escolarização e o trabalho como caminhos mais concretos para alcançá-los. Nesse cenário a dominação masculina flexibiliza as relações de poder, mas se acentuam nas relações afetivas. Conclui-se que o conhecimento dos sujeitos a quem se destina a educação pode contribuir para uma aproximação mais significativa entre a escola, as jovens e a vida que contextualiza essas relações.

A pesquisa **Ensina-me a mais antiga das artes às mulheres: a de ter filhos e tornar-se mãe carinhosa** discute a educação dos corpos das mulheres incluindo um processo educativo contemporâneo mais amplo, como “politização do feminino e da maternidade”, apresentado pela revista Pais e Filhos. O estudo relata que a revista trata da mulher enfatizando mais os aspectos biológicos, e quando se refere ao homem, remete mais ao aspecto simbólico dos valores culturais a ele dispensados. Em relação ao corpo grávido, as análises mostram um movimento que permite visualizar a emergência de uma lógica, segundo a qual a educação dos corpos grávidos se intensifica, por meio das práticas corporais, construindo diferentes posições de sujeito: a de mãe carinhosa (que cuida e se cuida); a que abriga e protege; aquela responsável pelo filho perfeito.

Em **Sexualidade na escola medida pela literatura: apropriações docentes**, o estudo pesquisou a análise dos sentidos construídos por um grupo de professores(as), um homem e 8 mulheres, na apropriação dos livros literários que abordam a temática da gravidez na adolescência. Os livros utilizados pelos participantes da pesquisa com três títulos de autoria de Júlio Emilio Braz: *Aprendendo a viver*; *Um sonho dentro de mim* e *Anjos no aquário*. O estudo foi norteado pelos Estudos Culturais.

A pesquisa mostrou que a escola exercita uma pedagogia da sexualidade e do gênero calcada no disciplinamento, e não discute a gravidez e o gênero sob a ótica de um processo das transformações sociais. Percebeu-se que espaços de rarefação e silenciamento, relega a um segundo plano o potencial oferecido pela linguagem ficcional e se reproduz a preocupação hegemônica escolar com a disciplinarização da sexualidade adolescente e com a mera transmissão de informação. A apropriação do livro literário, pelas professoras, enquanto artefato cultural necessita de proposições mais críticas num contexto de mudanças

significativas, não apenas no arcabouço de ideias do campo educacional, mas buscando oferecer maior visibilidade acerca dos horizontes de pensamento que vislumbrem contornos diferenciados na inauguração de possíveis significados.

A pesquisa **Livros didáticos das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais: construções de gênero** investigou a influência histórica das questões de gênero como estruturantes dos projetos de alfabetização e, conseqüentemente, das práticas pedagógicas orientadas pelas políticas educacionais entre as décadas de 20 a 50, no estado de Minas Gerais, período caracterizado pelos ideais do Movimento da Escola Nova. A análise das imagens e dos textos contidos nas cartilhas e pré-livros do período, possibilitou identificar como as questões de gênero estavam presentes nos materiais didáticos, corroborando para a ideologia imbuída nas políticas públicas para a educação. Os dados revelam que os livros didáticos, mesmo que não explícitos, perpetuavam ideais de masculinidade e feminilidade distintos e complementares, nos quais as mulheres são afeitas ao âmbito do doméstico, privado, e os homens designados aos espaços públicos, do trabalho.

As inscrições de aprovação nas folhas de rosto desses materiais e a longa permanência de alguns livros didáticos demonstram que tais materiais estavam em conformidade com as diretrizes governamentais vigentes. Esta comunhão de ideias permite supor que a segregação entre homens e mulheres observada, expressa a percepção do Estado diante das questões de gênero. Assim, é imprescindível uma formação docente crítica para perceber e agir diante do desafio de identificar valores sexistas nos materiais didáticos.

Já **Quatro intervenções para uma pedagogia *Queer***, este trabalho buscou analisar as narrativas dos professores/as sobre sexualidade através de um diálogo entre personagens reais e/ou fictícios, que cruzaram as normalizadas fronteiras do gênero e da sexualidade, e o discurso da sexualidade e da diversidade sexual no universo escola. Nesse sentido, destacam-se as intervenções de Thomas Beatie, Brendam Teena (esses transformados em personagens do filme “Meninos não choram”), Bree Osbourn e Agrado (personagens fictícios em “Tudo sobre minha mãe”). Esses personagens são sujeitos que subvertem as expectativas em relação a sexo/gênero e considerados pela autora como artefato para a discussão do currículo ou da “pedagogia *queer*.”

O estudo revelou que existe um descompasso entre as políticas sociais e públicas dos últimos anos em relação à diversidade sexual e a escola, pois, esta instituição, em grande parte, permanece dentro da ordem disciplinar e normativa produzindo, fazendo parte da grande máquina normativa de exclusão de *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros. O grupo de professoras/es participantes dessa pesquisa, apresentou divergência em encarar a

diversidade sexual. O grupo que trabalha nas escolas com o Projeto “Saúde e Prevenção nas escolas”, se colocam em posições menos homofóbicas e declararam conhecer o programa “Brasil sem Homofobia”, contudo, a diferença fica restrita aos professor(a)s do projeto, sem que isso tenha qualquer impacto em relação aos demais profissionais da mesma escola. Considerando-a como *locus* para o aprendizado da diversidade sexual, os professores necessitam se capacitar para intervir neste ambiente.

Em **Professores(as) sexualidade, educação sexual: produzindo sujeitos nos contextos dos programas de educação afeto-sexual (PEAS)** analisa e problematiza a formação docente para a abordagem da sexualidade no ambiente escolar, nos contextos do Programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS), desenvolvido em escolas do município de Juiz de Fora (MG). Os resultados mostram que os professores/as, participantes desse programa de formação, passaram a ser vistos como possuidores de algumas qualidades especiais, que incluem um maior domínio da sexualidade e de conduzir atividades de educação sexual, assim como, ter o melhor modo de atingir os/as adolescentes. Enfim, esses docentes passaram a ser considerados como tecnologias de produção de sujeitos e de identidades.

“Quem é da tua família?” gênero, relações familiares e situação de rua aborda alguns dos modos através dos quais meninos e meninas em situação de rua vivem suas relações familiares, e, de como um serviço municipal específico para o atendimento deles/as entende e ensina formas de viver e de se relacionar com a família.

A pesquisadora observou as ações deste Serviço através da rotina de educadoras/es e assistentes, e destacou um ponto constantemente reiterado pelos/as meninos/as e pelo serviço em foco, refere-se a centralidade conferida à mulher-mãe nas relações familiares e nos programas e políticas que atendem essas famílias. Tanto os meninos e meninas atendidos/as quanto às políticas públicas, tendem a posicionar as mulheres-mães no centro da vida familiar, fazendo delas o elo principal entre as políticas de inclusão social e a melhoria das condições de vida. Esse processo vem sendo problematizado na ótica de uma “politização contemporânea da maternidade”

Já Os manuais de consulta e a escrita feminina no início do século XX: o que revelam as narrativas? o trabalho analisou o papel dos manuais de conduta na formação das professoras no Brasil nas décadas de 30 e 40, desvelando suas regulações para a construção de corpos assexuados e eugênicos, considerando a concepção de magistério como vocação ou sacerdócio, e estabelece uma relação muito próxima entre estes campos. Os manuais

embasados no pensamento católico-ortodoxo foram largamente utilizados nos cursos de formação, principalmente pelos defensores de uma educação sexual eugênica e casta.

O estudo revelou que através dos discursos promovidos pelo Estado, consorciado com a igreja católica para a regulação dos corpos das mulheres-professoras, há uma Pedagogia da Sexualidade comprometida com um projeto de castidade e celibatário feminino. Em contrapartida, foi possível desvelar, também, que a apropriação da escrita, como construção que se dá dialeticamente, forneceu a algumas mulheres uma condição de escrita como forte e poderoso instrumento de denúncia e resistência. No contexto dos idos de 40 e 50, mulheres-professoras construindo novas possibilidades em sala de aula, produziram material didático e metodológico importantes, que construíram para abolir o uso de palmatórias, assumindo reivindicações de cunho cultural e social.

A pesquisa Palavras “Palavrões”, um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira, buscou analisar como as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas, nos dias de hoje, estão sendo representados pelas palavras, ou especificamente, pelos sinônimos proferidos cotidianamente. Foram coletadas 1.308 palavras que representam os nomes para a genitália masculina e feminina: pênis e vulva e para algumas práticas sexuais, masturbação e relação sexual. A pesquisa apontou que estas palavras expressam à repressão sexual que elas denotam, remete-se ao universo escolar, pois elas também se encontram presentes no cotidiano escolar, utilizadas e reproduzidas por diversos autores.

O estudo observou ainda, que na escola ocorrem, cotidianamente e em todos os níveis educativos, cenas, eventos, palavras e gestos referentes à sexualidade que a comunidade educativa, acaba provocando, voluntária ou involuntariamente, marcas nos corpos dos/as alunos/as, principalmente em cenas relativas à expressão sexual. Assim, enquanto se encontrar deboches, críticas não pertinentes, expressões vulgares, discriminação, preconceitos, sinônimos etc., principalmente no ambiente das escolas, mais se justificam o desenvolvimento de projetos adequados de Educação Sexual intencional na escola.

Em Profissionais da educação infantil e ensino fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da literatura infantil, essa pesquisa foi realizada a partir das atividades desenvolvidas com literatura infantil no segundo módulo de um curso de capacitação dirigido a profissionais da educação da rede municipal de ensino da cidade de Matinhos, planejado para trabalhar com o tema gênero e diversidade sexual no ambiente escolar.

O estudo mostra que, os relatos finais e a avaliação do grupo confirmam a importância de se trabalhar as questões de gênero e diversidade sexual na escola e a pertinência de fazer esse trabalho por meio da literatura infantil. Os participantes demonstraram prazer e satisfação na realização das atividades com livros infantis, pois puderam ver neles uma ferramenta que pode dar suporte aos mesmos no cotidiano escolar.

Já **Procurei e encontrei: os possíveis álbuns de mulheres negras**, investiga o cotidiano de mulheres negras, através das fotografias para perceber as pistas deixadas nos diversos espaços/tempos, sócios, históricos, políticos e culturais. A autora encontrou álbuns que mostram mulheres em luta pelos seus direitos civis e políticos, de diferentes gerações, etnias e religiões e, nesse documento, pode-se ver inúmeras mulheres negras e como elas se veem, entre si. A partir desse encontro percebeu-se como essas mulheres utilizaram a tática do uso das lembranças coletivas para terem suas histórias registradas.

Nas tendas da sexualidade e gênero pretendeu apresentar a utilização de tendas temáticas, como ação questionadora na formação de adolescentes, professores/as e demais segmentos relacionados ao enfrentamento do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, em algumas cidades do estado de Minas Gerais. Este trabalho teve como foco conselheiros tutelares, participantes do Projeto Sentinela e do Programa de Saúde da família, professores/as do ensino infantil. Na Tenda da Sexualidade e Gênero foi possível promover a problematização dos direitos sexuais, bem como dos direitos reprodutivos, da sexualidade humana, das relações de gênero, do estatuto da criança e do adolescente, das violências, da afetividade e de outras temáticas pertinentes ao enfrentamento às violências sexuais. O trabalho demonstrou que os profissionais não tinham conhecimento dos direitos sexuais, sendo que direitos reprodutivos são direitos humanos e como tal são inalienáveis, indivisíveis e universais. Este tipo de trabalho pode promover a sensibilização de inúmeras pessoas acerca das temáticas.

A pesquisa **Meninas (mal) comportadas: postura e estranhamentos em uma escola de periferia** problematizou posturas de alunas que diferem de comportamentos habitualmente relacionados à infância feminina. As expressões diferenciadas utilizadas pelas alunas, as marcas que fazem em seu próprio corpo e as situações de violências nas quais às mesmas envolvem-se, são alguns exemplos de tais comportamentos. O estudo mostrou que o ideário de infância feminina ainda permeia o imaginário da sociedade e não se aceita que as meninas se envolvam em conflitos violentos. Tais comportamentos podem ser considerados como variados “modos de ser” menina na atualidade. Ao pensar em maneiras diversificadas de ser e agir na infância feminina é possível entender que meninas não apresentam uma identidade

única e que isso poderia ser problematizada nas escolas na busca de dar voz a diferentes formas de ser.

O minicurso **Gênero, ciência e tecnologia desconstruindo desigualdades na escola**, buscou sensibilizar sobre a relevância da temática Ciência e Tecnologia, articulando o gênero como elemento de análise para a compreensão da construção do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações para a educação e a sociedade, através de debates, estimulado por imagens da mídia, livros didáticos, trechos de filmes e vivências individuais. Dessa maneira, dar visibilidade aos processos discriminatórios e de exclusão que ocorrem no interior das instituições escolares associadas ao campo científico e tecnológico, contribui para a concretização de uma educação mais igualitária, emancipatória e cidadã.

Tabela 6 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2008 (N=ocorrências⁹)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Necessidade de implantação nas escolas.	36
	Oferecida pela escola/mídia/religião //disciplinadora biologicizante.	50
Gênero	Escola/sociedade/religião/documentos oficiais reforçam os estereótipos/desconhecem a diversidade sexual	80
Sexualidade	Escola/disciplinadora/desconhece direitos sexuais	10
Formação de Professor	Necessidade de Educação Sexual nos cursos de formação e Pós-Graduação.	60

Fonte: Elaborada pela autora

Neste ano, a análise realizada nos trabalhos apresentados na 31ª RA da Anped, possibilitou a identificação de quatro categorias, seguidas de subcategorias, de acordo com os assuntos que mais apareceram nas considerações dos trabalhos. Essas categorias se cruzam e inter-relacionam entre si, pois todas envolvem a sexualidade humana e os assuntos correlatos à temática.

A identificação das categorias e subcategorias mostra que a temática está suscitando cada vez mais interesse de pesquisadores vinculados a diferentes instituições que participam desse evento.

Neste evento, foi apresentada uma pesquisa que utilizou a Teoria *Queer*, tal teoria está associada às minorias gays, lésbicas, homossexuais, e, é compreendida como proposta de questionamento e contradição. Louro (2001, p.546) esclarece que *queer* pode ser entendido por “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. [...] também se constitui na

⁹ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais”. Porém, também “significa colocar-se contra a normalização.”

A teoria *queer* é uma teoria sobre gênero que afirma que a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são resultados de uma construção social. Afirma ainda, que não existem papéis sexuais determinados biologicamente, porém formas variáveis de desempenhar um ou vários papéis.

O conhecimento de tal teoria pode auxiliar na desconstrução de práticas pedagógicas que consideram a heteronormatividade como dominante e privilegiada na escola, e, a partir daí propor uma educação sexual que demonstre a pluralidade e a diversidade das relações humanas.

Assim, categorias e subcategorias revelam a necessidade da implantação da educação sexual emancipatória nas escolas, pois a análise mostra que a educação sexual, considerando as questões do gênero; da sexualidade infantil, adolescente e adulta, a gravidez na adolescência, a saúde sexual física e emocional de jovens e adultos, as questões relativas a homossexualidade, entre outras, são oferecidas por diferentes segmentos sociais, mas calcadas no preconceito, na discriminação, na produção de diferenças e de desigualdades, elegendando o senso comum como norteador na discussão dessas questões.

Frida e Andrade-Silva (1995, p. 67), afirmam que a Educação Sexual acontece em diferentes espaços

A educação sexual efetua-se de maneira informal e formal. Informalmente, ela acontece nas situações do cotidiano, onde a família, os amigos e os meios de comunicação encontram-se como seus principais agentes. Pelas dificuldades da família em dar informações mais claras, no que se refere aos questionamentos sexuais, muitas vezes os jovens encontram-se entregues aos impulsos de seu próprio organismo aos estímulos da mídia e às pressões e modismos de seus grupos de iguais.

A Educação Sexual que se inicia na família e que deveria ser emancipatória, ainda reforça estereótipos, tabus e preconceitos. A família, considerada um espaço indispensável para a sobrevivência e proteção integral de seus membros, independente da dinâmica ou da forma que está estruturada, propicia a sustentação da afetividade e desempenha um papel decisivo na educação de seus membros.

É na família que são aprendidos os valores éticos e humanitários para se viver em sociedade e, em relação à sexualidade, as famílias se mostram despreparadas para atender as necessidades e esclarecer dúvidas de seus filhos. (WEREBE, 1998).

Nesta perspectiva, a análise revela a necessidade de uma educação sexual desde a educação infantil, pois é a partir dessa fase e neste campo, que a educação sexual merece atenção especial no que se refere à sexualidade e as relações de gênero. As relações sociais são sempre sexuadas, e a reprodução social se inicia nesta fase. De maneira geral quem está à frente dessa educação são mulheres, sujeitos historicamente dominados, que se ainda não desconstruíram seus conceitos em relação as temáticas, possivelmente irão reproduzi-los (CARVALHO, 2008).

Ressaltamos que é nesta fase que as crianças, mediante o processo de leitura, têm contato com maior diversidade literária e em muitas obras observamos a presença de conteúdos mesmo de maneira velada, referentes ao gênero e a sexualidade.

Esses livros estão imbuídos da ideologia dos autores, sujeitos sexuados que passam para a sua obra literária, por meio de imagens e textos, padrões de comportamento, atitudes e ideias que podem refletir na construção de modelos culturais considerados como “verdades”.

Portanto, reforçamos a necessidade da formação inicial do professor em educação sexual, que atua desde a educação infantil para que ele desenvolva uma leitura crítica as obras literárias destinadas as crianças e junto com elas possa desconstruir tais mensagens, buscando desde a mais tenra idade dos alunos, uma educação sexual emancipatória.

Cabe lembrar, que nos meados dos anos de 1990 da década passada o discurso educacional propõe, na formação docente e na prática escolar, o desenvolvimento da educação para a pluralidade de universos culturais e valores, compreensão crítica da construção das diferenças e das desigualdades.

Embora essa proposta seja recente, as pesquisas apresentadas nessa reunião, indicam que a mudança em relação a essa proposta ainda é insipiente, denotando uma grande necessidade de se investir na formação de professores da educação básica e do ensino superior, para que os profissionais da educação estejam preparados para atuarem de forma efetiva em uma Educação Sexual emancipatória em todos os níveis de ensino, pois a ausência ou a ineficácia de uma educação sexual, pode ocasionar conflitos na forma da pessoa expressar sua sexualidade. Ribeiro (1990, p. 51) confirma a importância a responsabilidade social da escola no que tange a educação sexual:

A escola, como responsável pela educação e desenvolvimento do indivíduo, não pode continuar omissa para tratar da sexualidade. Ela deve propiciar encontros, palestras, debates, atingindo os professores alunos e família. As propostas formais de educação sexual ou os programas aprovados até agora não têm atingido o maior objetivo, que é o de participar das transformações socioculturais ligadas à questão sexual; nem propiciando um clima

descontraído, onde o aluno possa colocar suas dúvidas, temores, dificuldades específicas, suscitar a consciência das responsabilidades que suas opções trarão em sua vida e desenvolver respeito por si mesmo e pelo outro.

Portanto, os estudos aqui analisados reiteram à escola como local apropriado a construção e desconstrução de valores, comportamentos e atitudes em relação ao gênero, a educação sexual e seus desdobramentos.

32ª RA – Anped Sociedade, Cultura e Educação: novas regulações?

Neste ano de 2009 GT 23, foi um trabalho encomendado; doze trabalhos apresentados, dois *pôsteres* e um minicurso. Dos trabalhos apresentado nesta reunião, oito privilegiaram a pesquisa documental, cinco trabalhos discutiram o gênero em relação às questões pertinentes a homossexualidade. A seguir, apresentamos a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 8 - Produções do Ano de 2009

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Políticas do pós-humano Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais	Edvaldo Souza Couto	Qualitativa/ Bibliográficas	Faced-UFBA	Comunicação oral(Trabalho encomendado)	Não consta
Pobres meninas “ricas” com a gravidez	Maria S. V. Schwengber	Qualitativa/ Pesquisa etnográfica	UNIJUÍ	Comunicação Oral	Adolescência, gravidez, corpo, gênero.
Corpos, escola & sexualidade: um olhar sobre um programa de orientação sexual	Paulo M. da Silva Junior	Qualitativa/ Análise documental, entrevista, questionário, observação e grupo focal	UERJ	Comunicação Oral	Sexualidade, programa de orientação sexual, identidade.
Juventude ciborgue: transgredindo fronteira de gênero	Shirlei R. S. do Espírito Santo	Qualitativa/ Análise documental e análise dos discursos no Orkut	UFMG	Comunicação Oral	Juventude <i>ciborgue</i> ; gênero; currículo; Orkut
	Gustavo A.	Qualitativa/	UFRGS	Comunicação	Masculinidades,

Um currículo de masculinidade nos estádios futebol	Bandeira	Observação, diário de campo, análise de jornais		Oral	currículo, futebol
Catálogo eletrônico de produções bibliográficas sobre educação sexual e de gênero-décadas de 1930 a 1985	Constantina Xavier Filha	Qualitativa/ Análise de produções bibliográficas	UFMS	Comunicação Oral	Catálogo; livro sobre sexualidade, dispositivo pedagógico
Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras	Maria Rita de Assis César	Qualitativa/ Análise de produções bibliográficas	UFPR	Comunicação Oral	nome social; instituição escolar, heteronormatividade, dispositivo da sexualidade
“Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas!” – Estados de negação da homofobia nas escolas	Rogério D. Junqueira	Qualitativa/ Análise das estratégias discursivas dos sujeitos	INEP	Comunicação Oral	Negação, estratégias discursivas, Homofobia, heteronormatividade, políticas públicas.
Homoparentalidade e escola que conjugação é essa?	Noeli Gemelli Reali	Qualitativa/ Entrevista	UNOCHAPECÓ	Comunicação Oral	Homoparentalidade, sexualidade, currículo, escola
Família e relações de gênero: um olhar através do direito	Letícia Prezzi Fernandes	Qualitativa/ Análise documental	UFRGS	Comunicação oral	Família, consanguinidade; gênero, filiação, direito de família
Gênero, jornadas e ritmos da docência: uma análise para além das dicotomias	Carolina Faria Alvarenga	Qualitativa/ Questionários, entrevistas semiestruturadas, diário de campo e diários de uso	UFPA	Comunicação Oral	Relações de gênero; trabalho docente; jornadas e ritmos

		do tempo			
Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidade e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências	Neil F. Pereira de Almeida; Maria V. Soares Mota	Qualitativa/ Análise de relatos	UFU UFV	Comunicação Oral	Docência, homossexualidade, travestilidade, teoria <i>queer</i> .
Disjunções da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e projetos escolares de educação sexual	Denise da Silva Braga	Qualitativa/ Análise documental	UERJ	Pôster	Sexualidade, homossexualidade, Parâmetros Curriculares Nacionais
Mundos separados: movimentos, rupturas e permanência na escola	Jonê Carla Baião	Qualitativa/ Análise de brinquedos comprados pela escola	UERJ	Pôster	Gênero; infância; jogos e brincadeiras; saberes docentes
Homossexualidades e escola	Andreson Ferrari	Qualitativa/ Análise das relações da construção das homossexualidades e a formação de educadores	UFJF	Minicurso	Não consta

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta Reunião todos os trabalhos apresentados forma de cunho qualitativo e houve a participação de quatro pesquisadores do gênero masculino.

Em **Políticas do pós-humano Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais** privilegiou o estudo nas abordagens sobre o estatuto do humano, sua desqualificação e requalificação na cibercultura; faz incursões nas transformações aceleradas do humano, do corpo e do sexual a partir das revoluções tecnocientíficas e biotecnológicas que prometem a plena realização individual e coletiva, a felicidade técnica de viver e se

propõem a investigar as mutações promovidas pelas tecnologias de ponta que constroem diferentes modos de existir.

Domingues (1997, p. 25) descreve que, “[...] o corpo como aparato sensorial entra num curto-circuito plurissensorial em que sua modalidade analógica se funde a modalidades digitais.” Nesta perspectiva o homem é envolvido, assistido e expandido por máquinas e *softwares*, a sensibilidade humana é estruturada cada vez mais em ambientes tecnológicos e sem eles já não há reinvenção da vida (COUTO, 2009).

Concluiu-se que as políticas do pós-humano, com todo aparato tecnológico, com suas promessas de felicidade erótica não excluem as múltiplas manifestações de misérias corporais e sexuais que ainda persistem. O autor revela que o antigo jogo da diferença – ser homem, ser mulher, heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, etc. – é na atualidade crescentemente marcado pela “com-fusão” e pela indiferença. Já não se tem convicção sexual e, justamente por isso, tornou-se possível professar todas as variáveis, todas as sexualidades, seja em práticas ativas ou no reino dos signos. A “com-fusão” e a indiferença não criam outras identidades, elas todas se dissolvem e nos colocam no centro do pós-humano e da pós-sexualidade.

A pesquisa **Pobres meninas “ricas” com a gravidez** analisa a ocorrência de gravidez em adolescentes do Município de Ijuí-RS, buscando compreender, a partir de biografias – trajetórias afetivo-sexuais, familiares, educacionais – as experiências de adolescentes envolvidas com gravidez e com a maternagem precoce, participantes do Centro de Atendimento aos Adolescentes. O estudo revelou que as participantes com idades entre 12 e 18 anos, efetivam com a sua gravidez o amparo, a posição de mulher-mãe; o filho, a família, dá a elas uma vinculação social mais segura. Nesse contexto, as adolescentes buscam auto afirmar-se nesse mundo excludente por meio de uma gravidez e referem-se a ela como um projeto de vida, de constituição da família, uma espécie de passaporte para entrar na vida adulta e ter reconhecimento social.

Em *O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?*: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções de gênero na educação infantil buscou fazer uma análise das relações estabelecidas entre as crianças no contexto da Educação Infantil, relativa a compreensão das dicotomias entre meninos e meninas. Os sujeitos da pesquisa foram uma classe de Educação Infantil composta por crianças de 4 a 5 anos de idade. Diante da pesquisa realizada é possível perceber que, embora na maioria das vezes a escola não esteja se ocupando de questionar os modelos construídos historicamente a respeito das diferenças/desigualdades de gênero, as falas das crianças anunciam o principal: estas

dicotomias são construídas nas relações que estabelecem. Sendo assim, a intervenção no contexto educativo, torna-se essencial à reconstrução das identidades femininas e masculinas a partir da educação infantil.

Já **Corpos, escola & sexualidade: um olhar sobre um programa de orientação sexual** teve por objetivo investigar como as questões relativas à sexualidade, principalmente as que visam o conhecimento do corpo, dos desejos, do prazer e das diversas identidades sexuais, são abordadas no projeto pedagógico e na prática pedagógica da escola. O estudo foi desenvolvido em uma escola municipal do interior do estado do Rio de Janeiro, em que a escola se apropria de forma positiva a implantação do projeto “Saúde nas Escolas” de orientação sexual, sendo que a maioria dos professor(a)s participam do projeto interdisciplinarmente discutindo temas sugeridos pelos alunos.

A análise dos resultados permitiu identificar a preocupação em desenvolver um programa de orientação sexual centrado no direito, respeito ao próximo e na cultura, enfatizando a importância do cuidado de si, da saúde e da prevenção de doenças, assim como, as múltiplas possibilidades da sexualidade entre os/as jovens. A pesquisa constatou que o discurso e a prática preconizados pelo projeto, assim como o programa de orientação sexual, além de investirem na promoção da saúde, visam fornecer subsídios que apoiam a construção das identidades sexuais e autonomia no exercício das sexualidades, nesse contexto pesquisado.

Em **Juventude *ciborgue*: transgredindo fronteira de gênero**, apresenta fragmentos dos discursos do currículo escolar e do currículo do *Orkut* (*site* de relacionamentos) para analisar o processo de produção de subjetividades juvenis na interface desses discursos e discutir como esses currículos têm ensinado modos de ser e de conduzir a própria conduta a muitas/os jovens brasileiras/os. A pesquisa mostrou que os discursos do currículo escolar e do *Orkut* se cruzam e, nesse atravessamento, vão constituindo as subjetividades juvenis generificadas que às vezes reafirmam posturas e condutas amplamente divulgadas em diferentes espaços sociais. Em outros momentos, as subjetividades produzidas questionam condutas e modos de ser e viver comumente aceitos na nossa sociedade. Evidencia-se neste trabalho que as condutas juvenis demandadas na interface do currículo escolar e do *Orkut* no processo de produção da juventude *ciborgue*, muitas vezes transgridem as fronteiras de gênero culturalmente produzidas.

O estudo **Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol** procurou visualizar as diferentes representações de masculinidades dos estádios de futebol e ver de que

forma elas hierarquizam-se. O estudo utilizou o conceito de gênero ancorado no Estudo de Gênero Pós-Estruturalista e nos Estudos Culturais.

Considerando que na nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade, “[...] não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero.” (BUTLER, 2003, p. 27)

O estudo revelou que o torcedor que frequenta os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações, constituindo um currículo no estádio de futebol, embora este não seja entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos, até um lugar onde seriam diplomados, e dali em diante poderiam “exercer” a condição de homem ou de torcedor em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido, se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer. Os conteúdos deste currículo foram sistematizados em torno dos eixos: 1) Raça, garra e luta; 2) Violência e socialização; 3) Um amor de macho; 4) Masculinidades subalternas. Para que tudo funcione e estes eixos façam sentido, o autor reitera que se faz relevante estar em multidão.

Já a pesquisa **Catálogo eletrônico de produções bibliográficas sobre educação sexual e de gênero-décadas de 1930 a 1985**, tem por objetivo descrever o processo de construção do catálogo eletrônico de produções bibliográficas sobre sexualidade, educação sexual e de gênero, publicadas nas décadas de 1930 a 1985, disponíveis em alguns acervos brasileiros, priorizando livros editados e publicados em língua portuguesa, no Brasil e em Portugal (desde que disponíveis em acervos brasileiros). A pesquisa, ainda em andamento, relatou que os livros selecionados foram agrupados entre os infanto-juvenis e os manuais. Apresentam linguagem normativa e prescritiva de como adultos, crianças e adolescentes/jovens devem gerir e conduzir a sexualidade.

Em **Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras** analisa a exclusão de transexuais e travestis do universo escolar em virtude da proibição do emprego do nome social, tomando como referência os movimentos sociais GLBT e o papel da escola na reprodução do sistema normativo sexo-corpo-gênero. O estudo revelou que as autoridades institucionais, não permitem a sua utilização. O nome no interior da instituição escolar é uma identidade fundamental, pois este é objeto constante de escrutínio, tanto por parte dos/as professores/as como por parte dos/as alunos/as. Nomes dúbios com terminações indefinidas são motivos de humilhação e discriminação, que sempre reafirmam a norma heterossexual. Essa situação tem causado exclusão e abandono escolar.

A pesquisa **“Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas!” – Estados de negação da homofobia nas escolas** propõe uma análise das estratégias discursivas adotadas por agentes públicos, colocados diante de propostas voltadas a promover o reconhecimento da diversidade sexual nas escolas.

O autor buscou agrupar, sintetizar e problematizar uma série de argumentos colhidos entre 2005 e 2008, em reuniões, trabalhos em comissões ou grupos de trabalho, geralmente compostos por agentes públicos de médio e médio-alto escalão das três esferas de governo ou com dirigentes escolares.

O trabalho observou que as estratégias, nos contextos analisados, não apenas reverberam ditames da heteronormatividade, mas revelam um “estado de negação” em relação às iniquidades geradas pela homofobia nas escolas. Os dados foram agrupados, sintetizados e problematizados argumentos colhidos em reuniões e em trabalhos, em comissões formadas por estes agentes públicos das três esferas de governo, com momentos em que se verificou uma busca de artifícios retóricos para justificar a não adoção de medidas de reconhecimento da diversidade sexual e de enfrentamento da homofobia nas escolas. As estratégias identificadas foram classificadas em: negação, hierarquização, diversionismo, apelo ao senso de oportunidade e antecipação fatalista.

Já **Homoparentalidade e escola que conjugação é essa?** aborda através da teoria *queer* alguns dos modos através dos quais a família e a parentalidade são colocados na legislação e como essas representações estão atravessadas e imbricadas com produções de gênero.

O estudo realizado com três participantes mostra que os resultados pontuam que apesar dos Parâmetros Curriculares apresentarem diretrizes de caráter democrático e pluralista, a escola persiste no silêncio, na negação, no reforço ao modelo tradicional de família e na postura preconceituosa na prática de professores/as, e o reforço do modelo tradicional de família. Quanto as famílias homoparentais, estes buscam invisibilidade e uma “normalidade” na vida cotidiana das mulheres participantes deste estudo e de seus/as filhos/as.

Em **Família e relações de gênero: um olhar através do direito**, aborda alguns dos modos através dos quais a família e a parentalidade são colocados na legislação, e como essas representações são produzidas sobre a família e parentesco através do olhar das relações de gênero e sexualidade. Concluiu-se, a consanguinidade é o que rege a organização das políticas públicas e das leis, especialmente no direito de família e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Nessa direção, gênero é um organizador da cultura e da família, mobilizando e

marcando símbolos e instituições, como a família e o direito. Em muitos locais da cultura, reforçados por elementos da legislação, mesmo que haja pai e mãe, é a mulher-mãe que será chamada, acionada e legitimada a criar e educar os/as filhos/as. Em relação aos homens-pais, é facultativo o direito de contestar a paternidade e, quando esta é comprovada, ainda assim, recai sobre a mulher-mãe a responsabilidade unilateral pela criação das crianças.

Gênero, jornadas e ritmos da docência: uma análise para além das dicotomias analisou a pertinência e a intensidade da interferência das relações de gênero nas jornadas e nos ritmos definidores do trabalho docente. Para tanto, o texto trata da discussão mais específica sobre como quatro docentes, dois homens e duas mulheres, vivem e significam seus tempos de trabalho para a reprodução econômica e para a reprodução social. O estudo relatou que a maioria dos docentes, homens ou mulheres, possui extensas jornadas de trabalho total, decorrentes, em parte, dos baixos salários. Além dos serviços escolares realizados em casa, recorrentes nas jornadas de todo o grupo, professoras e professores possuem também extensas jornadas de trabalho para a reprodução social, mesmo que em graus variados. Em suma, a análise mostrou que não há diferença entre os tempos de trabalho para homens e mulheres.

Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências analisou relatos de professores e professoras *gays*, *travestis* e *lésbicas* identificando o lugar ocupado pela profissão docente quando suas identidades sexuais e de gênero são evidenciadas e interpretadas pelos diversos sujeitos que compõem a escola, sobretudo o corpo docente. Concluiu-se que ao transitar pelas fronteiras das sexualidades e do gênero, independente do lugar ocupado, nenhum sujeito está isento do preconceito e da discriminação. Assim, a adoção de uma postura pedagógica crítica neste sentido parece relevante e urgente, pois a escola é uma das instituições sociais que também deve se comprometer com a promoção da diversidade humana, incluindo aí o direito à igualdade e o respeito às diferenças.

A pesquisa **Disjunções da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e projetos escolares de educação sexual** apresentou percepções iniciais de uma pesquisa em andamento cuja preocupação é inquirir as formas como os discursos oficiais sobre as sexualidades, sobremaneira as homossexualidades, presentes no currículo da escola constituem os sujeitos aos quais nomeiam.

Os resultados apontaram como um avanço a formalização do trabalho com o tema das sexualidades no espaço escola e seus efeitos, tais como a inquietação e os profundos debates sobre o tema hoje estabelecidos no cenário educacional. Porém, mostram os limites das abordagens, principalmente no que diz respeito a uma necessária desnaturalização da

sexualidade. No disciplinado e controlado discurso pedagógico a heterossexualidade e a homossexualidade são referidas como categorias universais cujas relações ainda se dão na perspectiva centro–margem. Apesar do discurso favorável ao respeito à liberdade e apreço à tolerância, a homossexualidade continua ocupando o lugar da antinorma, em desvantagem na busca pelo reconhecimento e pertencimento social.

O estudo **Mundos separados: movimentos, rupturas e permanência na escola**, apresenta análises preliminares de uma pesquisa em andamento sobre gênero e o contexto de brincadeira e jogos como significativos para a construção de identidades de meninas e meninos. O estudo analisou dois momentos a respeito da representação de gênero. Em um momento analisou as professoras e diretora da escola na compra de brinquedos para o cantinho da brincadeira na educação infantil e, em um segundo momento analisou como as crianças ocupam o espaço do brincar.

Para a compra de brinquedos o valor da verba disponibilizada pela escola era insuficiente para contemplar meninas e para meninos. Professoras e diretora decidiram comprar bonecas branca e negra, para contemplar a étnica. Os resultados apontam que meninos e meninas se interessam pelos brinquedos designados especificamente a cada gênero. Os meninos romperam barreiras e brincaram de família com as bonecas. Quanto ao gênero, as meninas não importaram pelo fato dos meninos brincarem com as bonecas, porém quando elas se interessam por brinquedos de meninos, eles não aceitaram. Quando meninas escolhem brincar com brinquedos ditos masculinos, normalmente elas se dirigem a professora justificam a escolha dizendo que é uma brincadeira de faz de conta, como se pedissem permissão para brincar de ser homem. Os meninos por sua vez, brincam sem se preocuparem com a escolha dos brinquedos. Desse modo, os brinquedos, na medida em que simulam situações sociais, facilitam a transmissão e a introjeção de informações, atitudes e valores referentes ao mundo social.

Tabela 7 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nos trabalhos apresentados no GT 23 da ANPED de 2009 (N=ocorrências¹⁰)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Necessidade de implantação nas escola/família/mídia a partir da Educação Infantil até Universidade.	61
	Disciplinadora/ Biologizante/Higienista/negação da homossexualidade e da diversidade sexual.	23
Gênero	Construção social que afirmam os estereótipos/exclusão/negação da diversidade sexual	43
	Negação da homossexualidade/desconhece direitos	21

Fonte: Elaborada pela autora

No decorrer das análises dos dados dessa pesquisa, nos deparamos com a afirmação de que a sexualidade e seus desdobramentos permeiam nossas vidas, contudo geram conflitos nos diferentes espaços sociais, entre eles a escola.

Assim, nas análises realizadas nos trabalhos apresentados no GT 23 na 32ª RA da Anped identificamos que as categorias apontam para a carência e necessidade de Educação sexual nos grupos familiares e na escola desde a educação infantil até a universidade, justamente para possibilitar a discussão da temática e seus desdobramentos.

Não só a escola como também a família deveriam ter acesso ao conhecimento e discussão acerca da sexualidade, dos estudos sobre questões de gênero, homossexualidade e assuntos correlatos. Percebemos que ainda na atualidade e mesmo com disponibilidade de materiais científicos, realização de congressos e simpósios que abordam as temáticas, essas duas instituições ainda se encontram insipientes em relação à educação sexual adequada. Cabe a escola proporcionar aos alunos uma educação sexual intencional e emancipatória.

Nesta reunião constatamos que vários trabalhos abordaram a questão do gênero em diferentes facetas: nomes sociais, negação da homofobia nas escolas, homoparentalidade, projetos escolares baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais e identidades sexuais de professores/as. Porém, mostram também os limites e as contradições que se apresentam em relação a heteronormatividade, a homossexualidade e a diversidade sexual.

A análise mostrou que as questões de gênero ainda não são discutidas na escola mesmo sendo tratadas pelos PCN. Muitas situações envolvendo a homossexualidade masculina na escola desencadeiam discussões baseadas no senso comum a respeito do assunto e o tema é alvo de críticas e concepções patológicas passíveis de tratamento e de prevenção, transparecendo que a escola conjuga esforços para sustentar a sexualidade heteronormativa.

¹⁰ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

A homossexualidade feminina é mais negada. Rizzato (2013) esclarece que a percepção da homossexualidade feminina é considerada como passageira e que alguns professores atribuem invisibilidade a ela devido a construção do silenciamento do desejo feminino. De certa maneira a escola ainda tenta negar a homossexualidade baseados em princípios religiosos e princípios morais, como também pela ideia da existência da identidade social.

Louro (2012) explica que o feminismo passou por várias “ondas” diferentes no último século para enfim centrar seus objetivos na produção intelectual e epistemológica dos estudos e pesquisa da invisibilidade e da subordinação feminina. Decorrente disso, o movimento homossexual conhecido atualmente por Movimentos LGTB, vai se tornando legítimo e reconhecido em diferentes partes do mundo.

O movimento *gay*, segundo Louro (2004), vai se fortalecendo e passa a conquistar legitimidade e aceitabilidade ainda que insipiente frente às poderosas e excludentes estruturas culturais e políticas em vigor.

Os homossexuais, que até então viviam numa espécie de sociedade secreta, adotaram “[...] todo tipo de formas de consciência coletiva.” (FOUCAULT, 2005, p. 12) adentrando o século XXI com ganhos reconhecidos na esfera dos direitos.

A escola, seguindo as orientações dos PCN, que dão sustentação as orientações constitucionais em atenção às mudanças culturais e epistemológicas contemporâneas, apresentam diretrizes de caráter democrático e pluralista. Contudo, segundo Reali (2009, p. 12) as práticas culturais preconceituosas aprendidas no decorrer da vida tem “[...] impedido a transformação dos princípios democráticos em experiências cotidianas de respeito e convivência [...]” mesmo em espaços escolares onde o debate, a discussão e o conhecimento deveriam problematizar e promover mudanças acerca da sexualidade, do gênero e seus desdobramentos.

A educação que ocorre com base em discursos de verdades, em que se confrontem diferentes tipos de relações, entre elas relações de poder e relações culturais, que orienta e determina que alunos e alunas podem ou não fazer, vai na linha oposta ao que se espera na educação sexual. E ao adotar o modelo binário de gênero e sexualidade homem/mulher, papéis sociais e sexuais naturalizados de gênero, a escola oculta, silencia e marginaliza sexualidades plurais.

Reali (2009) afirma que o sistema educacional é um dos principais responsáveis pela perpetuação da homofobia. Entendemos que à medida que a escola rejeita as pessoas que

vivenciam suas masculinidades e feminilidades de forma alternativa, estes não são reconhecidos como verdadeiramente, homens e mulheres.

Todavia, vale enfatizar que é na escola *locus* de crianças, jovens e adultos que a sexualidade e seus desdobramentos segundo Gonini (2010, p. 75) “[...] pode se constituir num cenário de mudanças necessárias a sociedade, pois, no espaço escolar que se constrói e desconstrói valores, pré-conceitos e tabus.”

Com isso, a escola se torna local privilegiado para que se desenvolva uma educação sexual emancipatória. Daí a necessidade de se preparar docentes e demais profissionais que vivenciam questões da sexualidade e do gênero em seu cotidiano, pois a não discussão desses temas na escola e demais espaços de aprendizagem, naturaliza a heterossexualidade e a masculinidade, e reforça o discurso do empenho da instituição escolar e demais instituições em continuar reproduzindo comportamentos que correspondam a “formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade” padronizada pela sociedade.

Assim, a análise dos trabalhos dessa Reunião de 2009, reforça a ideia da necessidade de formação em Educação Sexual de todos os envolvidos nas diferentes modalidades da educação. Para tanto, urge a necessidade de uma disciplina específica nos cursos de licenciatura e de graduação de diferentes áreas do conhecimento, bem como, nos cursos de Pós-graduação, vislumbrando que haja mais estudos e produção do conhecimento referente às temáticas sexualidade, gênero e educação sexual na busca de uma sociedade menos preconceituosa.

33ª RA– Anped Educação no Brasil: o balanço de uma década

Em 2010 o GT 23 contou com catorze trabalhos apresentados, dois pôsteres e um minicurso (não houve apresentação de trabalho encomendado). Os assuntos tratados são diversificados e abrangem diferentes contextos de gênero e sexualidade. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 9 - Produções do Ano de 2010

Título	Autor	Qualitativa/ Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Vidas na fronteira-corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a	Denise da Silva Braga	Qualitativa/ Pesquisa documental	UERJ	Comunicação oral	Gênero; teoria <i>queer</i> ; performatividade.

normalidade do sexo					
Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd(2000-2006)	Márcia O. Vieira Georgina H. Lima Nunes	Qualitativa/ Pesquisa documental	UFPe	Comunicação Oral	Relações de gênero; sexualidades; ANPEd
A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola	Neil F. Pereira de Almeida Maria V. Soares Mota	Qualitativa/ Questionário	UFU UFV	Comunicação Oral	Não consta
Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito do amor romântico	Mariângela Rosa Pereira	Qualitativa/ Análise de filmes	ULBRA	Comunicação Oral	Não consta
Governando corpos e sexualidades na escola	Maria Rita de Assis César	Qualitativa/ Análise documental	UFPR	Comunicação Oral	Sexualidade, governo, escola, controle, normalidade/patologia
Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém	Sônia Maria da Silva Araújo	Qualitativa/ Análise documental e questionário	UFPA	Comunicação Oral	História, cultura, mulher professora.
A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil	Davi Marangon; Leilah Santiago Bufrem	Qualitativa/ Análise de as filmagens em vídeo; as entrevistas. Livro didático	UFPR	Comunicação oral	Hábitos de gênero, experiência escolar, cotidiano escolar
Análise dos textos sobre dança e gênero nos Conbraces - Congressos	Aládia Cristina R. Medina	Qualitativa/ Análise documental	UIT FUMEC	Comunicação Oral	CONBRACE, gênero, dança

Brasileiro de Ciências do Esporte de 1979 a 2005					
O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança	Giuliano Souza Andreoli	Qualitativa/ Entrevistas	UFRGS	Comunicação Oral	Não consta.
As fotografias de mulheres negras que não encontrei - em diferentes contextos escolhidos por um grande jornal	Claudia R. Ribeiro P. das Chagas	Qualitativa/ Pesquisa a busca de imagens, na busca de um tempo histórico, social e econômico	UERJ	Comunicação Oral	Não consta.
Corporeidades masculinas nômades: o espaço da docência como heterotopia	Rogério Machado Rosa	Qualitativa/ Entrevistas	UDESC	Comunicação Oral	Não consta.
A educação física como espaço de formação feminina	Viviane Teixeira Silveira	Qualitativa/ História Oral, (fontes orais e fontes escritas)	UFSC	Comunicação Oral	Não consta
A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil	Lucélia de Moraes Braga Bassalo	Qualitativa/ Análise documental	UEPA UNAMA	Comunicação Oral	educação sexual no Brasil; sexualidade e educação; gênero, sexualidade e educação; discursos da educação sexual
A visão androcêntrica do mundo: elemento facilitador para o acesso dos homens às funções da gestão escolar	Vanisse Simone Alves Correa	Qualitativa/ Análise dos dados empíricos (eleição de 2008 para diretores/as e vice-diretores/as); Microdados da Prova Brasil 2007	UFPR	Comunicação Oral	gestão escolar; eleição para diretores/as; visão androcêntrica de mundo; relações de gênero e poder.

		referentes aos/às diretores/as			
Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva; Graça Aparecida Cicillini	Qualitativa/ Entrevistas e grupos focais.	UFU	Comunicação Oral	Corpo; sexualidade; ensino de biologia.
Reflexões acerca das questões de gênero no curso pedagogia: licenciatura para educação infantil – modalidade a distância	Lívia Monique de Castro Faria; Ila Maria Silva de Souza	Qualitativa/ Análise documental e da observação participante.	UFLA	Pôster	Gênero; educação infantil; trabalho feminino
O currículo e a teoria queer na perspectiva de um curso de formação de professores	Maria Cecília Sousa de Castro	Qualitativa/ Observação, entrevistas e relatos	UERJ	Pôster	Teoria queer; currículos; identidades sexuais Teoria <i>queer</i> ; currículos; identidades sexuais
O fazer artístico como experiência de interação social	Thais Nogueira Gil	Qualitativa/ Análise do discurso musical de um grupo	Faculdade Pitágoras	Pôster	fazer artístico; interação social.
Homens de verdade: corpo, futebol e masculinidade na cibercultura	Edvaldo Souza Couto	Qualitativa/ Discussões	UFBA	Mini curso	Não consta

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Reunião deste ano todas as pesquisas apresentadas foram de cunho qualitativo e contaram com a participação de quatro pesquisadores do gênero masculino.

O estudo **Vidas na fronteira-corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a normalidade do sexo** é uma pesquisa em andamento que discute, a partir das contribuições da Teoria *queer*, repercussões e marcas dos discursos escolares na produção de corpos, gêneros e sexualidades de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (LGBT), abordando as transformações do conceito de gênero, a noção de performatividade e as suas implicações na

desnaturalização dos corpos e dos binarismos que produzem a norma (hetero)sexual. A autora relata que as discussões em andamento revelam acentuar a necessidade de novas abordagens que incluam as sexualidades LGBT no espaço de inteligibilidade, habitados pelos sujeitos que se vinculam a norma heterossexual e, com o apoio teórico da perspectiva *queer*, apontar indícios da forma como os discursos predominantes contribuem para a manutenção da heteronormatividade e do heterossexismo.

O trabalho **Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd (2000-2006)** fez uma revisão sobre gênero e educação, comentando as formas pelas quais os conceitos de gênero e de sexualidade foram usados na coleta de dados, dos textos selecionados e examinados nas reuniões da Anped. Os resultados destacam alguns dos resultados da pesquisa, no período 2000-2006, os quais as autoras do trabalho se referem a uma produção ainda pequena sobre gênero e sexualidade, mas consistente e com crescimento perceptível, gradativamente em poucos GT da ANPEd; de autoria majoritariamente feminina; centralizada em algumas instituições das regiões sul e sudeste do país e em determinados grupos de pesquisa cadastrados no CNPq.

Já **A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola**, busca compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores/as que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero; ancorado, sobretudo, nas reflexões elaboradas pela teoria *queer*. A pesquisa constatou que a sexualidade e o gênero permanecem como um fator de estranhamento e repulsa na escola, manifestado pelos diversos sujeitos que a compõe, levando a concluir que, na maioria das vezes, professores/as vêm reafirmando, através de suas práticas pedagógicas, um conjunto de normas preconceituosas, excludentes e arbitrárias, principalmente quando as homossexualidades colocam-se em discussão.

Em **Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito do amor romântico** analisa como a mídia, em especial o cinema, tem posicionado a criança como sujeito do amor romântico. Para tanto, são analisados três filmes: ABC do Amor, O Pestinha 3 e Os Batutinhas, filmes que têm em comum o fato de apresentarem uma criança “apaixonada” como protagonista. A análise mostrou que o modo como discursos cinematográficos acabam por restaurar certas “verdades” no que diz respeito à manutenção do infantil como um sujeito “inocente” e, acima de tudo, à conservação, via infância, de um ideal de amor que tem suas bases no amor cortês. Busca-se compreender de que maneira estas discursividades estão associadas a certas práticas heteronormativas, no caso, voltadas para que as crianças sejam reconhecidas (e se reconheçam) como sujeito de um tipo particular de amor, de uma determinada sexualidade e de uma determinada forma de ser sujeito menino e menina.

A pesquisa **Governando corpos e sexualidades na escola**, apresenta um diálogo entre Virginia Woolf e Michel Foucault para abordar o nascimento do dispositivo da sexualidade no século XIX e as ferramentas produzidas no interior das formas de controle dos corpos e do sexo. O estudo relata que mais de uma década, após o lançamento dos documentos que, segundo eles próprios, “[...] definitivamente introduziu a educação sexual nas escolas brasileira [...]”, as sexualidades permanecem como território conflagrado (CESÁR, 2010, p.8).

Relata ainda, no presente, além da presença de médicos, psicólogos, enfermeiros e até mesmo dentistas como sujeitos autorizados a proferir a “verdade” sobre o “sexo bem educado” na instituição escolar, novos sujeitos também são convocados a atuar, como as organizações não governamentais ou ONGs. Se até bem pouco tempo havia somente um conjunto de vozes possíveis no interior da escola disciplinar, com o advento da escola contemporânea, organizada pelos novos agenciamentos da pedagogia do controle, instaura-se a polifonia na tentativa de se fazer ou vir a “verdade sobre o sexo”. Coletivos e organizações sociais, que abarcam desde coletivos LGBT até organizações religiosas, são convidados às escolas para proferir alguma verdade sobre o sexo.

Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém buscou compreender, por meio de interpretações pautadas na história cultural e no resgate da memória pela oralidade, a constituição da professora ribeirinha na Amazônia paraense. Parte-se de três premissas que articulam as estratégias metodológicas operadas. A primeira refere-se à ideia de que as professoras das ilhas de Belém carregam a história da miscigenação na Amazônia. A segunda relaciona-se à assertiva de que a ruralidade na Amazônia precisa ser pensada sob uma perspectiva que considere as diversas particularidades de seu espaço ambiental. A terceira se refere à compreensão de que a constituição da professora, no espaço Amazônico só pode ser entendida com base na história regional de colonização interna no Brasil. As professoras trabalham em escolas ribeirinhas do município de Belém, localizadas no arquipélago de Guajará, formado por 39 ilhas, e conta com 14 escolas. (A autora não informou o número de participantes do estudo).

Os resultados mostraram que as mulheres professoras passam por um processo histórico de luta, pois para estudarem muitas, chegam a trabalhar como doméstica, para conseguir finalizar seus estudos; e depois de já trabalharem como professoras, não são concursadas e acabam reféns de interesses e barganha política e vivem o desconforto de perderem o emprego. Elas declaram o desejo de terem outras profissões mais valorizadas, e como professoras poderem se preparar melhor, fazer uma especialização, voltar à faculdade,

mas as dificuldades para este grupo ainda são muitas e envolvem a situação financeira, familiar, cultural, entre outras.

Assim sendo, a condição desta mulher, em particular, está relacionada de forma efetiva ao sistema colonial e as representações acerca dela no plano coletivo, construídas nas práticas sociais patriarcais e de resistências que, até hoje de fazem presentes no interior da Amazônia. A herança cultural dessas professoras, aliada às condições de sobrevivência econômica e perspectivas de vida para além do mundo rural em que atuam, revelam história de resistência em que ser mulher faz diferença.

A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil fez um estudo de caso sobre como a escola influencia a construção do gênero na subjetividade infantil, através da leitura do subtexto de gênero presente nas mensagens produzidas pela experiência escolar cotidiana das crianças, com idade entre 5 e 6 anos, de uma escola pública em Curitiba, Paraná, com base em um mapeamento das lógicas constitutivas dos *habitus* de gênero. O estudo concluiu que a escola é reprodutora e, ao mesmo tempo, produtora das relações de gênero estabelecidas na sociedade. Mesmo que haja predominância de uma lógica binária, a presença de uma lógica desconstrutiva, é um forte indício de que as transformações podem ocorrer, mesmo que de forma lenta e gradativa no espaço escolar em relação ao gênero.

A pesquisa **Análise dos textos sobre dança e gênero nos CONBRACES - Congressos Brasileiro de Ciências do Esporte de 1979 a 2005**, buscou analisar os textos sobre a temática dança e gênero publicados em quatorze Anais do “Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” (CONBRACE), de 1979 a 2005. O estudo constatou que, apesar do número de artigos que trataram a temática não ser significativo, a importância do tema para a discussão da dança é relevante, na medida em que analisou-se os artigos que permitiu compreender a construção social e cultural do masculino e do feminino, na e a partir da dança.

O bailarino *self-made*: trajetórias do masculino na dança, esta pesquisa analisa as articulações entre representações culturais de masculinidade e dança, a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais e dos estudos pós-estruturalistas de gênero. A pesquisa aponta algumas recorrências, tais como a forte representação cultural que relaciona o balé com a homossexualidade e com a feminilidade, e o alargamento dessa representação para todas as demais danças.

Os homens que dançam têm um início quase sempre bem tardio nessa prática, pois necessitam superar as “barreiras” sociais trazidas por essas representações de dança. Paradoxalmente, no entanto, uma das formas como eles procuram superar tais barreiras é

justamente exibindo alguns dos traços que têm sido característicos do modelo hegemônico de masculinidade dos últimos dois séculos, o modelo do *self-made-man*: sucesso econômico, espírito de independência, eficiência, etc. Assim, o bailarino *self-made* é aquele que deve tornar-se um estudioso dedicado da arte da dança, por seus próprios meios e recursos, e que necessita “provar” sua masculinidade por meio do talento, ou ocupando posições de poder (professor, coreógrafo etc.).

Já **As fotografias de mulheres negras que não encontrei - em diferentes contextos escolhidos por um grande jornal** procurou perceber, como as mulheres negras criam suas identidades, sabendo que a identidade não é inata e que, ao contrário, é tecida em determinado contexto histórico e cultural a partir da memória coletiva.

O trabalho estava em andamento e os dados preliminares indicaram que o material, onde encontravam fotografias de grandes fotógrafos, (Coleção Folha - Grandes fotógrafos, jornal Folha de São Paulo), é comum a mulher ser deixada na maioria das fotos fora delas e, em outras, fazendo figuração, principalmente, as mulheres negras.

O estudo **Corporeidades masculinas nômades: o espaço da docência como heterotopia** investigou seis professores para conhecer o modo como esses professores de Ensino Médio, que não estão integrados nos domínios da masculinidade hegemônica, constroem e experienciam seus corpos e suas masculinidades na relação com atividade docente.

O estudo possibilitou considerar que os corpos e as masculinidades não hegemônicos dos professores são potencializados em seu processo constitutivo, nos encontros que estabelecem com os discentes. A sala de aula e outros espaços da escola tornam-se pontos de encontros onde ocorrem trocar de saberes, experiências e afetos que produzem transformações nos corpos e nos modos de ser homem desses sujeitos. A relação pedagógica entre alunos/as e professores, torna-se um espaço produtor de heterotopias: forças desejanças e criativas que incidem sobre a construção de corporeidades-masculinas-docentes. Esses sujeitos experimentam o trânsito como estilo de subjetivação, conquistando para si uma política migratória que os caracteriza como corpos de passagem em que tudo que são, revela apenas momentos do seu ser.

A pesquisa **A educação física como espaço de formação feminina** investigou as relações de gênero, inseridas nas práticas e nos discursos curriculares da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), nos anos de 1970 e 1980. O estudo concluiu que as mulheres, que se fizeram professoras de educação física nos anos

1970 e 1980, representaram uma ruptura social, mas também foram constituídas por discursos e práticas que as discriminavam.

Em **A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil** demonstrou os argumentos de intelectuais brasileiros que no período de 1928 à 1945 se dedicaram ao tema da educação sexual, mostrando dois sentidos fundamentais: naturalização da sexualidade e a modificação dos padrões de comportamento sexual ante eugênicos e higiênicos. Intencionou-se entender porque se falava de educação sexual e, quais os saberes gerados a partir da vinculação entre discursos educacionais e higiênicos, buscando as instâncias de produção discursiva, seus efeitos de regulação e normalização que sustentava as publicações acerca da educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil. O estudo revelou que as diferenças em relação aos discursos que circulam o final dos anos 40; as posições dos congressistas e dos autores, sobre o objeto da educação sexual, seus argumentos para garantir à menina e ao menino o direito de saber, ou de negá-lo especialmente à menina; e o lugar destinado para a execução da ação educacional na área da sexualidade, mostrando que para os intelectuais dos anos de 1920 a escola tem um papel representativo, e que nos anos de 1930 e 1940 há divergências quanto ao espaço para realizar a educação sexual.

A visão androcêntrica do mundo: elemento facilitador para o acesso dos homens às funções da gestão escolar, analisa a vantagem que os homens possuem quando competem com mulheres no acesso às funções da gestão escolar (direção e vice-direção) da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. A visão androcêntrica do mundo leva os/as docentes a preferirem homens nas funções superiores da gestão escolar, mesmo quando estes são mais jovens, menos experientes e menos qualificados academicamente do que as mulheres. Concluiu-se que a visão masculina de mundo é elemento facilitador para a entrada de homens na gestão escolar, configurando uma situação de vantagem para os mesmos. Já para as mulheres, representa desvantagem profissional, mesmo na Educação, onde o número de mulheres é muito superior aos dos homens.

O estudo **Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade** apresentou a análise do tema Sexualidade e cultura, incluído no documento Orientação Pedagógica para o Conteúdo Básico Comum, Biologia e das noções de corpo relatadas por professoras e alunas(os). Um dos achados é a ocorrência de um processo de des-subjetivação quanto à afirmação da invenção de corpo biológico que deixa de fora a sexualidade, as emoções e os afetos no espaço da disciplina Biologia.

Reflexões acerca das questões de gênero no curso pedagogia: licenciatura para educação infantil – modalidade a distância pesquisou como a dimensão lúdica (os jogos, os

brinquedos e as brincadeiras) consta dos currículos da Educação Infantil. O trabalho faz um convite para se (re)pensar saberes e fazeres e continuar provocando a dúvida de tudo que é ou que se torna natural. Assim, no interior dos jogos de saber/poder/verdade: as relações entre trabalho e gênero, os postos de trabalho ocupados por homens e mulheres, a especificidade da Educação Infantil, o sexo, o sexismo são temáticas que se entrecruzam.

Já **O currículo e a teoria *queer* na perspectiva de um curso de formação de professores** pretendeu discutir questões acerca da teoria *queer* a partir de um curso de formação de professores em diversidade sexual e identidades de gênero. O estudo indica que é preciso (re)pensar a lógica binária que define e classifica os sujeitos quanto a sua sexualidade. O trabalho não teve a pretensão de responder perguntas, ao contrário, pretendeu, com este trabalho, fazer com que surjam novas perguntas sobre o pensamento *queer*, e que estas sejam fruto do estranhamento, do incômodo que ainda existe na educação.

O fazer artístico como experiência de interação social tem por objetivo apresentar o fazer artístico de um grupo musical formado por mulheres negras, idosas, de classe popular que, por meio da arte, tiveram suas vidas transformadas. O estudo contribui para a reflexão daqueles que trabalham com a formação de sujeitos e buscam um ensino significativo, que dialoga com o multiculturalismo.

O minicurso **Homens de verdade: corpo, futebol e masculinidade na cibercultura** teve como proposta tematizar homens e masculinidades; e discutir, a partir da realidade da cibercultura, o que é se construir social, sexual e afetivamente homem na era das conexões planetárias e dos hibridismos siderais; analisar as múltiplas representações de masculinidades cada vez mais misturadas com as representações de feminilidades. Apontar, ainda, a ruptura dessa ligação numa época de múltiplas e aceleradas conexões que festejam as hibrididades, quase sempre desvinculadas das também múltiplas ações sexuais vividas e compartilhadas pelas dinâmicas masculinidades que proliferam, bem como defender a ideia de que a construção cibercultural dos homens de verdade do nosso tempo já se desvinculou do sexo, das sexualidades possíveis.

Tabela 8 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2010 (N=ocorrências ¹¹)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Necessidade de abordar a temática nas escolas.	19
	Disciplinadora/ Biologizante/Higienista/ Preconceituosa	25
Gênero	Escola/mídia/família/sociedade reforçam estereótipos e discriminação	59

¹¹ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

	ignora a diversidade	17
Formação de Professor	Necessidade de Educação Sexual nos cursos de formação.	21

Fonte: Elaborada pela autora.

As categorias encontradas nos trabalhos apresentados no GT 23 da 33ª RA da Anped mostram que as repercussões e marcas dos discursos escolares na produção de corpos, gêneros e sexualidades implicam na desnaturalização dos corpos e dos binarismos que produzem e reforçam a norma heterossexual.

Ainda que os discursos tenham avançado, principalmente nos meios acadêmicos, continua recorrente que determinados papéis masculinos e femininos permeiam as representações da sociedade, entre eles, por exemplo, o fato da dança ser atribuída a “coisa de mulher” conforme revelam Medina (2010) e Andreoli (2010), em pesquisas apresentadas nesta reunião, mostrando que a sociedade ainda é permeada por preconceitos e tabus advindos do senso comum.

A instituição escolar continua de certa forma reproduzindo as ideias de sexualidade pela vertente biológica e heteronormativa negligenciando as diferentes manifestações no espaço escolar, reproduzindo as concepções de que os desejos femininos e infantis não podem existir. A pesquisa mostrou que a escola ao deparar com situações de homossexualidade, convoca profissionais da saúde e religiosos para proferir “verdades” sobre sexo (CESAR, 2010).

Nesse cenário percebemos que a instituição escolar assuma seu papel como transformadora social

A escola, como responsável pela educação e desenvolvimento do indivíduo, não pode continuar omissa para tratar da sexualidade. Ela deve propiciar encontros, palestras, debates, atingindo os professores alunos e família. As propostas formais de educação sexual ou os programas aprovados até agora não têm atingido o maior objetivo, que é o de participar das transformações sócio-culturais ligadas à questão sexual; nem propiciando um clima descontraído, onde o aluno possa colocar suas dúvidas, temores, dificuldades específicas, suscitar a consciência das responsabilidades que suas opções trarão em sua vida e desenvolver respeito por si mesmo e pelo outro (RIBEIRO, 1990, p. 51),.

Diante disso, análise dos trabalhos mostra a necessidade das pesquisas retornarem ao local estudado, e, por meio dos resultados encontrados, proponha iniciativas de educação sexual envolvendo toda comunidade educativa, objetivando estudos e reflexões que possibilitem um novo olhar para com a sexualidade e seus desdobramentos.

As categorias e subcategorias mostram que as meninas e os meninos ainda são educados/as para repetir papéis que lhe são atribuídos na dinâmica social e, desde pequenos, a escola, a família e demais instituições de controle, colaboram entre si para tornar essas crianças, homem ou mulher, “[...] adquirindo os gostos, expressões, comportamentos próprios/apropriados de um ou de outro sexo.” (BRAGA, 2010, p. 3).

A maior parte das pesquisas apresentadas nesta reunião de 2010, e que abordam a questão de gênero, utilizam a conceituação de gênero de Butler (2003), que o concebe como uma construção cultural negando que ele seja aparentemente fixo como o sexo ou um resultado definido por sua estrutura biológica, e nega a possibilidade de compreender o sexo apenas como um dado da natureza. Percebemos, que as identidades se constituem em diferentes manifestações das sexualidades e do gênero.

Assim, diante disso os dados das pesquisas mostram que

[...] docentes sentem-se despreparados/as e desamparados/as ao se confrontarem com as mais diversas manifestações da sexualidade dos/as alunos/as. A escola assume um discurso de respeito a diversidade e a diferença, mas, o fracasso prevalece como resultado de suas precárias iniciativas para fazer desse discurso uma vivência real (ALMEIDA; MOTA, 2009, p. 2).

A análise dos dados mostra a necessidade de formação do professor em educação sexual, através da formação inicial em licenciaturas e graduações, bem como a formação do professor universitário, pois segundo relata Figueiró (1996) o despreparo e a falta de conhecimento do professor universitário para trabalhar com este tema se justifica, uma vez que não tem uma disciplina relacionada à questão em sua formação acadêmica.

Percebemos que, conseqüentemente, o professor universitário sem formação em educação sexual, estará formando novos profissionais que atuarão nas escolas de ensino básico, carentes dessa mesma formação, implicando na reprodução de comportamentos e atitudes que contribuam com a disseminação de conceitos a respeito da sexualidade, do gênero e seus desdobramentos, baseados nas representações do senso comum.

Portanto, a formação docente é fundamental para que as questões em torno da sexualidade sejam abordadas no contexto escolar, porém a falta de conhecimento científico empobrece as discussões com os alunos e não promove reflexões que possibilitem mudança de paradigma.

34ª RA Anped – Educação e Justiça Social

Em 2011 o GT 23, teve treze trabalhos apresentados, um minicurso (não houve apresentação de *pôster* e de trabalho encomendado). Os assuntos foram diversificados e nesta reunião foram apresentados três títulos que abordaram questões de gênero e sexualidade na categoria juventude e três outros abordaram a homossexualidade. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT 23, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 10 - Produções do Ano de 2011

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
O delírio do corpo: derivas das masculinidades	Rogério M. Rosa; Patricia de M. Lima	Qualitativa/ Entrevista	IFSC UFSC	Comunicação Oral	Não consta
Tecnologias de governo no âmbito do Pronasci	José Geraldo Soares Damico	Qualitativa/ Análise documental e entrevista	FURG	Comunicação Oral	Pronasci; governamentalidade; identidade e gênero.
Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da educação de jovens e adultos	Cristiane Souza de Menezes	Qualitativa/ Entrevista	UFPB	Comunicação oral	masculinidades; gênero; educação de jovens e adultos
Tecendo percursos para pensar o corpo	Elenita P. de Queiroz Silva	Qualitativa/ Análise documental	UFU	Comunicação Oral	Não consta
A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social	Denise da Silva Braga	Qualitativa/ Entrevista	UERJ	Comunicação Oral	sexualidade; experiência transexual; escola.

no intramuros da escola					
"Nossa! Eu nunca tinha parado pra pensar nisso!" - Gênero, Sexualidades e Formação Docente	Roney P. de Castro; Anderson Ferrari	Qualitativa/ Observação participante	UFJF	Comunicação Oral	formação docente inicial; gênero e sexualidades; perspectiva pós-estruturalista
A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero em pesquisa com crianças	Constantina X. Filha	Qualitativa/ Pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação	UFMS	Comunicação Oral	gênero; pesquisa com criança; representação.
Experiências educativas de catadoras de materiais recicláveis, relações de gênero e empoderamento feminino	Maria Celeste R. F. de Souza; Joana D. G. Hollerbach; Erika Christina G. de Almeida	Qualitativa/ Oficinas e entrevistas	UNIVALE UFV UNIRIO	Comunicação Oral	gênero; empoderamento; escolarização; movimentos sociais.
A produtividade dos conceitos de identidade, diferença e cultura nos estudos de gênero articulada com as epistemologias	José Licínio Backes; Ruth Pavan	Qualitativa/ Análise documental	UCDB	Comunicação oral	cultura; gênero; identidade/diferença; epistemologia
Juventude e processos de escolarização: articulações entre trabalho e gênero	Sandra dos Santos Andrade	Qualitativa/ Observações, grupos de discussão e entrevistas	UFRGS	Comunicação Oral	Juventude; escolarização; gênero; trabalho.
A educação de mulheres-mães	Carin Klein	Qualitativa/ Análise documental	UFRGS	Comunicação Oral	Gênero; maternidade; políticas

pobres para uma "Infância melhor"					públicas
(Homo)sexualidades e gênero nos documentos oficiais da educação	Neil Franco P. de Almeida	Qualitativa/ Análise documental	UFU	Comunicação Oral	educação; (homo)sexualidades ; gênero; documentos.
Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis	Rosemeire dos Santos Brito	Qualitativa/ Entrevistas	UNICENTRO	Comunicação Oral	gênero; masculinidades; raça; fracasso escolar; educação de jovens e adultos; juventude
A mídia ensina: imperativo da maternidade e paternidade responsáveis	Maria S. Vione Schwenger	Qualitativa/ Análise de revistas (Pais e filhos)	UNIJUÍ	Comunicação Oral	mídia, gênero, paternidade, maternidade
Heteronormatividade ou reconhecimento? Professoras e professores diante da homossexualidade	Lucélia de M. Braga Bassalo	Qualitativa/ Análise das discussões realizadas em ambiente virtual (filmes)	UEPA	Comunicação Oral	heteronormatividade; homofobia e educação; homossexualidade e educação.

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste ano de 2011 na Reunião Anual da Anped as pesquisas apresentadas foram todas de cunho qualitativo e tiveram a participação de cinco pesquisadores do gênero masculino.

Em **O delírio do corpo: derivas das masculinidades** buscou cartografar, a partir de uma interlocução com autores como Deleuze e Guattari -1991,1996 e Nietzsche -1986, o processo de variação-deslocamento-multiplicação do corpo masculino docente, a estética das sensibilidades e os agenciamentos corporais que os encontros pedagógicos inspiram. As narrativas de dois professores permitiram observar o corpo como vontade de potência resistente e que faz prosseguir. Ele resiste aos dispositivos disciplinares como a escola, a igreja, a prisão, o exército, o estado, o hospital que estão a serviço da captura e controle da potência e da dimensão criativa do corpo perseguido e um corpo que escapa. O corpo mirado

pelo poder disciplinar é o corpo orgânico, mas o corpo que nasce da resistência aos dispositivos disciplinares é o devir: Corpo sem Órgãos.

Já **Tecnologias de governo no âmbito do Pronasci** analisa como o Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania (PRONASCI) é construído de modo a cristalizar posições generificadas. Os homens jovens se tornam público alvo central desse programa e funcionam como objeto dessas políticas por serem considerados violentos. Já que as mulheres são chamadas a participarem como cidadãs ativas exercendo funções de mulheres-mães com o dever de contribuir para uma suposta paz social. O fato das mulheres jovens serem sub-representadas produz uma série de efeitos, no sentido de que são menos vigiadas, menos revistadas ou menos agredidas pelos aparatos policiais. Elas obtiveram ao longo dos anos uma série de conquistas em termos de reconhecimento Social e têm assumido posições de destaque, frequentemente como protagonistas em praticamente todos os segmentos. Nesse sentido, e como consequência, elas também têm participado mais de ações consideradas delituosas, sem, no entanto, constituírem o foco central das políticas. Essas são dirigidas aos grupos juvenis masculinos, que, supostamente, precisariam ser mais bem governados. Assim, as políticas implementadas e os dispositivos de segurança acabam por investir e mobilizar uma certa feminilidade relacionada a atributos como cuidado, atenção, educação e maternagem.

As **Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da educação de jovens e adultos** analisou como as concepções de masculinidade considerando as narrativas de 10 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e como esta tem interferido no seu processo de escolarização e no cotidiano escolar. Os resultados apontaram que as concepções de masculinidade dos alunos se baseiam na suposta existência de “naturezas” distintas para os sexos, predominando a opinião de que os garotos seriam mais “bagunceiros”, enquanto as garotas seriam mais dedicadas aos estudos. O que para eles justifica seu pouco compromisso com a escola e conseqüente vivência de experiências de fracasso escolar, quando eram crianças ou adolescentes. Contudo, evidenciando os distintos significados que a masculinidade adquire ao longo da vida de um homem e a diversidade de modos de vivenciá-la, os alunos indicam mudanças na sua relação com a escola, a partir da proximidade ou da assunção de responsabilidades por eles consideradas próprias de um homem adulto.

No trabalho **Tecendo percursos para pensar o corpo**, é parte de uma investigação a qual realizou-se o movimento de aproximação das noções de corpo veiculadas no ensino de Biologia em escolas públicas estaduais da cidade de Uberlândia, pelo texto de um livro

didático de Biologia e pelos documentos curriculares que orientam este campo de ensino, em busca dos abalos que os discursos biológicos sobre corpo provocam em professores e alunos. O estudo revelou que o corpo é ainda marcado pela memória e pelas lembranças, estabelecendo o jogo entre o seu visível e o seu invisível. O corpo pós-orgânico: meio humano, meio animal, meio máquina. O corpo que possui um estatuto diverso: rapidamente passa de estático ao movimento. De familiar passa ao desconhecido

A pesquisa *A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola* a partir das narrativas de três mulheres transexuais, buscou-se analisar as repercussões dos discursos sobre as sexualidades nos sentidos incorporados na produção de si mediante a experiência de viver a diferença, sobremaneira no espaço-tempo da escola. O estudo revela que quando se trata da transexualidade as dificuldades se acentuam, principalmente porque se relacionam à pessoas cuja posição está fixada no imaginário social como sujeitos que transgridem e, portanto, ameaçam a ordem normativa, as convenções sociais de corpo, do gênero e da sexualidade. Suas experiências mostram o que é crescer como pessoa sem importância, obrigada a sustentar a perigosa visibilidade dos seus corpos e de seus desejos ou a ocultar sua incômoda diferença - invisibilizando-se nas relações sociais cotidianas.

“Nossa! Eu nunca tinha parado pra pensar nisso!” - Gênero, Sexualidades e Formação Docente pretendeu dialogar com a relação entre formação docente e as questões de gênero e sexualidades, tomando como análise a proposta de uma disciplina enfocando esses temas, ministrada para duas turmas do curso de Pedagogia de uma universidade pública. O trabalho possibilitou entender que as práticas, de formação docente, podem representar possibilidades de ampliação do repertório de análises e debates em torno das questões de gênero e sexualidades. A força da experiência que se analisa está na oportunidade de se constituir como espaço de desconstrução de concepções naturalizadas. Oportunidade de abalar certezas prontamente construídas, revisar os próprios valores, colocá-los sob suspeita e repensar os currículos escolares, as práticas pedagógicas com vistas à ampliação das noções de saberes legítimos e da pluralidade em torno da vivência das sexualidades, percebendo sua contingência.

Em *A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero em pesquisa com crianças* trata-se de uma pesquisa em andamento que buscou descrever e analisar dados de pesquisa-ação realizada com crianças em uma escola pública e teve o intuito de propiciar momentos de reflexão e problematização sobre as temáticas da sexualidade, gênero e diversidades, mediadas por livros infantis, e produzir coletivamente materiais

educativos para/com crianças. As representações de gênero das crianças, apreendidas na pesquisa, evidenciaram atitudes de silenciamento e conformidade às normas sociais; a regulação das atitudes dos meninos; a demarcação da heteronormatividade; o estabelecimento da norma como elemento de construção identitária e também das resistências e possibilidades de mudanças na construção de ser menino e de ser menina.

Já **Experiências educativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis, relações de gênero empoderamento feminino** analisou as relações de gênero e empoderamento feminino que se constituem nas experiências educativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis. Por experiências educativas considerou-se as vivenciadas, por 28 mulheres e 2 homens, em um projeto de escolarização do EJA (Educação de Jovens e Adultos), propiciadas pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Os resultados indicam que as experiências educativas vivenciadas por esses/as trabalhadores/as contribuem para ações de empoderamento das mulheres, em meio a tensões estabelecidas pelas relações de gênero. Tais ações apontam mudanças no âmbito cultural, nos modos tradicionais de se pensar masculinidades e feminilidades.

A pesquisa **A produtividade dos conceitos de identidade, diferença e cultura nos estudos de gênero articulada com as epistemologias** analisa os conceitos de cultura, identidade e diferença nos trabalhos apresentados no GT Gênero, sexualidade e educação no período 2005-2009, identificando a articulação entre esses conceitos com as suas epistemologias. Foram identificadas algumas características presentes em todos os textos apresentados. Uma delas é que as identidades e diferenças são produzidas culturalmente. Notou-se que há uma preocupação em fazer críticas explícitas as concepções essencialistas de identidades e diferenças, sendo vistas como produtoras de pré-conceitos, discriminações, homofobia, bem como de sofrimentos, sentimentos de inferioridade, causadores de agressões e de violência física e simbólica. Percebeu-se também, uma argumentação no sentido de estabelecer uma relação das posturas essencialistas com a heteronormatividade. O estudo salientou que o conceito, que é assumido pelos autores dos textos, articulado com a categoria de gênero é que as identidades e diferenças, ainda que frutos de uma cultura inscrita na heteronormatividade, são instáveis, múltiplas, ambíguas, plurais. Portanto, foi possível perceber que as epistemologias que circulam nesses trabalhos são centralmente culturais, estão atravessadas pelas relações de poder, e esse poder não é algo possível de ser eliminado. O poder é parte constitutiva das epistemologias.

O estudo **Juventudes e processos de escolarização: articulações entre trabalho e gênero** discutiu as relações entre juventudes e escolarização com estudantes da Educação de

Jovens e Adultos (EJA). Participaram deste estudo 21 alunos, uma professora e uma diretora. Considerou-se nesse trabalho, a relação entre escolarização, trabalho e gênero, tendo sido o trabalho apontado pelos/as jovens como uma grande motivação para escolarizar-se. A análise permitiu argumentar que a escolarização é significada como um processo que permite: tornar alguém habilitado, competente e socialmente reconhecido; produzir sujeitos capazes de utilizar a racionalidade e as habilidades desenvolvidas na escola; melhorar e favorecer sua inserção social e cultural. Tais aptidões, capacidades intelectuais e posições sociais estão atravessadas por marcadores identitários, como gênero, que permitem nomear, classificar, incluir e excluir alguns grupos de jovens de determinados modos, tanto na vida escolar quanto no mundo do trabalho.

Em **A educação de mulheres-mães pobres para uma "infância melhor"** analisa como foram produzidos e veiculados alguns ensinamentos direcionados às famílias pobres e como tratavam de posicionar as mulheres, fundamentalmente, como mães amorosas, educadoras e nutrizes “naturais” e culturais das crianças, responsabilizando-as, quase de forma integral, pela prevenção e cuidado da saúde da família, assim como pela geração da “infância melhor”. O estudo realizou-se com participantes do projeto intitulado “Primeira Infância Melhor”.

A pesquisa revelou que o gênero como um organizador das relações sociais observa-se que quando as mulheres-mães passam a ser ensinadas e responsabilizadas integralmente pelo desenvolvimento infantil, ocorre a formação de um processo de generificação que traz especificidades de posturas da mãe em relação a criança. Esse processo não apenas atrela o conhecimento do cuidado, do afeto, do desenvolvimento da inteligência e da aquisição da linguagem a comportamentos e desempenhos femininos, mas também os constitui. Pode-se, ainda, destacar a relação entre aprendizagem e as noções de “ambiente natural” e de “mundo ordenado”, que seguem na base das proposições do programa Primeira Infância Melhor (PIM), onde a criança e seu desenvolvimento “normal” são centrais, enquanto a mãe é posicionada como a pessoa mais adequada para efetivar essa relação, necessitando estar aberta a ser ensinada, avaliada, regulada e monitorada. Desse modo, investir no desenvolvimento infantil, na grande maioria das políticas públicas de educação e(m) saúde e/ou de inclusão social, implica trabalhar na construção de uma família-mãe e de uma “mãe professora” capaz de aprender a organizar-se, colocar desafios às crianças de acordo com os ensinamentos propostos, seguir regras de conduta. Isso quer dizer, que as mulheres devem cumprir determinadas tarefas, tanto no que se refere à alimentação, higiene e cuidado, quanto em relação a formas de lazer, educação, consumo e, amor.

(Homo)sexualidades e gênero nos documentos oficiais da educação contextualiza sobre como a discussão das (homo)sexualidades e de gênero se inserem na escola através de documentos oficiais da educação. Nos documentos analisados as controvérsias e desencontros se instalam, principalmente, quanto às conceituações das categorias identitárias que compõem o campo das discussões. No entanto, cabe evidenciar que não são todas as identidades, os equívocos referem-se especificamente aos transgêneros - travestis e transexuais. Este segmento parece ainda mais vulnerável à exclusão social e é identificado por vários estudos da área como pessoas de baixo nível escolar, sendo um dos principais motivos desse fato, os obstáculos que enfrentam para permanecer na escola em decorrência da forma como constroem seu gênero. Este fator influencia expressivamente na organização e na construção de uma identidade coletiva e na compreensão dos mecanismos históricos e culturais, que situam pessoas como pertencentes a locais sociais determinados. Percebe-se que, mesmo com a criação dessas iniciativas legais, para se contextualizar (homo)sexualidades e gênero na escola, elas se inserem timidamente no contexto social desencadeando poucos avanços nesse campo. A homofobia permanece marcando de diferentes maneiras o cotidiano escolar nas relações estabelecidas entre todos/as que ali estão: alunos/as e docentes. Parece claro que, dos estatutos construídos e mantidos pela educação escolar, a heterossexualidade, ensinada de maneira explícita ou implícita, permanece ao longo da história como a única possibilidade viável de vivência humana, dotada de tamanha força hegemônica que invalida as iniciativas que propõe seu questionamento.

O trabalho **Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis**, refletiu sobre possíveis relações entre masculinidades, raça e rendimento escolar, tendo por base os relatos sobre experiências escolares vividas por jovens rapazes; brancos e negros, antes e, após o ingresso na EJA. A análise revela o compartilhamento de um referencial de masculinidade, mantido ao longo de seus percursos escolares, através de práticas linguísticas e corporais, que lhes possibilitavam perceberem-se fortes, capazes de causar problemas e bem sucedidos em práticas esportivas associadas ao universo masculino, como o futebol. Desta forma, a medida do sucesso escolar, para esses jovens, vincula-se êxito das estratégias adotadas para os símbolos de gênero que estruturavam o modo como entendiam o que significava ser homem no cenário escolar, em detrimento dos resultados acadêmicos. As narrativas de jovens negros evidenciam aceitação de tais significados de gênero, sob a forma de uma cumplicidade marginalizada, em função das contradições envolvidas em sua corporalidade, enquanto símbolo e fonte de expressão de masculinidade.

A pesquisa **A mídia ensina: imperativo da maternidade e paternidade responsáveis**, discute a emergência de técnicas de governo da população inerentes ao projeto da modernidade e a criação de dispositivos da normalização das condutas maternas e paternas a partir dos preceitos científicos, encontrados em artigos da revista Pais & Filhos. Considerando-se esse processo educativo contemporâneo mais amplo como politização da família – não se trata da família que tem mais filhos/as, mas da que tem menos filhos/as e cuida “cientificamente” deles/as. Os resultados revelaram que há um movimento que contempla o planejamento, o cuidado e a educação dos/as filhos/as como problemas do casal; embora a mãe permaneça enunciada como a responsável principal, verifica-se um movimento de corresponsabilidade da mãe e do pai pela prestação quotidiana dos cuidados aos/às filhos/as.

Já **Heteronormatividade ou reconhecimento? Professoras e professores diante da homossexualidade** apresenta a análise das discussões realizadas em ambiente virtual, por 140 professores e professoras da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com a intenção de compreender significados e sentidos atribuídos à homossexualidade. A análise dos dados demonstrou a presença de três posicionamentos distintos no grupo: negação, revisão e defesa. Inserir o debate sobre homossexualidade e homofobia é colocar-se diante da responsabilidade destes/as profissionais na formação das novas gerações, mostrando ainda que toda forma de discriminação, segregação e exclusão social foi construída em determinado tempo e lugar, logo cada um de nós pode contribuir para que sejam desconstruídas e superadas. Reconhecer e respeitar as diferentes possibilidades de viver sexual, amorosa e afetivamente, e proteger da homofobia meninos e meninas, homens e mulheres é a responsabilidade de todos.

Tabela 9 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2011 (N=ocorrências¹²)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Disciplinadora/Higienista/Normatizadora	72
Gênero	Escola/sociedade reforçam estereótipos	137
	Ignora homossexualidade/ diversidade sexual	39
Formação docente	Necessidade das temáticas sexualidade e gênero nos curso de formação	42

Fonte: Elaborada pela autora.

¹² Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Na análise, dos trabalhos apresentados no GT 23 desta reunião da Anped de 2011, percebemos uma diversificação na produção em relação às questões da sexualidade, gênero, mulheres-mães, formação de professor/a e temas correlatos. A abordagem desses temas mostra a amplitude e a relevância das discussões nas pesquisas acadêmicas na área de Gênero, sexualidade e educação que implicam na Educação.

A análise demonstrou que há uma carência de Educação Sexual nas escolas e nos espaços de formação profissional que comprometem o trabalho dos professores em sua prática pedagógica no que tange a temática, pois o espaço escolar é permeado de dúvidas e conflitos referente à sexualidade e ao gênero, que requer entendimento do professor/a para lidar com essas temáticas de forma emancipatória.

Na sociedade brasileira atual, lembra Maio (2011) a discussão da educação sexual nos currículos escolares deveria estar suplantada, ao considerarmos que

[...] em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade é mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e frequentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.40).

Não obstante, a realidade do cotidiano escolar não condiz com a discussão dos autores. O que perpassa neste cotidiano ainda são os preconceitos, as discriminações, a falta de estudo e reflexões sobre a temática e, quando esta é abordada, prevalece a vertente biológica e conservadora, que contribui para acarretar conflitos e conseqüentemente, reprodução de conceitos e comportamentos alicerçados no senso comum.

As análises mostram que as discussões das questões de gênero também são negligenciadas na escola, mas cabe lembrar que os estudos indicam que os modelos sociais de masculinidades e feminilidades que permeiam os espaços escolares, são heteronormativos, revelando ainda que, modelos associados ao feminino, são constituídas com *status* inferior, subalterno, determinando um conjunto de regras, valores e atribuições simbólicas que concorrem para constituição e manutenção de comportamentos sexistas (KIMMEL, 1997), e que continuam sobremaneira influenciando a formação de alunos/as.

Os estudos revelaram que ao tratar da transexualidade, as dificuldades da escola se acentuam, revelando que no espaço escolar, as representações remetem a sujeitos que transgridem, portanto ameaçam a ordem normativa e as convenções sociais do corpo, neste contexto a escola ignora e continua se posicionando por meio da heteronormatividade.

Através do silêncio essa instituição continua propagando tal discurso, conseqüentemente, excluindo e discriminando.

Assim, Louro (2012) ressalta que no discurso homogeneizador, ganha destaque a normalização das identidades sexuais e de gênero, pois a escola continua empenhada em garantir que homens e mulheres se constituam as formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade. Continua a autora que atualmente essa normalização se renova e afirma que

[...] os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando lugares sociais, suas disposições, suas formas de se e estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformam-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe [...]. (LOURO, 2012, p. 28).

Neste contexto, ressaltamos que atualmente, as crianças e adolescentes passam maior do seu tempo na escola, assim a discussão em torno da concepção de gênero e seus desdobramentos também é fundamental nesse espaço na busca de desconstruir verdades e buscar a equidade de gênero.

Diante disso, percebemos que a escola urge de transformação para deixar de ser local de opressão e repressão, e se constituir em espaço de promoção de um trabalho efetivo de educação sexual.

Porém, isto denota necessidade na formação de professores no que tange a temática, haja vista que, a maioria das escolas, embora respaldados por documentos oficiais que criaram espaço para discussões referente à sexualidade, sexo e gênero, quando abordam as temáticas, o fazem timidamente, cumprindo o que é determinado pela escola, de forma pontual, temendo a reação da família. Isto denuncia a carência de formação científica sobre a temática.

A esse respeito, Castro e Ferrari (2011, p. 8) argumentam que os currículos das universidades conservam uma tendência a privilegiar determinados saberes tidos como “[...] mais legítimos, mais científicos [...]”, que são a base de sustentação para pensar as práticas pedagógicas das escolas em detrimento a outros saberes.

Giroux (2008, p. 87) declara que com esta “[...] divisão intelectual do trabalho, os/as estudantes geralmente tem poucas oportunidades para estudar questões sociais mais amplas através de uma perspectiva multidisciplinar.” Neste sentido, os estudos relativos ao gênero e a sexualidade são renegados nas universidades, mesmo estando presente nos discursos de alunos/as.

Argumenta Giroux (2008), que a escola não deve apenas passar conhecimentos e valores, mas a escola representa várias formas de conhecimentos, práticas, referências sociais e culturais. A escola deve ser questionadora, onde expresse suas ideias e permite que os alunos também o façam.

Nesta perspectiva, Castro e Ferrari (2011) afirmam que as universidades e os cursos de pedagogia são espaços de produção histórica e social das identidades sexuais e de gênero. Esses espaços podem privilegiar a discussão e a reflexão sobre a temática, objetivando a problematização dos discursos naturalizados pela cultura, questionando as verdades proclamadas e permitindo outras formas de se pensar sexualidade.

Assim, a formação docente pode possibilitar o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora a respeito da sexualidade, do gênero e seus desdobramentos no curso de formação e, conseqüentemente, em todos os níveis de ensino.

35ª RA Anped - Educação, Cultura, Pesquisa e Projetos de Desenvolvimento: o Brasil do século XXI

Neste ano de 2012 o GT 23 contou com um trabalho encomendado, dezessete trabalhos apresentados, três *pôsteres* e um minicurso. Nesta reunião, os trabalhos apresentados discutiram temas variados e trouxe a discussão da violência na implicação da constituição do gênero. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no citado GT, na reunião anual da Anped, no período supracitado.

Quadro 11 - Produções do Ano de 2012

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Mulheres-visitadoras, mulheres-voluntárias, mulheres-da-comunidade: o conhecimento como estratégia de diferenciação de sujeitos no PIM	Carin Klein	Qualitativa/ Análise documental e pesquisa etnográfico	UFRGS	Comunicação Oral	Maternidade; Gênero; Políticas públicas.
Escolarização	Sandra dos Santos	Qualitativa/ Entrevistas	FE/UFRGS	Comunicação Oral	Não consta

gênero e vulnerabilidade social: uma abordagem cultural de narrativas juvenis	Andrade	narrativas			
Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia	Rosalinda C. de Oliveira Ritti	Qualitativa/ Observações participantes e “rodas de leitura”	UFJF	Comunicação Oral	Masculinidades; Adolescentes violentos; Práticas discursivas
Sexualidade e gênero: discursos docentes mediados pelo livro paradidático	Andréia C. da Silva; Vera H. F. de Siqueira	Qualitativa/ Pesquisa bibliográfica e entrevistas	NUTES/UFRJ	Comunicação Oral	Literatura escolar; discurso; sexualidade; gênero.
Família e escola: a fabricação da mulher-mãe parceira em tempos de governamentalidade de neoliberal	Maria. C. Dal'igna	Qualitativa/ grupo focal e entrevista	UFRGS	Comunicação Oral	família; escola; governamentalidade; gênero.
Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação física escolar. uma cartografia das práticas discursivas em escolas paranaenses	Gabriela C. Ribeiro	Qualitativa/ Entrevista	UFPR	Comunicação Oral	Não consta
Trabalho docente na ótica de estudantes brasileiros(as): das representações sociais às	Lúcia P. S. Villas Bôas; Clarilza P. de Sousa; Maria R. Lombardi	Qualitativa/ Expressão gráfica, entrevista, questionário	FCC FCC e PUC-SP FCC	Comunicação Oral	estudantes de educação; trabalho docente; relações sociais de sexo; representações

relações sociais de sexo					sociais; Brasil.
Sexualidade, Gênero e Diversidade: Currículo e Prática Pedagógica	Alexandre S. Bortolini de Castro	Qualitativa/ registros em diários	PUC-Rio e UFRJ	Comunicação Oral	Não consta
Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades	Liane K. Rizzato	Qualitativa/ Entrevistas	FEUSP	Comunicação Oral	Não consta
Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula	Elenita P. de Queiroz Silva	Qualitativa/ Grupo focal e questionário	UFU	Comunicação Oral	Não consta
O governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional lgbt	J. C. Sierra	Qualitativa/ Pesquisa bibliográfica	UFPR	Comunicação oral	Não consta
Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana	José G. S. . Damico	Qualitativa/ Discussões de grupo e entrevistas	FURG	Comunicação Oral	Não consta
No labirinto da educação infantil as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade	Cláudia M. Ribeiro	Qualitativa/ Análise documental	UFLA	Comunicação Oral	Gênero; sexualidade; enunciado; educação infantil.

A Subjetivação da Mãe Naturalista como Modelo: a Maternidade como Efeito das Pedagogias Culturais	Karina M. da Cruz Valença Alves	Qualitativa/ Análise documental e bibliográfica	UECE	Comunicação Oral	Não consta
A velhice estruturada nos vocábulos: ativa e muscular	Maria S. V. Schwengber	Qualitativa/ Análise documental	UNIJUÍ	Comunicação Oral	mídia; corpo; gênero. envelhecimento.
A formação da identidade e o processo de subjetivação de alunos com orientação homossexual	Denize de A. X. Sepulveda	Qualitativa/ investigação, e a partir de uma história real e observação	UERJ- PROPEd	Comunicação Oral	Não consta
Violência, Traição e Gênero: uma briga de meninas em uma escola privada	Paulo R. da C. Neves	Qualitativa/ Observações e entrevistas	FEUSP	Comunicação Oral	Não consta
Qual lugar do gênero e da sexualidade no curso de Pedagogia da UEFS?	Taisa de S. Ferreira	Qualitativa/ Análise documental	UEFS	Pôster	gênero; sexualidade; Pedagogia.
Histórias de vida de professoras travestis e transexuais brasileiras: uma proposta metodológica de pesquisa	Graça A. Cicillini; Neil F. P. de Almeida	Qualitativa/ História de vida, entrevista, pesquisa biográfica e documentais	UFMT/CUA	Pôster	histórias de vida. professoras travestis e transexuais. teoria queer
	Juliana	Qualitativa/	USP	Pôster	Não consta

Modelos atrativos nas relações afetivo-amorosas: uma análise a partir da perspectiva das relações de gênero	Franzi	utilização de um conflito.			
---	--------	----------------------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste ano de 2012 na Reunião Anual da Anped as pesquisas apresentadas foram todas de cunho qualitativo e tiveram a participação de cinco pesquisadores do gênero masculino.

O trabalho *Mulheres-visitadoras, mulheres-voluntárias, mulheres-da-comunidade: o conhecimento como estratégia de diferenciação de sujeitos no Pim*, analisa uma política pública voltada para a promoção de uma “Primeira Infância Melhor” (PIM), proposta pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, para discutir como ela, ao atuar como uma instância pedagógica, se propõe a educar e regular mulheres e homens como sujeitos de gênero. Nessa direção, tornou-se importante apreender os sentidos relacionados ao conhecimento, voltados à promoção do desenvolvimento infantil, e, como ele operou na construção das posições de sujeito – mulheres-visitadoras, mulheres-voluntárias, mulheres-da-comunidade – que foram ali delineadas. O Referencial teórico-metodológico que orienta as análises ancora-se nos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, em aproximação com a perspectiva pós-estruturalista, principalmente da análise do discurso, de inspiração foucaultiana.

O estudo revelou que algumas propostas e ações do Pim, assim como de outras políticas, indicavam um eficiente mecanismo de minimização do Estado, responsabilizando e ensinando os indivíduos a educar(-se) e cuidar(-se) corretamente, a tornar-se “competentes” e independentes, principalmente diante da falta de condições e estruturas públicas adequadas. Contudo, o desenvolvimento dessas ações que ficam a cargo das mulheres visitadoras, voluntárias e da comunidade, mostram alguns obstáculos a serem vencidos no que se refere as política públicas, ainda vistas como “assistencialistas” e não de transformação. O investimento no desenvolvimento infantil passava necessariamente pela educação e que tornava-se referência para orientar práticas institucionalizadas e familiares e posicionando homens e mulheres em lugares distintos.

Escolarização, gênero e vulnerabilidade social: uma abordagem cultural de narrativas juvenis buscou através de pesquisa com jovens do EJA, analisar como a escola se

configura para os/as jovens entrevistados/as como redutora dos componentes da vulnerabilidade. Para tanto, utilizou, especificamente, a narrativa de Ana, por identificar que ela potencializa as situações de vulnerabilidade que se desdobraram em muitas experiências de exclusão/inclusão e desigualdade por ser: mulher, pobre, pouco escolarizada e prostituta.

O estudo afirma que Ana, como tantos/as outros/as jovens entrevistados/as, configura-se, então, como sujeito de vulnerabilidade de um amplo e variado espectro de processos sociais e econômicos que resultam em vários tipos e graus de exclusão. Tornam-se vulneráveis porque são excluídos; são excluídos porque vulneráveis. Percebe-se, no entanto, que estes/as jovens, ao experimentarem situações constantes de vulnerabilidade, acabam por desenvolver habilidades para lidar com elas e que, algumas vezes, correr riscos, configura-se para eles como possibilidade de *status*, de virilidade, força e até de sobrevivência, pois estes são traços das masculinidades hegemônicas em nossa cultura.

O trabalho **Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia**, teve como foco a constituição das subjetividades de grupos de adolescentes, com idades entre 14 aos 18 anos, considerados violentos e perigosos residentes em um bairro da periferia de Juiz de Fora/MG. Utiliza como apoio teórico o pensamento de Michel Foucault e as abordagens dos Estudos Culturais e de Gênero aproximando-se da perspectiva pós-estruturalista.

O estudo revelou que os discursos vão se produzindo e se reforçando, ao mesmo tempo que constroem uma noção do que é ser homem. “Esses discursos vão construindo uma relação binária e mesmo de inversão entre um sujeito e um Outro” (FERRARI, 2007, p.7): o adolescente violento, de um lado e, do outro, a mulher e outros adolescentes que também se encontram na periferia e com os quais convivem. Aqueles denominados “laranjas”, procuram estudar e trabalhar, resistindo de alguma forma à força dos discursos e experiências a que são expostos, são adolescentes que vivem uma relação familiar diferenciada, não se envolvem ou quase não se envolvem com as atividades do “bonde”, distanciando-se um pouco do gosto pelo *funk*, além de, comumente, se ligarem a alguma religião – a evangélica, principalmente. Isso os coloca, de certa forma, longe de alguns dos discursos tratados diferenciando, assim, seu processo de subjetivação, porém, paga o preço de sua diferença quando se trata da vida na periferia.

Os adolescentes de periferia vão se produzindo de forma a atender às características definidas para cada uma das identificações que assumem e que, no caso, são construídas a partir de discursos marcados pela periculosidade, pelo uso ou tráfico de drogas e pela violência. Vão criando a “beleza” de suas existências, da forma que a entendem e mesmo que

tal “beleza” não se enquadre nos padrões e valores da sociedade. Produzem-se perigosos, violentos e ligam-se, de alguma forma ao narcotráfico, dentro das possibilidades dos discursos nos quais são inseridos e/ou se inserem e a partir dos quais criam suas próprias “verdades”.

Em **Sexualidade e gênero: discursos docentes mediados pelo livro paradidático** buscou através de pressupostos foucaultianos reconhecer a ocorrência de investimentos de saber/poder em ações pedagógicas, envolvendo livros paradidáticos, que abordam temas relacionados à sexualidade, gênero e saúde reprodutiva, nos detendo principalmente nas noções de dispositivo da sexualidade e biopolítica. A pesquisa ainda esta em andamento, permitiu perceber a supremacia e emergência de temáticas da atualidade nas ações, envolvendo o livro paradidático e a identificação desse artefato cultural como um antídoto a inadequação e descompasso dos suportes didáticos disponíveis para fazer emergir discussões que na maior parte das vezes são excluídas da pauta escolar.

A pesquisa **Família e escola: a fabricação da mulher-mãe parceira em tempos de governamentalidade neoliberal** teve como objetivo descrever e problematizar a relação família-escola, apoiando-me nos Estudos Foucaultianos e nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas. Os dados coletados em um grupo focal com 10 mulheres-mães de crianças com baixo desempenho escolar e entrevistas com cinco participantes. As análises realizadas permitiram: descrever e problematizar duas tecnologias – autorreflexão e autoavaliação – implicadas na produção das subjetividades de mulheres-mães. Os resultados possibilitam tanto problematizar noções essencialistas sobre um modo de ser e de viver a feminilidade e a maternidade, quanto expor os processos de fabricação da experiência de si – tornar-se mulher-mãe parceira – em tempos de governamentalidade neoliberal.

Já Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação física escolar: uma cartografia das práticas discursivas em escolas paranaenses apresenta uma cartografia sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação física. Essa cartografia é composta pela análise da narrativa de professoras de educação física do Paraná, assim com o também das Diretrizes Curriculares da Educação Básica, educação Física-DCEB/EF(2008) e da formação continuada para professoras/es da rede estadual de ensino do Paraná, em especial o curso Gênero e Diversidade na escola – GDE, etapa 2009-2010, com o objetivo de mostrar a presença, as ausências, e as diferentes maneiras das temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sexual nas narrativas escolares da educação física.

O trabalho mostrou que de acordo com as narrativas, a educação física escolar não estaria relacionada com a produção e o reforço dos estereótipos de gênero. Quanto a caracterização da sexualidade se dá a partir de ações biopolíticas, com foco no tema da saúde.

Quando das tentativas de uma ação sobre sexualidade na escola, mostraram-se as limitações que a instituição escolar apresenta tratando o tema dentro dos processos de normalização, e a diversidade sexual, o nome social e o uso do banheiro se apresentaram como elemento que está sujeito às sanções das normas institucionais.

Sobre a formação continuada pelo curso GDE, houve relatos na perspectiva do respeito e tolerância à diversidade, e também apresentaram o GDE enquanto um momento de tensões e conflitos, ocorrido na etapa presencial do curso e caracterizado pelas divergências entre o tipo de abordagem afirmativa em relação aos sujeitos LGBT e as práticas discursivas e institucionais das escolas.

O Trabalho docente na ótica de estudantes brasileiros(as): das representações sociais às relações sociais de sexo, esta pesquisa em andamento, pretendeu refletir acerca das possibilidades do uso da teoria das representações sociais e da categoria relações sociais de sexo no estudo do trabalho docente, haja vista que sua compreensão passa também por incorporar, na perspectiva de análise, as dimensões socialmente construídas sobre determinados modelos, de masculino e feminino, e que contribuíram para a feminização da profissão de professora. Embora parciais, as análises apresentadas mostram que a abordagem das representações sociais e a das relações sociais de sexo, quando focadas no campo educacional, possibilitam não apenas contestar a separação entre o individual e o coletivo, mas, sobretudo, questionar abordagens que ignoram que os indivíduos se constituem socialmente e que constituem o contexto em que vivem.

Os dados ainda revelaram que é preciso construir possibilidades de atuar na formação inicial e continuada de docentes, conscientizando o estudante, durante sua trajetória de formação, sobre como este está construindo seu pensar sobre seu trabalho, o que pode se contrapor a mecanismos naturalizados de exclusão, de discriminação e de desigualdade no ensino.

O trabalho **Sexualidade, Gênero e Diversidade: Currículo e Prática Pedagógica**, pretendeu analisar os registros que tratavam dos ambientes escolares e das atividades pedagógicas em si, tendo a análise de conteúdo como metodologia para trabalhar com os dados do projeto Diversidade Sexual na Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, questionando: Quais os caminhos didático-pedagógicos encontrados/construídos por educadores/as, no desenvolvimento de atividades, que trabalhassem diretamente a questão da diversidade sexual e de gênero na escola? Quais oportunidades e limites podemos encontrar em cada um destes caminhos? Os dados mostraram que o grupo participante do projeto aprendeu, com as leituras, pesquisas e análises que foram feitas durante todo esse trabalho,

que já se sabe muito sobre o que não se deve fazer, mas que há ainda muito que descobrir sobre o que deve ser feito e como fazê-lo.

Já **Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades**, é uma pesquisa parcial que teve por objetivo compreender as decisões que permeiam a inserção ou não da reflexão sobre a temática homofobia, no trabalho docente e nas relações escolares, já que tratar o gênero e a sexualidade na escola nem sempre implica trabalhar com a diversidade sexual e construir uma experiência social que identifique e enfrente a homofobia. As narrativas apresentaram diferentes percepções sobre a homofobia na escola, níveis distintos de envolvimento com a temática e explicações sobre a diversidade sexual baseadas em variáveis que se contradizem umas às outras. A experiência social em homofobia desses sujeitos, mostra-se repleta de dissonâncias e permeada por suas vivências pessoais e profissionais, pelo grau de contato com pessoas não heterossexuais, pela participação no curso de formação continuada e pela experiência social em gênero e sexualidade.

A pesquisa **Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula**, visou cartografar, a partir da interlocução com autores como Deleuze, Guattari -1996, 2004 e Foucault – 1977, 1988, a localização daquilo que professoras e professores em salas de aulas no trabalho com a disciplina Ciências, anos iniciais e finais do ensino fundamental, apontam como “problemas” no diálogo com as crianças sobre corpo e sexualidade. Foram realizados grupos focais e aplicados questionários a professores/as que atuam na rede pública municipal de ensino de Uberlândia-MG.

Problemas sobre a sexualidade, foi a questão dessa pesquisa, pois os/as professores/as contam sobre a tranquilidade com a abordagem da biologia. Apontaram também o estranhamento do desejo e o prazer manifesto pelos alunos/as e as formas de resistências e de desmonte de verdades sobre o sexo e da atitude adequada em torno da sexualidade. Narram a homossexualidade como desordem. Quanto as famílias, estas reagem da mesma forma que a escola.

Em **O governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT**, teve por objetivo mostrar como se tem operado a produção dos sujeitos da diversidade sexual, a partir de uma viabilidade-moral-econômica, que atente às configurações neoliberais contemporâneas e suas tecnologias políticas destinadas a conduzir administrativamente a vida da população. O estudo mostrou ser pertinente pensar a partir de estudos de Foucault, especialmente diante, na contemporaneidade, da radicalização das identidades, bem como da celebração da diversidade

sexual e de seus sujeitos – agora, sujeitos de direito. Em vista disso, o autor considera que o referencial foucaultiano, sobre a estética da existência, pode fornecer elementos para uma crítica da razão identitária, da noção de sujeito de direito, das retóricas de diversidade sexual e, assim, contribuir para a introdução de uma teorização político-educacional mais ampla em torno das lutas e dos direitos dos sujeitos LGBT que pressupusesse, liberar-se das “[...] máscaras visíveis do homossexual [para] procurar definir e desenvolver um modo de vida.” (FOUCAULT, 2005, p. 351).

Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana, este trabalho, apoiado nos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas e na antropologia política, analisou informações geradas em discussões de grupo e entrevistas com jovens do bairro Guajuviras de Canoas – região metropolitana de Porto Alegre – para discutir elementos, enunciados em formato de “palavras significativas”, implicados com processos de constituição de identidades masculinas juvenis naquele contexto. As narrativas mostraram que elementos constitutivos dessas masculinidades juvenis se aproximam bastante daquelas masculinidades hegemônicas que se tem confrontado no campo dos estudos de gênero. As narrativas mostraram que esta região se encontra vulnerável não só à ação de traficantes como também da polícia. O autor argumenta que as palavras significativas utilizadas nas discussões dimensionam modos de ser e de viver e de exercitar a masculinidade. A discussão pode contribuir para pensar a “problemática” da juventude urbana periférica brasileira.

No labirinto da educação infantil as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade, este texto busca problematizar as falas de educadoras que atuam na educação infantil concebendo-as como enunciados. Esse é um conceito cunhado por Michel Foucault que gera perguntas tais como: o que pode ser dito? Quem está autorizado/a a dizer? Outras perguntas adentram cada vez mais no labirinto que se constitui a educação infantil emaranhando as macropolíticas e as micropolíticas, a legislação já conquistada e o que ainda há para conquistar, puxando também os fios de gênero e sexualidade.

A pesquisa **A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais**, procurou dar visibilidade a diferentes discursos e enunciados que, enfocando a mulher na contemporaneidade, visam produzir um modo instituinte de ser mãe, apoiado em um conjunto de injunções que posicionam a maternidade no centro do processo de subjetivação da mulher. O que focou este trabalho foi uma problematização acerca da forma como, atualmente, práticas discursivas em torno da maternidade natural, integral e intensiva agenciam-se a processos de ordem histórica, política,

econômica, social e cultural, que interpelam a vida das mulheres, produzindo um modelo de maternidade de prescrição naturalista com forte apelo moral.

Já **A velhice estruturada nos vocábulos: ativa e muscular**, este trabalho foi desenvolvido através do encarte jornalístico denominado Saúde, veiculado no Jornal da Manhã, de Ijuí (RS). Os encartes editados de 2008 a 2010 foram analisados no sentido de discutir as seguintes questões: de que modo as imagens apresentam a experiência do envelhecimento? As análises mostraram uma socialização contemporânea de um novo velho: um velho/a ativo/a, que deve se manter a partir das figuras do governo da atividade, seja física [corporal], cognitiva, sexual, informacional. As imagens identitárias investem na direção de uma velhice mais ativa, saudável, produtiva, tanto a masculina quanto a feminina, a partir dos vocábulos ativa e muscular.

O trabalho **A formação da identidade e o processo de subjetivação de alunos com orientação homossexual**, teve como objetivo investigar como se processa a formação da identidade de alunos com orientação homossexual, que sofrem processos de exclusão a partir de práticas de perseguição no interior da escola. Optou-se pela pesquisa nos/dos/com os cotidianos para trilhar os caminhos da investigação, e a partir de uma história real ocorrida no cotidiano de uma escola pública e o modo como esses processos se desenvolvem. Foi possível perceber que os estudantes sentem-se discriminados, o que acaba por interferir na identificação de si próprio, pois a formação da identidade pode ser prejudicada levando o sujeito a se sentir diferente, o que de certa maneira, pode influenciar nas diversas formas de participação e legitimação social e individual que esses sujeitos vivenciam.

Violência, Traição e Gênero: uma briga de meninas em uma escola privada, a proposta deste texto é apresentar uma primeira sistematização dos resultados de pesquisa, em andamento, para identificar se episódios de violência encontrados em outro estudo realizado na periferia, seriam determinantes em uma escola privada de classe média, ou seja, se a classe social e o tipo de escola (particular ou pública) não seriam determinantes para a ocorrência ou não de brigas. Embora a pesquisa, ainda esteja em desenvolvimento, há pistas que permitem algumas inferências. O fato das jovens serem de classe média não é determinante para que não recorram à violência como forma de solucionarem seus conflitos, no entanto tal recurso não é reconhecido como legítimo pelos seus pares. Os/as jovens assumem mais os discursos socialmente apropriados, referente às relações sociais de gênero, seja por estranharem que as jovens pudessem protagonizar brigas ou por responsabilizarem as jovens pela castidade ou pela traição ao parceiro.

Já em **Histórias de vida de professoras travestis e transexuais brasileiras: uma proposta metodológica de pesquisa**, esta pesquisa em andamento, busca problematizar sobre as posições que professoras travestis e transexuais ocupam na escola, buscando identificar os indícios de desestabilização que suas presenças provocam no contexto escolar; questiona os valores sexuais e as percepções de gênero culturalmente estabelecidas e as possibilidades de estruturação de novas formas de ensino e aprendizagem, referente à diversidade sexual e de gênero.

Qual lugar do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia da UEFS? Investiga e apresenta os primeiros resultados dos estudos desenvolvidos no curso de mestrado em Educação, acerca da formação do(a) professor(a) em relação a gênero e sexualidade em um curso de Licenciatura em Pedagogia. As análises se fundamentam no campo das teorias contemporâneas do conhecimento, das quais a teoria *queer* assume um lugar de destaque, uma vez que, partindo das discussões de gênero e das sexualidades, propõe refletir sobre a multiplicidade do processo em que essas identidades sociais se constroem nas dimensões históricas, sociais, culturais e políticas.

Modelos atrativos nas relações afetivo-amorosas: uma análise a partir da perspectiva das relações de gênero é uma pesquisa em andamento e discute a atração interpessoal nas relações afetivo-amorosas heterossexuais, concernente aos modelos masculinos e femininos. O estudo está sendo realizado com jovens do ensino médio, de idades entre 15 e 17 anos. As análises iniciais dos dados apontam para a complexidade em relação à maneira como os jovens organizam seu pensamento no sentido de responder à situação hipotética, demonstrou uma diversidade de sentimentos, emoções e valores no processo de seleção e escolha do(a) parceiro(a). Nesse sentido, as contribuições do construcionismo social permitiu perceber que este processo de escolha se relaciona ao padrão social de beleza e é um dos fatores que influencia a atração. Contudo, este fator se articula com outros elementos, como as relações de poder entre os sexos.

Tabela 10 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPEd de 2012 (N=ocorrências¹³)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Educação Sexual	Disciplinadora/ Biologizante/pautada em valores do senso comum	41
Gênero	Sociedade reforça estereótipos e cria relações de poder	97
	Ignora homossexualidade/diversidade sexual	29

¹³ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

Sexualidade	Biologizante/disciplinadora	62
Formação profissional/docente	Necessidade de Educação Sexual na formação	29

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise dos trabalhos do GT 23, nesta Reunião Anual de 2012, revela as categorias e subcategorias encontradas e entrelaçadas, pois essas categorias abrangem assuntos que formam uma teia que envolve o sexo, a sexualidade, identidade sexual e de gênero, o gênero, a educação e assuntos correlatos, que implicam na formação, na vida individual e coletiva das pessoas.

Porém, as análises reforçam a ideia de que a educação sexual, mesmo com os avanços nos estudos, com diferentes programas que tratam o assunto veiculados as políticas públicas, ainda é desenvolvida na escola de forma disciplinadora e através da vertente medico/biologizante. Esta vertente é elucidada por Nunes (1996) como uma forma de educar por meio de prevenção e controle das doenças sexualmente transmissíveis.

A ênfase aos órgãos genitais, ao sistema reprodutor masculino e feminino, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e o sexismo que estabelece as diferenças entre homens e mulheres, são estigmas da vertente medico/ biologizante, a qual se opõem Nunes (1996, p. 143) ao dizer que observar a sexualidade “é muito mais do que a mera descrição funcionalista dos aparelhos e funções procriativas, é mais do que o detalhismo asséptico da genitalidade, muito mais do que mera associação entre o instinto e a sexualidade”.

Destarte, os estudos mostram ainda, na contemporaneidade, que as escolas constam em seus regimentos, a proibição de namoros e atribuem o baixo desempenho dos alunos(as) à sexualidade, entre outros, mostrando a normatização acerca deste aspecto e desenvolvendo uma invisibilidade sobre a diversidade sexual, buscando a naturalizar as identidades sexuais e de gênero sendo que, essa invisibilidade se faz presente em todos os artefatos escolares, gerando uma exclusão velada de seus alunos considerados “diferentes”.

Ao tratar do gênero, a escola mostra que o conceito ainda está calcado nas diferenças biológicas que justificam as desigualdades vividas por homens e mulheres na esfera social, reafirmando que a falta de conhecimento obscurece a visão. Neste contexto, Vianna e Unbhaun (2006) afirmam, em relação a não percepção dos processos de generificação que se operam na escola e na sociedade, que nos faltam olhos treinados para ver

[...] as dimensões de gênero no dia-a-dia escolar, talvez pela dificuldade de trazer para o centro das reflexões não apenas as desigualdades [...], mas os

significados de gênero subjacentes a estas desigualdades pouco contempladas pelas políticas públicas que ordenam o sistema educacional (VIANNA; UNBEHAUM, 2006, p. 79).

Neste sentido, percebemos que a escola lida com a produção de identidades de gênero e sexuais constituídas naturalmente, estáticas e fixas definidas em somente uma vez, em detrimento às identidades móveis e flexíveis (LOURO, 2012).

Andrade (2012) revela que é no espaço escolar que se ensina aos/as educandos/as sobre as relações, os comportamentos e as diferenças entre homens e mulheres, pois estão preocupados com o controle, a vigilância e o governo dos sujeitos e de seus corpos, investindo, de modo intenso naqueles que tentam escapar, que fazem resistência ao controle disciplinar.

A escola vista como espaço que reafirma valores e conhecimentos em relação ao gênero e a sexualidade, em contra partida, se configura como uma das instâncias culturais que mais corrobora para produzir posições de sujeitos diferenciados, pois, assim como em outras instituições, em seu interior são travadas lutas de resistências e ressignificações que se articulam, se rejeitam e se contradizem, mas contribuem para questionar conceitos enraizados no senso comum.

Destarte, as temáticas sexualidade, gênero e seus desdobramentos, deveriam ser abordadas no âmbito educacional de maneira clara, simples e direta, no entanto devem ser amplas, para não reduzir sua complexidade, ser flexíveis, para permitir o atendimento aos conteúdos e situações diversas, e sistemáticas, para possibilitar crescentes aprendizagens. E, uma educação sexual que vá além da sexualidade reprodutiva, que considere o desejo, amor, emoções, sentimentos, erotismo, alegria, liberdade, frustrações, perdas que perpassam a vida do indivíduo. Portanto, uma educação sexual que contemple informações e promova discussões acerca da sexualidade em suas diferentes dimensões, possibilitando o desenvolvimento pessoal e coletivo na busca de uma vivência plena e responsável.

36ª RA Anped - Educação, Cultura, Pesquisa e Projetos de Desenvolvimento: o Brasil do Século XXI

Em 2013 o GT 23 contou com um trabalho encomendado, dezessete trabalhos apresentados, dois *pôsteres* e um minicurso. Nesta reunião, os trabalhos apresentados discutem temas variados e traz a discussão da violência e sua implicação na constituição do gênero. A seguir, a relação dos trabalhos apresentados no GT da Anped, no período supracitado.

Quadro 12 - Produções do Ano de 2013

Título	Autor	Tipo de Metodologia	Universidade	Tipo de Apresentação	Palavras-Chave
Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT23	Claudia M. Ribeiro e Constantina X. Filha	Qualitativa/ Análise documental	UFLA/UFMS	Comunicação Oral	Não consta
Um olhar de gênero sobre a “inclusão social”	Dagmar Estermann Meyer, Carin Klein	Qualitativa/ Pesquisa participante e pesquisa-ação	UFRGS/ Prefeitura Municipal de Canoas	Comunicação oral	Vulnerabilidade Gênero; Políticas Sociais.
As imagens e a educação generificada dos corpos	Maria S. Vione Schwenger	Qualitativa/ Observações e análise de propaganda	UNIJUÍ	Comunicação Oral	Mídia, Corpos, Gênero, Escola.
“Todo dia eu penso: meu Deus onde foi que eu errei?”: os desafios de ser mãe na periferia	Rosalinda C.de Oliveira Ritti	Qualitativa/ Pesquisa documental	UFJF	Comunicação Oral	Mães de periferia; Discursos e representações; Subjetivação.
Trajetoria na docência: professores homens na educação infantil	Mariana Kubilius Monteiro; Helena Altimann	Qualitativa/ Entrevista	FEF/UNICA MP	Comunicação Oral	Trajetória profissional; Relações de gênero; Professor homem; Educação infantil.
Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidade	Roney Polato de Castro	Qualitativa/ Análise de diário de bordo	UFJF	Comunicação Oral	Formação docente; Subjetivação; Experiência; Relações de gênero e sexualidade; Educação
Homossexualidade, medicina e educação: a construção de uma	Jackson R. Sá-Silva; Edla Eggert	Qualitativa/ Pesquisa documental	UEMA UNISINOS	Comunicação Oral	Homossexualidade; Medicina; Educação; Metodologia.

pedagogia dos manuais médicos					
Docência Transsexualidades e transexualidades: a emergência rede Trans Educ Brasil	Marco A. Torres	Qualitativa/entrevistas e observações de campo	UFOP	Comunicação Oral	Professoras, Travestis, Transsexuais; Escola; Transfobia
Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a AIDS como processo de (Des)aprendizagens	Geane Félix	Qualitativa/Entrevistas	GEERGE/UFRGS	Comunicação oral	Juventudes; Soropositividades; Sexualidades; (De)aprendizagens; Revelação de diagnóstico
“Apoios ou agachamentos?”: a normalização do gênero na educação física escolar	Priscila G. Dornelles	Qualitativa/Grupo focal e entrevista	UFRGS	Comunicação Oral	Educação física escolar; Gênero; Norma; Heteronormatividade
Juventudes contemporâneas e alguns de seus marcadores identitários: histórias narradas	Sandra dos Santos Andrade	Qualitativa/Entrevista narrativas	UFRGS	Comunicação Oral	Juventude, Estudos Culturais e de Gênero; Marcadores identitários; Experiência de si; Moratória social
A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modo de ser jovem e mulher	Juliana R. de Vargas; Maria L. Merino Xavier	Qualitativa/Cunho etnográfico	UFRGS	Comunicação Oral	Gênero, Estudos Culturais e Discursos
Gilda e a vida queerizada	Jamil Cabral Sierra	Qualitativa/Análise documental	UFPR	Comunicação Oral	Estética da existência; Atitude Queer; Atitude clínica; Vida vivível.

A escola como empreendimento biopolítico de governo dos corpos e subjetividades transexuais	Dayana B. Carlim dos Santos	Qualitativa/ Análise documental e bibliográfica	UFPR	Comunicação Oral	Sexualidade; Transexualidade ;escola; governo; controle; normalidade/ Patologização
Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: caminhos percorridos e obstáculos enfrentados	Neil Franco; Graça A. Cicilini	Qualitativa/ Análise e fontes bibliográficas e documentais; entrevistas e questionários	UFMT/CUA UFU	Comunicação oral	Professoras trans; escola; teoria queer.
Juventude gay na zona rural: a dobra como processo de subjetivação	Emerson Martins; Rogério Machado Rosa	Qualitativa/ Pesquisa cartográfica	UFFS UFSC	Comunicação Oral	Dobra; Juventude; Processo de subjetivação; Zona rural
Análise dos livros didáticos de língua portuguesa na perspectiva da ideologia de gênero	Neide Cardoso de Moura	Qualitativa/ Análise sócio-histórica e discursiva	UFFE	Comunicação Oral	Gênero, Escola, Ideologia, Livro didático.
Modos de ver, sentir, e questionar: a presença do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia	Taisa de S. Ferreira	Qualitativa/ Análise documental	UEFS	Comunicação Oral	Gênero; Sexualidade; Currículo; Pedagogia.
Gênero e governamentalidade: uma articulação teórico metodológica para analisar processos de subjetivação	Maria C. Dal'Igna	Qualitativa/ descreve	UNISINOS	Pôster	histórias de vida. professoras travestis e transexuais. teoria queer
	Roberta de	Qualitativa/	UFMS/CPAN	Pôster	Deficiência

Concepções de corpo e gênero de crianças de uma escola especillaizada no atendimento a pessoas com deficiência intelectual e múltipla	Oliveira Maisatto	Realização de desenhos, relatos orais, caracterização de bonecos e leitura.			intelectual; Corpos; Gênero; Pesquisa com crianças
Foucault e a Ética: a constituição de si	Sílvio D. de Oliveira Gallo	Qualitativa/ Discussões	UNICAMP	Minicurso	Não consta

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste ano de 2013 na Reunião Anual da Anped as pesquisas apresentadas foram todas de cunho qualitativo e tiveram a participação de sete pesquisadores do gênero masculino.

Em **Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT23** apresentou a história, a trajetória e a importância do GT23 como espaço para reunir pesquisadores/as e estudantes das temáticas gênero, sexualidade e de educação para sexualidade, dispersos em diferentes universidades e localidades. As autoras falam da consolidação do GT como um espaço legitimado para o fortalecimento do campo marcando uma consolidação acadêmica e política do estudo dessas temáticas e apresentam tabelas do número de trabalhos orais e pôsteres apresentados nestes dez anos a criação do grupo.

Um olhar de gênero sobre a “inclusão social” o estudo se baseou em estudos de gênero e estudos culturais pós-estruturalista para investigar sobre as políticas direcionadas as políticas de inclusão social, com o conjunto de instituições/grupos envolvidos com sua operacionalização. As autoras discutiram sobre as dificuldades e limites do trabalho do PIM (Primeira Infância Melhor) em que as mulheres da comunidade buscam ser contratadas como visitadoras e se encontram, muitas vezes, em situações de trabalho precário muito próximas do público-alvo da política e, uma vez empregadas com contratos temporários, sem garantia de estabilidade de emprego. Os resultados apontaram que quando se trata de populações pobres a serem interpeladas pelas políticas de inclusão social, acionam-se, sobretudo as mulheres mães, posicionando-as como responsáveis pelos problemas sociais, enfrentados e como parceiras do Estado para promover solução. Assim, envolve a mulher para cuidar de si e dos outros, cuidado este, ainda atribuído ao feminismo.

Já em **As imagens e a educação generificada dos corpos** buscou discutir de que forma as masculinidades e as feminilidade se materializam em torno das imagens, da aparência e dos padrões corporais, que são dadas em produções da cultura infantil. As

imagens analisadas decorrem da campanha publicitária americana para o Natal de 2012 da luxuosa loja de departamentos Barney`s. de Nova York em que as grifes de luxo vestiam a personagem infantil Minnie e sua turma. O artigo discutiu sobre as formas discursivas das diferentes áreas, entre elas a ciência, a propaganda, entre outras e como interferem na vida simbólica das crianças. Muitas vezes, a escola reforça as experiências corporais e de gênero, porquanto esta tem um papel importante e deveria dialogar para desmistificar esses estereótipos.

“Todo dia eu penso: Meu Deus, onde foi que eu errei?” Os desafios de ser mãe na periferia esta pesquisa problematiza os discursos e as representações produzidos sobre mães de bairros periféricos da cidade de Juiz de Fora em duas séries de reportagens publicadas no jornal de circulação local *Tribuna de Minas*. A problematização tem como base os Estudos culturais. As reportagens trazem situações de violência que envolvem adolescentes, do sexo masculino, em brigas de gangues. Tais confrontos têm levado à morte de vários deles. Os jornais mostram as dores das mães, mas não problematizam a ausência paterna, como se fosse natural somente às mães, a responsabilidade e os deveres para com os filhos. Essas representações são construções antigas e ainda na atualidade são reforçadas pela imprensa. O estudo mostra que embora os movimentos sociais venham lutando por conquistas de direito para a mulher, situações de maior igualdade ainda se mantém arraigada a valores antigos, que situam a mulher, principalmente a pobre, no âmbito doméstico, mesmo que a este se some a inserção no mercado de trabalho. Neste sentido, o artigo finaliza pontuando algumas questões: a) como a escola pode se unir para construir caminhos que ajudem a amenizar tal violência. b) como lutar por políticas públicas que atuem nesse sentido? c) Quais os limites e possibilidades da escola na constituição de outras subjetividades que ajudem na transformação desse cenário? d) Como mudar esses discursos e representações tão intensificados em nossa sociedade? entre outros.

A pesquisa **Trajelórias na docência: professores homens na educação infantil** apresenta as análises do contexto de escolha profissional e do ingresso na carreira docente, de sete participantes (homens) da pesquisa, especialmente na educação infantil. As narrativas dos sujeitos mostraram que eles receberam influências na escolha de formação inicial e posteriormente no ingresso da carreira docente da educação infantil, por meio de influências familiares ou de professores durante o ensino fundamental, experiências de ensino-aprendizagem anteriores, reestruturação ou forma de ascensão na carreira e a opção por um ensino médio de qualidade, como era o ensino proporcionado pelo CEFAM. Dos sete participantes, dois professores atuam somente na educação infantil, enquanto os outros cinco

exerceram a docência em outros níveis de ensino, e, posteriormente ingressaram na educação infantil. Cinco dos sete participantes do estudo relataram que passaram por um “período comprobatório” e que ocorreram alguns episódios pelo fato de um homem ocupar um ambiente considerado feminino. Dois deles mencionaram a apresentação de um abaixo-assinado por parte das famílias das crianças solicitando a saída dos docentes. Outros dois relatam que houve solicitação das famílias para mudanças de crianças de turma. Um dos professores não passou por questões que envolviam o gênero, apenas relata a preocupação de uma mãe com a ida ao banheiro por sua filha. Os resultados mostram que a presença masculina na educação infantil, apresentam situações que sinalizam a persistência nessa etapa de ensino com uma visão naturalizada da profissão do gênero feminino, tanto por parte de familiares, como pelos profissionais que atuam nesse cotidiano. Dessa forma, as relações de gênero, ocorrem de forma desigual e se tornam um problema a ser superado na carreira dos sujeitos.

O estudo **Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades** é uma pesquisa em andamento que buscou acompanhar através de “diários de bordo”, alunas de uma disciplina de um curso de Pedagogia que trabalha as categorias “relações de gênero”, “sexualidades” e “educação” com base pós-estruturalista. A metodologia consistiu em leituras, discussões e observações no contexto escolar e em vivências cotidianas das participantes, registradas em diário de bordo.

Os resultados mostraram que por meio das reflexões acerca dos registros e a transposição das leituras sobre as temáticas, foi possível uma transformação no modo com que as estudantes entendiam e se relacionavam com os assuntos discutidos. Percebeu-se o desenvolvimento de novos olhares sobre a sexualidade, o gênero, o preconceito, a educação e o respeito para com o outro. A experiência de refletir cientificamente sobre os próprios conceitos e observar o comportamento dos outros acerca das temáticas, possibilitou perceberem a importância dos lugares que ocupam na sociedade, enquanto mulheres, estudantes e professoras em formação, e, na possível transformação do cotidiano.

Já **Homossexualidade, medicina e educação: a construção de uma pedagogia dos manuais médicos** demonstrou que os saberes médicos das décadas de 1920 a 1970 elaboraram e propagaram discursos cujo principal objetivo era orientar os sujeitos a lidar com o/a homossexual e conduzi-lo/a, reorientá-lo/a para a heterossexualidade. Assim, a presente pesquisa documental se utilizou da teoria *queer* e das reflexões foucaultianas como forma de problematizar o discurso sobre o sujeito homossexual em 32 livros. Os textos apresentavam a ideia científica e médica da homossexualidade e, mostraram que as proposições e ideias

construídas sobre a sexualidade e gênero, foram incorporadas pelo campo educacional no decorrer do século XX, diluídas entre os objetivos biologizantes com intenções de ensinar, convencer e propagar a verdade sobre a naturalidade e licitude da heterossexualidade. A pesquisa permitiu compreender que os discursos sobre a homossexualidade apresentavam intenções pedagógicas e eram denominados de pedagogia *dos manuais médicos*. Os trechos *dos livros de medicina* forneciam informações de cunho pedagógico de como reverter a situação de homossexualidade, responsabilizando a família e escola no seu combate, já que era considerada como patologia. Esta construção sobre a homossexualidade ocorreu em todo o século XIX, porém no século XX que se articulou de forma mais elaborada, complexa e respaldada pela ciência médica influenciando as áreas da psicologia e da educação.

O estudo **Docência, transexualidades e transvestilidades: a emergência da rede Trans Educ Brasil** analisou a emergência da identidade coletiva de professoras travestis e transexuais como um exercício de transformação que articula significados não disponibilizados na prostituição e no diagnóstico de gênero. Foram utilizadas entrevistas e observações de campo com sete professoras que trabalham em escolas de rede pública de educação básica. Os resultados mostraram que as professoras enfrentam desconfortos acerca da demarcação da heteronormatividade, inclusive na escola, local em que se anulam possibilidades de travestis e transexuais tornarem seu modo de vida inteligível para si e para os outros. O trabalho identificou que grupos, como a Rede Trans Educ, se configura como uma possibilidade de monitoramento e denúncia de situações envolvendo a discriminação de travestis e transexuais no espaço escolar. A rede também busca capacitar essas professoras para poderem identificar e denunciar tais situações.

Em **Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a Aids como processo de (des)aprendizagens** teve por objetivo refletir por meio de entrevistas narrativas como a sexualidade de 16 jovens que vivem com HIV/Aids é atravessada pela soropositividade e de que forma a revelação do diagnóstico se configura como processo de aprendizagem. O estudo revelou que os(as) jovens se preocupam com a prevenção, principalmente se um dos parceiros é soropositivo. Porém, a revelação do diagnóstico é sempre de forma cautelosa tanto para o parceiro(a), quanto para a família e amigos devido ao medo de rejeição, preconceito, estigma e isolamento.

Alguns/as relataram que o amor romântico, a fidelidade e a confiança foram os motivadores para fazerem sexo desprotegido e, assim, foram infectados pelo HIV, principalmente as mulheres. O trabalho também revelou que as equipes de saúde pelos quais os jovens são atendidos oferecem pouca abertura para falar de sexualidade ou de estratégias

de prevenção, bem como a falta de abertura para falar sobre a sorologia nas escolas, que continuam tratando o tema do HIV/Aids apenas pelo viés da prevenção, sem considerar que pessoas soropositivas também compõem os espaços escolares. Destarte, os resultados apontam que a discussão sobre as temáticas necessitam de criação e/ou ampliação de espaços de discussão e reflexão sobre as interfaces entre questões de gênero, sexualidade, juventudes e soropositividades no âmbito da educação.

“Apoios ou agachamentos?”: a normalização do gênero na educação física escolar teve por objetivo a análise das práticas pedagógicas escolares da educação física como estratégias restritivas para o funcionamento da heteronormatividade na escola. A pesquisa se apoia na teoria *queer* e foucaultiana. O material empírico foi constituído a partir de entrevistas e no uso de grupo focal com docentes dos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio em escolas de uma vila no interior do estado da Bahia. Os resultados apontaram que a homossexualidade assumida na escola provoca questionamentos e tensões sobre os arranjos pedagógicos cotidianos quando se dão com base no sexo. Por exemplo, a separação de meninos e meninas em que um estudante foi encaminhado para o grupo de meninas por sua suposta homossexualidade. Outra situação ocorre quando o aluno considerado gay participa das práticas avaliativas da disciplina de educação física, a postura dos docentes é de sarcasmo, ironia ignorância e da abjeção para a existência de um sujeito escolar. O contexto pesquisado, revela que a assunção do sexo e, conseqüentemente, de uma medida heterossexual na escola é produto e meio para o funcionamento de concepções fixas de sujeito, cultura, identidade e gênero, as quais se apresentam como versões que permanecem incontestadas e incontestáveis dentro dos marcos normativos. Nesse sentido, o enunciado nas palavras sugerem que o aluno homossexual “se encaixaria” – agachamentos ou apoios? Estas revelações mostram a necessidade de uma efetiva condição democrática das instituições escolares na contemporaneidade.

A pesquisa **Juventudes contemporâneas e alguns de seus marcadores identitários: histórias narradas** discute e analisa relações entre juventudes e processos de escolarização apoiado na perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais. O material foi coletado por meio de entrevistas narrativas, observações do espaço escolar e discussões em grupo com 19 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da periferia de Porto Alegre. O estudo revelou que o gênero agregado a classe social define os modos de viver a juventude. Ser jovem mulher para uma classe alta é diferente de ser mulher na classe menos favorecida. Ao fator de classe, agrar-se outros fatores como cor, religião, escolarização e tipo físico, as diferenças se acentuam mais a diferença de ser mulher em diferentes classes

sociais. Nenhum dos homens participantes da pesquisa possuía filhos e nenhum dos mais jovens era casado. Já entre as mulheres, seis delas eram mães e três viviam com companheiro. O estudo mostrou que apesar das transformações ocorridas no campo do gênero e de tantas conquistas femininas na busca da equalização com os homens no mercado de trabalho e na educação, as questões do campo privado e doméstico ainda dizem respeito mais a elas do que a eles. Essas questões levam a ponderar que há uma estreita relação entre a constituição dos/as jovens como sujeitos de gênero e os processos educativos e que as diferenças biológicas ainda servem de explicação amplamente aceita para dizer sobre os posicionamentos estabelecidos para homens e mulheres em nossa sociedade.

A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modos de ser jovem e mulher o estudo buscou analisar e problematizar de que modo a experiência de ser aluna jovem, na contemporaneidade, tem sido atravessada por discurso visibilizados em mídias musicais (por meio do celular), acessadas por alunas do último ano do ensino fundamental, de uma escola da periferia. É importante citar que a análise partiu das perspectivas dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, com o apoio de metodologia de cunho etnográfico, o qual possibilitou a construção de duas categorias analíticas, sexualidade e ostentação/consumo. Em algumas músicas analisadas, o aspecto que mais chamou a atenção refere-se a ostentação e ao consumo de diversos adornos e bens, protagonizados por homens jovens oriundos da periferia, no caso a música: *Onde eu chego eu paro tudo*, interpretada por Mc Boy do Charmes. De modo semelhante à música *Rolê da Haybusa*, de Mc Dedé, também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário. Ao se problematizar com as alunas a real possibilidade de adquirir esses artefatos descritos nas músicas, elas destacaram a realização de atividades ilícitas, dos meninos, para aquisição dos mesmos. O estudo mostrou também que a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos. É importante se problematizar acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade, bem como possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas.

Já **Gilda e a vida queerizada** o estudo buscou discutir se apoiando em estudos foucaultianos sobre a noção ética/estética da existência, do pensamento *queer* e da figura de Gilda, travesti que viveu nas ruas na década de 80. A pesquisa questiona o conceito *queer* como uma ação entre os corpos, uma atitude de vida, que implica na não constituição de identidade. O autor acredita que ao contrário, *queer* atravessaria diferentes manifestações de vida, sejam elas heterossexuais ou homossexuais, desde que haja nelas um trabalho estético

ético, estético e político sobre si mesma, a promover a necessária subversão da heteronormatividade. Além de que, *queerizar* a vida precisaria significar a chance uma nova maneira de viver.

A escola como empreendimento biopolítico de governo dos corpos e subjetividades transexuais discute que com o advento do “sujeito de direitos”, algumas personagens das sexualidades que se manifestam fora da norma heterossexual tem se organizado em busca do acesso às políticas públicas, dentre elas a educação. O estudo considerou a escola como empreendimento biopolítico, que implica em uma potencialização do governo de corpos e das mentes. Assim, a cirurgia de transgenitalização e a alteração do nome nos documentos, importantes para os sujeitos, são alvo de diagnóstico e escrutínio. As relações entre a escola e tais experiências provocam estranhamento e, geram tensão. De acordo com a narrativa oficial do Movimento Social LGBT, a escola contemporânea tem apagado as diferenças e propagado a exclusão e a violência, pois objetiva a todos e a todas como iguais na diversidade. Destarte, por meio da reflexão sobre a diferença, a presença dessas experiências na escola contemporânea poderia ser considerada como um acontecimento e a instituição e os professores/as promoverem a inclusão e o acolhimento desses sujeitos. Ao invés disso, a simples presença desses sujeitos perturba e desestabiliza o empreendimento biopolítico da escola.

A pesquisa Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: caminhos percorridos e obstáculos enfrentados teve como objetivo identificar e problematizar sobre os indícios de desestabilização que a presença de professoras travestis e transexuais provocariam nas escolas em que atuam. O estudo com base na teoria *queer* utilizou a pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e questionários. Os resultados mostraram que para constituírem-se como docentes *trans*, os sujeitos desta pesquisa enfrentaram obstáculos, resistências e enfrentamentos em suas trajetórias escolares desde a educação básica até a educação superior. Contudo as professoras possibilitam o que os autores chamaram de “sinais de fissuras na heteronormatividade”, confirmando que a escola consiste um dos espaços possíveis convivência da diversidade e da efetivação do direito de constituir-se como ser humano independente de sua sexualidade.

Juventude gay na zona rural: a dobra como processos de subjetivação este estudo é parte de uma pesquisa cartográfica em andamento que refletiu sobre os processos de subjetivação e práticas culturais de sujeitos que vivenciam a sexualidade homoerótica e residem no campo, de dobra como possibilidade política de resistência, considerando que a zona urbana sempre foi o reduto dos homossexuais. Os autores utilizaram o conceito de dobra

deleuzino (1989), por ele permitir problematizar tanto a produção da subjetividade, no sentido da constituição de determinados territórios existenciais, quanto os modos de subjetivação, entendidos como o processo pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de certo tipo de relação de forças que resultam na criação de determinados territórios existenciais em uma formação histórica específica. Neste estudo, foi possível perceber que os jovens homossexuais ensaiam movimentos de resistências às identificações hegemônicas, especialmente de gênero e sexualidade ao se fixarem no campo. Mostra que os processos de subjetivação desses jovens investigados são e, estão imbricados complexamente e transbordam qualquer tentativa de sistema fechado e passivo. Os autores acreditam que a produção do conhecimento engajada com a realidade social compromete-se a congregar pesquisas que privilegiem dar visibilidade e intervir em situações de violências ou de cerceamento das diferenças. Daí, a proposta de cartografar as práticas culturais e os processos de subjetivação de sujeitos considerados desviantes, além de identificar e ampliar possibilidades de resistência e de condições de existência.

A pesquisa **Análise de livros didáticos de língua portuguesa na perspectiva da ideologia de gênero** teve por objetivo a análise, na perspectiva da ideologia de gênero, 33 livros didáticos de didáticos de língua portuguesa endereçada a alunos/as e professores/as, do 4º ano do ensino fundamental, publicados entre 1975 e 2004. O estudo envolveu três etapas: a análise sócio histórica (contexto de produção desse material didático); análise formal baseada em Bardin e reinterpretação da ideologia de gênero como procedimento síntese das etapas anteriores. Os resultados mostraram que a despeito de toda movimentação no campo da produção, do incremento da temática “sexo/gênero” na agenda das políticas públicas, o livro didático permanece como veículo da ideologia de gênero, apesar das mudanças, ainda são insuficientes.

Modos de ver, sentir, e questionar: a presença do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia objetivou compreender a configuração da presença das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia e os aspectos evidenciados no processo de constituição desta presença. Para tanto, utilizou entrevistas semiestruturadas com seis professores(as) do referido curso. O estudo mostrou que as questões relacionadas a gênero e sexualidade ainda são pouco discutidas, e as iniciativas relacionadas a ações individuais não sistematizadas no âmbito desse curso. Apontam que a ausência de disciplinas obrigatórias sobre as temáticas e, acenam para a necessidade de mudanças nas formas de pensar e construir a formação dos/as pedagogos/as na relação com o gênero e com a sexualidade.

Já Gênero e governamentalidade: uma articulação teórico-metodológica para analisar processos de subjetivação teve por objetivo desenvolver uma discussão teórico-metodológica sobre os conceitos de gênero e governamentalidade. O estudo apoiou-se em Estudos de Gênero Pós-estruturalista e Estudos foucaultianos e seu corpus foi composto por grupo focal com 10 mulheres-mães de crianças com baixo desempenho escolar e entrevistas com algumas delas. Os resultados mostraram que os processos de subjetivação utilizando conceitos de gênero e de governamentalidade como ferramentas, foi possível identificar uma nova forma de administração do eu e da subjetividade, na contemporaneidade. Dessa forma, as práticas devem conduzir as mulheres-mães à autorreflexão e a autoavaliação pessoais, buscando produzir sujeitos capazes de se autogovernar.

Concepções de corpo e gênero de crianças de uma escola especializada no atendimento a pessoas com deficiência intelectual múltipla teve por objetivo conhecer as concepções de cinco meninas e sete meninos crianças com deficiência intelectual, matriculados em uma escola especializada de um município do estado do Mato Grosso do Sul, sobre os temas: corpo e gênero, a partir da análise dos Estudos foucaultianos, estudos Feministas e Culturais. Ocorreram seis encontros em que foram realizadas atividades de realização de desenhos e relatos orais; caracterização de bonecas e bonecos de pano como meninas e meninos; leitura do paráfrase “Ceci tem pipi?”. Nestas situações concretas, as crianças puderam falar e representar como elas entendem algumas questões sobre o corpo e o gênero. O estudo possibilitou identificar que as brincadeiras de meninos e meninas eram similares para os dois gêneros e que houve mais exemplos sobre brincadeiras que tanto meninas como meninos poderiam brincar. Neste grupo foi possível perceber que as relações de gênero produzidas socialmente, podem ser transformadas, adquirindo outras feições que não as veiculadas hegemonicamente.

Foucault e a ética: a constituição de si foi um minicurso ministrado na 36ª reunião e teve como objetivo “passar” pelos últimos cursos de Foucault no *Collège de France*, entre 1980 e 1984, bem como por outros textos e entrevistas da mesma época, para delinear os conceitos centrais de uma ética que implica na condução de si mesmo, em um governo de si, de modo a conjurar o fascista que existe em cada um de nós.

Tabela 11 - Análise temática: Assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos apresentados na no GT 23 da ANPED de 2013 (N=ocorrências¹⁴)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N
Gênero	Escola/mídia reforçam estereótipos/Biologizante/ desencadeia violência/não discute	139
	Escola discrimina/exclui homossexualidade	85
Educação Sexual	Sociedade/escola reforça estereótipos, ignora diversidade sexual e direitos	91
Sexualidade	Escola/mídia/disciplinadora/normativa/pautada na saúde/reforça estereótipos, desconhece direitos	67
Formação profissional/docente Sexualidade	Necessidade de Educação Sexual na formação	32

Fonte: Elaborada pela autora.

Por meio da leitura dos trabalhos efetuamos a análise de conteúdo das pesquisas apresentadas no GT23 nesta Reunião Anual de 2013, na qual foi possível encontrar as categorias: Gênero, Educação sexual, Sexualidade e Formação profissional, estas categorias e respectivas subcategorias que estão interligadas e se desdobram em outros assuntos correlatos.

A maioria dos trabalhos apresentados discutem as questões de gênero e abordam aspectos dos estereótipos, discriminação que ainda são reproduzidos e reforçados pela escola e pela mídia. Entre eles, podemos destacar “Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades”, este trabalho foi uma pesquisa desenvolvida com os professores/as participantes de um curso de formação continuada.

Os dados mostraram que alguns/as professores/as desenvolvem ações sobre sexualidade na escola sem fazer referência a diversidade sexual, as narrativas apontam contradições dissonâncias e mostram que eles buscam compreender as causas da homossexualidade, pois a compreendem pela vertente religiosa/patológica. O estudo sugere que o conhecimento de alguns professores mesmo após o curso de formação, ainda não foi suficiente para mudar as concepções acerca da homossexualidade e isto pode comprometer o trabalho desenvolvido, reforçando estereótipos e preconceitos.

Outro trabalho sobre esta temática intitula-se “Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática pedagógica”, a pesquisa se desenvolveu no contexto do curso de extensão para profissionais da escola.

Por meio dos registros, foi possível perceber que os participantes evidenciaram concepções binárias de gênero, não abordaram questões sobre travestis ou transexuais, não se referiram a construção das identidades femininas/masculinas, quanto a diversidade de

¹⁴ Houve mais de um trabalho que apresentou esses temas.

configurações familiares, apesar dos participantes mostrarem tolerância, alguns mostraram resistência à discussão, se remetendo a discursos religiosos.

Os resultados apontaram ainda que os/as participantes, após as discussões promovidas pelo curso desenvolveram percepções e compreensão a respeito de gênero e sexualidade, considerando a homossexualidade desarticulada do currículo.

Contudo, os cursos de formação continuada vêm oportunizando a reflexão sobre a prática pedagógica desses/as participantes, os pesquisadores recomendam a necessidade de mais estudos e reflexões junto aos professores/as, apontando que o ideal é que as temáticas de gênero e sexualidade sejam incorporadas aos currículos.

Neste sentido, os estudos apontam que a educação se posiciona de maneira ambígua, destarte seja o campo privilegiado para promover discussões e reflexões acerca das temáticas ainda permanece incipiente em relação a essas questões, como afirma Louro (2001, p.81) “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e de sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria os produz”.

Dessa forma, se a escola não promove estudos e reflexões sobre os assuntos, não possibilita o entendimento dos alunos e continua reproduzindo e reafirmando os discursos partindo do pressuposto da naturalização heteronormativa e nas diferenças biológicas. Nesta lógica podemos considerar que os dispositivos da heteronormatividade continuam permeando amplamente os currículos, a escola e o cotidiano escolar (LOURO, 2001).

Em relação à mídia, a velocidade de informações veiculadas por este dispositivo, de uma forma ou de outra, contribuem na educação e na construção de identidades masculinas e femininas. Assim se considerarmos que a mídia é responsável por um imenso volume de trocas simbólicas e materiais em dimensões globais, abre-se para a educação um novo “conjunto de problemas, numa dinâmica social que não exige só medidas urgentes por parte das políticas públicas educacionais, mas igualmente uma reflexão mais acurada sobre as relações entre a educação e cultura [...]” (FISCHER, 1999, p.18).

Dessa maneira, os discursos veiculados pela mídia sobre gênero e sexualidade, podem contribuir sobremaneira para com a construção de “verdades” que incidem na forma das pessoas agirem e de se comportarem, sem possibilidade de discussão e de reflexão, podendo reforçar comportamentos e ideias calcadas na naturalização das diferenças, muitas vezes desencadeiam comportamentos de violência.

Scwengber (2013) corrobora afirmando a participação das propagandas no processo das construções do gênero ao nomear e valorizar os comportamentos como sendo pertencentes a cada um deles.

Portanto, diante do exposto podemos considerar que as identidades sexuais e de gênero são construções sociais e Louro (2001, p.11) complementa ao dizer que “elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

Quando se refere à sexualidade, a mídia dita normas e comportamentos que incidem sobre crianças e jovens, determinando o modo de ser de cada um e em cada etapa da vida, na maioria das vezes de maneira distorcida (ZAMPIERI, 2009).

Neste movimento, a escola deveria ser promotora de conhecimento e reflexões acerca das temáticas, pois abarca crianças, jovens e adultos que trazem sua bagagem cultural e social de seu cotidiano e, diante desses entrelaçamentos, a vivência na sala de aula desconsidera essas situações e muitas vezes não consegue promover em sala de aula, discussão que possibilite articular o conhecimento científico e ao mesmo tempo problematizar a realidade escolar.

Os trabalhos abordaram questões sobre a sexualidade envolvendo portadores soropositivos e a temática da mulher-mãe como provedora, educadora e responsável por implantar políticas públicas. As pesquisas revelaram que a escola e os órgãos de saúde não discutem a sexualidade dos jovens soropositivos e ignoram sua condição deixando-os inseguros e se sentido excluídos do contexto escolar, provocando o silenciamento. Essa postura da escola e dos órgãos de saúde e assistência, remetem a ideia de que as práticas de cuidado e autocuidado são alicerces de sustentação das intervenções no campo da educação em saúde, que educam o público ao qual se destinam a se responsabilizarem pela própria saúde (OLIVEIRA, 2011).

As pesquisas sobre as condições das mulheres, revelaram que a sociedade, a mídia, bem como as políticas públicas, as consideram responsáveis pela própria condição de vida, seja no “sucesso” da criação dos filhos ou como colaboradora de implantação de políticas públicas em projetos com famílias de igual condições que a sua.

Foucault (2005) esclarece que o cuidado com o outro está atrelado ao cuidado de si mesmo, ou seja, cuidar do outro é ocupar-se consigo mesmo “povoado por exercícios, por tarefas práticas, por atividades diversas [...]; não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2005, p.56-57).

O discurso atribuído à mulher vai se reproduzindo, circulando e ajudando a construir o que é ser mãe/pai em uma perspectiva em que a mulher da periferia é responsável pelo próprio destino. Meyer (2005) aponta que os discursos em torno da maternidade estão cada vez mais abrangentes e reforçados pelas políticas públicas.

Nesse sentido o currículo escolar tem muito a contribuir para com as transformações escolares e sociais, currículo esse que precisa ser uma práxis constante na dinâmica das salas de aula, dos pátios dos corredores escolares, pois não pode ser concebido como algo pronto e acabado. Desse modo, assegura espaços para a inserção das temáticas da sexualidade e gênero no contexto escolar, rompendo com concepções arraigadas e que muitas vezes, como apresentadas nos trabalhos, envoltas em enfoques biologizantes e práticas sexistas.

O contexto que se apresenta, requer que o desenvolvimento da educação sexual nas escolas seja de maneira intencional, pois a sociedade e as instituições não tratam do assunto de forma natural dificultando ainda na contemporaneidade que a família e a própria escola abordem o assunto. Porém, para que isso ocorra é necessária uma práxis eficaz que envolva a formação docente em relação aos estudos de gênero e da sexualidade. Destarte, as pesquisas no campo da educação evidenciam que as temáticas acerca da sexualidade, do gênero e seus desdobramentos estão presentes em diferentes espaços, na escola, nas relações entre os pares e nos saberes dos currículos.

Neste sentido, a formação do educador é essencial, exigindo que ele tenha conhecimento e informação científica sobre o assunto e com isso possa atuar de “forma a garantir uma transformação no processo de educação de modo abrangente” (MAIA; RIBEIRO, 2009, p. 80)

Para tanto, se faz necessário mencionar a necessidade da formação inicial, ou seja, os cursos de Pedagogia e Licenciaturas que estão preparando futuros/as professores/as, gestores/as e demais profissionais da educação constituem um campo que carece de maiores investimentos, para que se operem mudanças nesta área e conforme explica Gröz (2008, p. 42).

Nenhuma legislação, norma ou política educacional consegue imprimir uma transformação imediata. Contudo, as políticas educacionais são necessárias para o fortalecimento dos/as agentes educacionais, o que só pode ser garantido pela formação [...] e incentivo de uma reflexão permanente sobre o cotidiano da escola. Não só na formação continuada de profissionais da educação, mas também na formação inicial, nos cursos de formação destes profissionais nas universidades.

Assim, concluímos que as pesquisas apresentadas mostram a importância de conhecer as produções acadêmico-científicas na área da sexualidade e da educação sexual, pois nesse grupo se encontram investigações que analisam e discutem as temáticas, enfocando diferentes

abordagens que contribuem para a efetivação de um trabalho que contemple a dimensão histórica e cultural da sexualidade.

Além disso, reiteram a necessidade da formação dos/as profissionais da educação básica que abrangem a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, e também os/as profissionais do ensino superior por meio de uma formação contínua. Considerando que essa formação é imprescindível para a sua atuação profissional.

Essas análises nos levam a perceber a importância da consolidação da historiografia das produções acadêmicas na área da sexualidade e da educação sexual no sentido de oferecer subsídios que reforcem a importância em todos os níveis de escolarização, uma educação sexual emancipatória baseada nos Direitos Sexuais e nos Direitos Humanos Universais.

7 RESULTADOS

*“O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte”
Ecléia Bosi*

7.1 Resultados encontrados

Após as leituras dos trabalhos do GT 23 no período entre 2004 e 2013, nossa análise mostra uma gama de indicadores que originaram as categorias educação sexual, gênero, sexualidade e formação profissional.

Os trabalhos destacam de modo geral que a sexualidade e o gênero são tratados em diferentes contextos escolares e em espaços educacionais não formais, mas são ainda discutidas de maneira superficial e pontual de forma preconceituosa e estigmatizadora, focalizando os aspectos higienista, heteronormativo e moralista. As questões de gênero e sexualidade são complexas, multifacetadas e disputadas por diferentes forças de poder, como declara Foucault (2005, p. 93):

Não considerar que existe um certo domínio da sexualidade que pertence, de direito, a um conhecimento científico, desinteressado e livre, mas sobre o qual exigências do poder – econômicas ou ideológicas – fizeram pensar mecanismos de proibição. Se a sexualidade se constitui como objeto possível; e em troca se o poder pode toma-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos.

O autor enfoca os variados processos que regulam, selecionam e organizam o que pode e o que não pode ser dito, instituindo atributos de verdade, como propaga a Igreja e a escola, difundindo valores, regras e padrões de comportamentos para homens e mulheres, influenciando sobremaneira os comportamentos sexuais e as relações estabelecidas entre os pares.

Esses discursos considerados “verdades” geraram conflitos e inseguranças e ainda na sociedade atual permeiam as representações acerca da sexualidade, influenciando tanto a família quanto a escola a desenvolverem uma educação sexual baseadas em valores do senso comum, ou seja, castradora e repressora, que segundo Foucault (2005), visa disciplinar os corpos.

Assim, a educação sexual abarcando a discussão de gênero e sexualidade, bem como temas correlatos, deve ser instituída nas escolas desde a educação infantil, produzindo saberes, que despem dos valores, que investem na normalização da sexualidade em vários campos discursivos, intensificando o desejo de se conhecer sobre o sexo, de forma a criar modelos estanques de pessoas.

Entretanto, mesmo com os PCN que possibilitaram espaços e elegeram a escola local considerado propício para se discutir sobre sexo, sexualidade, gênero e seus desdobramentos quando promove algum tipo de projeto a respeito da temática, o faz calcado em propostas conservadoras, reprodutivas que não contemplam o indivíduo de maneira integral, isto é, nas dimensões biológicas, emocionais e sociais.

Cesar (2008) afirma que uma boa parte das escolas brasileiras continua dentro da ordem disciplinar e normativa, que discrimina e exclui, pois o discurso a respeito do sexo está confinado a sua percepção biológica, delimitando fronteiras entre os sujeitos masculino/feminino, heterossexual/homossexual e normal/anormal.

É preciso desconstruir esses valores e instrumentalizar as instituições para oferecerem uma educação sexual ancorada no conhecimento científico e não apenas no imaginário cultural. Diante do exposto Louro (2012) afirma que o sexo, a sexualidade, o corpo e o próprio gênero são construções culturais, linguísticas e institucionais geradas no interior das relações e que determinam o lugar e a posição que cada pessoa ocupa na sociedade.

Estas construções estão instituídas na família, na religião e na sociedade e concorrem para conservar e reproduzir diferenças, necessitando de reflexão para desconstrução de paradigmas e a instauração de uma nova educação sexual, livre das amarras dos valores impostos pelas instituições e pela sociedade, principalmente no que tange a questão de gênero, já que o indivíduo desde tenra idade é educado para a heteronormatividade e reproduz esse conhecimento na sua vida pessoal e na sua prática profissional.

Carvalho (2008) relata que o gênero é uma construção, que transcorre também na escola em que os papéis, identidades, posturas, sentimentos, entre outros, associados às noções de masculinidades e feminilidades são ensinados e aprendidos, essa reprodução corrobora com a ideia da construção de identidades imutáveis, gerando estereótipos de gênero e de sexualidade.

Quanto aos estudos que abordam as questões transexuais, ainda são incipientes, mas já denunciam a invisibilidade dessas pessoas e acenam para reflexões. Contudo mostraram que no espaço escolar o assunto não é abordado.

Neste cenário, a escola se constitui um *locus* de expressão das complexas formas pelas quais as identidades são construídas e articuladas, em que o currículo escolar, é central na construção das diferenças e das identidades.

Louro (2000) declara que a instituição escolar “[...] pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. [...] muitas vezes sutil, discreta, contínua, quase sempre eficiente e duradora”. Daí, a importância da formação inicial e continuada de educadores/as em relação ao gênero, a sexualidade e assuntos correlatos, para que possam desenvolver atitudes e posturas reflexivas de acordo com as situações que ocorrem nas escolas em relação às temáticas.

Nesse viés, é imprescindível que os cursos de formação se atentem para a educação sexual dos educadores e demais profissionais, possibilitando espaços de discussões, e desconstruções de estereótipos, colaborando para minimizar com as angustias e medos incorporados por profissionais, e que estes possam lidar com a temática na sua prática de forma emancipatória.

CONSIDERAÇÕES

Depreendemos que criação do Grupo de Trabalho (GT23) da ANPEd “Gênero, Sexualidade e Educação”, foi extremamente significativa e mostra a relevância da temática enquanto objeto de pesquisa, bem como a realidade em que vivemos e as lacunas que devem tornar-se pesquisas futuras.

Destacamos a importância desse evento, já que o mesmo, além de possibilitar espaços para discussão de diferentes temáticas, também o faz em relação aos assuntos gênero e sexualidade na educação, o que culmina com a criação do GT 23, ou seja, um espaço específico para se apreender as produções científicas desenvolvidas em instituições de ensino de Pós-Graduação.

Consideramos esse evento um marco para a institucionalização da educação sexual, pois possibilita entender como o professor/a pesquisador/a trabalha e discute a sexualidade, já que é um espaço onde se apresentam recortes de pesquisas desenvolvidas na área educacional, que abragem as temáticas.

O tema da sexualidade é considerado um dispositivo construído historicamente pela sociedade e que se manifesta em cada indivíduo de maneira peculiar, é constituída por valores que nos são passados pelas diferentes instituições como família, religião, entre outros, e que nos influenciam desde o nascimento e, determinam o nosso modo de ser, agir, pensar e expressar nossa sexualidade.

Ao abordarmos a sexualidade, inevitavelmente recaímos na questão de gênero, uma vez que essa categoria perpassa as concepções, atitudes e práticas referentes ao sexo. Deste modo, a maneira como nos entendemos enquanto sujeitos sexuais estabelece a maneira como também nos entendemos enquanto homens e mulheres.

Ao falarmos de gênero, necessariamente estaremos falando em homens e mulheres e, sujeitos masculinos e femininos, nas relações de poder que se travam entre eles e que são produzidos como sujeitos históricos, lançados em uma determinada cultura, de acordo com o tempo histórico e com outros marcadores como raça e posição social.

Esses apontamentos podem modificar-se ao longo do tempo, agregando, gradativamente, novos valores, novos modos de ver, pensar e viver a relação entre homens e mulheres nos contextos sociais. Em vista disso, percebemos que os modos de “ser homem e ser mulher”, se inscrevem nos corpos e determinam as maneiras como nos expressamos, produzindo nossas identidades.

Nesta perspectiva, as pessoas, entre elas professores, professoras e demais profissionais de diferentes áreas de atuação, através de suas “marcas” produzidas pela educação sexual, que recebem das construções históricas e sociais, advindas da família, Igreja, sociedade e escola, em relação à sexualidade e ao gênero, reproduzirão os conceitos assimilados em seu campo de atuação pessoal e profissional, contribuindo assim, com suas atitudes e linguagens na formação de outros sujeitos.

Ao nos referirmos a/ao docente e a/ao pesquisador, podemos afirmar que as marcas que lhe são atribuídas em relação à forma como expressa sua sexualidade e estabelece as relações de gênero, isto é, a forma em que se “mostra” perante os educandos e educandas, estará transmitindo seus conhecimentos como verdades absolutas, que influenciarão sobremaneira na formação e na postura das identidades desses/as discentes.

Fica evidente, que por meio dos resultados discutidos pelas pesquisas, a dificuldade existente com relação à discussão da sexualidade pelos professores e professoras, mostra que o assunto além de ainda ser um tabu também é reforçado pela falta de conhecimento e empenho dos docentes.

É importante ressaltar que a maioria dos trabalhos analisados encontraram, nos seus resultados a carência de formação profissional e, conseqüentemente de educadores para trabalharem a temática gênero e sexualidade na escola, e confirmaram que essa instituição tem servido de veículo comunicador e transmissor de modelos discriminatórios, através de um currículo onde a imagem da mulher e do homem continua sendo passada para os alunos e alunas, baseado em padrões diferenciados de comportamento e assimile o modelo com o qual se deve identificar para “ser mais mulher ou mais homem”.

Nas questões da sexualidade, o que se privilegia é a conduta considerada normal em detrimento à pluralidade de masculinidades e feminilidades existentes na escola. Faltam conhecimentos científicos e formação de professores e professoras, bem como, demais profissionais que atuam na área educacional para trabalharem essas questões de maneira emancipatória.

Nos resultados desta pesquisa, observamos que alguns trabalhos apresentados relataram na educação infantil que os alunos e alunas, já estão subvertendo a norma, “coisa de menino” e “coisa de menina”, pois ao brincarem, os meninos não separam os brinquedos por gênero. Porém, quando as meninas querem brincar com os brinquedos considerados de meninos, primeiramente elas se dirigem à professora, se justificando que apenas vão apreciá-los, disfarçando o interesse pelo objeto. Os meninos, em contra partida, criticam as meninas, e utilizam o chavão social de que é “brinquedo de menino”.

No ensino fundamental, as pesquisas visualizaram que os adolescentes, começam não aceitar e se rebelar a respeito dos modelos culturais que disciplinam os corpos, bem como, sobre a heteronormatividade. Ao mesmo tempo, ainda preservam alguns valores de construção social, pois acreditam, por exemplo, que se uma menina engravidar, o problema é dela.

Em relação às meninas, as pesquisas mostram que, especialmente para as de nível socioeconômico mais baixo a gravidez, para muitas, representa a entrada no mundo adulto, a possibilidade de ser mais cuidada e respeitada no ambiente em que vive.

No que tange aos marcadores de gênero, foi relatado que em muitos contextos, a representação de masculinidade preserva comportamentos construídos socialmente e considerados importantes no que tange ao modo de ser homem, como por exemplo, ser violento e ter iniciativas de mando.

Nessas situações, os achados constataram a ausência da intervenção pedagógica na formação do sujeito, com predominância da reprodução das relações de gênero configurada no silêncio e na omissão docente reforçando os estereótipos e a reprodução de comportamentos.

Por meio das análises, percebemos, também, que o espaço escolar se configura, atualmente, não apenas como campo de produção das representações excludentes, mas como lugar de contestação e resistência de minorias subordinadas.

A falsa posição de neutralidade política da escola é contestada a todo o momento, pois, com as mudanças sociais e o questionamento da escola, diante da promoção da inclusão social, aponta para um processo educacional, em todos os níveis, que atenda às necessidades de superação das desigualdades, entre elas, a de gênero e sexualidade.

Isso nos remete a importância da educação sexual estar presente desde a educação infantil até a universidade e, também nos cursos de Pós-graduação, principalmente no que tange à educação.

Assim, desde o ano de 2004, momento inicial de nossa pesquisa a respeito dos trabalhos apresentados no GT 23 na ANPED até o ano de 2013, além de contribuir com uma historiografia da Educação Sexual brasileira foi possível constatar que os trabalhos mostraram em sua maioria as mesmas categorias de análise.

Essa constatação é de que as pesquisas desenvolvidas na área da educação, referentes às temáticas discutidas se repetem nas reuniões anuais, apresentam em sua maioria o foco na temática gênero e não apresentam trabalhos de intervenção. Dão ainda indícios da ausência de devolução da pesquisa aos espaços escolares para discussão e reflexão sobre os temas, o que

contribui para que não haja uma mudança efetiva na prática educacional em relação à sexualidade, o gênero e seus desdobramentos.

Neste contexto, é preciso que não só os cursos de formação, mas também os cursos de Pós-graduação disponibilizem espaços para que o profissional que busca formação possa compartilhar seus medos, dúvidas, anseios, e obtendo uma educação reflexiva, que contribua com sua prática pedagógica, haja visto que esse profissional é um sujeito social, e traz ancorados na sua identidade valores arraigados do senso comum que necessitam ser desconstruídos.

Para tanto, deve haver concretização do trabalho destas temáticas na escola, para a constituição plena do (a) cidadão (ã), de modo que as pesquisas e os estudos cumpram o objetivo de possibilitar mudanças.

Nessa perspectiva, é necessário o investimento, primeiramente, na formação inicial do professor/pesquisador, para que ele possa trabalhar junto aos educandos a sexualidade e o gênero, possibilitando a reflexão e a desconstrução dos estereótipos, que ora são intrínsecos na constituição do sujeito.

Em vista do exposto, sugerimos que o objetivo desse GT se amplie de maneira a ir além das questões de gênero, dando o devido espaço para outras abordagens teóricas indo além do Pós-estruturalismo, vertente que mais aparece neste GT.

Inferindo, pesquisas são fundamentais e necessárias, porém não se finalizam, pois respondem a situações diversas e na maioria das vezes particulares, provocando novas dúvidas e inquietações. Conscientes de nossas limitações propomos que estudos futuros considerem a educação sexual como objeto privilegiado na colaboração da formação do cidadão pleno.

Dessa forma, esta tese intitulada “A Produção em Sexualidade, Gênero e Educação Sexual: estudo analítico-descritivo a partir do estado da arte como opção metodológico”, é a descrição deste trabalho de pesquisa a respeito das intrigantes temáticas de gênero e sexualidade que são discutidas no GT23 da Anped.

REFERÊNCIAS

- ADOLPH, Cláudio; PRATA, Maria R. A escola na produção da identidade sexual do adolescente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em: < http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.
- ALMEIDA, Neil F. Pereira de; MOTA, Maria V. Soares. Docências que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5887--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.
- ALMEIDA, Neil F. Pereira de; MOTA, Maria V. Soares. A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.
- ALMEIDA, Neil Franco P. de.; BRITO, Rosemeire dos Santos. (Homo)sexualidades e gênero nos documentos oficiais da educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-39%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.
- ALTIMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t235.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.
- ALVARENGA, Carolina Faria. Gênero, jornadas e ritmos da docência: uma análise para além das dicotomias. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5701--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.
- ALVARENGA, Luiz F. C.. Saúde é coisa de mulher em qualquer idade: educação, gênero e envelhecimento. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3229--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.
- ANAMI, Letícia Figueiró; FIGUEIRÓ, Mary N. Interação família-escola na educação sexual: reflexões a partir de um acidente. In: FIGUEIRÓ, M. N. (Org). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Escolarização gênero e vulnerabilidade social: uma abordagem cultural de narrativas juvenis. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012.

Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:<
http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1393_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. Juventude e processos de escolarização: articulações entre trabalho e gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-352%20int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. Juventudes contemporâneas e alguns marcadores identitários: histórias narradas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANDREOLI, Giuliano Souza. O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED 23ª Reunião Anual da ANPED – Educação não é privilégio (centenário de Anísio Teixeira). Programa e resumos. Caxambu/MG, 24 a 28 set. 2000.

_____. **Boletim ANPED**, Porto Alegre, n. 1/2, jan./dez. 1991.

_____. **Boletim ANPED**, Porto Alegre, n. 1/2, jan./dez. 1990.

_____. **Boletim ANPED**, Niteroi, v. 11, n. 1-2, jan./jun. 1989.

_____. **Boletim ANPED**, Niteroi, v. 10, n. 2/3, abr./set. 1988.

_____. Retrospectiva. Consultando os arquivos: memória dos grupos de trabalho. **Informativo ANPED**, v. 8, nº 1, p. 2-4, jan./mar. 1986.

_____. Plano de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação para o período 1981/1982. **Boletim ANPED**, v. 3, n. 1, p. 3-8, out., 1981.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6372--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

ARTES, Amélia Cristina Abreu. Desempenho das mulheres no indicador nacional de alfabetismo nacional 2001: explorando as diferenças em comparação com os homens. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

AUDD, Daniela. Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t233.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

BACKES, José Licínio; PAVAN, Ruth. A produtividade dos conceitos de identidade, diferença e cultura nos estudos de gênero articulada com as epistemologias. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-337%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

BAIÃO, Jonê Carla. “Ela sabe roubar... de um jeito escondido mas ela rouba” o jogo e as estratégias de gênero numa classe de alfabetização. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3807--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. Mundos separados: movimentos, rupturas e permanência na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/Pôsteres/GT23-5922--Res.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BANDEIRA, Gustavo A. Um currículo de masculinidade nos estádios futebol. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5384--Int.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BAPTISTA, D. M. T. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARLETTO, Marisa. Formação de pedagogas-memórias e trajetórias. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3494--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

BARRETO, Flavia de O.; SILVESTRI, Mônica L. Relações dialógicas e interculturais: brinquedos e gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em: < http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BASSALO, Lucélia de M. Braga. Heteronormatividade ou reconhecimento? Professoras e professores diante da homossexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-682%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAGA, Denise da Silva. A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-204%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. Disjunções da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e projetos escolares de educação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/Pôsteres/GT23-5642--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

_____. Vidas na fronteira-corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a normalidade do sexo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6128--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

BRAGA, Denise da Silva; RIBEIRO, Paulo Rennes M. Palavras “Palavrões”, um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4982--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B. ; ROCHA, A. D. C. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. **Resolução CEB n. 2, de 7 de abril de 1998**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em: < portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf >. Acesso em: 30 jun. 2012.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-599%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. Masculinidades e feminilidades: implicações para fracasso/sucesso de meninos e meninas nas séries iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu.

Textos... Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t2310.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. In: Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, João C. de S.; SILVEIRA, Carmem L. P. Abordagem do HPV na escola: caminhos e questionamentos no terceiro ano do Ensino Médio. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/Pôsteres/GT23-3583--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. **ANPEd: trajetória da pós-graduação e da pesquisa em educação no Brasil**. Belo Horizonte: ANPEd, 1995.

CAMARGO, Ana. M Faccioli.; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade i infância**. São Paulo: Moderna, 1999.

CAMPOS, Mirian Piber. Alguns tensionamentos acerca dos corpos e sexualidades das pessoas deficientes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. Identidades “anormais”. A (des)construção dos corpos “deficientes”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1941--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora do lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças, In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

CARVALHO, J.C. B. Origens da Anped: de instituída a instituinte. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.17, p. 134-137. maio/ago. 2001.

CARVALHO, Maria E. Pessoa de. Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:<
http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/trab_encomendados.htm>. Acesso em: 25 maio 2012.

_____. Lendo as relações de gênero e intervindo nas práticas culturais e educativas para construir a equidade de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Minicurso...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/minicursos/ementa%20do%20minicurso%20do%20gt23.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente. In: CARVALHO, M. E.; PEREIRA, M. Z. C. (org.). **Gênero e Educação: Múltiplas faces**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 55-76.

CARVALHO, Maria E. Pessoa de; COSTA, Eliana C. I. da; MELO, Rosemary A. de. Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-3953-Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

CARVALHO, Marília G. de; CASAGRANDE, Lindamir S.; SILVA, Nanci S. Gênero, ciência e tecnologia desconstruindo desigualdades na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Minicurso...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/3minicurso/minicurso%20-%20gt23%20-%20int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília G. de. Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de Matemática. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2066--Int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

CASTRO, Alexandre S. Bortolini de. Sexualidade, Gênero e Diversidade: Currículo e Prática Pedagógica. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1931_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

CASTRO, Maria Cecilia Sousa de. O currículo e a teoria *queer* na perspectiva de um curso de formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/app/webroot/33encontro/internas/ver/Pôsteres> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

CASTRO, Roney P. de. Professores (as) sexualidade, educação sexual: produzindo sujeitos nos contextos dos programas de educação afeto-sexual (PEAS). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4624--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

CASTRO, Roney P. de; FERRARI, Anderson. "Nossa! Eu nunca tinha parado pra pensar nisso!"- Gênero, Sexualidades e Formação Docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-218%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

CASTRO, Roney P. Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: <

<http://www.anped.org.br/reunioes/36ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

CATHARINO, Tania Ribeiro. Orientação Sexual, Sexualidade, gênero e saúde reprodutiva- elementos para uma nova proposta em orientação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t2312.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Governando corpos e sexualidades na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6363--Int.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5521--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro. A busca do espaço com bordado. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p232.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

_____. As fotografias de mulheres negras que não encontrei - em diferentes contextos escolhidos por um grande jornal. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

_____. Bordado expressão de vida: gênero, sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3465--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. Bordar no espaço/tempo feminino. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1967--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. Procurei e encontrei: os possíveis álbuns de mulheres negras. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/2poster/GT23-4178--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CICILLINI, Graça A.; ALMEIDA, Neil F. P. de. Histórias de vida de professoras travestis e transexuais brasileiras: uma proposta metodológica de pesquisa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/Pôsteres/GT23/GT23-2063_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

COIMBRA, Renata M. ; CAMARGO, Luciene dos S.. A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de Presidente Prudente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1810--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

CORREA, Vanisse S. Alves. A visão androcêntrica do mundo: elemento facilitador para o acesso dos homens às funções da gestão escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos: os múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Kondo, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. Homens de verdade: corpo, futebol e masculinidade na cibercultura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Minicursos%20em%20PDF/GT23.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

COUTO, Edvaldo Souza; SCHWENGBER, Maria S. V. Políticas do pós-humano Interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_32.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

CRUZ, Elizabete F.. Infância, adolescência e AIDS. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2627--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

CUNHA, Luiz Antônio. A retomada de compromissos históricos aso 30 anos da Anped. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 168-172, jan/abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/15.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

DAL IGNA, Maria Cláudia. Desempenho escolar e gênero: um estudo com professoras de série iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html>. Acesso em: 10 jan. 2012.

DALAROSA, A. A. Globalização, neoliberalismo e a questão da transversalidade. In: LOMBARDI, J. C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação**: história, filosofia e temas transversais. 2. ed. rev. e ampl. Campinas-SP: Autores Associados/HISTEDBR Caçador-SP: UnC, 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3467--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. Família e escola: a fabricação da mulher-mãe parceira em tempos de governamentalidade neoliberal. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1690_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. Gênero e governamentalidade de uma articulação teórico metodológica para analisar processos de subjetivação. . In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/36ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

DAMICO, José Geraldo Soares. Tecnologias de governo no âmbito do Pronasci. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-1187%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2344_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

DAMICO, José; CARDOSO, Frederico Assis. As obrigações no trabalho doméstico familiar de jovens estudantes: uma questão de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3496--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

DAZZI, Mirian Dolores Baldo. O saber autorizado-voz e voto para ensinar sobre o corpo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t238.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

DESLAURIER, J-P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIEHL, Astor. Antônio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DORNELLES, Priscila G. “Apoios ou agachamentos?”: a normalização do gênero na educação física escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

ESPÍRITO SANTO, Shirlei R. S. do. Juventude ciborgue: transgredindo fronteira de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5313--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

FARIA, Livia M.de C. Faria. Nas tendas da sexualidade e gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Pôster...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/2poster/GT23-4274--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

FARIA, Livia Monique de Castro; SOUZA, Ila Maria Silva de. Reflexões acerca das questões de gênero no curso pedagogia: licenciatura para educação infantil – modalidade a distância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/app/webroot/33encontro/internas/ver/Pôsteres> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A., (1998c). A dimensão histórico-científica da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Superior. In: CATANI, Afrânio M. (org.). *Novas perspectivas nas políticas de educação superior na América latina no limiar do século XXI*. Campinas: Autores Associados. p. 55-73.

FELIX, Geane. Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a AIDS como processo de (Des)aprendizagem. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

FERNANDES, Letícia Prezzi. Família e relações de gênero: um olhar através do direito. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5682--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

_____. “Quem é da tua família?” gênero, relações familiares e situação de rua. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4758--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

FERNANDES, Wania R.; SIQUEIRA, Vera H. F. de. Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2327--Int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

FERRARI, Anderson. A “bicha banheirão” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu, Universidade Federal de Lavras, 2006. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1688--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. “O que é loba??? É um jogo sinistro, só para quem for homem...” – Gênero e sexualidade no contexto escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-2817--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

FERRARO, Alceu Ravello. A ANPEd, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área de educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 30, p. 47-69, set./dez. 2005. (Número especial sobre os 40 anos da pós-graduação em educação). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a05n30.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2012.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Representações sobre relações de gênero entre sindicalistas do CPRS/Sindicato. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t239.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

FERREIRA, Márcia O. Vieira. NUNES, Georgina H. Lima. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd(2000-2006). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

FERREIRA, Marília Gabriela de Souza; ARAÚJO, Érica Cordeiro de. Gênero e sexualidade no espaço escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p234.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Taisa de S. Qual lugar do gênero e da sexualidade no curso de Pedagogia da UEFS?. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/Pôsteres/GT23/GT23-1508_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. Modos de ver, sentir, e questionar: a presença do gênero e da sexualidade nos cursos de pedagogia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. professor como educador: interligado formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P.R. M. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.153-179.

_____. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2.ed. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

_____. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 98, p.50-63, ago.1996.

FISCHER, Nilton Bueno. Comitê Científico da ANPED: memórias, desafios e conquistas de uma ação construída em parcerias múltiplas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12 n. 36, p. 410-547, set./dez. 2007.

FOCAULT, M. **História da sexualidade I: à vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Selma Tannus Muchail: 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANCO, Neil e CICCILINI, Graça A. Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: caminhos percorridos e obstáculos enfrentados. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

FRANZI, Juliana. Modelos atrativos nas relações afetivo-amorosas: uma análise a partir da perspectiva das relações de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/Pôsteres/GT23/GT23-2280_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. **Educação em mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Lúcia Luis de. Gênero e futebol feminino: preconceitos mitos sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t236.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012

FRIDA, S. A.; ANDRADE-SILVA, M. Crenças, informações e comportamentos sexuais na “era AIDS”: um perfil dos adolescentes da Ilha de Paquetá. *Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 1995.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu:

UFLA, 2005. Disponível em: < http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

GALINDO, Camila José Orientação sexual no limiar do século XXI: propostas para o 1º ciclo de ensino fundamental. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p231.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

GALLO, Silvio D. Oliveira. Foucault e a Ética: a constituição de si. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/36ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

GARCIA, Alexandra; CALDAS, Alessandra; GRAZINOLI, Daniele. (Org.). **Sociedade, democracia e educação: qual universidade?** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Thais Nogueira. O fazer artístico como experiência de interação social. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/app/webroot/33encontro/internas/ver/Pôsteres> >. Acesso em: 25 maio 2012.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 85-103.

GONINI, F. A. C. **Representações sociais do "ficar": caminhos para compreender a violência no cotidiano escolar.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006.

GONINI, F. A. C. Sexualidade, gênero e adolescência: implicações no "Ficar". In: TEIXEIRA, F. et al. (Org.). **Sexualidade e Educação Sexual: políticas educativas, investigações e práticas.** (E-book). Braga: CIED – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2010. p. 66-70.

GOODSON, Ivor. **O currículo em mudança: estudos na construção social do currículo.** Trad. Jorge Ávila de Lima. Porto: Porto, 2001.

GRÖSZ, Dirce M. **Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores.** 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008.

JUNQUEIRA, Rogério D. “Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas!” – Estados de negação da homofobia nas escolas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: <

<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5521--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

KIMMEL, Michel.S. Homofobia, temor, vergüenza e silêncio em la identidade masculina. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Eds.). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago, Chile: Isis Internacional, 1997. p. 49-62. (Ediciones de las Mujeres, n. 24).

KLEIN, Carin. A educação de mulheres-mães pobres para uma "Infância melhor" In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-501%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. Mulheres-visitadoras, mulheres-voluntárias, mulheres-da-comunidade: o conhecimento como estratégia de diferenciação de sujeitos no PIM. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1305_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARUE, R. **École et santé: le pari de l'éducation**. Paris: Hachette, 2001.

LEÃO, Andreza. M. Castro. Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, 2009.

LEÃO, Andreza M. de Castro ; RIBEIRO, Paulo Rennes M. A (in) existência da sexualidade no curso de pedagogia: o currículo oculto em evidência. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 8, p. 275-290, 2013.

LAVILLE, Cristian; DIONE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Pesquisa diagnóstica sobre violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões sobre a ação do educador. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; RAMOS, Flávia Chaves. Abordagem da Aids na escola: possibilidades e dificuldades com base nas representações sociais de professores da 6ª série do ensino fundamental. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Gênero, sexualidade e educação-das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Trabalho encomendado...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_29.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica; 4). p. 85-95.

LUDKE, M. A pesquisa qualitativa e o estudo da escola. In: Cadernos de Pesquisa nº 49. Maio, 1984. pp.43-44.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

MACEDO, Ronaldo C. de. As mulheres e o futebol no cotidiano escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/Pôsteres/GT23-2036--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

MAIA, Ana Claudia Bortollozzi. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia On Line**, 1-10. 2010. Disponível em:< <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1303> >. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. **Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

_____. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R. M. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, p.153-179, 2004.

MAIA, Ana C. Bortollozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes M. **Orientação sexual e Síndrome de Down: esclarecimentos para educadores**. Bauru – SP: Joarte /UNESP, 2009.

MAIO, Eliane Rose. **O nome da coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011.

MAISATTO, Roberta de Oliveira. Concepções de corpo e gênero de crianças de uma escola especializada no atendimento a pessoas com deficiência intelectual e múltipla. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/36ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

- MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6401--Int.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- MARTINS, Emerson, ROSA, Rogério Machado. Juventude gay na zona rural: a dobra como processo de subjetivação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.
- MARQUES, Dayse de P. Gênero e sexualidade nos PCNs: uma proposta desconhecida. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-2871--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.
- MEDINA, Aládia Cristina R. Análise dos textos sobre dança e gênero nos Conbraces - Congressos Brasileiro de Ciências do Esporte de 1979 a 2005. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6438--Int.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2012.
- MEGID NETO, Jorge (Org.). **O ensino de ciências no Brasil**: catálogo analítico de tese e dissertações 1972-1995. Campinas: Faculdade de Educação, Grupo FORMAR-Ciências/CEDOC, 1999.
- MEIRELLES, João Alfredo Boni de. Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997. p.71-86.
- MELO, S.M.M. **Corpos no espelho**: a percepção da corporeidade em professoras – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 – (Coleção Dimensão da Sexualidade), 294p.
- MENDES, Cláudio Lúcio. Quem pode resistir a Lara Croft?Você? Eduardo Quintana. Reflexões sobre a gravidez na adolescência: caminhos, diálogos e trajetórias numa pesquisa em educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.
- MENEZES, Cristiane Souza de. Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da educação de jovens e adultos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-171%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.
- MESSINA, G. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. Organización de Estados Iberoamericanos para La Educación, La Ciencia y La Cultura. In: REUNION DE CONSULTA TÉCNICA SOBRE INVESTIGACIÓN EN FORMACIÓN DEL PROFESSORADO. México,1998.

MEYER, Dagmar E.; RIBEIRO, Claudia; RIBEIRO, Paulo R. M. Gênero, sexualidade e educação. “Olhares” sobre algumas perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G.E. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Trabalho Encomendado...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:<
http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_27.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2012.

MEYER, Dagmar E.; KLEIN, Carin. Um olhar de gênero sobre a “inclusão social” In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:<www.anped.org.br>. Acesso: 10 nov. 2013.

MEYER, Dagmar E. **A politização contemporânea da maternidade:** construindo um argumento. Gênero, Niterói-RJ, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2. sem. 2005.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
 MIRANDA, Glaura Vasquez de. GT Política de Ensino Superior. **Boletim ANPEd**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 86-89, out./dez. 1993.

MOKWA, Valéria M. Nonato F. A musicoterapia como recurso pedagógico para trabalhar a sexualidade. In: TEIXEIRA, F. et al. (Org). **Sexualidade e Educação Sexual:** políticas educativas, investigações e práticas. (E-book). Braga: CIED – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2010. p. 234-237.

MONTEIRO, Mariana Kubilus; ALTIMANN Helena. Trajetória na docência: professores homens na educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum. Práticas de gênero e sexualidade nas concepções de aluno(a) do ensino médio: entre o vivido e o possível. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:<
http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html>. Acesso em: 10 jan. 2012.

MOURA, Neide Cardoso de. Análise dos livros didáticos de língua portuguesa na perspectiva da ideologia de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:<
<http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

NEVES, Paulo R. da C. Violência, Traição e Gênero: uma briga de meninas em uma escola privada. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:<
http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2238_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 1-16, jul./dez. 2004.

NUNES, César A.; SILVA, E. A. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção polemicas do nosso tempo; 72).

NUNES, Cesar Aparecido. **Filosofia, Sexualidade e Educação**: as relações entre os pressupostos ético sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese. (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

NUNES, César; SILVA, Edna. A. da. **As manifestações da sexualidade da criança**: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores. Campinas, SP: Século XXI, 1997.

OLIVEIRA, Dora L. Liedens Corrêa de. A enfermagem e suas apostas no autocuidado: investimentos emancipatórios ou práticas de sujeição? *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, n. 1, p. 185-188, jan./fev. 2011.

OLIVEIRA, Meire R. dos Anjos; MORGADO, Maria A. Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

PALESTRIN, Patrícia A. A sexualidade num curso normal “seus tempos e contra tempos” In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3152--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

PAOLI, Niuvenius J. GT Política de Ensino Superior. **Boletim ANPED**, v. 13, nº 1-2, p. 43-45, jan./dez., 1991.

_____. GT Política de Ensino Superior. **Boletim ANPED**, nº 1-2, p. 67-69, jan./dez. 1991.

PEREIRA, Mariângela Rosa. Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito o amor romântico In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6270--Int.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

PIMENTEL, Nilton Poletto. Sexualidade e cotidiano escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p235.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

PINCINATO, Daiane Antunes Vieira. Historia do magistério: experiências masculinas na carreira administrativa no estado de São Paulo (1959-1980). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t232.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

PINTO, Maria das G. C. da S. M. Gonçalves. A (des)construção da maternidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2006.

Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/Pôsteres/GT23-2235--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

PIZARRO, Maria Antonia Pinto. O peso de ético na infância-reflexões sobre Aids na infância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

RAMIRES NETO, Luiz. Um silêncio desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t237.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2005.

REALI, Noeli Gemelli. Homoparentalidade e escola que conjugação é essa? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5637--Int.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. José de Albuquerque: pioneiro da educação sexual no Brasil. In: SIMPÓSIO PARANÁ – SÃO PAULO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL., I, Araraquara. **Anais...** Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, 2005, p. 23-24.

_____. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 27-71.

_____. Um estudo sobre a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil por meio das obras publicadas nas primeiras décadas do século XX. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP., 14, Presidente Prudente, 2002. **Anais...** Presidente Prudente, UNESP, 22 a 27 de setembro de 2002. (CDRom).

_____. A sexologia e a educação sexual no Brasil do início do século XX: notas preliminares de pesquisa. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP., 13, Bauru, **Anais...** UNESP, 25 e 26 de outubro de 2001. p. 226.

RIBEIRO, Cláudia M. No labirinto da educação infantil as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2362_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

RIBEIRO, Cláudia M.; XAVIER FILHA, Constantina. Trajetórias teórico-metodológicas em 1º anos de produção do GT23. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:<www.anped.org.br>. Acesso: 10 nov. 2013.

RIBEIRO, Claudia Regina Santos; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de

personagens de novelas por adolescentes das camadas populares. In: REUNIÃO ANUAL DA 28., 2005. Caxambu. **textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:<
http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Processos e Trajetórias na Formação de Professores para Atuação no Campo da Educação Sexual: a experiência do Núcleo de Estudos da Sexualidade na UNESP, em Araraquara. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2008, Porto Alegre. **Anais...** XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino- Trajetória e Processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e cultura. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Anais – Painéis – eixo 3.

_____. História da Saúde Mental infantil no Brasil: da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias. In: **DOXA-Revista Paulista de Psicologia e Educação**. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL UNESP, v. 10, n. 1 e 2, p. 57-67, 2006.

_____. José de Albuquerque: pioneiro da educação sexual no Brasil. In: SIMPÓSIO PARANÁ SÃO PAULO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL., I, 2005, Araraquara **Anais...** Araraquara, UNESP, 2005. p. 23-24.

_____. Por minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:<
http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF, 2005. p.17-34. (Cadernos CECMCA n. 1).

_____. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p. 15-24.

_____. **Sexualidade e educação: apontamentos para uma reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, P.R. M.; REIS, G. V. José de Albuquerque e a educação sexual nas primeiras décadas do século XX: um estudo bibliográfico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação., 26, **Anais ...** Poços de Caldas, 2003. (CDRom).

ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:<
http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

RIBEIRO, Gabriela C. Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação física escolar. uma cartografia das práticas discursivas em escolas paranaenses. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:<
http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1754_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

RIBEIRO, M.O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

RITTI, Rosalinda C. de Oliveira. Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1454_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. “Todo dia eu penso: meu Deus onde foi que eu errei?”: os desafios de ser mãe na periferia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

RIZZATO, Liane K. Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2006_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

ROCHA, Fernanda de Araújo; CESAR, Abdla B. M. A. Livros didáticos das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais: construções de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4557--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

ROSA, J. Guimaraes. **Grande sertão veredas**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1963.

ROSA, Rogério Machado. Corporeidades masculinas nômades: o espaço da docência como heterotopia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

ROSA, Rogério Machado; LIMA, Patrícia de. M. O delírio do corpo: derivas das masculinidades. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-88%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

ROVERI, Fernanda T. A boneca Barbie e a educação das meninas-um mundo de disfarces. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3154--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

SÁ-SILVA, Jakson R.; EGGERT, Edla. Homossexualidade, medicina e educação: a pedagogia dos manuais médicos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

SABAT, Ruth. Currículo e pedagogia cultural: gênero, raça e etnia na formação docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em: < http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. Educar para a sexualidade normal. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t2311.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t231.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

SANTOS, Dayana B. Carlim dos. A escola como empreendimento biopolítico de governo dos corpos e subjetividades transexuais, In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

SANTOS, Luis H. Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora L. L. C. de . Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

SAYÃO, R. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**. São Paulo: Summus, 2006. p.107-117.

SCHWENGER, Maria S. Vione. A velhice estruturada nos vocábulos: ativa e muscular. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1336_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. A mídia ensina: imperativo da maternidade e paternidade responsáveis. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em: < <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-83%20int.pdf> >. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. As imagens e a educação generificada dos corpos. . In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

_____. Pobres meninas “ricas” com a gravidez. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

_____. Ensina-se a mais antigas das artes às mulheres: a de ter filhos e torna-se mãe carinhosa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-3996-Int.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

_____. A produção da mãe leve, flexível, forte nas páginas da Pais & filhos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3110--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

SEPULVEDA, Denize de A. X. A formação da identidade e o processo de subjetivação de alunos com orientação homossexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1856_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

SGUISSARDI, Valdemar. GT Política de Educação Superior. **ANPEd Relatório da 21ª Reunião Anual**. p. 97-101. set. 1998.

_____. GT Política de Educação Superior. **ANPEd Relatório da 20ª Reunião Anual**. p. 127-135. set. 1997.

SIERRA, Jamil. C. O governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2336_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

SIERRA Jamil. C. Gilda e a vida queerizada. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

SILVA, Ricardo de Castro e. **Orientação sexual**: possibilidades de mudança na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J.C.(Org.). **Pesquisa em educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 161- 177

SILVA JUNIOR, Paulo M. da. Corpos, escola & sexualidade: um olhar sobre um programa de orientação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5302--Int.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SILVA, Andréia C. da; SIQUEIRA, Vera H. F. de. Sexualidade e gênero: discursos docentes mediados pelo livro paradidático. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1545_int.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. Sexualidade na escola mediada pela literatura apropriações docentes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4483--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

SILVA, Elenita P. de Queiroz. Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2332_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

_____. Tecendo percursos para pensar o corpo A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-1188%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; CICILLINI, Graça Aparecida. Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 jun. 2012.

SILVA, Mirian Pacheco. Homens fora do lugar? Quando o estranho é o professor: narrativas e o currículo de formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3718--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

SILVA, Sueli. Narrativas de vivências juvenis: as jovens mulheres no centro da cena. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-3958--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. A educação física como espaço de formação feminina. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2010. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SIMÕES, Renata Duarte. Gênero, Educação e Educação Física: um olhar sobre a produção teórica brasileira. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t2313.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

SOARES, Magda.B.; MACIEL, Francisca. Alfabetização. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2000.

SOARES, M. B. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília: INEP/ MEC, 1989.

SOARES, Rosângela de F. R. “Fica comigo”- Juventude e pedagogias amorosas? sexuais na MTV. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2335--Int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

SOUSA, Sandra Zákia; BIANCHETTI, Lucídio. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil: o protagonismo da ANPED. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, dez. 2007.

SOUZA, Bernardina S. A. de. Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que revelam as narrativas? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4758--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

SOUZA, Fabiana Cristina de. Diferenças de gênero na escola: interiorização do masculino e do feminino. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

SOUZA, Maria Celeste R. F. de; HOLLERBACH, Joana D. G.; ALMEIDA, Erika Christina G. de. Experiências educativas de catadoras de materiais recicláveis, relações de gênero e empoderamento feminino. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-317%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

SPERBER, Suzi Frankl. **Guimarães Rosa Signo sentimento**. São Paulo: Ática, 1982.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Apropriação de novas tecnologias por docente: questão de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

TEIXEIRA, Adla B. M.; RAPOSO, Ana Elvira S. S.. Banheiros escolares: promotores de diferença de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3472--Int.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

TEIXEIRA, Adla Betsaida M.; SILVA, Solange M. da. Alfabetização no Brasil e questões de gênero: a ideologia presente nas orientações e usos de materiais didáticos – décadas de 20 a 50. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/Pôsteres/GT23-2326--Int.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2012.

TELLES, Edna de Oliveira. O verso e o reverso das relações escolares: um olhar de gênero sobre o uso dos tempos em uma escola municipal da cidade de São Paulo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em: < http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

_____. Significados de gênero no cotidiano escolar de uma escola pública municipal de São Paulo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/p233.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012

TESCH, R. **Qualitative research: analysis types and software tools**. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

TORRES, Marco A. Docência transexualidades: a emergência rede TRans Educ Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

TORTATO, Cintia de S. Batista. Profissionais da educação infantil e ensino fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da literatura infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2008. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-5028--Int.pdf> >. Acesso em: 25 maio 2012.

VALENCA, Karina M. da Cruz. A Subjetivação da Mãe Naturalista como Modelo: a Maternidade como Efeito das Pedagogias Culturais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em: < http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2419_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

VARGAS, Juliana R. de. **Meninas (mal) comportadas: postura e estranhamentos em uma escola de periferia**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VARGAS, Juliana R.; XAVIER, Maria L. Merino. A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modo de ser jovem e mulher. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013. Goiânia. **Textos...** Goiânia: UFLA, 2013. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/36encontro/internas/ver/trabalho-gt23> >. Acesso em: 20 nov. 2013.

VASCONCELOS, Fábio; ANDRADE, Maria Celeste de Moura. A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2004. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t234.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2012.

VIANNA, C.P.; UNBEHAUM, S. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006.

VIEIRA, Rosângela Steffen. Juventude sexualidade em movimento. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

VILELA, José. **Investigação: o processo de construção do conhecimento**. Lisboa: Sílabo, 2009.

VILLAS BÔAS Lúcia P. S.; SOUSA, Clarilza P. de; LOMBARDI, Maria R. Trabalho docente na ótica de estudantes brasileiros(as):das representações sociais às relações sociais de sexo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2012. Disponível em:< http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1794_int.pdf >. Acesso em: 6 jan. 2013.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, políticas e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero em pesquisa com crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2011. Disponível em:< <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-223%20int.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. A sexualidade feminina entre práticas divisórias da “mulher bela adormecida sexualmente a multiorgástica-imprensa feminina e discursos de professoras. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3297--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. Catálogo eletrônico de produções bibliográficas sobre educação sexual e de gênero- décadas de 1930 a 1985. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2009. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5494--Int.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2012.

_____. “Qual dessas moças é você?” o autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina-décadas de 50 a 70 do século XX. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2006. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2007--Int.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

ZAMPIERI, Maria Cristina; BRAGA, Eliane Rose Maio. Sexualidade humana: contextualização histórica e suas interfaces entre a infância e a adolescência. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005. Caxambu. **Pôsteres...** Caxambu: UFLA, 2005. Disponível em:< http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_28.html >. Acesso em: 10 jan. 2012.

ZIBETTI, Marli L. Tonatto. O que pensam professoras da educação infantil sobre a feminilização da profissão docente? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007. Caxambu. **Textos...** Caxambu: UFLA, 2007. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2012.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual**: debate aberto. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- BUENO, Sonia Maria Vilella. Educação preventiva em sexualidade, DST-Aids e drogas nas escolas: pesquisa ação e o compromisso social. 2001. 263f. Tese (Livre Docência) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.
- CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo Ocidental**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995
- CARMO, Paulo S. do. Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil. São Paulo: Ed. Octavo, 2011.
- CATONNÉ, J-P. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- COSTA, Jurandir. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 2009.
- CUNHA, Paulo F. L. da. A longa história da repressão sexual. **Psicologia em curso**. São Paulo, v.2, n. 8, p. 19-26, out/dez. 1981.
- EISLER, Riane. **O prazer sagrado**: sexo, mito e a política do corpo. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FOCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos ptazerres. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- FREYRE, G. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- GALLACHO, J. C. A orientação sexual em um trabalho integrado educação e saúde: estudo analítico - descritivo e documental de um programa de intervenção. 2000. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2000.
- GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GONINI, F. A. MOKWA, Valéria M. Nonato; RIBEIRO, Paulo Rennes M. Sexualidade na escola de tempo integral: oficina para apreende as representações sociais. **Doxa- Revista paulista de psicologia e Educação**, Araraquara, v.11, n.1/2, p.9- 17 jan./, 2007.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais**: a história da sexualidade humana. Tradução de Antonio Alberto de Toledo Serra e Edson Ferreira. São Paulo: Livraria Roca, 1983.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987. 141p.

NUNES, César; SILVA, Edna. A. da. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J.C.(Org.). **Pesquisa em educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 161- 177.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. 2. ed. Tradução de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. **Sexualidade e Adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola**. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

STEARNS, Peter N. **Historia das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Historia da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

TONIETTE, M. Augusto. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v.17, n.1, p. 42-52, jan./jun. 2006.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VAINFAS, R. Moralidades brasílicas. In: NOVAIS, J. A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**: Companhia das Letras, 1997, v. 1. p.221-273.